

ELEMENTO INFINITO

ALYS

PRISCILA GONÇALVES





Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mariana Teixeira

Revisão
Beatriz Castro
Nadja Moreno

Diagramação
Rafael Sales

Editor
Ricardo Gonçalves

**CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773**

869.93 Gonçalves, Priscila

G635ai Alys: elemento infinito/ Priscila Gonçalves. _Rio de Janeiro: Pendragon, 2019.

ISBN: 9978-65-80199-35-8

1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.93

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa.

Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

ALYS

ELEMENTO INFINITO

PRISCILA GONÇALVES

*Para cada leitor que se aventurou nessa história,
que o fim seja só um novo começo.*

CAPÍTULO 1

RELACIONAMENTOS TÃO SIMPLES, TREINOS TÃO COMPLICADOS.

NÃO, PERA!

Deitada no alto do gazebo eu filosofava sobre o quanto a vida tinha mudado desde que toquei no cajado de Ojin. Há dois anos tudo que eu queria era que meu pai parasse de controlar meus passos e quem sabe me deixasse ir para a faculdade como uma pessoa normal.

Engraçado que eu não conseguia me lembrar que curso eu tinha decidido fazer, não lembrava mesmo. Acho que no fundo não importava desde que eu conseguisse afastar-me por mais de cem metros de tudo. Fiz até uma anotação mental de perguntar ao Kyer, ele ia saber.

Lembrei-me de algumas palavras do meu pai, vestígios que ele deixou sem querer e que eu nunca notei. Eu não sabia como tinha apagado todas as pistas que me fariam duvidar da “normalidade” do mundo. Mas aí veio o cajado, os sonhos, os sacos de ossos. Todo aquele tempo horrível em que eu mal conseguia entender se tinha perdido a sanidade.

As maluquices não paravam. Tinha o MASPE, Nafh'ta e todo esse papo de “Você é mágica, mas não tem escola para te ensinar nada não, desculpe, vai ser na prática mesmo”.

E que prática! Já somava duas luas, inúmeros ataques, um guardião quase morto que se cansou de ser projeto de árvore, os três dragões e minha energia fora de controle.

Ninguém poderia dizer que eu não vivia com emoção.

Por falar em emoções, minha avó ouvia uma música que dizia algo sobre o importante era ter vivido emoções. Eu achava que o importante era sobreviver a elas e continuar inteira.

Alguns dias eu sentia falta até da capacidade irritante do meu pai de conferir se todas as janelas estavam fechadas duas vezes por noite. Então eu

compreendi. Ele só queria me manter segura. Não que cadeados pudessem manter seres mágicos longe, mas era isso que ele tinha em mãos, era isso que ele iria usar.

E tinha a vó Anna, uma dor mais recente e pouco cicatrizada. Embora eu tivesse muitas coisas boas me esperando não é como se fosse possível esquecer dela ou de como Celen parecia tão triste.

Ainda tinha Laiza, que por sinal enfrentou um longo interrogatório por causa da aparição das bruxas na batalha da segunda lua e Kyer que precisava balancear o mundo nas mãos sem deixar seu coração de lado.

E, claro, tinha o Evan.

Se como guardião ele era exigente, como algo mais que isso ele tinha se tornado um carrasco.

Ele não queria que alguém pensasse que meu treinamento estava sendo negligenciado então nós treinávamos cada vez mais. Enquanto o dia tinha luz — o que era muito depois da terceira lua —, nós construíamos armas, treinávamos feitiços conjuntos e tentávamos decifrar a profecia.

Falando nela, os pergaminhos se fecharam logo que a segunda lua entrou em órbita. Mesmo assim nós estudávamos tudo que fora decifrado até ali, procurando algum sinal do que nos esperava.

Voltando para meu problema mais presente, consegui fazer com que o guardião ficasse de boca calada sobre o que estava acontecendo entre nós. Com muito esforço, na verdade. Mais de uma vez precisei cortar um assunto para que ele não entregasse nossa situação.

Porque nem eu sabia qual era nossa verdadeira situação e deixar que Evan definisse publicamente me dava medo. Vocês sabem como ele ia acabar me colocando em problemas e tudo que eu não queria era dar um motivo de preocupação para Celen.

Embora eu achasse que Ky estava desconfiado, não sei que radar maluco ele desenvolveu em todos esses anos de amizade, mas naquele dia no terraço, quando voltava para o meu quarto, eu esbarrei em meu amigo.

— Você quer me contar alguma coisa, Alys? — Kyer segurou a porta.

Eu quase me engasguei.

— Nã...ão, — tossi — o que eu teria para contar?

— Não sei... — ele deu de ombros — você está com uma cara engraçada...

Eu cruzei os braços e abri um sorriso amarelo.

— Só tenho essa, Kyer.

— Ok. — Ele levantou as sobrancelhas.

Meu amigo ainda me cercou uma ou duas vezes com perguntas sem cabimento, na última ele perguntou se eu tinha alguma novidade, perto de Evan

que me fez uma cara estranha: algo entre dor de barriga e ódio profundo. Mas fugi logo da situação. Era melhor uma nova seção de treinamento, leia tortura, com a Thela do que ver a cara que iriam fazer quando soubessem que eu tinha beijado Evan. Nem eu tinha me perdoado.

Falando de coisas que realmente são importantes, estava quase na hora do pico das luas. Eu não deveria ficar do lado de fora. Entrei no gazebo, agora melhorado com uma redoma de vidro, sentei-me no balanço e esperei o espetáculo.

Já tinha passado dois meses desde a nossa segunda batalha. As luas continuavam tendo as quatro fases, mas elas se manifestavam de forma randômica, para mim tinha alguém que apertava um botão todos os dias e “valendo”: cada lua aparecia de uma forma. O único padrão que tínhamos encontrado até o momento é que, de quatro em quatro semanas todas elas ficavam cheias e aí um zilhão de coisas aconteciam.

Desde chuvas de estrelas, marés desordenadas, ninhadas triplicadas — e ao que parece um boom de gestações múltiplas — até o meu cabelo, que crescia mais de trinta centímetros durante a noite.

Se milhares de pessoas descobrindo afinidades com os metais era um problema, experimente lidar com o pânico quando o céu parecia que ia cair. Até onde Laiza tinha descoberto, o Ômega não tinha nos dado novos poderes, tinha potencializado os que já tínhamos, assim ninguém mais conseguiu ignorar a magia.

Aliás, o mundo estava um pandemônio. Se o plano de Kyer dos centros de ajuda não tivesse sido colocado em prática, acho que nem mundo existiria mais.

E isso me lembrou que mais tarde era dia de reunião do conselho. Já era a quarta vez que remarcavam por questões de segurança. Depois do treinamento da tarde eu ia me juntar a Celen e caminhar para o que poderia ser a minha prisão.

Voltando ao mundo, Kyer estava acompanhando de perto todo o trabalho de auxílio às transformações. Tinha o cuidado de explicar com calma, informando sempre que quem não queria passar pelas mudanças não era obrigado, é claro. Algumas pessoas estavam aceitando com mais facilidade.

Outros tinham acessos malucos e saíam correndo por aí, com a cueca por cima das calças, só para ser salvas por policiais locais antes de fazerem alguma besteira. Ainda tinham os que entraram em choque, tentavam queimar os metais e acusavam de ser a causa de uma doença endêmica.

Mas era impressionante ver como meu amigo tinha a palavra certa, na hora exata, que trazia clareza aos pensamentos e calma aos corações. Publicamente ele era o novo chefe da organização das nações unidas, o que, pensando bem, não deixava de ser verdade.

Embora cada governante tomasse as decisões locais, mesmo a trindade de satanás aceitava ajuda do conselho para socorrer os processos de mudanças.

E tinha os animais, os mares mudando de cor. Não era pior porque já tínhamos passado por isso duas vezes.

Uma chuva de estrelas pretas começou a cair do céu. Coloquei os óculos de Lifran e ativei a segurança do Gazebo. Estiquei os pés sobre um pequeno banco e meu DIM fez um clique.

Era uma chamada de Evan.

— Ei, tudo certo aí? — perguntei.

— Tudo ok. Busquei alguns pergaminhos que ainda estavam acessíveis. Também pedi que Laiza me mandasse todo o conjunto de imagens que ela já tirou da profecia desde o início. Graças aos céus aquela elfa é precavida.

— Ótimo — abri um sorriso —, podemos começar a trabalhar nelas depois da reunião ou amanhã após o treinamento.

— Hoje você precisa dormir — ele balançou a cabeça — e tem algo melhor programado para amanhã. Vai ter festa na Taverna das flores, Moira nos mandou convites.

— Evan — meu sorriso se apagou —, não sei se é uma boa ideia. Pode acabar gerando perguntas...

Ele levantou as sobrancelhas.

— Deixa de ser rabugenta — cerrou os olhos —, eu crio uma desculpa sem pensar duas vezes. A menos que você não queira ir.

— Eu quero — suspirei —, só não quero dor de cabeça com o conselho, já basta essa reunião...

— Falando nela — o garoto apontou para o relógio pendurado—, você já não deveria estar pronta?

— Droga — bati a mão na testa —, perdi a hora.

— Que novidade... — O guardião virou os olhos.

Fiz uma careta para ele, desliguei o DIM e evoquei minhas vestes ali mesmo. Depois criei uma redoma, como uma capa de chuva super-resistente, e saí caminhando com dificuldade em meio às bolinhas de fogo não inflamáveis. Era um espetáculo, para quem sabia vê-lo.

CAPÍTULO 2

SALVOS PELO GONGO?

Se eu já não gostava de reuniões a perspectiva da próxima levava meu ranço para outro nível. Você pode pensar: “Mas Alys, dessa vez você tem uma super vitória para a conta.”

Engana-se!

Como se eu pudesse esquecer da promessa que fiz, na noite anterior recebi um pequeno lembrete.

Quando cheguei de um dos treinamentos, sem um pinga de romance ou bom senso por parte de Evan, um gato preto com olhos de metal estava deitado na minha cama.

Ao me ver, o bichano espreguiçou-se sobre as patas, abriu a bocarra, cuspiu uma bola de papel negro e depois pulou para o peitoral. Eu me aproximei já esperando a gororoba de baba sobre a colcha, o que não aconteceu, em vez disso o papel abriu-se sozinho e nele só uma pequena frase:

“Bruxas não costumam perdoar promessas não cumpridas”.

Eu me virei para o gato.

— Nossa, nem um boa noite? Precisava disso?

Coloquei as mãos na cintura.

— Diga às suas donas que eu não vou precisar pedir perdão, de qualquer maneira.

Os olhos do animal cintilaram e ele saltou da janela. Eu corri para ver o que tinha acontecido porque, veja bem, eram pelo menos uns vinte andares, nem todas as vidas do mundo salvariam um gato daquela queda. Cheguei a tempo de ver o animal enrolar-se no ar, transformar-se em uma espécie de urubu e sair voando.

— Achei clichê. — Limitei-me a pensar alto.

Eu e o guardião já tínhamos discutido todo o tipo de possibilidades sobre o assunto, tínhamos combinado o que não deveria ser dito — o que eu achava um erro, pensar no que não dizer me atrapalhava a focar no que eu deveria dizer —, em como fazer parecer um pedido justo porém não premeditado — segundo erro, eu era uma péssima atriz — e em como convencer o conselho sem entregar a sociedade das bruxas.

Eram variáveis muito negativas para o meu gosto. O mais provável é que eu sairia de lá presa por traição antes que conseguíssemos explicar tudo. O fato de as criaturas terem nos ajudado na última lua já era de conhecimento público, mas muitas crianças tinham morrido nas mãos do Zmora e existia o medo de que ele ainda não tivesse parado. Eu mesma não acreditava que alguém estivesse seguro.

O motivo pelo qual ele alegava estar atacando também não me ajudava, primeiro porque parecia superficial. Não que perder sua família e ser abandonado fosse pouca coisa, mas a reação estava meio desproporcional. Quer dizer, mataram minha família agora vou pegar todas as crianças ao meu alcance e sugar suas almas? Minha avó tinha uma expressão para isso: Tem caroço nesse angu!

Ah, minha avó! Seu apoio seria de grande ajuda hoje e, na melhor das hipóteses, eu ainda corria o risco de reclamarem a cadeira dela para as bruxas e deixar toda minha linhagem sem representação no conselho.

Eu apressei o passo, já deveria estar no escritório de Ky. Um pequeno pássaro de papel apareceu e se queimou na frente dos meus olhos, a mensagem se perdendo em meio às cinzas.

“Você está atrasada, estamos te esperando.”

Reconheci a letra caprichosa de Celen, respondi com um “estou chegando” e continuei a descer.

“Droga, será que lembrei de pegar tudo?” — pensei.

Enfiei a mão no bolso e tirei um pequeno pergaminho, AQUELE pergaminho. Se qualquer um dos meus amigos soubesse que eu portava o rolo sagrado em vez de deixá-lo em segurança, eu ia preferir ser pega pelas bruxas.

Desenrolei o papiro e corri os olhos. Minha esperança era que o Construtor fosse legal comigo e me desse uma dica de como impedir que essa reunião fosse uma tragédia. Em vez disso as palavras mal podiam ser lidas na superfície.

Era isso. Acabou. Não tem jeito. Voltei a descer as escadas arrastando os pés. Já me aguardavam meu guardião clicando freneticamente no DIM, meu avô dragão com um olhar meio perdido, Laiza arrumando as vestes milhões de vezes e uma pequena escolta liderada por uma Thela, ainda mais carrancuda.

— Já não era sem tempo. — Evan cruzou os braços. — Nós estamos atrasados, vamos perder a condução!

Desde nossa dança no alto do prédio que minha ligação mental com ele não funcionava, os metais enfim achavam que eu tinha direito à privacidade. Isso ou tê-lo beijado tinha estragado toda a ligação Elemental. Meu avô ou Tzeba poderiam nos ajudar, mas aí eu precisaria contar o que estava acontecendo e ainda não estava pronta.

— Que pena seria isso. — Dei de ombros.

— Alys, não tem com o que se preocupar, é só uma reunião comum. — Celen acrescentou, sem olhar para nós. — E você conseguiu uma grande vitória, nenhum dos conselheiros pode negar isso.

Eu troquei um breve olhar com Evan.

— Você tem razão, vovô.

Ninguém sabia o que íamos requerer. Não tínhamos contado para não gerar pânico, porque sim, era grave o suficiente.

A sede do conselho continuava no mesmo lugar, entre as nuvens, em algum ponto da primeira região. As longas janelas de vidro tinham sido reconstruídas e a mistura do metal foi reforçada. Para um olhar comum estava tudo da mesma forma. Para mim, com os olhos de Lifran, aquilo parecia um campo minado, cheio de linhas e feitiços de proteção.

Nós nem podíamos mais ir diretamente ao prédio, antes de entrar passamos por uma vistoria completa e só os aerovoltrins autorizados poderiam levar pessoas até lá.

Se você tinha qualquer objeto com a impressão mágica de um Zmora era impossível passar, imagina se você tivesse algum traço sanguíneo deles? Pois a Laiza quase desistiu de participar da reunião, teria ido embora se não fosse a insistência de Kyer. Quase duas horas depois os dois entraram no salão, ela com o rosto muito vermelho, os olhos cerrados, os lábios apertados e pisando duro.

— Está tudo bem? — perguntei.

Ela só balançou a cabeça. Kyer subiu no palanque.

— Sejam bem-vindos, seres mágicos.

Era impressionante o quanto as pessoas pareciam diferentes. Externamente eram simples mudanças estéticas como cabelos multicolor e olhos salpicados, uma ou outra transformação mais expressiva como a de Salyn com sua pele super-resistente, mas, quando se tratava do poder que carregávamos, era assustador.

Eu sentia as linhas mágicas sendo forçadas o tempo todo, entendia por que nosso corpo e ecossistema tinham mudado antes da liberação da lua. Era preciso estar preparado para toda aquela energia ou todos teríamos o problema que eu tive com o poder dos dragões.

Isso sem falar nos milhares de novas plantas e espécies que estavam surgindo. Assim como na primeira mudança os estudiosos ficaram malucos, encontrando novas funções para os metais. Havia até uma nova expedição para as Luas sendo preparada.

Os meus problemas, no entanto, eram bem terrenos. Kyer chamou os conselheiros e as cadeiras foram sendo ocupadas uma a uma. Só restou vazia, assim como no meu coração, aquela que pertencia à vovó.

— Agora que estamos acomodados — ele ergueu as mãos —, primeiro uma questão estrutural. — O garoto baixou o tom de voz — Como vocês sabem, na Lua passada perdemos nossa querida Anna, representante da família Elilmo e protetora das linhas Ley. Pelas nossas leis, sua descendente direta teria o direito de reclamar a representação e se tornar a nova protetora.

Ele apontou para mim.

— Porém, é pouco sábio acrescentar essas duas funções a Alys. As linhas exigem um trabalho intensivo ao qual ela não poderia se dedicar e o lugar neste pleito a garota já tem por ser a elemental.

Correu um burburinho de concordância pelo lugar.

— Pois bem, convoco então eleições para os Elilmos. Façam os procedimentos e na próxima reunião apresentem seu novo representante. Quando as linhas Ley...

Ori Athenon levantou a mão com os 3 dedos do meio em riste.

— Senhor chefe do conselho, gostaria de fazer um peticionamento quanto a isso.

Kyer tinha que ter um lugar reservado no céu viu, porque olha, quem merece? Ele com toda paciência, que eu não teria, Evan menos ainda, afastou-se para o lado e permitiu que o homem falasse.

— Durante milhares de anos os Elilmos protegeram nossas linhas Ley. — Ergueu as mãos. — Muito bem por sinal, não me compreendam mal...

— O que eles devem continuar fazendo — Evan interveio com os olhos cerrados.

O homem ignorou a petulância do guardião.

— Porém, os tempos mudaram, vieram os metais. — Olhou para as pessoas de um lado para o outro da sala. — Não é hora de abirmos uma nova oportunidade de escolha?

— Foi o próprio Construtor que instituiu as Elilmo como guardiãs. — Kyer cruzou os braços.

Ori torceu seu pequeno nariz, os olhos ficaram ainda mais puxados.

— É o que a lenda diz! — Fez uma pausa. — Porém não há mais Elilmos da linhagem da primeira conselheira que possam assumir a função, como você disse a Elemental não pode fazê-lo e demorará até que tenha descendentes em idade hábil para assumir a tarefa.

O tom dele era quase acusatório, como se fosse minha culpa não ter filhos com dezoito anos.

E que papo era aquele de ‘é o que a Lenda diz’? Eu não estava gostando do rumo daquela conversa e olha que nem tínhamos chegado na parte das bruxas ainda.

— Tudo bem — Kyer suspirou. — Faremos uma seleção de possíveis candidatos. — A sala se encheu de cochichos. Kyer levantou a mão. — Mas cada casa só pode escolher um participante com exceção dos Elilmo a quem darei o direito a apresentar dois nomes, tendo em vista sua longa dedicação à função.

Ori entortou o canto da boca, cruzou os braços e balançou a cabeça enquanto voltava a se sentar. Ele devia ter algo em mente para o cargo, mas meu amigo não deu espaço para que ele forçasse quem quer que fosse.

— Enquanto isso — Kyer continuou — nomearei Tzeba Organon como protetor das linhas para que não fiquemos desprotegidos.

Na noite anterior Kyer tinha nos dito que o filósofo ofereceu-se para a tarefa, até que eu achei uma boa escolha, inclusive sugeri que ele fosse o novo guardião, mas Ky me disse que as coisas não eram assim. O cargo era dos Elilmo e assim deveria continuar, pelo menos até agora.

— Isso quer dizer... — Brian levantou sua voz aveludada e perfurante. — Que nós também podemos apresentar candidatos?

Todos fomos pegos de surpresa. Meu amigo ficou em silêncio, acredito que consultando a vasta compilação de leis mágicas que tinha decorado. Os outros conselheiros, especialmente os humanos, não pareciam confortáveis com a ideia. Nem mesmo Celen pareceu apoiar a moção.

— Parece um pedido razoável, grande sábio. — O rei Liem balançou a cabeça. — Não somos nós iguais perante esse conselho? Acaso nossa magia não é capaz de ver as linhas e protegê-las?

Agora eu queria ver o Kyer sair dessa sem nenhum arranhão. E olha, eu concordava com o pedido deles, mas sabia que se um não-humano ganhasse a vaga, ia gerar uma baita confusão.

— Pois bem — disse meu amigo —, é justo.

As pessoas se misturaram entre alívio e indignação, claro, em reações comedidas. Ninguém queria atrapalhar sua própria família na disputa.

— Uma vaga por cadeira do conselho — concluiu. — Lembrando que no caso dos humanos sua vaga deve ser ocupada pela linhagem familiar. Receberei os indicados na próxima lua cheia em Nafh'ta. As irmãs Vaarne me auxiliarão na avaliação, em força e conhecimento. Bem como...

Ele pensou por um minuto.

— Celen. Por todos esses anos de chefe do conselho sua opinião será de grande valia.

Meu avô, sentado em sua forma humana na primeira fileira, assentiu.

— Passado esses assuntos técnicos — Ky esfregou as mãos — temos alguma moção ou podemos começar a discutir os resultados das implantações dos centros de apoio pelo mundo?

Uma sirene ensurdecadora tocou. Eu esperei que fosse uma artimanha de Evan para nos livrar de falar sobre as bruxas em um dia tão tenso. Quando olhei para ele, Kydêmonas já estava empunhada e os olhos em chamas azuis.

— SEM PÂNICO — gritou Kyer com a voz amplificada magicamente.

Ele ergueu as mãos e cápsulas quadradas começaram a subir do chão enquanto seguranças organizavam as pessoas e as colocavam no transporte. Quando cheia, a cápsula saía voando pelo teto levando seus tripulantes até algum lugar seguro.

Foi só quando o primeiro comboio passou pela barreira invisível, antes da confirmação de Thela que era seguro, que ficou claro o nosso erro. Foi tocar na camada de energia que a cabine explodiu.

— PAREM IMEDIATAMENTE! — Kyer gritou meio que sem necessidade.

Vendo aquele show bizarro todos os guardas pararam de liberar cápsulas. Meu avô se transformou em dragão e com uma série de feitiços complexos impediu que outras delas se chocassem com a barreira.

A esse ponto tinha mais guerreiros, policiais, seguranças e guardas no cômodo do que civis, todos empunhando suas armas de forma perigosa. Um silêncio sepulcral. Era como se todos estivéssemos somente esperando que Helix pulasse de algum canto.

“Graças aos céus não tínhamos crianças na reunião” — foi o que consegui pensar.

— THELA! — alguns segundos depois meu amigo gritou.

Em resposta a elfa pulou na frente dele. Os cabelos amarrados em um coque apertado. A pele esverdeada um pouco mais corada que o normal, devido às muitas horas que ela se mantinha treinando exposta a condições extremas. O uniforme estava milimetricamente ajustado e a nova condecoração que recebeu, fruto de sua atuação na última lua, brilhava no braço.

— Aqui, senhor! — Colocou a mão na testa em sinal de respeito.

— O que diabos está acontecendo? — Ele baixou o tom de voz.

O salão inteiro pareceu dar um passo à frente tentando ouvi-la. Thela olhou para os lados antes de responder.

— Não sei ao certo ainda, senhor.

Ela chamava-o de senhor somente em público e, embora quem olhasse não perceberia qualquer problema, para quem conhecia minha amiga sabia que era somente por seu profissionalismo que aceitava receber ordens de um garoto. Não entenda mal, ela gostava de Kyer, mas o orgulho era o pecado dela.

— O que você sabe? — Kyer perguntou. — Ninguém te informou nada de Nafh'ta?

— Como o senhor viu estamos completamente isolados. Um protocolo raro foi ativado automaticamente antes que pudéssemos parar as gôndolas e por isso não consigo me comunicar com a base na cidade.

— Qual protocolo? — O chefe do conselho franziu o cenho.

Nesse ponto, tanto eu quanto Evan já estávamos do lado deles. A pálpebra da elfa vibrou perigosamente, meu coração parou por um segundo. Ela pigarreou.

— O Protocolo Apocalipse.

CAPÍTULO 3

PROTOCOLO APOCALIPSE

“Alguém precisa revisar o nome dos protocolos”. Foi meu primeiro pensamento. O segundo foi: “porque o bendito protocolo atacaria as pessoas de dentro, a quem ele deveria proteger? Quem foi que teve essa ideia genial?”.

— Quando criei esse protocolo ele não permitiria que as gôndolas saíssem depois que ele fosse ativado — Thela explicou.

Ainda bem que não exprimi minhas opiniões em voz alta, pensei.

— E o alcance mágico está comprometido com tantos feitiços de proteção.

Eu resolvi entrar na conversa.

— Afinal de contas, esse protocolo é ativado quando acontece o quê?

Laiza e Celen já tinham se aproximado, alguns dos conselheiros também.

— Bom. — Thela trocou um olhar preocupado com Kyer. — Ele é um dos últimos recursos que temos para proteger nosso parlamento quando há um risco de ataque em grande escala.

— Nós vivemos em risco tem dois anos... — intervi.

— Então, nesse caso — ela cruzou os braços —, risco quer dizer que houve um ataque em massa ou há um exército se aproximando. Ou os dois.

As definições de Thela eram sempre contraditórias, não tinha nada de eminente no desastre já concluído.

— Como desativamos os protocolos para descobrir o que houve? — Evan perguntou. — Ou como um de nós sai para descobrir?

— Só quem tem a senha remota pode fazer isso — Celen clicou em seu Dim —, que é a Fylgiar, mas ninguém me responde no MASPE. Ela andava tão neurótica em proteger o lugar que seja o que for que aconteceu fez com que ela se fechasse.

Uma voz ecoou na sala.

— VOCÊS ESTÃO VENDENDO? EU DISSE! — Era o conselheiro Uriah. — NÓS VAMOS PERMITIR QUE ESSE ZMORA MATE NOSSAS CRIANÇAS ATÉ QUE NÃO SOBRE MAIS NENHUM DE NÓS?

Pelo Construtor, como aquele homem conseguia me irritar! Era hora de fazer política? Porque, não se engane, a indignação dele era mais falsa do que a

vontade de Laiza terminar com Ky. Ah, mas isso é outro assunto.

— Senhor conselheiro — Kyer firmou a voz —, se não tem uma solução ou notícia sobre o que está acontecendo é melhor que se mantenha calado.

O Lábio do homem tremeu. Ele mesclava tanta ofensa e irritação que chegava a irradiar. Meu amigo não se deixou intimidar.

— Nós estamos todos no mesmo barco, literalmente. — Ergueu os braços mostrando as pessoas em volta. — Não é hora de fazer questionamentos que sejam mais do que uma solução presente.

O conselheiro não disse nada e sentou-se em sua cadeira. Meus amigos voltaram a conversar entre si, Thela clicando em seu DIM que, pasmem, ficava na lâmina de uma de suas espadas espingarda. As armas dela eram sempre uma fusão absurda, aquela podia atirar raios laser, cortar tomates ou um ser humano e quem sabe pesquisar uma receita com tudo isso no Gyyglo.

Eu ouvia tudo de longe, tentando colocar minha mente para funcionar, procurando uma forma de colaborar com a situação. Foi quando entre o vão das cabeças de Evan e Ky, percebi que Cassandra movia os lábios lentamente, com muito cuidado, quase imperceptível.

Ela levou a mão disfarçadamente ao ouvido e apertou alguma coisa. Eu me concentrei.

— Evan... Evaaaaan, essa joça de ligação mental precisa funcionar!!

Ele me olhou e franziu a sobrancelha. Ouvi sua voz bem baixa, distante e com um chiado incômodo.

— Você está tentando consertar nossa ligação mental?

— Estou tentando usá-la, mas está escoando minha energia... — chiado — agora não dá para descobrir o porquê — zunido —, preciso que você evoque um pequeno mosquito daqueles seus fantoches...

— Já te... que... não... fantoches! — o guardião reclamou.

— Começou a falhar! Só faça o que estou pedindo, mande-o para perto da Cassandra, precisamos ouvir o que ela está falando.”

O guardião esfregou os dedos da mão direita e, sem que ninguém percebesse, um pequeno inseto saiu voando e pousou na ponta da orelha da conselheira. No mesmo instante começamos a ouvir o que ela falava e, para minha surpresa, o que ela ouvia.

— *Então, você sabe de quem foi o ataque?*

O sotaque do outro lado era carregado, eu desconfiei que só entendia porque meu tradutor estava auxiliando meu cérebro a compreender as palavras.

— *O Zmora, pessoalmente. Um grupo incontável de soldados entrou na floresta e atacou, teriam todos sido dizimados se não tivessem recebido ajuda externa imediata.*

— *Quem?* — a conselheira perguntou.

— *Um grupo de pelo menos cinquenta bruxas. Mas tiveram muitas perdas, havia um grupo de refugiados vivendo na floresta e acredito que o ataque foi por isso.*

— *E a chefe Tâima?* — A voz da mulher nem mesmo tremeu ao saber do ataque.

— *Quase morta, está recebendo todos os cuidados possíveis, mas não sei se vai sobreviver.*

Eu segurei a respiração e olhei para Evan. Os olhos dele estavam cerrados, o brilho quase inexistente. Kyer já tinha percebido que tínhamos encontrado algo, lançou-me um olhar, mas em meio a tantas pessoas estranhas, continuou divagando.

— *Ainda tem mais* — o informante continuou a falar com a Cassandra. — *O Zmora prometeu que irá dizimar todo o clã delas por terem interferido nos planos.*

A bruxa, digo, a conselheira — se as bruxas ouvissem isso jamais me perdoariam — suspirou.

— *Pelo menos uma boa notícia, se eles se destruírem é um problema a menos para mim.*

Eu funguei, aquela pessoa indigesta... — Funguei.

— *E quando é que vamos ser liberados?* — a conselheira questionou.

— *Pelo que averigui, em alguns minutos. Fylgiar já liberou os procedimentos em metade dos governos mundiais.*

— *Certo, mantenha-me informada.*

— *Sim senhora.*

Cassandra endireitou-se na cadeira e nossos olhares se cruzaram. Eu fiz questão de não desviar o olhar e ela ergueu uma sobrancelha.

— *Alys?* — Kyer chamou. — *ALYS!*

— *Oi Kyer.* — Eu me virei para ele.

O mosquito de Evan voltou para sua mão. Eu dei um sinal para Kyer que dispersou a grande maioria das pessoas e manteve só nossos amigos próximos.

— *Temos notícias.* — Evan que jogou a bomba. — *E não são boas.*

Depois de relatar o que ouvimos as reações foram diversas.

Thela batia no tablet procurando por qual furo de segurança a múmia fêmea tinha conseguido comunicação enquanto toda sua equipe trabalhava para isso e não conseguia. Celen tentava, sem sucesso, criar pássaros de papel que pudessem ir até a floresta e conseguir informações atualizadas.

Kyer era quem tinha a expressão mais preocupada, com sobrancelhas juntas e olhos muito cerrados.

— Se ela tinha informações, por que não compartilhou conosco? Será que esses conselheiros têm noção do que estamos enfrentando? — Ele cerrou os punhos. — Isso sem falar sobre a parte da conversa sobre as bruxas.

Eu suspirei.

— E tem mais. — Murchei os ombros.

— Tem? — Evan me olhou com as sobrancelhas levantadas.

— Tem. — Arregalei os olhos. — Temos que contar para eles, parece muito suspeito isso do ataque logo agora.

Laiza cruzou os braços.

— Contar o quê?

Eu troquei um olhar com Evan. Ele deu de ombros.

— Nós íamos fazer uma moção hoje — expliquei — para cumprir uma antiga promessa que fiz ao clã das bruxas.

— Como assim Clã? As bruxas não vivem em sociedade!

Quase tive um infarto. Porque Raszen insistia em chegar de surpresa? Qualquer dia desses ele ia ganhar uma espada enfiada no peito.

— Pelo Construtor, seu elfo... — falei cerrando os dentes.

— Sim, elas vivem em sociedade. — Laiza interferiu. — Mas é de forma secreta.

— Por quê? — o elfo questionou, um segundo antes de arregalar os olhos e escancarar a boca. — Ahhhh, faz sentido, se todo mundo soubesse como vivem, em uma hora dessas, elas já estariam mortas.

— Pois então, como eu estava falando — interrompi —, eu preciso cumprir uma promessa que fiz.

Celen transformou-se, assumindo sua forma humana, para que sua voz fosse ouvida em tom natural.

— Que seria?

Evan olhou para os lados antes de responder.

— Requerer um lugar de representação no conselho.

As expressões agora eram unânimes. Foram do assombro ao desespero.

— Vocês não iam fazer isso!? — Meu avô vociferou. — Vão ser acusados de traição ou coisa pior.

— Agora eu já prometi. — Eu estendi as mãos e levantei os ombros. — E já me avisaram que as bruxas não perdoam promessas quebradas. — Olhei em volta. — Alguém está a fim de colecionar mais inimigos?

CAPÍTULO 4

UMA VISITA AO POVO DA FLORESTA,

OU AO QUE SOBROU DELE

Foram muitas horas até que conseguíssemos sair do casulo. Fylgiar nos deixou por último com a desculpa que isso era para a proteção da Elemental, do conselho e blá blá blá.

Assim que fomos liberados, ninguém quis saber sobre as medidas de segurança que Thela insistia em impor, Celen conseguiu um Voltrin particular e voamos direto para a floresta.

No meio do caminho eu peguei no sono, não tinha dormido bem na noite anterior e graças a uma poção de Laiza apaguei. Sonhei com Helix olhando um espelho estranho, todo branco. Uma figura borrada perguntava algo sobre Tâima, uma gargalhada fria e eu acordei.

Meus amigos estavam compenetrados, sem piadinhas de Evan ou insinuações de Thela. Os poucos guerreiros que nos acompanhavam inventariavam as armas e discutiam a melhor abordagem em caso de um ataque surpresa. Estávamos todos tentando nos preparar para o que veríamos na floresta.

Foi vã a tentativa, logo na borda da mata um rastro de fogo destruía o caminho de flores pelo qual chegáramos nas duas vezes que visitei o lugar. Com um pouco de caminhada de, claro, armas empunhadas, percebi que as pequenas pedras celestiais que cobriam o chão estavam quebradas. Lembrei da crença dos guerreiros que aqueles eram universos particulares. Senti um aperto no peito.

Não havia ninguém protegendo a entrada da vila, o portal estava negro, tinha sido alterado magicamente. Meu avô gastou um bom tempo até torná-lo seguro.

Do outro lado eu tive vontade de chorar.

Eles já tinham perdido tanto, quase todas as suas crianças... Agora estava tudo destruído. O templo no centro era mera ruína. As árvores e flores estavam chamuscadas. Os botões de Nenúfar tinham buracos de onde uma fumaça verde subia.

Bruxas caminhavam para todos os lados, levando feridos e tentando ajudar. Era um grupo de mais ou menos dez mulheres, entre elas, a tia de Laiza que dava ordens e carregava grandes bacias de ervas.

Aproximei-me dela.

— Sra. Belane... — Fiz uma reverência. — É bom vê-la, apesar de tudo.

A velha mulher deu-me um sorriso tímido que não se estendeu aos olhos.

— Fizemos o que foi possível para salvar o maior número de pessoas.

Celen aproximou-se e a cumprimentou.

— Obrigado pelo que estão fazendo, sei que arriscaram suas vidas para isso.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Na verdade, já que o senhor ex-conselheiro tocou no assunto — a bruxa limpou as mãos na saia —, fizemos mais do que isso. Não podemos mais voltar para casa, não é seguro.

Evan recolheu alguns unguentos e começou a ajudar, assim como os outros vendo o que ele fazia, enquanto conversava conosco.

— Helix sabe que vocês ajudaram então? — Meu avô cruzou os braços.

— Óbvio — ela respondeu —, nós paramos o ataque deles.

Eu baixeí o tom de voz ao ponto que só nós ouvíamos agora.

— Será que ele sabe da existência da sociedade de vocês?

Ela apoiou-se na bengala.

— Se não sabe, não deve demorar a descobrir. Enviei uma mensagem ordenando que reforcem a proteção, mas não acredito que ela dure muito. — A bruxa franziu as sobrancelhas. — Você conseguiu cumprir sua promessa, Alys?

Diante de tudo que elas estavam fazendo, fiquei intimamente envergonhada de ter tentado fugir do pedido.

— Não conseguimos. O alarme soou bem na hora das moções. — Arregalei os olhos. — Mas não me esqueci.

Ela fechou os olhos.

— Era o que eu temia. — Profundas olheiras marcavam o seu rosto. — Meu povo está condenado.

Eu ergui as mãos.

— Não!! Eu não pretendo fugir da promessa que fiz — afirmei.

— Até que venha uma próxima reunião, e deduzindo que você conseguirá convencê-los a nos aceitar, nós estamos dependendo da nossa força. Embora sejamos muito poderosas não é fácil manter tantas crianças e idosos a salvo.

— Não vão, — Thela chegou sem aviso e me fez dar um pulo no lugar. — Vou me comprometer pessoalmente em reforçar a defesa de vocês.

Kyer que vinha pegar mais unguentos cruzou os braços.

— Thela, você está querendo se demitir das suas funções de chefe dos exércitos de Nafh'ta?

— Por que diabos eu iria querer isso? — A elfa empertigou-se.

— Porque toda oportunidade que aparece você se propõe a ir defender outro lugar que não a cidade.

A elfa suspirou.

— É o mínimo que faço — baixou a voz —, a maioria dos reforços estava conosco protegendo os líderes, nunca pensei que esse Zmora teria coragem de invadir a grande floresta e atacar sem motivo algum, nem há crianças aqui.

Ela estava com os ombros baixos. Kyer suspirou.

— Eu sei, nenhum de nós está seguro. O problema é que deslocar uma força-tarefa de Nafh'ta pode atrair a atenção do Zmora. Eu acho que tenho uma ideia melhor.

Ele clicou várias vezes na pulseira de metal presa no seu pulso. O DIM vibrou e alguns minutos depois a imagem holográfica do príncipe Mahu apareceu sobre ele.

— Grande Sábio. — O gatuno bateu com o punho sobre o peito. A longa cauda de fogo ficou à mostra.

— Príncipe! Espero que esteja tudo bem! — Kyer respondeu baixando a cabeça em reverência.

— Dentro do possível, é claro. Estamos seguros ainda. Essa linha é protegida?

— É sim. — Meu amigo balançou a cabeça.

— Estamos com um novo programa para proteger nossas crianças — o príncipe explicou. — Mas, em que posso ajudá-lo?

Ele só via o chefe do conselho até então.

— Nós estamos na grande floresta... — Kyer clicou na tela e todos nós entramos no foco da câmera. — Você já chegou na sua tribo ou ainda está com os conselheiros?

O homem olhou em volta. Cumprimentou Laiza, Thela e a Belane. Passou por Evan com um aceno e por mim com um sorriso singelo.

— Ainda não fui para casa. — Voltou sua atenção para Kyer. — Esperei para saber seu diagnóstico da situação.

— Pois então, o caso é grave. Destruíram o templo, mataram muitos dos guerreiros, destruíram as flores de Nenúfar e deixaram Tâima à beira da morte. — Apontou para Belane. — Só não foi pior porque as bruxas interviram.

O príncipe virou-se para a bruxa ainda com a mão sobre o peito.

— Reconheço quando vejo grandes guerreiros na minha frente e a cada dia seu clã ganha mais o meu respeito. Arriscaram sua própria segurança, isso é o que

coragem significa.

A mulher ficou um pouco desconcertada. Não que ela não soubesse da grandeza do que tinham feito, mas acho que passar a vida toda escondida ainda causava certa estranheza ao ser reconhecida.

— Agradeço. — Limitou-se a dizer.

Kyer concordou com um aceno.

— Concordo. Porém, isso lhes gerou um problema, agora elas estão expostas. Tem muitas crianças e idosos na vila e se o destacamento que está aqui voltar para casa, temem levar o inimigo para lá.

O príncipe empertigou-se.

— Nós as protegeremos com as nossas vidas. — Bateu o punho no peito. — Destacarei minha guarda pessoal e mais alguns guerreiros para que façam a proteção, só preciso que me digam onde devo ir e, claro, avisem da chegada dos meus homens.

Era sempre impressionante o senso de responsabilidade de Mahu, mas uma vizinha de fundo acabou tirando o foco da atitude altruísta do monarca.

“Como assim ele vai nos enviar para lá, elas são bruxas.”

Outra voz completou.

“Cala a sua boca, Rah.”

O príncipe olhou para algum ponto atrás de si com um olhar felino, as vozes se calaram.

— Mande as coordenadas, Kyer...

“Claro que vamos nós, né? Ele mesmo não quer ir...”

Nesse ponto eu estava mais brava do que me divertindo, era outro que tinha problema com a linhagem das bruxas?

“Rah, você vai nos colocar em problemas!”

“Nós já estamos com problemas se vocês não perceberam, ele quer nos mandar para o clã das bruxas...”

Mahu, visivelmente irritado, parou de tentar fingir que nada estava acontecendo.

— Rah, qual é o problema com você? Você fez um juramento, disse que cumpriria minhas ordens até com a própria vida...

— Meu senhor — reconheci o dono da voz, era aquele guerreiro atrasado —, e eu o faria, mas uma coisa é morrer pela vida do meu rei, outra é virar sapo e ser comido por uma bruxa.

Celen soltou um sonoro “Como é que é?”. Eu franzi as sobrancelhas. Evan esticou os braços de forma cômica e Thela deu um tapa na própria testa.

— HOMEM, DE QUE DIABOS VOCÊ ESTÁ FALANDO? — o príncipe berrou para um ponto atrás de si. — VOCÊ BEBEU DE NOVO AQUELE

VENENO DE AMOLIK QUE TE PROIBI? — urrou sem paciência.

— Claro que não, meu senhor — o guerreiro sussurrou —, embora ache a proibição um tanto quanto desnecessária...

O gatuno lançou um olhar fulminante.

— Mas compreendo seus motivos — Rah complementou. — Mas senhor, elas vão nos transformar em sapos e nos comer!

Eu olhei na mesma hora para a chefe do clã. Esperei encontrar uma mulher ofendida, mas no lugar de um nariz torcido havia sorriso largo.

— Fazia tempo que não falavam do meu povo de forma tão primitiva. — Ela não se aguentou e soltou uma sonora gargalhada. — Quase infantil.

O dono da voz do outro lado endureceu o tom de voz.

— Infantil? — questionou. — Eu sei que vocês gostam disso. — Mahu rosnou, ele votou-se para seu príncipe. — Elas até cozinham crianças, meu senhor.

O príncipe perdeu totalmente a compostura.

— Rah Joalun. Você tem dois segundos para me explicar de onde veio isso. Você está desrespeitando um clã que sacrificou a própria segurança para lutar ao nosso lado.

O guerreiro pigarreou.

— Minha avó me contava histórias quando eu era criança...

— Isso já faz setenta anos... — O príncipe interrompeu.

Eu abri a boca, como que as pessoas não envelheciam? Magia era creme antirrugas agora?

— Mesmo assim — insistiu Rah —, teve uma vez que uma delas tentou cozinhar uma criança, outra queria o coração de uma donzela...

Aquilo não fazia sentido, eu nunca tinha ouvido sobre aquelas histórias. Evan, no entanto, se juntou à bruxa nas risadas.

— Não é possível! Não me leve a mal, príncipe Mahu — o guardião ergueu a mão —, mas tem certeza que são esses guerreiros que vai mandar? Eles não sabem nem diferenciar a realidade da fantasia.

Mahu endureceu a expressão.

— Meus guerreiros são plenamente capazes, o tenente Joalun só é um pouco atrapalhado das ideias do dia a dia, mas garanto que ele não falha em proteger os seus e não é nenhum risco para o clã.

— Eu nunca fui tão humilhado... — Ouvi a voz do guerreiro antes que um olhar do príncipe o calasse.

— Mande-me as coordenadas Kyer, em duas horas eles estarão lá.

— Obrigado, Mahu, e não se ofenda com a petulância de Evan, ele ainda não está completamente recuperado do veneno Zmora.

Ah, ele estava sim, melhor do que já esteve antes. Quase um e noventa de pura implicância e falta de bom senso. Resolvi guardar esse comentário para mim.

— Conte comigo. — O príncipe bateu a mão no peito e o holograma começou a desintegrar. Não antes que, bem baixinho, eu ouvisse uma última frase.

“Rah Joalun, nós vamos ter uma longa conversa agora mesmo.”

Eu não queria estar na pele dele.

CAPÍTULO 5

UM SEGREDO GUARDADO

A SETE LINHAGENS

O estrago era mesmo apocalíptico. Tivemos que nos dividir em grupos para tentar ajudar. Thela, um recém-chegado Raszen e os guerreiros foram delimitar o perímetro para garantir que não sofreríamos novos ataques. Uma equipe de soldados estava vindo, mas ainda ia demorar até que fosse possível determinar a segurança do lugar.

Kyer, que finalmente tinha acessado o metal alpha, aproveitou de sua afinidade com o Aya e foi designado a entrar no templo e conferir os estragos. Como a pele dele rejeitava substâncias venenosas, caso ainda tivesse algum resquício dos feitiços do Zmora, a chance era menor de atingi-lo. Achei uma escolha muito boa do Construtor, dar a ele aquela habilidade, só gostaria que isso tivesse acontecido antes da primeira lua.

Pensando bem, todo mundo à minha volta poderia ter aquela melhoria, ia me poupar muita preocupação. Fica a dica aí, Construtor.

Celen sobrevoou a floresta à procura de seres que pudessem ter sido atingidos, e infelizmente encontrou outros feridos. Ele ficou responsável em avaliar a extensão dos danos enquanto as bruxas e Laiza cuidavam do maior número de feridos.

Eu e Evan, no entanto, fomos liberados para falar com a chefe Tâima. Meu coração chegou a parar quando entrei na tenda onde ela era atendida. A mulher estava desfigurada, parecia que alguém tinha passado uma palha de aço no seu corpo todo ou que a tinham esfregado em um chão de pedrinhas.

O chão de pedrinhas, a minha sensação era que o universo tinha mesmo se quebrado.

Os olhos dela estavam esbranquiçados. Um grupo de curandeiras revezava-se colocando unguentos enquanto a pequena guerreira que era sua filha segurava a mão ensanguentada da líder.

Quando a mulher me viu, ofegou. Apertou a mão da filha e com a outra fez sinais desesperados para que eu me aproximasse. Fiquei com medo de piorar a

situação dela, mas a pajé não se deu por vencida até que eu me sentasse ao seu lado.

— Saiam... — ofegou — todos.

— Mas, mãe...

— Você... não! — Ela apontou para mim e o guardião. — Você e eles ficam. O resto... espere...

Ela precisou de alguns segundos para respirar.

— ...espere lá fora.

A cena era tão dolorosa que pensei estar sentindo parte da dor física de Tâima. Ninguém questionou a mulher, não que eles achassem que ela estava bem para ter seus cuidados suspensos ainda que só por alguns minutos, mas desconfio que eles não acreditavam que ela fosse sobreviver, de qualquer maneira. Não negariam a uma mulher moribunda um último desejo.

— Eu... sabia que você viria.

Tomou uma longa arfada de ar.

— Senhora — interferi —, você precisa guardar sua energia, seu povo precisa de você.

— Ainda não chegou minha hora, não se preocupe!

Arfou de novo.

— Mas preciso gastar esse pouco de energia que o tratamento me deu para lhe contar algo.

Concordei com a cabeça.

— Guardião — ela cerrou os olhos —, lance um feitiço de ocultamento e silenciamento em conjunto com a minha menina.

Ela fixou os olhos na pequena.

— Faça como te ensinei.

A pequena, que parecia tão frágil, assumiu um olhar resignado. Colocou-se ao lado de Evan e envergou a coluna, levantando as mãos com as palmas invertidas. Enquanto o guardião lançava o feitiço ela fez uma dança firme, faíscas saíam da ponta de suas unhas e a pele avermelhada se intensificou. Os dois terminaram ao mesmo tempo. O chão à nossa volta brilhou.

— A... agora sim!

Eu olhei para Evan, ele virou a cabeça em várias direções, eu conhecia aquele olhar, tinha alguma coisa acontecendo, mas a falta da leitura mental me privava de descobrir o que era. Tâima fez um pequeno feitiço, as suas energias se restauraram.

— Mamãeeee, não! — gritou a pequena guerreira.

— Acalme-se, minha princesa — passou a mão nos cabelos da menina —, não temos muito tempo, eu precisava disso para contar um segredo à Elemental.

— Mas você vai...

Eu arregalei os olhos, por que as pessoas continuavam a fazer esse tipo de coisa na minha frente?

— Tâima... pelo Construtor... — implorei.

— Acalme-se — ela ergueu a mão —, eu não vou morrer! Tenho convicção que minha hora não chegou. Vou ficar em coma por um tempo, mas confio que minha filha está pronta para me substituir.

A menina aparentava uns oito anos, ela não podia estar falando sério. Esperei que a criança dissesse algo contrário àquela afirmação, mas isso não aconteceu.

— Pois bem, eu não tenho muito tempo. Preciso te contar um segredo. Algo que nem mesmo Celen ou o conselho jamais ouviu falar. Uma missão que foi entregue a mim pela minha mãe e a ela pela sua e assim sucessivamente desde que o mundo se firmou. Algo que pode pesar a balança para um dos lados e que temo em dizer, o nosso inimigo já descobriu.

Segredos que o Zmora tinha antes de mim, olha só, novidade nenhuma!

— Sobre o que nós estamos falando? — Evan cruzou os braços.

— Sobre o dia em que o Construtor salvou nossa magia selando o escoamento. — Os olhos da pajé brilharam.

— Eu sempre pensei que isso fosse uma forma figurativa de explicar — eu respondi um pouco envergonhada.

— Devido ao tempo, alguma coisa pode ter sido contada da forma errada, Alys. Mas tudo aquilo que se manifesta visível tem um pequeno ato invisível como chave.

— Todos sabemos sobre a profecia — Evan interferiu —, não é segredo.

— Verdade, mas o que quase ninguém sabe é que um ato como o do Construtor deixa uma marca física no universo. O sacrifício do mago é definitivo, mas o que aconteceria se novos Poltos tentarem seguir o mesmo caminho dos anteriores?

— Eles reabririam o buraco? — perguntei.

— Não a mesma fenda, como disse, nada pode anular o que foi feito. Mas e se o buraco fosse aberto dentro dos portadores da magia?

Nesse ponto eu acreditei que ela estava tendo alucinações, por causa dos ferimentos, foi preciso muito para compreender onde a pajé pretendia chegar.

— Se a chave não é entregue aos humanos — ela continuou — ou o poder nos destrói de dentro para fora ou fica adormecido como esteve até antes da primeira lua o que para mim é a mesma coisa.

— Senhora, me desculpe, eu não estou entendendo nada — expliquei.

Ela respirou fundo.

— Existe um jeito de evitar que as luas cheguem!

Abri a boca. Evan relaxou os braços e juntou as sobrancelhas.

— Toda vez que você faz o ritual de recebimento da nova estrela — a mulher apertou o lenço —, a chave é girada. Assim uma nova lua começa a ser atraída para nós. Se tal objeto for roubado para o efeito da chegada dos metais, antes da órbita da última lua ainda é possível que isso aconteça, nós voltaríamos a não acessar a magia. Mas veja bem, nós já tivemos contato com ela, isso nos destruiria.

Por um breve momento, eu tinha perdido as palavras. A magia virou minha vida do avesso, eu não sabia mais como era viver sem ela.

— Onde está essa chave? — o guardião perguntou.

— No lugar onde o Construtor fechou a fenda.

— E onde é isso? — perguntei.

Ela recostou a cabeça no travesseiro. Uma lágrima escorreu.

— É com honra e orgulho que digo que lhe contarei o que sei e que as marcas no meu corpo são a prova que não o fiz com o Zmora. Eles sabem, não sei como descobriram, mas eles sabem que existe uma forma de parar o efeito das duas primeiras luas.

— Eles? Eles quem? — eu perguntei.

— Onde está a chave? — Evan inquiriu quase ao mesmo tempo.

Olhei para o guardião, pela primeira vez eu tinha visto um detalhe antes dele.

— É verdade, eles? — o guardião perguntou. — O Zmora não está sozinho?

A mulher engoliu seco. Preferiu responder à pergunta de Evan.

— *A chave está onde um dia esteve um abismo. Ela é a prova de que um homem, que era mais que humano, sacrificou-se para que pudéssemos um dia voltar a ser mágicos. Ninguém pode anular o poder do sangue puro derramado, mas pode tentar impedir que os efeitos de um ato tão nobre fluam através dos seres restaurados. Quem não vê a chave, não pode abrir a porta. E o nome dessa chave é Sôzo.*

Ela terminou de declamar o trecho olhando para o nada.

— Senhora, o que isso quer dizer? — perguntei.

— Que vocês precisam visitar o abismo e encontrar a chave chamada Sôzo antes que alguém o faça e a esconda de todos os humanos.

— E onde é isso? — perguntei.

— Eu não sei. Minha mãe me ensinou esse verso e essa lenda quando eu tinha a idade de Mâytoa. Depois me fez prometer que jamais repetiria em voz alta para ninguém a menos que fosse necessário.

Evan cerrou os olhos.

— Tâima, quem está com o Zmora? Ele não age sozinho, não é?

Ela ofegou. Olhou nos nossos olhos.

— Ele é a personificação do que é mal! Nunca o vi tão ativo em toda minha existência. Se vocês não acharem a chave antes dele nós estamos condenados, não veremos mais a magia e como a nossa natureza depende dela, nós vamos definhando e desaparecer, todos nós.

— Ele também é um Zmora?

A chefe da floresta balançou a cabeça.

— Não, e não se engane, Helix é só uma peça em seu maligno jogo milenar.

— Quem é ele, Tâima? — perguntei.

Ela virou os olhos. A filha acudiu antes que a cabeça caísse. Segundo antes que ela apagasse por completo e um grupo desesperado de curandeiros adentrasse pela tenda, ouvi a pajé recitar em um quase sussurro.

“Existiu uma criatura, antes de o homem existir, que se enraiveceu da magia que o homem era capaz de produzir. Usurpador como era, roubou uma semente poderosa que prometia podar o que foi dado aos Poltos. Ele plantou tal grão na raiz da árvore que gerava vida dando existência a uma outra planta. As duas lutavam entre si para sobreviver.

Mas, um dia, o dono da primeira semente voltou para redimi-la e, destruindo a ligação que a segunda planta tinha com a primeira, permitiu que os Poltos voltassem ao que nunca deixaram de ser.

Infelizmente, a segunda planta também gerava sementes, que se multiplicaram e geraram novos confrontos entre a vida e a morte. Por isso, Polto nenhum escapa de travar a sua própria batalha.”



Quando nos afastamos o suficiente da tenda, Evan colocou a mão sobre o meu ombro.

— Lys, acho que não deveríamos contar sobre essa conversa para ninguém. Nem Kyer, nem Laiza, nem mesmo para Celen.

Eu pensei por um segundo.

— Você acha que temos um espião entre nossos amigos?

— Não acho que temos um espião, tenho certeza! Não acredito que seja um deles, mas alguém próximo. Se falarmos, teremos dificuldade de controlar para onde essa informação vai. E olha, Tâima guardou o segredo, assim como todas que passaram pelo cargo antes dela, falar sobre ele quase custou sua vida...

— Você tem razão. — Balancei a cabeça. — Mas, se não vamos contar, como vamos procurar o tal abismo? — questionei.

— Vou pensar em alguma coisa. — Ele coçou o queixo.

— E alguma ideia de onde ele fica? — perguntei.

— Nenhuma. — O guardião balançou a cabeça. — Em todos os anos que estudei nunca ouvi nada que insinuasse o lugar onde o Construtor fez o ritual de fechar a fenda.

Só tinha um recinto que poderia reunir todas as informações que eu precisava, mas para minha infelicidade, éramos cada vez menos desejados lá: o MASPE, a antiga Alexandria agora protegida por uma elfa centenária, com olhos de rubi e que tinha pavor da minha aproximação.

— Não me diga que vou ter que passar por todas aquelas medidas de segurança de novo!

Evan sorriu com o canto da boca.

— Fylgia ficaria tão feliz! Deve estar morrendo de saudade de você. — Ele deu uma risadinha. — Falando sério, embora a maioria do conhecimento possa ser encontrado na biblioteca milenar, ela não é a única fonte de informações que existe.

— Não?

Ele riu do meu espanto.

— Existem outras fontes, algumas que viveram e viram o conhecimento guardado nascer.

Eu cerrei os olhos.

— Por que será que estou achando que isso é uma cilada? Se ninguém nunca me ofereceu essa alternativa, algum problema deve ter.

— Eu não disse que seria simples... é melhor você se preparar, vamos depender da sua diplomacia.

Ergui as sobrancelhas para ele. Estávamos perdidos!

CAPÍTULO 6

OS QUATRO SERES VIVENTES

Depois de toda destruição pela qual a grande floresta passou, Nafh'ta tornou-se um lugar meio sombrio. Aquela vivacidade comum a um lugar que reunia tantas pessoas diferentes, tinha desbotado. As ruas não estavam mais lotadas e as poucas pessoas se arriscavam a cruzar o centro, caminhavam com pressa.

O policiamento também era outro. Alguns meses antes, um novo recrutamento tinha sido feito e o treinamento dos novos soldados estava sendo a proteção da cidade mágica. Era impressionante a quantidade de pessoas dispostas a dedicar sua vida em prol dos outros. Quando Kyer me contou sobre a chamada, achei que não ia aparecer ninguém.

Isso tornou o plano de Evan mais complicado, não era qualquer desculpa que faria com que Celen e Ky nos liberassem para perambular por aí sem que antes fosse feito uma dezena de perguntas.

Uma semana e várias tentativas infundadas depois, que chegaram perto de expor nossa situação pessoal, Evan bateu à minha porta.

— O que diabos... Evan...? — murmurei. — São duas da manhã.

— Sei disso, por isso vou te dar uma hora para se recompor.

Fechei a cara para ele.

— Pare de mandar em mim você também!

Ele aliviou um pouco a expressão, bem pouco na verdade.

— Temos que sair entre o intervalo dos guardas da quinta e sexta rotas.

— Agora? — sussurrei.

— Agora! — Ele insistiu. — Não sei se consigo repetir o feitiço de confusão que fiz neles, só consegui porque são de um destacamento ainda em treino, se fosse outro caso...

— Entendi..., mas afinal, você ainda não me explicou onde nós vamos... quem pode nos ajudar.

Ele olhou para os lados nervoso.

— Quando Nafh'ta virou uma cidade, essa cidade como conhecemos, alguns... — Ele pausou por um segundo. — Alguns seres que moravam aqui

optaram por não se misturar às nossas linhagens. Eles não concordavam muito com a mistura tecnológica aos metais...

Estralei os dedos, meu pijama deu lugar a um conjunto de luta preto e uma capa com capuz sobre os ombros.

— Isso não faz sentido, os metais não são, de certa forma, tecnologia?

Evan deu de ombros.

— São! Mas alguns mais antigos gostam dos metais em sua forma mais bruta, acham que nossas modificações e melhorias são uma distorção desnecessária que só faz comprometer nossa magia.

Eu me abaixei para calçar minhas botas.

— E onde vivem essas pessoas? — Parei segurando o fecho e olhei para o guardião. — São pessoas, não é?

— Pelo que sei, vivem ao norte, na floresta que cerca a cidade.

Percebi que ele não tinha respondido à segunda pergunta. Ele averiguou minha janela.

— Olha, em outras circunstâncias jamais faria esse pedido, mas acho que deve levar o pergaminho sagrado...

Ele virou de costas e colocou as mãos sobre os olhos.

— Não preciso saber onde guarda ele, na verdade é melhor que eu nem mesmo olhe para ele. Mas acho que deveria levá-lo.

Eu peguei minha bolsinha e retirei o rolinho. Depois o preendi na perna, ocultado pela capa longa que eu usava.

— Não precisa tanto, Evan, pode abrir os olhos, já estou levando.

— Ok. — Ele se virou com os olhos cerrados. — Lys, você sabe o quão raro e importante é esse pergaminho, não sabe? Ele pode ser a diferença entre nossa vitória e nossa derrota.

Ergui as sobrancelhas.

— Sei disso.

O guardião não disse mais nada. Colocou a cabeça para fora da janela e assoviou. Um gavião gigantesco, feito de alpha negro e com olhos avermelhados de ômega, pousou.

— O que diabos...?

— Xiu, alguém pode nos ouvir — colocou o dedo na frente da boca —, como eu te disse, para onde vamos a tecnologia não é tão bem vista, achei que criar algo especialmente de metal desse uma boa impressão.

— É por isso que você anda tão sumido então! E tão cansado nos treinamentos. — Ergui as sobrancelhas. — Achei que estava conseguindo vencer você nas lutas.

Ele riu.

— Não que você não esteja mesmo chegando perto de me vencer, mas só atacando não vai conseguir tão cedo. Te falta estratégia.

Suspirei. Que chatice!

— Agora vamos — ele me chamou com as mãos —, temos que voltar antes do amanhecer e não podemos entrar na floresta voando.



Ver Nafh'ta de cima era uma das poucas coisas que me faziam esquecer os problemas. A luz das luas brilhando sobre os metais nas casas tinham um poder especial, como se houvesse um mistério por trás de cada janela.

Cedo demais nós chegamos à borda da floresta. Ao pousarmos, o pássaro se abaixou para que descêssemos e logo em seguida alçou voo e se empoleirou em um galho perto.

Eu nunca tinha parado para observar a vegetação que cercava a o lugar, talvez porque era longe da sede onde eu morava, talvez porque eu estava sempre tão preocupada que não percebia as coisas bonitas que tinham em volta de mim.

A diferença da atmosfera podia ser sentida assim que você pisava dentro da mata. Havia flores gigantescas, pintadas de metal, que abriam e fechavam conforme nós passávamos. As árvores eram de um verde muito vivo e as folhas contrastavam em um vermelho amarronzado.

— Quando as estações mudam, as cores delas mudam também — explicou Evan lendo minha expressão de assombro.

— É muito bonito aqui, não é? — perguntei ainda observando umas frutinhas da árvore mais próxima. — E exótico.

— É sim — o guardião respondeu continuando a andar.

— Um pouco assustador também.

Ele riu.

— Acho que é o fato de ser muito diferente da forma que costumamos ver os metais.

Ouvi um pio, demorei um pouco antes de responder.

— Deve ser.

Caminhamos por uns quinze minutos enquanto Evan iluminava o caminho com Kydêmonas. Eu balançava as duas pontas do cajado tentando proteger nossa retaguarda.

— Você já veio aqui? — perguntei.

— Não, não é um lugar turístico, por assim dizer. E meus pais me mantinham longe de Nafh'ta antes da profecia.

— Certo.

Mais um tempo e o caminho de árvores começou a se abrir. No final dele uma clareira com vegetação muito alta ia até a minha cintura. Quando o guardião recitou um feitiço e fez com que Kydêmonas brilhasse mais, eu segurei a respiração.

Havia dezenas de pessoas de pedra nos olhando no escuro. Meu coração parou por um microssegundo.

— Evan?!

Observei que ele segurou a espada com um pouco mais de força.

— Está tudo bem, venha para o meu lado, temos que nos apresentar.

Dei dois passos para o lado, ficando emparelhada com ele. Esfreguei as mãos. Pigarreei.

— Sou Alys Elilmo — limitei-me a dizer.

— Sou Evan Elilmo, antes Uriah.

Elas nos observavam firmemente. Até que uma das estatuas, de uma esguia mulher vestida de terninho e com as pernas cruzadas, começou a falar.

— Ao que devemos a visita da Elemental e seu Guardião?

Evan endireitou a coluna.

— Viemos conversar com os grandes oráculos, os sábios que outrora foram esquecidos.

— Se eles foram esquecidos, me diga, por que devem lembrar-se dos senhores?

— Porque mesmo a árvore cortada, se junto ao ribeiro, pode voltar a florescer. Assim também sempre há tempo para reconhecer o valor dos anciões.

Eu ergui as sobrancelhas. A estátua também ergueu as dela. Eu não sabia se estava mais impressionada com Evan ou com o fato de existirem sobrancelhas em uma estátua.

— Boa resposta, filho dos Poltos.

As formas de pedra levantaram-se, uma a uma dando passagem, eu aproveitei a barulheira para cochichar.

— De onde você tirou isso?

— Moira! Lembre-me de agradecer a ela depois.

Concordei.

Ao fundo uma singela comunidade se estendia, cravada em uma árvore de tronco alongado. A iluminação fluiu quando pequenos animais, muito parecidos com os que vimos na taverna das fadas, pousaram nos galhos tornando visível uma série de casinhas de metal. Era como se as casas tivessem brotado da árvore.

As pequenas portas começaram a se abrir. Da primeira saiu um ser, metade homem, metade touro, com longos chifres. Da segunda uma criança pequena, com aparência de harpia. Da terceira, um ser com aparência leonina, a não ser pelo

chifre em sua testa e os olhos furta-cor. E da última uma mulher, aparentemente normal, se não fossem as asas.

Aliás, todos eles tinham asas, com dois pares de olhos cada, que nos observavam quase sem piscar. Era assustador. A semi-humana foi a primeira a falar.

— Bem-vindos, escolhidos. Eu sou Airelav, ao que devemos esta inesperada visita?

Eu me segurei muito para não torcer o nariz, tinha um tom azedo na voz da mulher. Não parecia que ela estava feliz com a nossa visita.

O leão deu um passo à frente.

— Quanta formalidade desnecessária, bem-vindos, meus queridos. Eu sou Nauj, aproximem-se.

— Ele tem razão — a menina harpia, que não parecia mais tão pequena, completou —, vamos jantar?

Ela estralou os dedos e uma raiz gigantesca emergiu distorcendo-se até se tornar uma mesa.

O homem touro estendeu as mãos.

— Sentem-se, por favor.

Dei uma breve olhada para o Guardião, a expressão era tranquila a não ser por uma pequena ruga na testa que eu já conhecia, sinal de que estava tão surpreso quanto eu.

Novas raízes se transformaram em assentos. Fadinhas de cinquenta centímetros, asas furta-cor e olhinhos negros carregaram travessas até a mesa.

Quando já estávamos todos acomodados, Airelav cruzou as mãos e me perfurou com os olhos.

— Agora posso perguntar o que todos nós desejamos saber? — Correu os olhos pela mesa. — Por que recebemos uma visita tão digna, porém não esperada?

Eu não sabia muito bem em que circunstâncias aqueles seres tinham escolhido se recolher à floresta, mas uma coisa ficou bem clara, não foi tão amigável quanto me fizeram pensar.

— Nós viemos em busca de informação, antiga e valiosa, que possa nos ajudar a vencer a guerra contra o Zmora — o guardião explicou.

Os seres tiveram reações adversas. A mulher ergueu as sobrancelhas, cruzou os braços e repetiu pontuando a última palavra.

— Buscar informação? Você veio buscar conhecimento antigo e “VALIOSO”?

O touro coçou a barbicha.

— Ajuda, então vocês querem ajuda?

A harpia cerrou os olhinhos.

— Vencer a guerra?

O Leão empertigou-se na cadeira.

— Contra o Zmora?

Eu corri o olhar para cada um deles, enquanto eles falavam. Aquilo me deixou meio tonta. Foi o último ser, Nauj, que continuou.

— Ao que me parece, embora não seja o que você tenha vindo procurar, você precisa de quatro informações prévias. Quem deseja começar?

Olhou para os seres em volta. Eu me mexi desconfortável, eles eram muito poderosos, mesmo sem os óculos eu conseguia ver parte das linhas Ley e ali era um emaranhado. O Touro levantou o casco, o Leão acenou com a cabeça.

— Comece então Ogaith.

— Vocês nunca nos viram antes, e pela postura, mal devem saber a história que nos rodeia. O que faz acreditar que ofereceremos ajuda?

Foi Evan que respondeu.

— Acredito, e não me entendam mal — ele ergueu a mão —, que esta floresta embora muito protegida não seja à prova de um Zmora com o poder dos três metais.

Como alguém não ia entender mal? Ele não deu tempo nem de respirarem.

— Além disso, não sabemos em que circunstâncias o atual relacionamento de vocês com o conselho foi forjado, mas não devemos ser julgados pelos dias que se foram. Nós somos o futuro e esperamos construí-lo de forma mais coerente.

Foi um misto de reações novamente. Achei que iriam fazer mais um quarteto de perguntas, mas não foi o que aconteceu. Ogaith abriu um sorriso.

— Estou satisfeito com a resposta, ao menos com parte dela.

A, agora gigante, a harpia estralou a língua e começou a falar com sua vozinha esganiçada.

— Vocês dizem querer vencer a guerra, mas não sabem nem do que ela se trata nem do fato de que não podem vencê-la, isso não cabe a vocês.

Eu senti a cabeça ferver, quanta informação.

— O que te faz acreditar que nós não podemos vencer? — Evan voltou a falar. — Cabe a nós, Elemental e guardião, garantir o poder dos metais.

Ela abriu um sorriso enviesado.

— Agora você disse algo certo, diferente da outra vez, pequeno filhote. O trabalho de vocês é garantir o poder dos metais.

— E isso não nos fará vencer a guerra? — questioneei.

— Não a guerra, somente essa batalha. A guerra não é sua, nem mesmo precisa ser vencida, isso já foi feito tempos atrás. O que vocês precisam é cumprir seus papéis sem carregar o que não lhes foi dado.

Evan calou-se, vi a sobrancelha esquerda erguida, era quase possível ouvir o cérebro dele funcionando. Maldita falta da ligação mental.

O Leão coçou os bigodes. Antes que ele falasse, a mulher interrompeu.

— Você disse que vem em busca de conhecimento? — Tamborilava os dedos na mesa e fungava nervosa. — Como pretendem nos obrigar a entregar o que possuímos?

Dessa vez eu resolvi responder.

— Não pretendemos.

Eu estava cada vez mais incomodada com a forma que ela nos olhava.

— Nós não viemos aqui arrancar nada à força — completei —, não viemos ameaçar e, pelo Construtor, não temos intenção de ofender vocês. — Olhei para cada um da mesa, e voltei a encarar a mulher. — Nós viemos porque são nossa única esperança. Evan ouviu que vocês têm conhecimento antigo e verdadeiro. Nós estamos com pouco tempo antes da próxima lua e se não tivermos sucesso ela nem mesmo existirá.

A reação foi mais uniforme, em geral sobrancelhas levantadas e pequenos suspiros. O Leão falou com um pequeno rugido:

— O que você quer dizer com isso?

Dei uma olhada para o Guardião.

— Eu preciso de um juramento formal — pedi.

Airelav levantou-se.

— COMO É QUE É? — a mulher urrou.

— Eu disse que não tinha intenção de ofender os senhores — ergui as mãos —, mas a informação que trago foi guardada pela chefe Tâima e toda sua linhagem por milênios. Devo a eles o mínimo de precaução...

A mulher me olhou sem piscar pelo que pareceu uma eternidade, depois sentou-se, mas não desfez a cara azeda.

— Não faremos juramento algum.

Eu já tinha aberto a boca para retrucar quando ela completou.

— Você não precisa nos dizer sobre o que se trata.

O leão sentou-se ereto. A harpia torceu o nariz. O Touro fungou e a humana continuou a falar.

— Quando o Construtor selou o buraco que escoava toda a magia, deu funções específicas a povos diversos. Sabia que alguns conhecimentos precisavam ficar limitados a poucos ouvintes até que a hora chegasse. Se o que precisam saber foi dito pela atual protetora da grande floresta, só uma informação você procura: Como chegar ao abismo de Edom.



Um raio passou por eles, arrastando-os para o lugar onde estava a mulher, agora de pé no centro da clareira, até que os quatro seres se uniram e formaram um só. Tornou-se uma humana, com os olhos gatunos, as asas de harpia e os chifres de touro.

A voz parecia estralar como chamas.

— Vocês podem me acompanhar, por favor? Preciso mostrar algo aos dois.

A árvore atrás dele, ou dela, ainda não estava muito certa de como chamar, abriu uma rachadura. Era muito parecida com o símbolo que pesquisei no MASP. Segurei o cajado com força e acompanhei o ser, seguida por Evan.

Dentro havia um conjunto de imagens no lugar das paredes, movimentando-se.

Em uma delas me vi chegando a Nafh'ta com Kyer e Evan saindo de trás das pilastras. Em outra eu e Evan chegando diante dos seres. Embora fossem imagens aceleradas pude perceber como eu tinha mudado.

— Nós somos “o” guardião do tempo — disse ele.

— Desculpe, você é um ou quatro? — perguntei. — É tipo uma fusão?

Evan segurou o riso. Não entendi qual era a dele, tinha certeza que ele também estava curioso.

— Nós somos quatro que compõem um. — Ele apontou para as imagens.

— Guardamos as faces do tempo. O passado, o presente, o futuro e o eterno.

— Uou! — Arregalei os olhos. — Então podemos viajar pelo tempo?

O ser baixou o rosto e aproximou-se de mim.

— Você não gostaria de fazer isso, acredite.

Ele voltou a se empertigar.

— A informação que procuram está nessas paredes, darei a vocês cinco minutos. Não devem se focar em nada além da fenda do Construtor, primeiro porque não poderei lhes dar de novo esse benefício até o próximo alinhamento das luas, então, se vocês se perderem em outro acontecimento não obterão a informação que precisam até o mês que vem.

Ok, o ser podia proteger as linhas do tempo, mas não andava me observando muito, não é? Minha habilidade de foco não era minha maior qualidade.

— Segundo — ele continuou atraindo minha atenção —, devem se ater ao que procuram, porque todo conhecimento sobre o passado tem o poder de alterar diretamente como enxergamos o futuro. E todo vislumbre do futuro tem a capacidade de abrir caminhos ou de enlouquecer sua mente, nunca se sabe qual das duas coisas virá a acontecer.

Eu engoli seco. O guardião virou a cabeça nas várias direções.

— Qual delas é o eterno? — Evan perguntou.

O ser mostrou a parede mais distante de nós, onde as imagens se misturavam em um redemoinho.

— Você vem conosco? — perguntei.

— Não. Não posso deixar meu posto, meu papel é manter as portas seguras.

— E, uma última pergunta. Se Helix está atrás da mesma informação porque ele não veio aqui?

— Ele veio — o guardião explicou.

Evan parou de analisar as figuras que rodavam e fixou o olhar no ser.

— Ele veio? — Ergueu a sobrancelha. — E vocês mostraram a ele?

— Eu disse que ele veio. — Fez uma pausa. — Não que nos encontrou. Nós não somos protetores desses portais por nada. Não manipulamos o tempo. Nosso trabalho é garantir que a ampulheta esteja sempre intacta e seja virada todas as vezes na hora certa, até o dia que isso não será mais necessário.

— Um dia o tempo não vai mais passar? — perguntei boquiaberta.

Os olhos de harpia estreitaram-se.

— Um dia! — A voz estralou. — Hoje você deveria estar mais preocupada com quando o tempo começou a correr, o dia do maior sacrifício mágico que já se viu.

Eu endireitei os ombros.

— Pois bem — ele disse — vocês têm pouco mais que cinco minutos em tempo passado, presente ou futuro. Não se percam.

Nada de instruções claras. Como sempre. Só uma tela cheia de imagens correndo. Olhei para Evan, ele não parecia mais animado do que eu.

— Bom, nós só dependemos do seu foco para chegar lá. — O garoto segurou a minha mão. — Sem problemas, problema nenhum.

Eu ergui a sobrancelha.

— É sério, guardião?

Ele riu.

— Sempre é.

Eu coloquei o pé dentro das imagens e antes de ser completamente absorta pelas imagens a voz atrás de nós completou:

— Um último detalhe, lá vocês verão os acontecimentos pelos olhos de outras pessoas, não se apavorem.

Como ele esperava que eu não me apavorasse com um aviso daquele? Evan foi mais objetivo.

— E como vamos fazer para voltar?

— O tempo...

Se ele disse mais alguma coisa, não ouvi. Tudo ficou escuro como em um sono profundo.

CAPÍTULO 7

UMA VIDA POR MUITAS

Pisquei os olhos. Onde eu estava? Um segundo para me localizar em quem eu era, e o que estava fazendo ali. Estava em uma casa, sentada em um dos lados de uma mesa triangular de madeira. Havia pessoas compenetradas conversando, planos sobre a mesa. Papiros e mais papiros sobre leis antigas, símbolos por todo lado.

Dei uma breve olhada nas minhas mãos. Eram mais adultas e até calejadas. Eu devia ser mais baixa também. Na parede oposta um objeto reluziu e eu pude ver minha imagem.

Eu nunca tinha visto fotos de antepassados da minha família, mas poderia arriscar uma mão que eu era uma Elilmo, conseguia me ver naqueles olhos, minha expressão parcialmente assustada. Era perturbador, ouvia seus pensamentos como uma hospedeira que não pode interferir.

Ela vestia um pano longo amarrado na cintura, os cabelos presos em um coque estranho. Tudo parecia bem precário perto do que fui acostumada, mas havia muita magia permeando, desde os pergaminhos que se abriam e fechavam sem que ninguém os tocasse ou as pequenas crianças serelepes que corriam entre os bancos e soltavam faíscas coloridas umas nas outras.

Corri os olhos pela mesa, procurando alguém que tivesse a mesma cara de deslucado. Não demorou muito e encontrei Evan, só podia ser ele. Tinha os mesmos traços firmes, a pele queimada de sol e o nariz fino característico do povo do qual o guardião descendia. Fez um breve aceno de cabeça para mim.

Nós dois éramos os mais próximos dele.

Quando nossos olhos se cruzaram, foi de tirar o fôlego. Um homem comum, com vestes que cintilavam. Os olhos ardiam como fogo e os cabelos, mais brancos do que os meus, estavam amarrados no cinto. Minha boca se abriu, fiquei aliviada quando percebi que não era eu que precisava dizer alguma coisa, era um piloto automático.

— Mas, meu senhor, isso é... isso é...

Um homem no meio da mesa tomou a palavra.

— Injusto! Não permitirei que faça algo do tipo consigo mesmo.

— Odrepi, você ainda não compreendeu o que está acontecendo aqui, um dia quem sabe você vai finalmente compreender quem é.

O silêncio tomou conta do cômodo.

— Olhem para vocês mesmos, cada segundo que passar será pior, vocês estão mortos. Mas todas essas coisas já estavam escritas quando o Universo começou a girar, queria eu que fosse de outra forma, mas não é o caso. Então, está chegando a hora, na verdade ela já chegou, em que eu farei o que é necessário para garantir que a magia pare de escoar.

Abri minha boca.

— Meu Senhor, quando partimos? — perguntei.

— Ao amanhecer. Por hoje, nós vamos nos sentar e comer, desejei muito tempo a presença de vocês, gostaria de aproveitá-la mais uma vez essa noite.

O homem que era Evan falou um tom mais baixo.

— Uma última vez...

O mago colocou a mão sobre o ombro dele.

— Não será a última vez, meu amigo. A essência que protejo hoje, que nada mais é do que a magia que corre nas suas veias, dará a vocês sabedoria para lidarem com os desafios depois da minha partida. Mas, na verdade, eu nunca deixarei vocês.

Senti quando a lágrima quente escorreu pelo meu rosto. Não consegui entender como aquilo não era uma despedida. O homem bateu palmas e os pergaminhos desapareceram. No lugar, bandejas fumegantes surgiram. Os seres sentaram-se, havia humanos, elfos, dragões, ninfas e fadas bem como, para o meu total espanto, igrots, e juro, até uma Cuca entre outros que eu desconhecia. Não me lembrava do relato de Celen conter aquele detalhe.

Todos comiam, conversavam e, mesmo que o sentimento fosse de tristeza, o fato de estarem juntas parecia dar alguma vida àquelas pessoas. Mesmo que suas peles estivessem ressecadas, seus olhos opacos, os cabelos muito ralos. Em alguns faltavam dentes, nem mesmo as ninfas tinham a beleza que estava habituada a ver. Na verdade, elas estavam semitransparentes.

Um calafrio passou pelo meu corpo quando o Construtor colocou a mão sobre a minha, vi quando ele fez a mesma coisa com a outra mão sobre as mãos do guardião.

— Então vocês vieram.

A boca da mulher não disse nada. Nem a do homem por quem o guardião observava. Percebi que não ouvia mais os pensamentos dela e Evan arregalou os olhos. Tudo à nossa volta parecia congelado. Pessoas, animais e até o vento parecia ter parado.

— Você... você não esperava que estivéssemos aqui? — arrisquei.

— Não, Alys, eu sempre soube que procurariam as informações no lugar certo, o tempo.

Certo, agora entendi por que ele segurava nossas mãos, se não fosse isso provavelmente eu teria tombado para trás, dura de susto.

— Como?! — questionei.

— Eu não vivo no seu tempo Alys, eu sou.

Fechei a boca. Ele virou-se para o guardião.

— Você gostaria de fazer alguma pergunta, meu bom garoto?

Ele parecia incapaz de continuar respirando, quanto mais de fazer alguma pergunta.

— Por quê? — fez uma pausa. — Por que fez isso?

— Isso o quê? Exatamente?

— Sacrificando-se dessa forma! Por que você fez isso? Eu não consigo compreender, se o que sabemos é verdadeiro, sabe que a humanidade merece o futuro para o qual foi condenada.

— Não é sobre merecimento, Evan. Nunca foi. E você mais do que todos deveria compreender. Por que você puxou o feitiço de Kyer para si no dia da primeira lua?

Ele abriu a boca, mas a fechou na mesma hora.

— Pois bem, você acaba de encontrar sua resposta. — O Construtor abriu um sorriso.

Fez uma pausa e voltou a olhar para mim. Os olhos agora como duas constelações.

— Pois bem, minha garota, sei que você não tem muito tempo para analisar os fatos e encontrar o que procuram. Mas gostaria de dar um presente a vocês.

— Você gosta muito de dar presentes, não é?

Senti-me infantil assim que terminei de falar, petulante também, mas aí já era costume. Ele só riu.

— É, eu gosto Alys. Não faz sentido guardar as coisas todas para mim.

Ele entregou-me uma pequena esfera e uma caixinha fechada com um laço. Para Evan deu um frasco com um líquido vermelho vivo e um escudo com a árvore da vida gravado em ouro. Não deu tempo de perguntar o que eram aqueles presentes, o tempo descongelou, o teto tremeu, as pessoas começaram a correr.

Seres, que infelizmente eu conhecia bem, começaram a atacar. Dezenas de sacos de ossos. Alguém gritou.

— É TARDE DEMAIS.

O Construtor ficou de pé, a barba balançando, ergueu as mãos e fez aparecer uma espada. Soprou sobre ela, um vento tão forte que arrastou os atacantes para as portas. Deixando-os presos do lado de fora da sala.

Todos pararam, parte atordoados, parte impressionados.
— Chegou a hora. Lembrem-se dos feitiços.
Bateu as palmas e eu me senti sendo sugada.



Caí na visão de um apocalipse. Desses que a gente vê em filme e torce para nunca acontecer. Uma cidade destruída. Pedacos de coisas flutuavam perigosamente. Construções destroçadas, faltando grandes pedacos. Fuligem para todo lado.

Evan ficou de pé do meu lado.

— Você está bem?

— Acho que sim. O que está acontecendo? Onde estamos? — perguntei enquanto batia a poeira das vestes.

— Não sei, parece uma cidade escondida entre montanhas, mas não consigo usar nenhum dos meus poderes aqui. Não dá pra saber.

Perdi toda atenção no que ele dizia, quando pelas suas costas vi o Construtor no alto de uma montanha.

Ele mantinha um olhar sereno, mas à sua volta sombras o rodeavam. Como sanguessugas elas grudavam sob sua pele e puxavam partes da sua energia mágica. Foi uma cena tão medonha, tão assustadora que perdi a fala.

Evan virou-se e também ficou paralisado. Poucos metros abaixo, perto de onde estávamos, um redemoinho negro girava perigosamente, engolindo pouco a pouco a cidade. Tudo que ele tocava perdia a cor até se desfazer em cinzas.

Eu queria correr até ele, de alguma forma impedir que aquilo acontecesse, mas não havia como, meus pés estavam fixos no chão. As gargalhadas da sombra enchiam-me de medo. Evan voltou a segurar minha mão, olhei nos seus olhos e vi que não era só por mim, era por ele mesmo que, assim como eu, estava chocado com a cena.

Cada pedaço que era arrancado deixava um vazio no lugar, como peças de um quebra-cabeça sendo retiradas, que em seguida se evaporavam. Quando pouco mais do que o rosto sobrava, ele deu um pequeno sorriso dolorido em nossa direção, e sussurrou.

— Feito está, vejo vocês em breve.

A sombra agarrou o rosto e ele se tornou pó. A terra debaixo dos nossos pés tremeu. Uma série de relâmpagos no céu surgiu. A sombra gargalhou ferozmente. Uma, duas, três vezes até que congelou com os olhos esbugalhados quando o buraco do chão parou de girar.

Reconheci o padrão da energia que vi no Construtor começando a se formar sobre a fenda, pedaço por pedaço, uma teia mágica, forçando o buraco a se

fechar.

A sombra urrou, agora com ódio. Correu até a fenda e começou a atacar ferozmente, mas nada do que ele fazia podia impedir a energia que fechava o buraco. Com um som estrondoso o chão se fechou, um conjunto de três símbolos gravado sob o solo brilhou dissipando a sombra.

Era um círculo, dentro as minhas asas com as armas cruzadas. Sob elas outro círculo, com a árvore da vida. Por fim, o último símbolo, no centro de tudo, uma chave.

A cena começou a se desintegrar. Evan apertou mais firme minha mão.

— Lembre-se queremos voltar de onde viemos.

Balancei a cabeça em concordância. De novo a sensação de dormência, pisquei duas vezes e estava no alto do terraço do prédio principal do conselho, Evan segurando com força o escudo e o frasco.

— Evan, que loucura foi essa? — coloquei a mão sobre a testa, tentando fazer o mundo parar de girar.

— Não sei dizer, você que já tinha encontros com o Construtor, sempre foi assim?

— Não tanto. — Eu ponderei.

Sentamo-nos no gazebo. Evan passou um tempo observando o escudo. Só nessa hora me ocorreu que não tínhamos a informação que fomos buscar.

— Evan — minha voz saiu aguda —, esquecemos de perguntar onde é que o símbolo ficou.

— Não precisávamos mais perguntar.

— Não? — Ergui a sobrancelha esquerda.

— Eu sei onde ele está, pelo menos eu acho que sei.

— Você o quê?? — Arregalei os olhos.

— Eu venho sonhando com ele desde que acordei. — O guardião virou o escudo.

— E você não me disse nada?

— Não sabia o que era — deu de ombros —, achei que não era nada.

Balancei a cabeça, ele continuou.

— Nele tem alguém tentando encontrar a inscrição, não sei se é o Zmora. Mas no sonho eu encontro o lugar da fenda, eu vejo o símbolo.

— E o que acontece depois?

— Eu morro.

CAPÍTULO 8

A NAFH'TA QUE NINGUÉM MAIS CONHECE

Encontrei um lugar para me sentar.

— Você não pode ir à fenda. — Ofeguei. — Eu vou, você fica.

— Não seja idiota Alys. — O guardião ergueu as mãos. — Você acha mesmo que vou deixar que se arrisque sozinha?

— Eu posso dar conta. — Cruzei os braços. — Esses sonhos devem ser um presságio, é melhor que você fique.

— Eu não falei tudo, deixe-me terminar. — Ele suspirou. — Eu não morro de verdade! É como se eu sofresse alguma mutação mágica. Eu sinto toda energia se esvaindo, como senti no dia em que absorvi o veneno do Zmora, mas aí, do nada, eu abro os olhos de novo e não sou mais como antes.

— Evan, pelo Construtor, não me pareceu melhor essa sua explicação. — Baixei a voz. — Você vai se tornar um zumbi ou coisa parecida?

— Não vou me tornar nada, Lys. — Ele tocou levemente minha mão. — Pare de tentar me manter em segurança, o guardião aqui sou eu.

Eu fiquei em silêncio por alguns segundos.

— Evan, por que você fez aquilo na primeira lua? — mudei de assunto.

— Aquilo o quê? — ele perguntou olhando para o horizonte.

— Porque você tirou o veneno de Kyer e arriscou sua vida?

— É meu dever.

Levantei as sobrancelhas.

— Ev...?

Ele suspirou.

— Porque eu faria qualquer coisa para garantir que seu coração não se partisse mais do que já estava partido naquele dia.

Eu segurei a mão dele mais forte. Não antes de averiguar se meu próprio coração ainda batia, respirar eu tinha certeza que eu não respirava mais.

— Ev...

— Oi?

— Você acha que é culpa da profecia? Quer dizer, nós dois?

Ele franziu o cenho e me puxou para um abraço. Olhou bem dentro dos meus olhos.

— As pessoas são livres para escolher seus próprios destinos Lys. Eu não...

— Não... você tem razão. — O interrompi. — Eu estou pensando em tudo que vimos, o que o Construtor fez e o quanto vejo dele em você.

Ele riu.

— Eu sempre soube que eu era divino.

— Retiro o que eu disse. — Revirei os olhos. — Mas você não me disse o mais importante da noite.

— Achei que tinha acabado de dizer... — o garoto retrucou.

— Sobre o Construtor, Evan, afinal de contas, onde está a inscrição? Onde era aquele lugar?

— Nafh'ta, o símbolo está aqui em Nafh'ta.

CAPÍTULO 9

BOAS E MÁS NOTÍCIAS

No outro dia, depois de uma péssima noite de sono e de ficar duas horas debaixo do chuveiro tentando acordar, entrei no escritório de Kyer arrastando os pés.

Eu e Evan tínhamos chegado ao consenso sobre não compartilhar o que tínhamos ouvido do guardião do tempo. Eu já não tinha dúvidas de que tínhamos mesmo um espião passando informações para Helix e, embora não achasse que fosse um dos nossos, sabia que era através de um deles que as informações estavam vazando.

Quando coloquei o pé dentro da sala, no entanto, encontrei um clima bem diferente do que esperava. Tinha alegria, Laiza com uma expressão envergonhada e um Kyer que não cabia em si.

Além deles, só o guardião e Thela já tinham chegado.

— O que foi que eu perdi? — perguntei.

Meu amigo me deu um abraço e segurou minhas mãos.

— Você vai ficar muito brava porque não te contei o que eu iria fazer..., mas mantenha em mente que você tem estado furtiva e, mesmo que fosse um desejo que tenho há algum tempo, a urgência do momento me fez adiantá-lo.

Olhei dentro dos olhos dele. Depois para Evan e Thela e por fim para a postura de Laiza.

— Kyer... o quê?

— Eu vou, quer dizer... nós vamos nos casar.

Eu tive um acesso tão grande de felicidade que oscilou minha energia draconiana. Algumas janelas trincaram e eu percebi duas coisas: Não era só a frustração que ativava os meus poderes, eram meus sentimentos. E eu precisava manter isso em mente se não queria ferir ninguém.

Meus amigos não pareceram se incomodar. Kyer ria de dar gargalhadas, Laiza parecia prestes a chorar de tão emocionada e Thela consertou o estrago com um mero balanço de mãos.

— Não se esqueça que ainda precisa passar pelo meu pai e todo o conselho Élfico. — A guerreira asseverou. — São três provas, dias de imersão..., embora, se

convenceu Laiza a se casar com você, não acho que terá dificuldade de persuadir os quatro grandes elfos.

Thela sempre tão encorajadora! Eu dei muitos abraços, senti-me feliz por eles, por estarem encontrando um ao outro mesmo em meio à confusão em que vivíamos. A alegria não durou tanto quanto eu gostaria.

— Agora vamos às más notícias — disse um recém-chegado Celen.

Os sorrisos começaram a se apagar.

— Não queria atrapalhar a comemoração, da qual, devo dizer, faço muito gosto. Porém alguns conselheiros, que vocês já devem imaginar quais são, enviaram cartas a todos os representantes das casas, todo e qualquer ser influente da comunidade mágica.

Eu coloquei a mão sobre a testa.

— Vou até me sentar, lá vem.

— Pois é — o dragão continuou —, eles fizeram um longo texto afirmando que precisavam de apoio público para uma moção importante na próxima reunião.

Evan ergueu a sobrancelha.

— Que seria?

— A caça às bruxas, eles querem autorização para caçar todo e qualquer ser que desconfiarem ter alguma ligação ao Zmora.

Thela esbugalhou os olhos.

— Eles tiveram a coragem de dizer isso?

Celen suspirou.

— Não dessa forma, é claro. O pedido é para que se registrem todas as criaturas que possam ser geneticamente ligadas aos Zmoras. Além de um requerimento para que se apresentem para interrogatório a fim conseguirem informações para a caçada dele. Mas nós sabemos o que isso realmente significa. E tem mais.

Eu cruzei os braços.

— Ah, não acharam suficiente?

O dragão balançou a cabeça.

— Sob a justificativa de evitar uma linhagem amaldiçoada, eles querem que a lei que impedia casamentos entre seres ou famílias diferentes seja provisoriamente reeditada.

— Só pode ser brincadeira — coloquei-me de pé — nós estamos em 2038, ou estaríamos se não fossem os metais, que seja! Isso é ridículo! Ninguém em sã consciência vai apoiá-los.

Thela baixou os olhos.

— A dor pode comprometer a sanidade das pessoas, Alys.

Celen balançou a cabeça. Eu funguei.

— Então é isso? Nós vamos deixar que eles façam algo desse tipo? — questionei.

— Não hoje — disse Celen. — A sede deles por poder não pode ser saciada, mas como já te disse uma outra vez, a soberba antecede a queda. Precisamos usar o orgulho deles contra eles mesmos.

— E como faremos isso? — Evan questionou.

— Dando o que eles querem, ou pelo menos a falsa impressão de que eles estão obtendo mais poder. Conheço aqueles três por tempo suficiente para saber que eles mesmo se enforçarão na corda que prepararam, e sendo expostos na sua natureza egoísta, deixarão de ser seguidos.

Kyer balançou a cabeça positivamente.

— Hoje vamos trabalhar nisso então Celen, nesse plano. Evan, se você não tiver outro compromisso, gostaria que ficasse, embora te falte delicadeza política, te sobra perspicácia e vamos precisar.

O guardião alargou um sorriso.

— Então você precisa de mim para tornar a vida do conselheiro Uriah mais difícil? Que dia glorioso, não é mesmo?

Algun tempo depois saí da sala refletindo que a trindade iria encontrar seu pior pesadelo nos próximos meses.

CAPÍTULO 10

VISITAS INDESEJÁVEIS

Com toda a confusão do pedido de casamento e da moção dos conselheiros foi só no outro dia que Evan conseguiu me contar suas descobertas sobre o símbolo.

— Eu gastei um tempo maior prestando atenção no sonho essa noite — contou — tenho certeza que o símbolo está mesmo aqui em Nafh'ta.

— Por quê?

— Porque no começo do sonho estou correndo pelas ruas da cidade, como se tivesse saído da floresta em direção a alguma coisa.

— Quer dizer que aquela visão que tivemos aconteceu bem aqui? — perguntei boquiaberta.

Ele coçou a barba que começava a crescer.

— Não sei, mas que a fenda está aqui eu não tenho mais dúvidas.

— E por onde nós começamos a procurar? — Baixei a voz.

— Acho que deveríamos começar por Nyêha, se não for um daqueles corredores...

— Podemos ter alguma informação — completei. — Faz sentido.

Um grupo de estudiosos passou por nós, compenetrados em seus DIMs. Eu esperei que virassem a esquina.

— E nós vamos quando? — falei já sussurrando.

— No fim de semana teremos uns dias livres, depois que Kyer for para os elfos. — O guardião esticou o pescoço e verificou se alguém estava vindo. — Se alguém perguntar a gente diz que foi pesquisar sobre a última lua.

Dei de ombros. Evan me puxou em um abraço.

— Ev... — ralhei com ele — alguém pode ver.

— Finjo que estava te amparando depois de você ter tropeçado. — Ele abriu um sorriso torto.

Eu cerrei os meus olhos, ele arregalou os dele.

— Que foi? Qualquer pessoa que te conheça vai acreditar nisso.

— Idiota.



Uma semana depois, eu estava aproveitando um raro tempo de descanso. Sentei-me no parapeito da janela para ver os sóis se porem em cores alaranjadas. Kyer tinha ido em viagem ao reino dos elfos da terra passar pelo crivo do pai de Laiza.

Pelas coisas que me disseram, ele era tão doido quanto um pai com poderes pode ser. Quanto um pai sem poderes também, na verdade. Celen e Evan estavam trabalhando no plano para a próxima reunião do conselho e eu ganhei uma folga. No outro dia nós íamos começar a procurar a fenda.

Laiza tinha me enviado uma série de estudos sobre as implicações do ômega sobre o DNA humano, já tinha se passado um bom tempo pós lua e ninguém manifestou qualquer alteração externa como foi na última vez.

Em compensação, o nosso corpo parecia ter esticado por dentro. Ela tinha pedido um pouco do meu sangue para fazer algumas pesquisas, percebeu que em pequena escala as pessoas tinham passado por um processo parecido com o que eu passei com a energia dos dragões.

Falando nas pessoas, depois de um ano tão estranho com a primeira lua, quem sobreviveu parecia estar se habituando às novas características. Abri minha inseparável bolsinha e peguei o pergaminho.

Todo tempo extra eu gastava entre o material da minha amiga, as pesquisas que fiz no MASP antes da primeira lua e o pergaminho do Construtor, mas desde que tínhamos voltado da visita ao guardião do tempo eu tinha deixado o último guardado. O Construtor já tinha nos dados tanto que na minha cabeça nunca ia aparecer mais nada nele.

Engano meu.

Quando abri o pergaminho, os símbolos começaram a dançar. Evoquei uma bola de fogo por pura preguiça de acender as luzes. As palavras foram se desmanchando, mudando de lugar.

Eu devo ter virado o papiro eletrônico umas cinco vezes, tentando decifrar o que tinha nele. As letras se transformaram em caminhos e me vi marcada no começo do papel, com o símbolo do cajado, iluminada.

Era um mapa. Ele estava nos dando um mapa. Agradei porque dessa vez não iríamos tatear no escuro, pelo menos não completamente já que era cheio de símbolos que eu nunca tinha visto. Fora o ponto onde claramente era eu, o resto era um mistério.

— Srta. Elemental, o Sr. Ori Athenon está pedindo autorização de entrada.

— DX12, o robô que controlava a segurança do meu quarto informou.

— Quem?

— Ori Athenon, primeiro de sua linhagem a chegar ao conselho, grande samurai, mago domina...

— Não, não precisa me contar a vida toda dessa múmia, vamos ficar aqui até amanhã... — retruquei.

— Srta., tecnicamente ele não seria uma múmia, múmias são antigos egípcios...

— DX12, é forma de falar — eu ri — quando perguntei “quem” foi retórico. Ele sabe que estou aqui? Quer dizer, você informou que estou aqui?

— Ainda não. — A voz robótica ecoou. — Segui o protocolo informado pelo guardião há alguns meses: Não responder a nenhum estranho antes de informá-la sobre a presença do estranho. Sendo algum conselheiro, pedir sua permissão imediata para informar ao guardião.

Pensei um segundo.

— Permissão dada. Informe a ele que tenho visitas.

— E quanto ao conselheiro? — o sistema me perguntou.

— Me dê a imagem dele, por favor.

Um pequeno quadro acendeu na parede, nele vi o homem, batendo o pé ritmado.

— Informe que fui avisada da presença dele e que estou chegando pelo ar em dez minutos.

O robô fez como pedi. Eu cruzei os braços e observei. O conselheiro franziu as sobrancelhas, depois pegou um celular.

— DX12, me dê o som externo por favor.

Passei a ouvir o que ele dizia.

— Sim, a garota não está, mas pretende me receber.

Silêncio.

— Não, o guardião está sendo vigiado por Cassandra, ele não vai me atrapalhar.

O homem deu algumas voltas no lugar.

— Você ficou maluco? Eu não consigo derrubar o sistema de segurança a tempo e mesmo que conseguisse, achar o pergaminho e pegá-lo seria impossível, precisamos fazer com que ela nos dê ele de boa vontade.

“Mas como é que ele sabe sobre o pergaminho e, pior, como pensa que irá me tomar ele?”

— Não, não — disse o homem sacudindo a mão livre —, espero que não seja necessário algo desse tipo, no máximo nós mandamos alguém dar um susto naquele garoto petulante e sua noiva suja.

Segurei o impulso de abrir a porta.

— Sim, fique de olho então, assim que ela apontar no céu faça os feitiços de proteção para que não fuja. Assim que souber que ela está aqui eu comprometo o sistema de segurança.

Prendi a respiração. Graças ao Construtor, Evan tinha feito um processo diferente nos nossos quartos sem que ninguém soubesse, só por isso ele não conseguia sentir minha energia dentro do cômodo.

— DX12 — chamei. — Evan te respondeu?

— Sim Srta., perguntou o que está acontecendo.

— Mande para ele a gravação do homem, avise que Cassandra está tentando distraí-los. Também envie uma mensagem a Thela, peça que ela use a linha secreta que tem para avisar Laiza e que vá para o alto do prédio para descobrir quem está espreitando.

— Mensagens sendo enviadas...

— Obrigada DX12. Agora nós vamos para outro plano, como você ouviu este senhor pensa que irá desabilitá-lo. Preciso que você evite isso, mas deixe ele acreditar que está dando certo.

— Não sei se posso fazer isso Srta. Elemental.

— Você pode sim.

Coloquei a mão na placa de circuitos e efetuei um feitiço que Evan havia me ensinado.

— Agora você tem uma energia extra e está protegido, você só precisa fingir que foi comprometido, tudo bem?

A voz dele saiu mais alta.

— Comando recebido.

Evoquei uma poltrona, só pelo prazer de lembrar Celen de alguma forma e de deixar o homem nervoso.

— Uma última coisa, preciso de um lugar tão secreto que mesmo se alguma coisa acontecer comigo, ninguém possa acessá-lo.

Um pequeno compartimento se abriu no chão. Coloquei dentro dele o pergaminho e minhas anotações.

— A senhorita deseja que mais alguém tenha acesso?

— Evan Elilmo, só ele deve receber o pergaminho.

O espaço desapareceu.

— Controle de digital aceito — o robô me informou.

Sentei-me na poltrona.

— Desligue a transmissão e abra a porta DX12.

Ele fez como eu ordenei, um segundo antes vi o rosto de satisfação do Conselheiro. O robô esganiçou a voz.

— Falha... de... segurança.

Eu não tive tempo de confirmar se nosso plano ia bem. O homem passou pela porta. Um relevo do lado do corpo deixando claro que ele devia ter vindo com algum tipo de arma.

— Olá, Alys, fico feliz que tenha resolvido me receber.

Cruzei a mãos sobre o colo.

— Em que posso ajudá-lo conselheiro? Que não poderia esperar que me encontrasse no escritório de Kyer.

— Ahh não — o homem abriu um sorriso —, não podia esperar, mas você vai me entender, queria tratar no particular com você.

— Certo — ergui as sobrancelhas —, e o que seria?

— Ahh não, precisamos de algo mais particular. — Ele mostrou os dentes.

Os olhos dele brilharam, não de um jeito legal, mas de um jeito profundamente assustador. Ele balançou as mãos e eu me senti sendo puxada para um vortex.

CAPÍTULO 11

UMA REUNIÃO NÃO PROGRAMADA

Quando o mundo parou de girar, eu estava em um galpão de tijolos. Algumas máquinas estavam encostadas na parede e o chão tinha muita fuligem. No centro, apenas duas cadeiras velhas de ferro. Evoquei o cajado. O conselheiro calmamente sentou-se em uma delas.

— Você passou de todos os limites! — Apontei o cajado para ele. — Onde eu estou?

— Acalme-se garota, não quero machucá-la. Quero conversar.

As janelas vibraram. Guerreiros surgiram nas bordas. Empunhavam espadas, varinhas, cajados e pistolas à vista.

— Bom, o senhor não pode me julgar por achar essa conversa um tanto quanto estranha.

Apontei para as pessoas que nos cercavam.

— Recebi o senhor de boa vontade em meus aposentos e sou transportada para o meio do nada e cercada por pessoas armadas. Isso não me parece uma situação digna de manter a calma.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Eu sabia que mais cedo ou mais tarde seríamos interrompidos pelo petulante do seu guardião. A Elemental é você, ele é substituível, mas você não, não é mesmo?!

Ele abriu um sorriso, eu queria quebrar aqueles dentes amarelos. Eu até tentaria fazer isso, mas lembrei-me das lições que Evan vinha insistindo em me dar.

Ele vivia repetindo que controlar a si mesmo era mais importante do que conquistar uma cidade, que eu precisava aprender estratégia. Bom, era uma boa hora de testar meus novos conhecimentos.

— Certo, continuo não concordando com os seus meios, mas sou toda ouvidos.

O homem pareceu mais satisfeito. Apontou a cadeira. Eu me sentei. Tentei a ligação mental com Evan, ainda sem sucesso. Mesmo se ela estivesse funcionando nós estávamos muito longe. De canto de olho, percebi que alguns

magos não paravam de recitar feitiços, não consegui discernir quais eram, mas tinha dois palpites: ou eram de ocultação ou de confusão. Só assim para que ninguém tivesse nos encontrado ainda. Cruzei as mãos sobre o colo. O homem abriu um sorriso amarelado.

— Então, Elemental. Tudo isso é porque gostaria de discutir com você algo importante. O seu futuro e o da humanidade.

Ergui as sobrancelhas.

— Ok.

— Como você sabe, o conselho continua insistindo em ignorar a linhagem do Zmora. Eu sei que te disseram muitas coisas sobre mim e meus aliados...

“Coisas que vocês fizeram o favor de reafirmar com ações e com as palavras” — pensei.

— Mas nós não somos monstros, não somos seu inimigo. Nós sabemos contra o que estamos lutando e que se não começarmos a agir de forma efetiva, nem você, nem as luas, vão nos salvar do estrago.

— O que você chama de “Maneira Efetiva”, conselheiro? — Cruzei os braços.

— Ações que nos levem ao paradeiro e prisão do inimigo. Nós precisamos cadastrar qualquer pessoa que possa ter ligação com os Zmoras, especialmente as bruxas e seus descendentes.

— E como isso poderá nos ajudar?

— Vai nos levar até ele, Alys. Se as bruxas não estão com Helix, não se importarão de serem investigadas.

Ele queria ser lógico, tentar me convencer de que acreditava no que acabava de falar, mas havia sempre algo lá no fundo do meu cérebro, apitando, que ele não era sincero. O homem sabia do meu papiro, queria ameaçar meus amigos! Eles podiam não estar com Helix, mas quem disse que isso era um atestado de bondade?

E eu queria gritar isso a plenos pulmões, mas de novo a voz irritante do guardião ressoava na minha mente: “seja estratégica!”

— Certo, desculpe-me senhor, mas, por curiosidade, quantos Zmoras nós conhecemos?

Ele abriu e fechou a boca algumas vezes.

— Temos o histórico de um ou outro, quer dizer, a equipe de inteligência de Nafh'ta tem.

— Certo. — Tamborilei os dedos. — E a inteligência sabe se eles estão com o Helix?

— Não, mas...

Aproveitei o desconforto dele para disparar minha máquina de perguntas.

— Eles sabem quais seres estão apoiando nosso inimigo?

— Aqueles que lutaram ao lado dele na segunda lua... — o homem começou a falar.

— Sabem se ele age sozinho ou a mando de alguém? — não dei tempo para que pensasse.

— A mando de quem ele trabalharia? — O homem arregalou os olhos.

— Isso a sua equipe é que precisa me dizer.

O conselheiro apertou os lábios. Eu suspirei.

— Eu estou aberta à sua teoria, Ori. Estou aqui, com a mente aberta apesar da forma como fui conduzida. Mas você não está me dando motivo nenhum que embase uma atitude assim, que fere os princípios de liberdade sobre os quais o seu conselho foi constituído.

Ouvi-me por um segundo, fiquei orgulhosa da minha evolução. O conselheiro suspirou.

— Pois bem, tenho alguém que gostaria de falar com você.

Ele apontou para uma porta à direita, por ela entrou a última pessoa que eu poderia esperar: Moira, a chefe das fadas.

Não consegui disfarçar minha surpresa, nem meu desconforto. O que ela pensava que estava fazendo? O ancião levantou-se e deu lugar à mulher que se sentou à minha frente.

— Sejam rápidas, nosso tempo está acabando — ordenou à fada.

E desapareceu pela porta, assim como todos os guerreiros que com ele vieram. Quando o último saiu, mesmo que eu soubesse que possivelmente estávamos sendo ouvidos, interroguei ela.

— Moira, o que diabos...?

— Não tenho muito tempo — a fada me interrompeu — você precisa fazer o que eles estão pedindo, Alys.

— Por quê? — Uni as sobrancelhas.

— Eu não concordo com os métodos deles, não mesmo, mas agora isso não importa. — Ela me olhava quase sem piscar, suor enchia sua testa de bolinhas. — Eles precisam pegar Helix e nos livrar dele e de todo perigo que ele representa.

Eu me senti como se recebesse um choque.

— Moira — sussurrei —, pelo Construtor...

— Não cite o grande mago — a tia de Evan apontou o dedo no meu nariz —, ele não fez nada para nos proteger, estamos à nossa sorte em meio à guerra de homens pelo poder. — O final da voz dela saiu um pouco mais alto.

Eu baixei meu tom de voz.

— Moira, o que está acontecendo?

— Minhas crianças... não param de chegar novas, que ficaram órfãs. O conselho mal se importa. Nós trabalhamos dia e noite, mas elas ainda têm medo e não as posso culpar. — Os olhos vidrados correram pelo lugar. — Quem garante que o Zmora não irá nos atacar qualquer dia desses?

A fada falou terminou em um sussurro, urgente e desesperado.

— Quem me garante que não terei que ver seus olhinhos vazios?

Uma dor tomou o meu peito.

— Posso pedir proteção extra para suas crianças.

Ela deu uma risada fria.

— Nem toda proteção do mundo... — Ela suspirou. — De alguns anos para cá menos fadas têm nascido, as flores não têm nos dado novas pessoas. Minha raça tentou não se desesperar, mas na semana passada os lacaios de Helix envenenaram nosso maior berçário. Podemos ser extintos, Alys!

Coloquei a mão sobre a boca, meus olhos esbugalharam.

— Por que ninguém falou sobre isso? — perguntei com a voz abafada.

— Porque o conselho não se importa com uma dúzia de órfãos, consequentemente nós somos só um número, se desaparecermos não faz diferença.

— Kyer jamais concordaria com isso! — Balancei a cabeça.

— O grande sábio tem muito com o que se preocupar, assim como você e Evan. Não me entenda mal — apressou-se a dizer — não estou dizendo que vocês não se importam...

Ela secou as mãos nas vestes.

— Estou te lembrando que tenho muitas dezenas de anos mais que vocês e sei como isso costuma terminar. Às vezes precisamos de extremos...

Franzi a sobancelha.

— Às vezes precisamos de extremos? — Eu a interrompi. — Moira, se ouça! São os extremos que geraram essa guerra. Você está me pedindo para perseguir indiscriminadamente pessoas como Laiza. Mulheres que lutaram e acabam de perder muitas vidas defendendo a grande floresta! Nos defendendo!

As mãos da fada tremeram, ela não parava de limpá-las nas vestes. Meus metais vibraram de forma estranha.

— Isso é tudo culpa do Zmora, ele precisa ser apanhado e pagar pelo que está fazendo, mas isso não vai acontecer se vocês continuarem a agir com clemência.

Escancarei a boca. Aquela não era a fada que eu conhecia, o que diabos o mundo estava se tornando?

Um bipe alto tocou. A mulher ficou de pé e se apressou em direção a um redemoinho que agora se formava na parede oposta, antes de entrar, ela me olhou de lado.

— Pense, Alys! Você acha que se o Zmora estiver frente a frente com você, com Evan ou com alguém que você ama, pensará duas vezes antes de torturá-los? Ele teve misericórdia de alguém? De alguma criança que brutalmente assassinou?

Eu fiquei de pé, ouvi a voz de Evan gritando de longe. Baixei os olhos.

— Pense você, Moira! Quando e se isso acontecer, eu quero olhar dentro dos olhos dele e ter certeza que não deixei minha dor me tornar seu igual. Você poderá fazer o mesmo?



A fada mal tinha passado pelo portal e a fábrica foi invadida por um comboio de guerreiros. Evan ia na frente com a expressão carrancuda. Achei que ele viria correndo me abraçar, ao invés disso apontou a espada na minha garganta.

— Prove que você é Alys Elilmo.

Levantei as sobrancelhas e cruzei os braços.

— Você deveria ser capaz de discernir se sou eu ou uma cópia fajuta minha, guardião.

O canto do olho dele tremeu. Sabia que ele estava convencido, mas a escolha foi minha de não dar bandeira sobre nosso status de relacionamento. Funguei. Evoquei o cajado. Os guerreiros foram abaixando suas armas.

Evan aproximou-se e me deu um breve abraço. Baixou o tom de voz para que só nós ouvíssemos.

— Mais tarde vamos conversar sobre as regras que me impôs para esconder sua mentira, isso é ridículo.

Eu falei entre os dentes.

— Nossa mentira, guardião. Lembre-se que é por uma boa causa.

Ele levantou o tom de voz.

— O que aconteceu aqui, Alys?

Tinham muitos guerreiros em volta, avaliando cada canto do lugar. Antes que eu respondesse, Kyer entrou disparado pela porta, seguido de Laiza e Celen. Meu amigo me puxou para um abraço apertado. O que não me impediu de ver o olhar acusatório do guardião, eu o tinha proibido de fazer qualquer manifestação pública de afeto. Conhecendo o garoto, qualquer pessoa desconfiaria se o visse sendo fofo. Ele não ia me perdoar por isso tão cedo.

— Lys, o que aconteceu? — Laiza perguntou.

— Fui gentilmente convidada para uma reunião, sem minha concordância prévia. Mas o que vocês estão fazendo aqui? — Coloquei as mãos na cintura. — Você não deveria estar sendo testado pelos grandes elfos?

— Nada no mundo me impediria de vir ao seu encontro, Lys.

Laiza pigarreou.

— Nada nos impediria. — Ela deu a ele um olhar de reprovação. — Você acha mesmo que eu ficaria respondendo perguntas à toa enquanto você estava sendo sequestrada?

Eu abracei minha amiga. Celen entrou voando por uma janela alta, logo depois transformou-se em humano.

— Thela me mandou uma mensagem — me olhou — quero acreditar que não entendi direito o que aconteceu.

— Bom, se ela te disse que um conselheiro me transportou sem a minha permissão para um galpão em...

Virei-me para o guardião.

— Onde nós estamos?

Evan cruzou os braços.

— Nos arredores da cidade, ele teve o mínimo de bom senso de não te tirar de Nafh'ta.

Thela aproximou-se aflita.

— Eu queria poder esperar e ouvir o que aconteceu com Alys, mas preciso dar más notícias.

Kyer foi o primeiro a falar.

— Relatório de urgência, comandante. O que houve aqui?

— Ainda não sabemos o que houve aqui, Kyer. — Ela olhou para ele, engoliu seco e continuou. — Mas o problema é o que sabemos que aconteceu em outro lugar.

— Que seria? — perguntei.

— Outra criança. — Trocou o olhar de Kyer para mim. — Ele voltou a atacar.

CAPÍTULO 12

JURAMENTOS E PROMESSAS

Helix encontrou uma pequena vila de Mofinus, homens lagartos que habitavam pântanos selvagens no Enirys três. Outro povo que estava sob forte sistema de segurança, outra criança morta.

Eu até achei que isso não aconteceria de novo, depois da segunda lua. Nós não tínhamos descoberto o porquê das almas das crianças, nosso melhor palpite era que isso o ajudava a abrigar o poder do fiapo que ele tinha roubado. Quando ficou claro que era algo mais, todas as crianças de seres não humanos foram colocadas sob forte proteção.

Mas havia centenas de milhares de crianças humanas que podiam ser pegadas, o que fez com que Kyer concordasse com uma história maluca que foi espalhada pelo mundo, de um vírus novo, para tentar minimizar o perigo.

Além disso, tinha a situação de Moira. Oficialmente ela não tinha feito nada de errado, mas Evan estava inconformado e cheio de raiva. Tentou encontrar a tia de todas as maneiras, mandou cartas de fogo, e-mails desaforados e até foi à taverna, sem sucesso.

Kyer, por sua vez, escolheu uma abordagem diferente, destacou um grupo de guerreiros para proteção deles e Laiza enviou meia dúzia de elfos treinados para auxiliar com as crianças, o que a fada chefe teve o bom senso de não recusar, embora continuasse a não responder nossas mensagens.

Em meio a tudo isso, estava eu em pé na entrada do meu jardim particular. Era uma linda noite, seria estrelada se não fosse o efeito das novas luas. Aqueles três grandes globos no céu lançavam luz sobre um grupo seletivo de pessoas sentado sob assentos flutuantes.

Entre os presentes, uma mistura interessante de seres. Um dragão, alguns elfos, meia dúzia de bruxas, igrots, um casal de tritões, os conselheiros humanos, o guardião e um avestruz tatuado, ou seja, eu.

O silêncio fazia com que o canto das cigarras fosse quase enlouquecedor.

Mas eu não estava preocupada com nada disso, estava emocionada prometendo a mim mesma que não ia chorar. Ao mesmo tempo, qualquer barulho diferente me deixava apreensiva. Olha só, estamos falando de um casamento entre

o conselheiro chefe e uma elfa com ascendência bruxa, por consequência, parente distante de um Zmora.

Kyer ter decidido dar esse passo, com essa idade, com tudo que estava acontecendo era a atitude mais corajosa que eu já tinha presenciado. Para tanto, Thela exigiu um lugar neutro, um zilhão de sistemas de segurança e toda a proteção que o conselho poderia oferecer. Eu concordava com ela.

Não que achasse que o Helix iria nos atacar, ele tinha mais com o que se preocupar do que com um casamento que estava ajudando a desestabilizar o conselho, o que era do seu interesse.

Porém, o ataque ao MASPE no ano anterior não me deixava esquecer que o inimigo não era uma pessoa, era um sentimento, algo que nunca deveria ter sido aceito, mas que inspirava seguidores aproveitando-se do medo e da dor.

Por isso estávamos ali, no jardim que Celen jurou nunca ter visto antes, cercados de seguranças. Só nosso grupo mais próximo soube antes o lugar da Cerimônia, o que Ori Athenon não cansou de reclamar enquanto subia as escadas. Depois do meu sequestro, o que o conselheiro negou muitas vezes usando o argumento irreal de que eu tinha concordado em recebê-lo, estava ainda mais difícil conviver com o homem.

Dias depois, Kyer voltou aos elfos, com Celen ajudando-o a cumprir os compromissos do cargo. Ele completou cada etapa, maluca e foi aprovado para se casar com Laiza.

Rolou até uma cerimônia com os chefes do conselho e um pedido em meio a lágrimas, feito pela mãe adotiva de Laiza, de que a mantivesse em segurança. Tudo isso, claro, tinha uma bela razão, o casamento deles era uma declaração pública de que meu amigo não iria se dobrar ao desejo de endurecimento das leis em desfavor de qualquer pessoa que descendesse de um Zmora, simplesmente por ser dessa linhagem. Eu tinha orgulho dele.

Então ele voltou pronto para se casar no dia seguinte, o que só não aconteceu porque nós não permitimos. Eles mereciam uma festa, um momento alegre em meio àquela bagunça. Eu fiquei responsável por cuidar da decoração, a tarefa mais fácil, já que a vista deixava tudo tão incrível e com poucos toques, como cadeiras, mesas encantadas e uma boa banda, verificada muitas vezes por Thela, deixei o local perfeito.

Os guerreiros da minha amiga elfa, aqueles seus amigos próximos em quem ela confiaria a vida, rodeavam o salão, vestidos a caráter, mas sem disfarçar porque estavam ali.

Eu ficava alternando entre a beleza do momento e a apreensão que alguém dissesse algo para estragar o dia dos meus amigos. Como era um dos poucos

convidados com armas, estava disposta a transformar em cinzas o primeiro que abrisse a boca em vão.

E eu tinha meus motivos. Mais cedo, tinha encontrado com uma Laiza completamente fora de si. Ela andava de um lado para o outro no quarto. Os cabelos meio presos enquanto a outra metade tentava ser salva pela mãe dela, Elion, e por uma elfa gatuna de cabelo rosa curtinho. Elas andavam atrás da minha amiga tentando deixá-la pronta.

Quando me viu entrando, ela parou de uma vez. Não deu tempo das elfas pararem e as três quase foram ao chão. Eu não consegui evitar o riso.

— Laiza, o que está acontecendo? — questionei.

— Eu não sei o que deu em mim, eu juro, eu não sei!

— De quando exatamente você está falando? — Coloquei as mãos na cintura.

— Da hora que aceitei me casar com Kyer, não quero, não vou mais.

Veja bem, se nós já não tivéssemos tido essa conversa uma dezena de vezes no último mês, eu me preocuparia. Mas não com Laiza, não sabendo por que ela se sentia assim. Segurei o rosto da minha amiga entre as mãos.

— Laiza, você aceitou porque o ama, porque vocês querem começar uma família juntos.

As lágrimas brotaram nos olhos verdes dela.

— Não quero... — soluço — não quero que ele se case comigo só para me proteger.

Isso era novidade! Elion parou de mexer no cabelo dela e franziu os cantos dos olhos. A outra elfa empinou o nariz, como era próprio deles quando escondiam os sentimentos, mas não disse uma palavra. Quando eu abri a boca para responder, uma voz surgiu atrás de mim.

— Laiza, então é isso que você pensa que eu estou fazendo?

Como diabos Kyer tinha se materializado dentro do meu quarto eu não tinha ideia. Encostei-me na parede, saindo do meio dos dois. A mãe sentou-se no canto, tentando, como eu, tornar-se transparente. Grossas lágrimas desciam pelo rosto da minha amiga.

— Eu... eu...

Nunca tinha visto Ky tão chateado.

— O que mais eu preciso fazer para que você acredite em mim? Por acaso você aceitou se casar comigo para se manter segura?

Ela empinou o nariz.

— É óbvio que não!

— Então porque não é óbvio para você o motivo pelo qual enfrento um conselho inteiro, amigos e inimigos, seu pai maluco... — Ele olhou rápido para a

elfa-mãe. — Desculpe, é verdade. — E voltou a fixar o olhar na minha amiga. — ...E o pior de tudo, aceitei colocar-me na mira direta das armas de Thela?

Olha, qualquer argumento ali poderia ser rebatido, menos o de Thela, eu não sei se existia prova de amor maior não.

Ela respirou fundo.

— Usar Thela é golpe baixo.

Ele ainda não tinha relaxado a postura.

— Faltam duas horas para o nosso casamento e você não tem certeza do motivo pelo qual estou me casando com você, o que esperava?

Ela abraçou meu amigo e eu desejei que fosse possível fazer um feitiço de desaparecimento dentro do meu quarto. Cinco minutos depois Kyer passou pela porta deixando uma Laiza totalmente diferente, o rosto dela brilhava de alegria e tranquilidade. Desejei em silêncio que um dia o que eu sentisse trouxesse toda aquela calma, no momento eu tentava até evitar os pensamentos.

— Vamos! Nós não temos muito tempo para te aprontar e tenho uma surpresa — falei.

De dentro da minha bolsa tirei uma pequena caixa. Tinha herdado ela entre os pertences da minha avó. Logo descobri que havia coisas da minha mãe também, que a sacerdotisa pretendia me dar quando a guerra acabasse. Mas essa, em particular, era algo muito precioso que eu sabia que deixaria a vovó feliz.

Quando abri a caixa, Laiza que não era muito de chorar, precisou de um lenço. Ela conhecia o objeto. Era uma bonita tiara feita de material lunar, tinha cordões de prata e pequenas pedras verdes que refletiam. Minha avó tinha usado duas vezes: em seu juramento como sacerdotisa e no casamento com Celen.

— Lys, eu não posso aceitar — afastou o objeto —, não posso usar isso. É algo especial para os Elilmos.

— Laiza, você é algo especial para os Elilmos. — Insisti colocando na mão dela a tiara. — Minha avó ficaria tão feliz. Por favor, aceite.

— Ela respirou fundo. A ninfa, que se chamava Lequar, terminou de prender algumas mechas e encaixou a peça entre elas. Laiza tirou o robe que tampava o vestido e eu perdi o fôlego. Era todo branco acinzentado, mas dependendo da forma que ela se mexia ele ficava furta-cor, o corpete era liso com pequenas flores em um decote fechado. É claro que por baixo ainda havia armas presas nas coxas e coturnos marrons. Mas quem se importa? Ela estava maravilhosa daquele jeito.

Fiz uma nota mental de avisar a Evan para ficar preparado, como padrinho era dever dele segurar meu amigo quando ele desmaiasse.

— Você está... — eu pensei o que poderia definir — você está exatamente quem você é, incrível!

— Ela me deu um abraço apertado e eu tive que ir acertar os últimos detalhes.

Agora estávamos todos à postos. Eu não tinha visto Evan ainda, alguma coisa sobre ele estar preparando uma surpresa, eu tinha medo quando o guardião resolvia fazer surpresas.

Todos os convidados estavam sentados em seus lugares, inclusive um grupo de bruxas que fingia não ver os olhares acusatórios de parte dos convidados. A líder delas, Nalhak, eu descobri mais tarde que era prima de Laiza, filha e herdeira do clã das bruxas.

Elas não pareciam se importar, cobertas com veste cerimoniais e com bonitas pinturas de metal no rosto. Teriam ficado isoladas se meus amigos e os outros familiares da minha amiga elfa, bem como Bririam e Salin, não tivessem sentado em volta delas. Fiquei pensando se não foi uma forma inconsciente de protegê-las, não que elas precisassem disso.

Pouco mais à frente estava a mãe de Thela, na confusão da crise de nervoso da minha amiga não percebi o quanto a rainha élfica estava linda em um vestido marrom e com um arranjo de folhas no cabelo. Outros amigos e os Reis elfos também, com exceção do pai de Raszen, que por causa dos acordos tinha sido convidado, achei muito digno que ele não tivesse aparecido, ele foi o único voto em desaprovação quanto a Kyer.

O altar era debaixo de uma imensa árvore. Enquanto observava, uma revoada de pequenos insetos brilhantes e coloridos pousaram nos galhos iluminando as flores que desabrochavam. Houve uma exclamação geral.

— Achei que daria um toque especial.

Evan parou do meu lado. Longas vestes azuis. Os cabelos brancos penteados. Um sorriso satisfeito no rosto. A pele dourada dele reluzia com as luas.

— Você tinha razão, agora está perfeito! — Cerrei os olhos. — E a tal surpresa?

— Já está pronta, não vou falar o que é porque exigiu muitos protocolos de segurança — passou os dedos pela boca, simulando que a estava fechando — não quero que ninguém estrague.

— Hum... — segurei o riso — levou mesmo a sério essa conversa de padrinho, hein?

— Existe um ditado entre os elfos que diz que um presente generoso em uma cerimônia de ligação deve ser retribuído pelo menos da mesma maneira. Espero que Kyer não se esqueça disso quando...

Uma nota alta demais tocou. Era a banda, tinha chegado a hora. Kyer colocou a mão no meu ombro e eu dei um pulo.

— O que está acontecendo com você, Lys? — Kyer riu — Parece tão assustada ultimamente.

Eu precisei de uns segundos.

— Concentre-se no seu juramento — respondi —, ouvi falar que os elfos não toleram erros.

— Nem deixam de perceber quando alguém muda de assunto, assim como eu — ele retrucou.

Outra nota e uma ninfa com um aparelho preso na orelha direcionou onde deveríamos ficar.

Mexi os pés incomodada. Era costume que os participantes da cerimônia entrassem em contato com o elemento da natureza que o clã representava.

Por isso os tons terrosos, o caminho ladeado por flores do bosque e nossos pés descalços. Celen posicionou-se na frente da árvore, estava em sua forma humana, vestia uma camisa bege e calça marrom. As marcas dos metais à mostra no peito, os longos cabelos avermelhados bem penteados e o rosto muito mais sóbrio do que jamais estive. Nós fomos cada um para o seu respectivo lado. Seguidos de uma Thela pouco confortável ao ser acompanhada por Raszen.

As únicas pessoas que entravam eram os noivos. Kyer ficou de pé no começo do corredor, olhando para nós, com os olhos cheios de lágrimas.

Uma melodia forte começou a tocar. Um coral de elfos cantarolava. As bruxas marcavam o ritmo batendo os punhos.

Eles tinham adaptado a cerimônia. Achei muito corajoso! Os convidados estavam divididos entre a surpresa e a desaprovação, mas eu entendia, Kyer não queria deixar dúvidas de que as pessoas seriam respeitadas com suas raízes.

Quando Laiza apareceu, ninguém mais conseguiu se manter focado na música, um conjunto de reações que variaram de surpresa a admiração.

Kyer não se virou, ela emparelhou com ele e pegou em sua mão. Quando ele a viu eu me lembrei que deveria ter avisado a Evan, porque de jeito nenhum ele ia aguentar.

Mas ele aguentou, entregou a ela uma pequena borboleta que pousou sobre a tiara, era uma joia que sua avó tinha guardado.

Os dois desfilaram pelo caminho de terra e por onde os pés tocavam, deixavam marcas douradas no chão. Quando chegaram diante de Celen foi que vi Tzeba esgueirando-se até a última fileira.

Tinha muitos dias que não via o filósofo, estava mais magro que o normal, suava frio. As vestes eram as mesmas de sempre.

Franzi a sobancelha, e fez sinal para Evan. Ele cerrou os olhos em direção ao tio de Laiza. Estávamos preocupados se toda a pressão de proteger as linhas Ley não estava afetando o homem.

Celen ergueu a voz e estendeu os braços.

— Amigos, hoje é um dia muito especial. Vocês foram convidados para presenciar algo único, a cerimônia de convergência dessas duas almas em um só corpo. Poucos, fora os elfos, presenciaram tal ocasião.

O pai de Laiza se juntou a Celen.

— Filha da terra, da curiosidade e do descobrimento, eu lhe entrego sua liberdade.

Eu entreguei a ela uma faca cravada com pedras preciosas que me foi dada antes da cerimônia.

— Filho da ordem, da sabedoria e do entendimento, eu lhe entrego sua liberdade.

Evan entregou ao meu amigo uma faca semelhante à primeira.

Eles uniram suas mãos direitas.

— Eu amo você — disse Laiza.

— Eu amo muito você — respondeu Ky.

Laços dourados envolveram suas mãos unidas, deixando-as presas. Eles voltaram a olhar para Celen.

— O amor não é um mito. Não é uma tempestade avassaladora ou uma brisa que afaga. O amor não são os dias bons, nem os ruins.

Ele fez uma pausa, sabia que meu avô não queria tornar o momento triste e que até tinha recusado o convite de reger a cerimônia, sem que fosse possível a qualquer um de nós concordar com ele. Mas era impossível não pensar na vovó Anna e em quanto ela estaria radiante nesse dia.

— O amor é mais que tudo isso. É o que faz com que nosso ar continue respirável. É por causa do amor de alguém admirável que continuamos desfrutando de toda magia à nossa volta. A fé é imprescindível, a esperança renovadora, mas o amor é maior até que a morte. Ele não é prisão, não é liberdade, não pode ser definido porque Ele é “o tudo” que nos mantém vivos. Mesmo que lhes falte todo o resto, que nunca lhes falte o amor.

Eu enxuguei uma lágrima. Vi Evan engolir seco. Thela mantinha o rosto baixo, muito interessada em uma joalinina, um tipo de inseto com carcaça de metal vermelho, que passava pelos seus pés. Raszen tinha a mão sobre o peito em posição de total reverência. Os convidados, cada um à sua maneira, demonstravam emoção.

Lágrimas cintilantes escorreram dos olhos do dragão, meus amigos voltaram a olhar um para o outro. Enquanto cortavam as cordas que uniam suas mãos, Laiza fez seu juramento:

— Que a minha liberdade seja o seu alento. Que a sua felicidade seja a minha coroa. Que os dias de chuva reguem a terra seca e tragam a nova relva sobre

o seu coração. Que a curiosidade seja um adorno à sua ordem e eu possa desfrutar da sua companhia verdadeira até o último dos meus dias. Nem a terra, nem a curiosidade, nem mesmo o descobrimento são mais importantes do que o amor.

Logo depois foi Kyer:

— Que a minha liberdade seja o seu alento. Que a sua felicidade seja a minha coroa. Que a ordem seja adorno ao seu conhecimento e eu possa desfrutar da sua companhia amável até o último dos meus dias. Nem a ordem, nem a sabedoria, nem mesmo o entendimento são mais importantes do que amor. E eu amo você.

As cordas soltaram-se e antes que atingissem o chão, tornaram-se cinzas. Os pulsos antes presos, agora tinham bonitos símbolos que representavam as respectivas famílias.

Celen voltou a falar.

— Que todo o universo contemple que as tempestades passam, os vendavais se extinguem, os poderosos perdem o seu domínio e o homem mal encontra seu destino, mas o amor continua vencendo todos os dias.

Os pequenos insetos criados pelo guardião balançaram as árvores, o vento soprou delicadamente e as pétalas azuis, com formato triangular e pontas de metal, espalharam-se pelo ar. As pessoas romperam em aplausos emocionados.



Muito mais tarde, quando meus pés latejavam e as bochechas doíam de tanto sorrir, eu me sentei e fui servida por uma ninfa. As pequenas flores que enfeitavam a mesa dançavam no ritmo da música. Evan, que eu não vi boa parte da noite, sentou-se ao meu lado. Tinha terra na barra das vestes e os cabelos começavam a se rebelar. Mas o brilho do olhar estava ainda mais radiante.

— Hoje você está parecendo um personagem das antigas, de uma das animações preferidas de Ky.

Ele cerrou os olhos.

— Qual deles?

— Um velho baixinho que desaparecia toda vez que precisavam dele.

Ele riu alto.

— Esse eu conheço. Mas você precisou de mim hoje?

— Mais ou menos, Ori Athenon queria que a banda tocasse uma coisa chamada Valsa para que eu “concedesse uma dança a ele”.

Repeti o final da frase fazendo uma imitação pomposa da voz do conselheiro. Evan levantou as sobrancelhas.

— Depois de tudo que aconteceu no mês passado?

Ele lançou um olhar ameaçador em direção ao lugar onde o conselheiro estava sentado.

— E a banda tocou?

— Pelo Construtor, NÃO! Me lembre de pagar um bônus a eles por isso.

Evan se calou por um breve momento. Depois ficou com um olhar perdido.

— Eu tenho pensado sobre os nossos últimos treinamentos.

Foi minha vez de abrir um longo sorriso.

— Evoluí bastante, não foi? Fiquei orgulhosa de mim.

— Com razão — ele balançou a cabeça —, mas não me surpreendeu.

Cruzei os braços e cerrei os olhos. Ele me olhou de canto.

— Saia da defensiva, foi um elogio! Eu só quis dizer que já sabia que você faria isso.

Relaxe os ombros. Ele fixou o olhar nos nossos amigos dançando. Laiza mais solta do que tinha visto em todo esse tempo.

— Ainda assim, analisando friamente, acho que estamos errando em um ponto.

Eu sabia que tinha um problema. Torci o nariz.

— Não seja rabugenta — o guardião disse —, meu trabalho é te levar à sua melhor forma, mas percebi que o “nós” está atrapalhando isso.

Eu tinha passado tantos meses escondendo que existia um “nós” que nunca cogitei como me sentiria se realmente não existisse. Não foi confortável.

— O que você quer dizer com isso? — Tentei soar o mais firme possível.

— Que nossa ligação mental está prejudicada por causa de nossa situação mal resolvida. Eu te jurei a verdade, Alys, mesmo que custasse minha vida! Toda vez que eu digo a alguém a mentira de que sou somente seu guardião nossa ligação fica mais confusa. É como um sinal com interferência no poder que fluímos em conjunto.

Pensei por um segundo.

— Como você tem certeza disso?

— Eu só sei, eu entendo sua preocupação com Celen e com o conselho, mas olhe para Laiza e Kyer. — Ele fez um sinal em direção aos meus amigos dançando. — Você acha mesmo que nossa situação é pior que a deles?

Eu fiquei calada, ele respirou fundo.

— Eu só te peço a verdade, Lys, se você não se sente pronta eu entendo, se não me... — ele murchou os ombros — eu não quero te pressionar entende? Se os seus sentimentos são diferentes dos meus eu posso viver com isso, posso ser só seu guardião, posso ser só seu amigo. O que eu não posso é ser uma mentira na sua vida, não só pela nossa missão, mas por mim mesmo. E tem mais, não acho justo enganar Celen e os nossos amigos.

— Eu não posso falar sobre os seus sentimentos... — interrompi.

Quem via nossa conversa devia estar achando estranho, duas pessoas falando entre os dentes enquanto olhavam fixas para lados diferentes.

— Mas não tenho dúvidas dos meus, se é isso que você está pensando — completei. — Eu só me sinto culpada.

Evan olhou para mim.

— Culpada pelo quê?

Suspirei.

— Estamos em guerra, muitas pessoas perderam quem amavam, então acreditar que tenho o direito de viver algo diferente do que a preparação para a última lua me faz sentir mal.

Ele relaxou um pouco o semblante, agora tinha até um meio sorriso.

— Isso é a sua cara! Lys, o que foi que o Construtor te disse na última lua?

— Que eu precisava me sentir menos responsável pelo mundo, mas...

— Sem ‘mas’ Lys, tem outro motivo?

Olhei nos seus olhos em chamas azuis, eu tinha passado muito tempo negando a verdade de que estava me privando das coisas, achando que assim ajudaria a cumprir minha missão. Tudo tinha ficado mais difícil depois daquele beijo. Eu tinha mais medo de perdê-lo e ao mesmo tempo mais coragem de lutar com ele.

— O que você acha que devemos fazer? — perguntei.

— Diga você! Foi você quem quis segredo.

Uma voz ressoou nas nossas costas.

— O que você está mantendo em segredo, Alys?

Droga, era meu avô. Eu estava aceitando a ideia de que tínhamos que falar com ele, mas achei que teria pelo menos um tempo para me preparar. Evan olhou para mim, ouvi sua voz na minha mente, ainda muito baixa e distante, mas muito melhor do que nos últimos meses.

— É agora ou nunca.

Eu não cogitei o nunca? Não. Mas se eu pudesse congelar o tempo, ia pelo menos me dar o tempo de respirar.

— Oi vovô, era com você mesmo que eu queria falar.

O dragão sentou-se à nossa frente, fez uma pequena bolinha que saiu disparada em direção a Ky. Meu amigo colocou-a sobre a testa, deu um sorriso e cochichou algo no ouvido de Laiza. A elfa suspirou profundamente com um sorriso largo no rosto, olhou na minha direção e sublinhou a frase: ATÉ QUE ENFIM.

Eu franzi as sobrancelhas, Evan deu de ombros. Nós olhamos para o meu avô que mantinha as mãos cruzadas sobre a mesa e uma expressão estranha, algo entre alívio e preocupação.

— Finalmente vocês decidiram nos contar que estão juntos?

Olha só, eu já tinha visto muitas novelas, séries e filmes, graças a Kyer e a vó Anna, mas aquele foi o maior plot twist da história!

Evan estava tão assustado quanto eu. Quando ele conseguiu recuperar a voz fez algo inimaginável. Aquele guardião orgulhoso gaguejou.

— Celen, me me... me desculpe, eu deveria ter feito um pedido formal em conformidade com as tradições dos Elilmos e dos Radul.

— Cale-se guardião, o passado não muda o que vocês deveriam ter feito.

Nunca Celen tinha sido tão duro, e que papo era aquele de tradições? Gente, era só um namoro, não era?

— Em outras épocas, isso seria profundamente ofensivo, eu sou o único familiar direto de Alys. Como você não é mais um Uriah ela não deveria se apresentar à sua família, porém isso não anula seu lado.

— Vovô...

— Deixe-me terminar, Alys.

Achei mais prudente não falar nada.

— Mas por hoje, não pretendo guardar essa ofensa.

Eu fiquei pensando se poderia voltar a respirar, resolvi ter certeza antes.

— Você não é uma criança, Alys, e não vou cair na armadilha de tratá-la como seu pai fazia, mas pensei que confiasse mais em nós.

Eu preferia que ele tivesse feito como meu pai.

— Não é isso, vovô, eu não queria... — Tentei me explicar.

— O quê? Nos dar a alegria de te ver feliz com uma escolha própria pela primeira vez?

Ele não estava bravo, estava ofendido. Era pior. E eu não sabia nem o que falar para amenizar as coisas. Ele respirou fundo.

— A maior coisa para a qual trabalhei como conselheiro foi para que a profecia siga seu curso. Mas a única que realmente espero de você é que seja feliz. Eu sei que hoje carrega um peso enorme sobre os ombros, mas as luas vão passar, você terá outros desafios e espero que vocês dois não percam a oportunidade de aproveitar cada minuto da vida. Aprendam com aqueles dois o que não é possível aprender comigo, o Conselho não é dono de vocês.

Eu sabia que o discurso tinha muito de como ele se sentia nos últimos tempos, sem a vó Anna. Ele já estava se levantando quando segurei sua mão.

— Vô, desculpe, você sabe que confio no senhor.

— Eu sei Alys, só não deixe a profecia sufocar você, tenho plena convicção que não era essa a intenção do Construtor.

Concordei com a cabeça. Evan assumiu um ar respeitoso.

— Senhor, desculpe a pergunta, mas, por uma total questão de segurança, como foi que vocês descobriram? Alys me fez cumprir mais protocolos do que eu achava ser possível.

O dragão levantou as sobrancelhas.

— Enquanto não se escolhe uma nova sacerdotisa eu estou ajudando Tzeba a monitorar as linhas Ley. Só duas coisas mudam o DNA mágico de alguém, o ódio e o amor. Te conheço bem o suficiente para saber que não era o primeiro caso.

Eu cruzei os braços, indignada.

— Isso não explica como você sabia que se tratava do Evan.

Ele ergueu ainda mais as sobrancelhas, e conteve um risinho. Acho que estava custando muito manter a pose de avô chateado.

— É sério isso, Alys? Qualquer um a quilômetros de distância percebia que tinha alguma coisa acontecendo. Por Kyer nós tínhamos perguntado há semanas, mas achei que era certo esperar que vocês desejassem nos falar.

Isso explicava a perseguição constante na qual meu amigo estava me mantendo. Fiquei um pouco envergonhada.

— E é obvio que não foi só sua impressão mágica que mudou, o padrão era idêntico, não podia ignorar. Quando sua avó me falou pela primeira vez...

— A vovó?

— É, Alys, ou você acha que essa impressão mudou de uma hora para outra? Achei que você conhecia melhor os próprios sentimentos depois de tudo que passou.

Hoje era o dia universal de me fazer passar vergonha ou o quê? Cerrei os olhos mais ainda, ele deu de ombros.

— Bom, eu tenho que ir, estão me esperando para uma reunião. Só uma última coisa: Não sou só eu que posso ver as mudanças nas linhas, alguém bem treinado ou antigo o suficiente para compreender os funcionamentos do universo não terá dificuldades de perceber que algo mudou.

Evan enrijeceu as costas.

— Inclusive o porquê da mudança?

— Especialmente isso! Treinem mais.

Eu me perguntei se era possível treinar mais do que já fazíamos, na mesma hora percebi o meu erro, Evan estava religado aos meus pensamentos, no rosto uma expressão de que tinha aceitado o desafio. Era possível sentir falta dos treinos da Thela.

Antes que eu pudesse tentar, em vão, melhorar minha situação, uma sirene tocou ao longe.

CAPÍTULO 13

O QUE EU TEMIA ME APUNHALOU

Os poucos convidados que ainda estavam presentes se apressaram a cumprir os protocolos que repassamos uma dezena de vezes. Eu não pude acreditar, com toda a equipe de inteligência tentando monitorar, o acompanhamento de uma força-tarefa conjunta composta por integrantes de quase todas as raças mágicas, ele atacava, mas por quê?

Evoquei o cajado, Evan sua espada. Vi Celen com as mãos erguidas, criando uma redoma de proteção. Eu ia me juntar a ele quando percebi que no outro extremo havia uma movimentação diferente. Bririan estava semiparalisada, os olhos desfocados. Salyn segurava seu corpo enquanto ela apertava a mão do igrot.

Desde as mudanças da primeira lua, a ninfa vinha trabalhando para aprender a dominar seus poderes. Ela estudou as transformações do próprio corpo com a ajuda de Laiza, mapeou suas veias e estava cada vez mais talentosa em controlar as visões.

Ao ver minha aproximação, fez um sinal com a mão livre, chamando-me para perto. Quando segurei sua mão, ela puxou meus dedos sobre seus olhos.

— Veja até o fim — disse com a voz trêmula — sei que é uma cena dura, mas você precisa ver tudo. É a primeira vez que consigo chegar até ele.

Acenei em concordância. Ela respirou fundo. Minha visão escureceu.



Era estranho ver uma visão de outra pessoa, as imagens estavam borradas, como se eu assistisse a um filme.

Foquei no momento que vi Helix passando por mim, os olhos assustadores, vazios. A espada com caveira pronta para o combate. Estávamos em uma estrada, em torno o deserto se estendia pelo horizonte.

O Zmora parou em um ponto. Cerrou os olhos. Ergueu as mãos e recitou um feitiço. A imagem tremeluziu. Um pequeno sorriso surgiu no canto da boca do homem. Ele recitou agora com mais força.

Uma rachadura apareceu no ar, abrindo passagem para o lugar onde o antigo feitiço protegia. O Zmora já entrou atacando. Era um vilarejo de casinhas de tijolos a vista, com tetos coloridos. As pessoas da cidade estavam bem à nossa frente, em uma praça. Estavam comemorando alguma coisa, havia bandeirolas penduras e pequenos vidros com velas suspensas no ar.

O telão que passava um clipe ficou com um buraco fumegante quando o Zmora disparou um feitiço. A cena virou um pandemônio. Demorei a perceber que havia muitas crianças, das mais diversas raças, os adultos eram fadas ou guerreiros com o emblema de Nafh'ta.

A confusão das explosões me fez perder o Zmora por alguns segundos. Meu coração congelou quando vi Moira levantar sua varinha em direção a Helix, os poucos adultos que ainda não tinham sido atingidos fizeram a mesma coisa e tentavam proteger as crianças com seus corpos.

O Zmora começou a evocar seus sacos de ossos e eu quis fechar meus olhos, eu não queria ver. Como se respondendo ao meu desejo, a cena mudou.

Helix estava em um quarto branco, feito de algo semelhante a sal. Havia vergões em seus braços e sangue jorrava do lado esquerdo do rosto. Entrou no banheiro, lavou os machucados e evocou um metal para que servisse de curativo.

Depois abriu sua porta secreta e desceu pelo corredor mal iluminado. Algo me fez temer, embora Bririan tivesse me mandado ver até o fim, e eu soubesse que era somente uma visão, algo além da presença do Zmora me deixava desconfortável.

No fim da caminhada, estávamos de frente a um espelho medonho, com alfinetes de metal pregados na moldura.

Helix ajoelhou-se sobre uma perna e baixou a cabeça.

— Meu Senhor, feito como ordenado.

O Espelho tornou-se tão branco quanto leite e eu tive um impulso de fugir. Não conseguia ver a forma que o Zmora via, mas a força mágica era inegável e me fez tremer violentamente.

— Muito bem, meu servo, você será recompensado pelo trabalho. Amanhã deve acordar ainda mais pronto para enfrentar o Edom.

Ele continuou de cabeça baixa.

— Algo te incomoda? — a forma perguntou.

— Eram muitas crianças, todas órfãs. Seus protetores pareciam acreditar que estavam fazendo o melhor por elas — o Zmora respondeu.

A voz se intensificou um pouco.

— Alguns deles acham isso, Helix, mas não se engane, ninguém fez nada melhor por eles do que você hoje. Elas iriam crescer e se tornar tão repugnantes

quanto qualquer outro de sua raça. Gananciosos, aproveitadores e dignos de pena se não tiverem quem os governe.

O Zmora levantou-se.

— É verdade, meu senhor — o homem respondeu com a voz um pouco mais firme.

— Lembre-se que cada criança oferta sua alma para te deixar pronto a conquistar nossa vingança, contra quem nos condenou a essa existência medíocre e vergonhosa. Você mesmo tem visto o poder que consegue evocar graças a esses rituais. Em breve, nós teremos nosso ressarcimento, então cada criança dessa viverá em paz. Agora vá, descanse que terá um dia cheio amanhã.

O ossudo homem confirmou com a cabeça e virou-se para mim. Esperei ver dúvida nos olhos dele, sobre esse discurso estranho. Pelo contrário, o que vi foi um certo alívio. Não me aproximei do espelho, talvez eu deveria, mas tive medo da energia estranha que saía dele.

Segui o Zmora, vi quando ele se sentou na cama, conjurou a foto que eu conhecia de um antigo sonho. A casa em chamas, a lembrança viva de tudo que ele tinha passado. Ao abraçar a foto o feiticeiro fechou os olhos.

— Eu vou cumprir minha promessa.

E ficou ali até que tudo desapareceu.



Voltei para o casamento. Evan sentado ao meu lado. Antes que eu falasse, Bririam teve um desmaio e precisou ser acudida por Celen.

— Ainda estou dominando as habilidades de mostrar minhas visões — explicou quando voltou a si —, isso acaba esgotando minha energia.

— Eu imagino — respondi. — Meu estômago parece que vai pular para fora.

A mulher assentiu e tomou fôlego.

— Você viu tudo?

— Vi, gostaria de não ter presenciado, mas vi.

Kyer juntou-se a nós, aturdido com as medidas de segurança que o impediam de se informar melhor.

— Alguma novidade para mim? Ainda estamos com os embargos de segurança, acho que, mesmo se não houver risco iminente, temos mais uns dois minutos.

Foi nesse momento que a realidade do que aconteceu me atingiu. Que eu percebi o que tinha que contar ao guardião e o quão terrível a guerra com o Zmora estava sendo. Bririan murchou os olhos para mim. Eu segurei a mão de Evan.

— O ataque foi às fadas — olhei para o guardião —, eu sinto muito. Ela fez o que podia para manter suas crianças em segurança.

Ele segurou minha mão com um pouco mais de força e baixou a cabeça. Eu levei a mão ao colar. Podia não concordar com a decisão dela de apoiar o pedido do conselheiro Uriah, mas compreendia, ainda mais agora, o quanto seu medo era real.

Ficamos assim por algum tempo antes que Kyer resolvesse quebrar o silêncio.

— O embargo caiu, vamos, nós precisamos...

Evan colocou-se de pé.

— Vocês não precisam de nada, já basta que não possa tirar algumas semanas de folga e viajar com Laiza. Preparei uma surpresa para vocês e quero que desfrutem dela, Celen, Thela, eu e Alys estamos aqui para cuidar de tudo.

— Evan... eu sou o chefe do conselho, não posso...

O guardião apontou o dedo no nariz de Kyer.

— Ah você pode sim, você vai! Não existe nada que possa fazer, que nós também não possamos no seu lugar. Aliás... — Ele apontou para Celen. — Oficialmente você já é o chefe substituto desde ontem, não é?

O dragão concordou.

— E tem mais, ninguém nem precisa saber que não foi você que fez. — Evan completou. — Não é, Thela?

A elfa empertigou-se.

— Sem sombra de dúvidas.

Eles ficaram se olhando sérios pelo que pareceu uma eternidade, até que um pequeno sorriso brotou no rosto do meu amigo.

— Guardião, você está querendo que eu fique em dívida com você por algum motivo?

— Conversamos sobre isso depois, agora tome isso.

Eram dois dados azuis.

— Um portal tridimensional? — Laiza escancarou a boca.

— Especialmente criado pela nova chefe da grande floresta, para permitir que vocês aportem no monte Tâima, em um chalé de metal preparado por mim.

— Como diabos você conseguiu algo assim? — Kyer perguntou.

— Tenho meus contatos e pedi que Thela ameaçasse algumas pessoas também.

A guerreira deu de ombros e balançou a cabeça.

— Vocês têm certeza que isso é prudente? — Ky perguntou, franzindo as sobrancelhas.

— Absoluta — Celen respondeu.

Meus amigos apertaram os dados e começaram a desaparecer na nossa frente. Não antes que eu pudesse ouvir o sussurro da voz de Ky.

— Eu estou ferrado! É melhor já começar a pensar antes que eu precise retribuir o presente...

CAPÍTULO 14

A CAMINHO DO ABISMO

Voltei para o meu quarto, exausta pelos acontecimentos dos últimos dias, depois de horas respondendo a e-mails, enquanto Evan, Celen e Thela davam ordens de segurança aos guerreiros nos quatro cantos do planeta. No dia seguinte Laiza e Kyer estariam de volta, mas se Helix tinha voltado ao ataque das crianças, não tínhamos muito tempo para encontrar a fenda.

Fiquei uns quinze minutos debaixo do chuveiro, na esperança que a água ajudasse a aliviar o peso que eu sentia nos ombros. Era um exercício constante não me sentir mal por aquilo que eu não podia mudar.

Já estava deitada quando o DIM piscou. Um aviso do guardião.

“Durma. Hoje, três da manhã. Segunda porta. Quarto andar. Ala oeste. O ataque foi uma distração. Precisamos encontrar o abismo.”

“Precisamos encontrar o abismo” não podia contar como bom agouro.



Com os óculos de Lifran me ajudando a desviar, consegui chegar ao lugar marcado sem que nenhum guarda me abordasse. Evan me esperava encostado na parede, com seu DIM aberto e as sobranceiras franzidas.

— Você trouxe o pergaminho? — perguntou.

Eu balancei a cabeça positivamente.

— Vamos descer primeiro, depois abrimos ele.

Achei que ele iria entrar pela porta, ao invés disso, deu dois passos para o lado e colocou a mão sobre um quadro bizarro que tinha pendurado na parede. Era de um homem alto e cheio de músculos, com uma camiseta polo, bermuda, boné quadriculado e um apito preso a uma corda no pescoço. Em resposta ao ato do guardião, o homem ganhou vida, colocou o apito na boca e soprou. Eu olhei para os lados, não tínhamos que fazer silêncio?

— Ao guardião do segredo, permitimos a passagem. — O quadro ecoou com uma voz forte.

— O quê...?! — comecei a dizer.

— Tzeba. — Ele me interrompeu. — Ele me deu acesso às passagens secretas do prédio.

— Quer dizer que sempre houve uma entrada nesse andar e a gente precisava descer tudo aquilo de escadas? — Fiquei indignada.

Ele deu de ombros. A porta do lado do quadro mudou de forma, virando duas, e se abriu para um pequeno cômodo. Na parede, totalmente interativa, os botões tinham números em uma grafia antiga e piscavam conforme passávamos pelo andar correspondente.

— Eu não posso acreditar, tem elevadores aqui Evan. E.L.E.V.A.D.O.R.E.S! — pontuei.

— Não existem elevadores públicos. O que existe é um outro que transporta os funcionários para facilitar o serviço, além dessa passagem secreta para os arredores de Nyêha. Imagina se precisarmos de Tzeba ou se alguém de lá precisa vir com urgência à cidade, ter que passar por todo o caminho da gruta.

— Sem dúvida, mas por que não para todos nós?

Evan continuava concentrado em seu aparelho eletrônico.

— Deve ser porque a maioria das pessoas não precisa subir escadas, pode pousar direto em uma das sacadas.

Voltei a observar os botões.

— Por que o filósofo te deu acesso? — perguntei.

— Eu disse que precisava de um lugar para treinar com você em situação de risco de desabamento e prometi que faria todos os feitiços necessários para proteger o local.

Olhei para o guardião, boquiaberta.

— Você pretende entrar em Nyêha de madrugada sem autorização? — Arregalei os olhos.

— Nós temos autorização, nunca disse em que horário iríamos aparecer.

A caixa deu um solavanco, a luz que pontuava o andar já tinha passado por uns cinquenta botões. Um próximo ao nosso começou a piscar e Evan se apressou a apertar o único botão de cor diferente, azul, que tinha no painel.

— Tem mais alguém querendo usar o elevador, nesse horário achei que ninguém iria usá-lo.

Passamos pelo andar que piscava sem que a caixa parasse. Evan soltou o botão.

— Abra o pergaminho, vamos ver de novo o mapa.

Abri minha velha companheira de couro, além do pergaminho algumas poções que eu tinha aprendido com Laiza e Celen, em frascos verdes e longos quando de cura e nos prateados redondinhos quando eram os de força.

Não era bom ficar potencializando a magia com poções, principalmente em casos como o meu e do guardião, em que nossa força natural já era muito grande. Quando o efeito passava, a tendência era uma bela dor de cabeça, músculos machucados e em piores casos, até a morte.

Mas como nossa situação era atípica, resolvi arriscar. Também havia uma pequena porção de todos os metais mágicos e mais uma dúzia de não mágicos, fortalecidos por feitiços que fiz a semana toda. Embora fosse possível encontrar a maioria deles por todo o planeta, eu nunca tinha ido ao Edom, não era uma boa hora para arriscar.

Parte da minha evolução mágica tinha a ver com os metais, com as diversas modificações que eu agora era capaz de fazer. A minhas luvas cravejadas tinham muita força, não quis ficar sem elas. O celular piscou quando passei a mão por ele, apareceu a foto de fundo, uma imagem dos meus pais que estava junto das coisas da vó Anna.

Ignorei a saudade que me bateu, peguei o rolo tecnomágico e abri como fiz alguns dias antes. O guardião não se afastou, como na primeira vez, mas baixou a cabeça de forma respeitosa e mexeu os lábios de forma silenciosa.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Só estou agradecendo.

— Pelo quê?

Ele levantou os olhos para mim, sério. As chamas brilhavam ainda mais intensas.

— Poucas pessoas no mundo viram o que estamos vendo, Lys. Ser escolhido não é só sobre estar disposto a morrer por algo, é sobre estar pronto para desfrutar de coisas como esse pergaminho.

Olhei de novo para o pedaço de papiro. Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Evan, aqueles sonhos estranhos continuam?

Ele arrumou a posição da coluna.

— Não se preocupe com isso. Agora abra o mapa, precisamos entender onde estamos indo.

Mais uma vez um botão de andar começou a piscar. O guardião prontamente apertou o círculo azul que impedia a parada do elevador, franziu a sobrancelha e fez um feitiço com a mão livre. Um pequeno pássaro que em seguida pegou fogo. Depois virou-se para mim como se nada tivesse acontecido.

— Então, como está nosso mapa?

Cerrei os olhos.

— Diferente. O caminho entre meu quarto e Nyêha já não aparece. — Coloquei o dedo sobre um quadradinho que se movia. — Acredito que aqui

sejamos nós descendo os andares. Todo o resto são símbolos sem nexos.

— Vamos por partes — ele respondeu, chegando o rosto mais perto do papel.

Percebi que, diferente do que ele faria em outras situações, Evan não tocou na placa mágica que era o pergaminho.

— Aqui. — Ele apontou em um ponto onde uma seta dançante brilhava. — Acho que devemos descer quando chegarmos perto dela.

— É perto de Nyêha?

— Não, é do outro extremo. Mas temos duas opções, ou seguimos nosso plano ou o pergaminho.

Olhei de novo o papiro.

— Não temos muito tempo para ficar testando ideias, acho que devíamos tentar o mapa, é uma chance mais certa, não é?

O guardião olhou para a posição do quadradinho que éramos nós e para a placa do elevador.

— Sem dúvida.

O garoto calculou quantas passagens ainda faríamos e apertou o botão correspondente, a caixa deu outro solavanco. Nós fomos pregados na parede oposta à porta, o elevador fez uma curva estranha deixando-nos deitados e começou a correr ainda mais rápido.

— Ev — gritei — o que diabos...

— Olhe o mapa — o guardião respondeu com dificuldade.

Eu tentei levantar os braços e olhar para o papel, mas era como tentar erguer um automóvel com as mãos.

— Ev — liguei nossas mentes — não consigo!

— Tente seus poderes, os meus não funcionam — ele respondeu — precisamos saber para onde estamos indo.

Na placa à nossa frente os botões mudavam rapidamente de cor. Respirei fundo. A caixa parecia correr ainda mais rápido. Evoquei a luva que foi tomando forma no meu braço, graças ao Construtor eu tinha trazido os pedaços de metal na bolsa.

Quando ela terminou de se prender, ocupava os dois braços, com retalho dos metais e símbolos cravados em alpha e ômega. Uma árvore, que eu tinha certeza que era nova, estava tatuada no lado com Lifran e Syfar.

Vi que mesmo com ela, tentar levantar o pergaminho ia ser um desastre, corria o risco de estragar o material. Por isso coloquei a mão direita sobre o papel e me concentrei nas linhas Ley. Fechei os olhos e vislumbrei o que acontecia no mapa.

Havíamos mudado de direção, existia um muro nos separando da seta. O elevador balançou, vi quando nossa miniatura entrou em um buraco que tinha acabado de aparecer. Liguei minha mente à do Evan.

— Olha isso!

Não precisou que ele se focasse no que acontecia na minha mente, a caixa metálica se endireitou e nós nos soltamos da parede com um baque.

— Voltamos a descer — ele respondeu depois de uma olhada no mapa — voltamos a ir para o lugar certo.

Os botões da placa piscavam freneticamente de cores diferentes e sem nenhuma ordem. Um clique e a parede atrás de nós se moveu, meu primeiro instinto foi correr para o outro extremo. Ela começou a se modificar até que uma porta se formou, com a árvore gravada em ouro e o símbolo das asas no meio, em Lifran e Syfar. Um buraco para nossas mãos terminava o formato da passagem.

— Tzeba te disse algo sobre isso? — perguntei.

— Nem imagino que ele saiba que o Elevador possa fazer tal coisa — disse olhando fixo para os símbolos —, a única coisa que me disse era para ter paciência que às vezes o elevador era muito lento.

— Ele tá sabendo direitinho mesmo — respondi.

— Pronta?

Concordei com a cabeça. Colocamos as mãos sobre os símbolos e a porta começou a se derreter até abrir por completo a passagem. Do outro lado, estávamos em uma caverna imensa, muitos metros abaixo do que era o prédio do conselho.

Olhei de novo o mapa, não havia mais elevador, o que constatei um pouco assustada, que era verdade também no plano físico. Atrás de nós só a parede de terra.

— Não se preocupe, uma coisa de cada vez, depois descubro como vamos voltar, ok? — Evan disse, dando um passo à frente.

No pergaminho, todas as linhas confusas e símbolos tinham se agrupado e refletiam a cratera que víamos logo à frente. Só ela estava desenhada no mapa, assim como, embora tenhamos analisado todo o lugar, não havia outras passagens.

O Guardião tirou a espada e a acendeu de forma que sua lâmina agora era rodeada por longas chamas azuis. Eu evoquei o cajado e fiz com que bolas de fogo pairassem sobre a ponta dele.

— Bom, não imagino que você queira descer voando para o nada — disse Evan.

— Na hora de subir, talvez, mas não, descer não — respondi.

Ele riu.

— O mapa não tem mais nada mesmo? — o guardião questionou espiando por cima do meu ombro.

Balancei a cabeça em negativa. Ele deu de ombros.

— O que a gente esperava? Chama abismo o lugar!

Eu esperava que essa fosse a única coisa literal que íamos encontrar.

CAPÍTULO 15

UM ABISMO E DOIS CAMINHOS

As paredes da cratera tinham degraus esculpidos em espiral, o que me fez pensar em como tinham sido feitos ou quem teria tido a paciência para tal feito. A luz fornecida pela clareira acima não durou muito, logo éramos só eu e Evan iluminando poucos passos à frente com a espada e o cajado.

O garoto jogou uma pedrinha no barranco e nós descemos vários lances na expectativa de ouvir ela batendo no fundo, até que nos esquecemos dela.

Nas paredes, que de início eram comuns, desenhos em alto relevo apareceram. Todas as histórias antigas estavam sendo contadas, de trás para frente, com metais que se movimentavam acompanhando a luz que nós projetávamos.

No começo os desenhos ilustravam a revolução dos metais, as mudanças das pessoas, o tempo em que as mulheres e fêmeas se tornaram inférteis. As desconhecidas substâncias surgindo do chão.

Continuamos descendo e agora vi o século anterior, a internet em sua forma primitiva, o descobrimento de algumas vacinas e as grandes guerras. O único som era dos nossos pés batendo sobre os degraus de pedra.

Em certo ponto, quando as inscrições eram de um grupo de homens em um precário barco, enfrentando uma tempestade, meus metais começaram a reagir. Davam-me choquinhos e brilhavam quando eu sem querer encostava nas paredes.

— Ev — falei mentalmente —, você está sentindo?

Ele me olhou pelo canto do olho.

— Tem um tempo que as linhas Ley estão se modificando, quanto mais descemos mais primitivas elas parecem — ele respondeu.

— Falando nisso, você tem ideia de quanto tempo mais vamos descer? — Estiquei o pescoço para o buraco, sem conseguir enxergar muita coisa.

Ele só balançou a cabeça em negativa e continuamos.

Não muito tempo depois, o garoto parou abruptamente. Eu precisei me equilibrar para não esbarrar nele e fazer nós dois rolarmos escada abaixo.

— Ai — reclamei através da nossa ligação mental. — Por que você paro...

Esqueci o que ia dizer antes de terminar a frase, não havia mais degraus e se ele não tivesse parado nós teríamos caído.

— E agora? — perguntei.

Ele ergueu a espada e a balançou tentando iluminar mais. Eu fiz o mesmo com o cajado sem muito sucesso.

— Não era meu plano, a última coisa que precisamos é chamar atenção, mas não vai ter outro jeito.

O garoto encostou a espada na parede, começou a fazer movimentos circulares com as mãos até que uma bola de fogo brilhava entre seus dedos.

— *Ypárchei fos.*

Ao seu comando o pequeno sol voou metros à frente de nós e se expandiu iluminando expressivamente o buraco.

Eu puxei o ar e não consegui soltar. Segurei o cajado com força e dei dois passos para trás, encostando-me na parede. Nem me importei com os choques que minha pele recebia por estar encostada na parede. Da metade para baixo do buraco, para onde nós precisávamos ir, as paredes eram transparentes como vidro.

Dentro delas um gigantesco animal, um lagarto com cabeça de cobra, espinhos que desciam pelo corpo, pezinhos e mãozinhas grotescos e dentes, sim, dentes, muitos deles, afiados e à mostra. Os olhos fechados não me deixaram mais tranquila.

Quando consegui recuperar o fôlego, vários segundos depois, Evan já empunhava sua espada, os óculos de Syfar tinham sido ativados e o escudo, aquele que ele ganhou do Construtor na nossa visita ao guardião do tempo e que tinha a árvore cravada em ouro, estava sobre o outro braço.

Eu não tive coragem de soltar uma só palavra em voz alta.

— Evan...

A voz dele demorou um pouco para aparecer na minha mente.

— Eu sei! Ajude aqui, dê-me a mão.

— Eu também me assustei, mas não achei que você estava tão apavorado.

Ele cerrou os olhos para mim.

— Ótima hora para seu bom humor, Lys. Vem, preciso que me dê um pouco da energia dos dragões, estou tentando analisar o que quer que seja esse animal na parede.

Quando dei a mão a ele, e forneci um pequeno fiapo da energia draconiana, ele inspirou fundo, os olhos tornaram-se azuis bem escuros. Nós nunca tínhamos tentado algo assim, não com a energia dos dragões, eu fiquei apreensiva.

Logo em seguida o guardião relaxou os ombros, os olhos foram voltando à cor normal e ele parou de sugar da energia que eu fornecia.

— Nós podemos ou não ter problemas.

— Como assim? — perguntei ainda na sua mente.

— Veja você mesmo. Com as suas habilidades melhorando pelos Elilmos acho que você verá mesmo sem os óculos de Lifran.

Foquei no grande animal. Concentrei-me na magia que nos rodeava, especificamente em como as linhas Lyn se comportavam no buraco. Elas fluíam como um rio, mas quando chegavam à serpente estavam enrolando-a como uma corda. Mesmo a sua boca aberta e cheia de dentes estava presa por centenas de linhas.

O animal estava completamente amarrado pelas linhas mágicas.

— Evan, eu tenho estudado todos os manuscritos da vó Anna, todos os estudos sobre as linhas, absolutamente nada do que vi até hoje pode justificar as linhas agirem assim — expliquei.

— Eu sei, e tem mais uma coisa, você percebeu que o animal não está morto? — ele me perguntou.

Eu arregalei os olhos e voltei a escanear o réptil. Não parecia vivo, mas havia uma pequena veia que pulsava no mais profundo do seu corpão.

— O que nós vamos fazer? — perguntei.

— Nós precisamos encontrar o abismo ou não sairemos daqui — apontou para algum ponto atrás de mim — olhe para cima.

Levantei o cajado e iluminei o caminho pelo qual tínhamos descido, não havia mais degraus além daqueles nos quais estávamos.

— Droga, e como nós vamos descer? Eu não estou tão animada para voar agora — olhei para baixo — e ainda não dá para ver o fundo.

Ele começou a olhar a parede ao nosso lado, eu o imitei tentando encontrar alguma resposta.

A imagem sobre a pedra mudou. Não havia mais barco nem homens. Só uma palavra:

“Dominem.”

Eu franzi a testa.

— Diz para mim que esse animal não vai acordar e vamos ter que montar nele como um peão — pensei.

Evan riu.

— Acho que não é isso.

Ele pegou sua espada e rabiscou em baixo.

“Como?”

A palavra apareceu como as chamas que rodeavam sua espada e se desfez em cinzas logo em seguida.

Uma nova frase se formou.

“Quem vocês são?”

Evan me olhou e voltou a escrever.

“O Guardião e a Elemental.”

De novo as palavras do garoto desapareceram.

“Dominem!” — A ordem reapareceu.

— A gente tá falando com uma parede, e pior, ela nem sabe o que tá falando — resmunguei na minha mente.

— Foco, Lys. Você tem um avô dragão, estamos muitos metros dentro da terra e tem uma serpente gigante que pode ou não querer usar aqueles dentes em nós, o que te incomoda é falar com uma parede?

Sempre podia contar com o guardião enxerido para me dar perspectiva de vida.

— Tá! Vou tentar, tô hiperventilando.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não diga!

Virei os olhos. Respirei fundo e foquei na parede. Coloquei o cajado mais perto da pedra e os metais da minha arma começaram a se mexer.

Desde que ele foi despertado, na toca, no que parecia eras atrás, os metais nunca tinham voltado à gema do topo. Até agora. Eles começaram a escorrer para a base e depois passaram para a parede, nela, o Lifran contorceu-se e fez uma imagem. O símbolo da profecia, que mudava até se tornar uma palavra. “*Ypakoúei*”.

— Obedeça — sussurrei, compreendendo o significado do feitiço.

Um estalido atrás de nós e os olhos da grande cobra abriram-se. Eu engoli seco. Eram buracos vazios. Engoli seco de novo. Encostei o cajado na parede e o metal voltou para a arma, preenchendo as lacunas da madeira.

— Você entendeu o que tem que fazer? — Evan perguntou na minha mente.

— Infelizmente — respondi.

Dei dois passos para mais perto da beira do precipício. Levantei o cajado e respirei fundo. Concentrei-me na energia draconiana, para me dar coragem.

— *Ypakoúei* — entoei.

A parede de vidro se desfez em areia. A cabeça da cobra deslizou em nossa direção. Evan levantou a espada e o escudo e protegeu parte do meu corpo, pronto para revidar qualquer ataque.

Não foi preciso, o animal, contorceu-se assustadoramente até que suas costas estavam viradas para o centro, como se ele estivesse subindo pelas paredes.

A cabeça parou bem debaixo dos nossos pés, criando uma nova escada, com os espinhos da carapaça.

Por nada no mundo eu desceria pelo corpo daquele animal se não tivesse constatado que as linhas mágicas continuavam mantendo-o muito preso.

— Evan, você acha que ele está vivo? — perguntei antes de começar a descer.

O guardião, muito mais soturno do que o normal, limitou-se a responder:

— Não acho que seja possível que ele esteja morto.

— Animador.



Descer pela carcaça era ótimo para me manter focada, não que eu quisesse encontrar qualquer outro animal peçonhento a fim de me ajudar a reter essa habilidade.

Os espinhos eram tão grossos que cabiam nossos pés com folga, mas vez ou outra eu pensei ter sentido o chão se mexer, mas afastei o pensamento recitando o feitiço em voz baixa.

No meio do caminho comecei a sentir a textura da pele do animal nas pontas das minhas asas. Fiquei arrepiada. Olhei para trás. Elas estavam se arrastando no chão. Tinham crescido enquanto estávamos dentro do abismo. Que hora ótima para isso, não é mesmo? Tudo que eu queria era sentir a pele fria, gosmenta e pulsante de um sei-lá-o-que-cobra-voadora.

Na mesma hora afastei o pensamento, toda aquela rabugentice me atrapalhava. Andamos em silêncio ainda por uma ou duas horas até que vimos o fim do animal e o chão.

O rabo tinha um grande espinho em agulha, que fiquei feliz em constatar que não precisaríamos nem chegar perto. O chão, no entanto, era água, translúcida, que deixava à mostra pedrinhas multicoloridas. Um pequeno lago alimentado por um riacho vindo de uma passagem pedregosa. Além dela, havia outras duas passagens, uma bem iluminada com chão fluorescente e outra duas vezes maior que as demais.

O guardião voltou a guardar o escudo.

— Vamos seguir o rio?

Eu olhei para a passagem.

— Por que nós nunca vamos pelas passagens bonitas e iluminadas? — perguntei enquanto andava na direção que ele apontou.

— Porque o ditado da família de Laiza é muito pertinente, lembra? Quando mais inofensiva uma criatura parece ser...

— Mais perigo para você ela é. Eu lembro! Se for assim temos que adotar essa cobra ali atrás.

Ele riu.



Acendi novamente as bolas de energia na ponta do cajado enquanto Evan mantinha a espada iluminada. As águas do riacho começaram molhando só a sola dos nossos pés e agora já estavam nos meus joelhos. Não era desagradável.

Depois de passar duas vezes pela mesma bifurcação e perceber que estávamos andando em círculos, o guardião parou pela terceira vez, diante da divisão.

— Acho que temos que fazer algo aqui.

Ergui o cajado e tentei encontrar uma inscrição ou novas frases. Não demorou muito para que eu visse que sobre os buracos das passagens havia desenhos. De um lado o cajado, de outro a espada.

— Acho que teremos que seguir separados. — Constatei.

O guardião abriu o escudo.

— Não gosto dessa ideia. Como vou te proteger?

Ergui as sobrancelhas.

— Você me ensinou muitas coisas sobre meus poderes e sobre como lutar, esse era seu papel, não era?

Rugas surgiram em sua testa.

— Pelo menos parte dele — respondeu.

Dei de ombros.

— Vamos ter que confiar que é o suficiente por hora.

Ele apertou minha mão e me olhou dentro dos olhos.

— Te vejo do outro lado.

Concordei com a cabeça.

— Nos encontramos do outro lado.

Quando entrei pela passagem que me lembrei da visão do guardião. O arrependimento por não ter dito que, do meu jeito estranho eu estava feliz que ninguém mais tinha sido escolhido para meu guardião, foi enorme. O Construtor sabia mais de mim do que eu imaginava.

CAPÍTULO 16

DA MORTE PARA A VIDA

PARTE I

*Evan Uriah
Abismo de Edom
Caminho à direita.*

Esperei que Alys passasse pela sua bifurcação antes de entrar na minha, não foi nada animador quando o caminho dela se fechou e eu não pude enxergar o que a esperava.

A garota era plenamente capaz de se defender e agora estava treinada para isso. Mas, se eu não estaria lá para protegê-la, por que afinal eu tinha chegado até ali?

Continuei caminhando, procurando símbolos nas paredes. Era só pedra cravejada em metal. O riacho embaixo dos meus pés foi ficando mais ralo e ralo até que o chão secou.

A passagem começou a se estreitar, o calor foi ficando intenso. Nas paredes, agora existiam símbolos de Syfar, não como os do meu corpo, na pedra o metal era mais duro e a cor mais intensa.

A terra debaixo dos meus pés abriu vários vincos, seca e muito diferente da que tinha deixado para trás. Eu estava acostumado com o deserto, era dele que eu tinha vindo, mas a secura da caverna superava os piores dias de sol da minha célula. Um vento soprou e areia começou a voar sobre meus olhos.

Evoquei os óculos de Syfar e os modifiquei até que se tornassem uma máscara semitransparente. Coloquei sobre os lados duas pedras do alpha e do ômega e senti todo meu corpo responder à presença deles. Mais força mágica verteu das minhas veias. Agucei minha audição melhorada pelo metal, mas só ouvi o assovio do vento.

Continuei a caminhar, sem, contudo, encontrar o fim do túnel. Nenhuma luz, nem novos sinais, só caminho escuro e sem direção.

A minha boca começou a secar. Eu já tinha bebido toda a água que levava e me arrependi de não ter enchido um ou dois frascos no riacho. O calor foi ficando

mais intenso.

Tentei ligar minha mente à de Alys, mas não consegui. Continuei a andar com dificuldade. Em certo ponto, a falta de umidade, mesmo com a proteção da máscara de metal, fez arder meus olhos.

As minhas pernas foram ficando pesadas até que caí de joelhos, tossi, a garganta arranhando. Tentei puxar água do subsolo com um feitiço, mas parecia que aquele local nunca nem tinha visto água.

Arfei. As mãos secas sobre a terra. Eu precisava chegar ao outro lado, mas por quê? Meus pensamentos começaram a ficar desconexos. Tinha algo a ver com a Alys. Certo, ela precisava que eu chegasse do outro lado, eu era seu guardião, não era? Outra pessoa poderia ser um guardião para ela.

Deitei a cabeça sobre as mãos no chão. Meu corpo foi perdendo a força. Meus pensamentos ficando mais distantes. Tentei me levantar, o máximo que consegui foi engatinhar alguns centímetros e voltei a me prostrar. Estava quente demais.

Uma voz sussurrou no meu ouvido.

— Você pode saciar sua sede, só precisa procurar no lugar certo.

Ouvir vozes não era sinal de loucura? Virei-me de barriga para cima, ofegando. O frasco que eu trazia preso à capa fez barulho. Era o presente que recebi do Construtor.

Desabotoei o recipiente com dificuldade. Dentro o líquido vermelho balançava borbulhante. O que eu tinha a perder?

Arrastei-me até uma parede e com esforço me recostei nela. Retirei a rolha de metal negro. Evoquei um pequeno pássaro e escrevi uma frase, para o caso daquilo não dar certo, queria que Alys soubesse o quanto eu me orgulhava dela. Levei o frasco à boca. Ele era doce e espesso. Como um metal, pensei. Desceu pela minha garganta, gelado. Senti o calor se esvaindo, não só até aplacar o incômodo, mas me levando ao outro extremo. Comecei a bater os dentes de frio. Com um feitiço alonguei minha capa e cobri os braços. Eu estava congelando.

Minha visão turvou-se e eu vi um filme passando pelos meus olhos.

Estava de novo na minha casa, naquela que eu não visitava há anos, desde que me tornei o guardião. Minha mãe deitada sobre a cama comigo no colo, um sorriso que eu nunca tinha visto em seu rosto. Eu segurava seu dedo com a pequenina mão.

— Você será conhecido, meu menino, as pessoas vão te ouvir e te seguir. Você será nossa salvação.

Meu pai, muito mais jovem, não só de idade, mas de postura, deu uma gargalhada.

— Pare de assustar o garoto, ele acabou de nascer.

— Azibo, você pode não acreditar em mim. — Ela olhou séria para o homem. — Mas esse menino vai ser grande, eu sonhei com ele, ele foi escolhido.

— Escolhido para o que, mulher? — meu pai falou um pouco mais sério.

— Acho que ele será o grande sábio — fez uma pausa —, com nossa linhagem o que mais ele seria?

A cena congelou. Vi quando o Construtor, ou a forma do grande mago que eu conhecia, pegou-me no colo e sorriu para minha versão recém-nascida, depois olhou para mim.

— Venha até aqui, quero te mostrar algo.

Ele entregou nos meus braços a pequena criança. Surpreendi-me ao ver que as marcas de Syfar estavam lá, os pássaros em volta dos olhos. Minhas bochechas gordinhas pontuando o metal que dançava.

— Como isso é possível? Eu só passei a ter marcas de metal quando Alys despertou. Meus pais teriam percebido.

— É preciso ter olhos mais atentos do que os comuns para enxergar o futuro, Evan. Muitas coisas só podem ser compreendidas quando abrimos mais que os olhos.

O homem me ajeitou sobre o colo.

— Você consegue ver mais alguma semelhança? — perguntou.

Olhei de novo para a criança, depois para o Construtor, e para a criança. Nós éramos muito diferentes, ele com sua pele mais escura, os olhos de constelação e o poder inegável.

— Eu acho que nada...

— Por que é tão difícil para você reconhecer o quanto se parece comigo, guardião?

Eu abri a boca e a fechei.

— Você tem minha essência, Evan Uriah — ele completou.

— Todos temos, se a lenda que ouvi for a realidade.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— É Verdade! Mas então me diga, meu garoto, por que você se parece mais comigo do que as outras pessoas nessa cena?

Pensei por um minuto.

— Por que fui escolhido de alguma forma?

— Todos foram escolhidos de alguma forma, Evan! Cada um para sua jornada. O que te faz diferente de qualquer outro ser humano nascido na sua época? O que fez com que se tornasse o guardião e não Kyer Athenon-Vamale, outro rapaz ou moça?

Olhei para meus pais e depois para o bebê nos meus braços.

— Eu escolhi ser o guardião, a lenda diz que a Elemental marcaria seu guardião, mas que este também deveria escolher.

O homem abriu um sorriso.

— Então não questione mais sobre o porquê você chegou até aqui!

Esperei encontrar um olhar reprovador, mas no lugar o homem mantinha um semblante aberto, com um sorriso convidativo. Na voz a empolgação.

— A lenda diz que qualquer pessoa poderia ser um guardião — ele continuou —, desde que essa pessoa fosse capaz de fazer as escolhas que você fez. Mas só você seria capaz de levar seu destino adiante, foi por isso que não morreu com o veneno do Zmora nem com o fogo do abismo. Você escolheu a minha essência em você.

Olhei novamente para os pequenos olhinhos de chama azul.

— Nós vamos conseguir? Quer dizer, vamos manter os metais em segurança?

Ele riu.

— Porque o futuro te preocupa tanto, meu amigo, se o presente é sua casa? O futuro é a minha. Continue sua missão, as coisas vão ficar mais claras daqui para frente.

Ele pegou o bebê e o devolveu para o colo da minha mãe, a cena descongelou e começou a escorrer como um borrão.

— Mostre-me sua espada — disse.

Eu evoquei a lâmina que estava presa ao meu pulso. Ele evocou seu próprio cajado. A arma era ainda mais impressionante do que as inscrições afirmavam.

Em um extremo uma lua de metal Alpha, no outro um sol de ômega que fazia uma curva. A base feita de um metal verde que eu não identifiquei. Nela, cravados, estavam todos os metais-base e pedras preciosas além de inscrições em ouro e prata.

— Finque ela no chão — ordenou.

Quando obedeci, as chamas mudaram para um vermelho vivo. O Construtor apontou a lua para a base dela.

— Eis que te dou habilidade além do que qualquer homem sobre a terra já teve. Ninguém antes nem depois de você será capaz de manusear uma espada como o guardião. Proteja-a com a sua vida.

Depois virou para o lado do sol e tocou os dois lados da lâmina.

— Eis que te dou poder — as chamas faiscaram e se tornaram azuis —, ninguém será capaz de resistir ao corte da sua lâmina. Mais do que ela, suas palavras serão ordens ao universo. Ame com a sua alma.

Quando ele voltou a me olhar, seus olhos eram como chamas.

— Pegue a espada.

Quando ergui a arma, ofeguei. O metal gelado sob a minha pele fazia com que o Syfar das marcas se agitasse.

— Vire a espada, de modo que você olhe entre a lâmina — ordenou.

Eu obedeci. O homem pegou o próprio cajado. E encostou na espada.

— *Ypárchei*.

As duas armas começaram a derreter e se fundiram. Seu sorriso se alargou ainda mais. Minha espada ficou cinco vezes maior, quase do meu tamanho, mas se manteve leve. Os metais cravejados na superfície da lâmina azul semitransparente criavam símbolos que remetiam ao alpha e ao ômega.

A empunhadura era de ouro e quando apertei sua base, uma outra lâmina cresceu dela, fazendo com que minha arma se tornasse um tipo de bastão afiado.

— Agora vá, Alys deve te encontrar no abismo em breve.

Pensei por um minuto, enquanto ainda analisava minha nova espada.

— Posso fazer uma última pergunta?

Ele acenou.

— Como é a chave da magia que estamos procurando e o que devo fazer com ela?

O homem começou a caminhar para dentro do túnel, atrás de mim.

— São duas perguntas — ele corrigiu. — Você saberá quando vir a chave, ela está protegida pelo símbolo que vocês já reconhecem. Leve-a com você, não que seja possível deixá-la para trás, depois que a encontrar. Mas não se preocupe, isso é para ser exatamente como está acontecendo.

Deu-me uma última olhada. O sorriso era tão intenso que fazia rugas no canto dos olhos.

— Nos vemos em breve.

Acenei e comecei a caminhar no caminho oposto.

CAPÍTULO 17

DA MORTE PARA A VIDA

PARTE II

*Alys Elilmo
Abismo de Edom
Bifurcação à esquerda.*

Quando passei pelo buraco, o caminho se fechou me deixando na escuridão. Mesmo as bolas de energia que evoquei não conseguiam fazer mais do que iluminar alguns centímetros do caminho.

O único som era da água correndo na direção oposta a que eu estava indo. Assustei-me uma ou duas vezes quando alguma coisa raspava no meu pé, só para enfiar o cajado debaixo d'água e ver uma planta inofensiva ou uma pedra imóvel, balançar a cabeça e continuar o caminho me sentindo idiota.

A quantidade de água no riacho foi aumentando até que só minha cabeça e a ponta do cajado não estavam submersas.

— Droga, eu já devia ter aprendido a nadar — pensei alto.

Continuei caminhando com a ajuda do cajado, a água foi ficando cada vez mais gelada, meus dentes batiam e eu respirava com dificuldade.

— *Zestáinete.*

Tentei aquecer minhas vestes, sem sucesso. Apertei minha pulseira tecnológica e a transformei no meu DIM. Óbvio que não ia ter rede, o medidor de temperatura ficava oscilando entre cem e menos cem graus e a hora corria para trás.

Guardei o aparelho no pulso.

— Vamos, Alys — falei para mim mesma. — Só mais um pouco.

Mais um passo. Sacudi a cabeça, o frio estava congelando meu cérebro. Bati o pé com força em uma massa. Dei um pulinho no lugar, coloquei a mão sobre o peito e respirei fundo. Quando os batimentos voltaram ao normal, baixei o cajado e iluminei o lugar.

— Mas, que diabos isso é? — perguntei a mim mesma.

Segurei o ar e mergulhei. Quando imergi com o objeto, encostei o cajado em um vinco da parede para conseguir ver melhor. Era uma bota, feita de uma mistura do metal que repelia substâncias, tinha um cano alto e o solado era todo de pequenas bolinhas.

Se eu achasse o par ia tentar calçar porque meus pés estavam congelando. Prendi o sapato na minha capa e continuei a caminhar, não muito longe encontrei o outro pé.

Colocar um sapato de Aya dentro de um riacho era um sacrifício. Precisei me encostar em um outro vinco na parede e esticar a perna na parede oposta. Depois de me desequilibrar, engolir água e quase perder o cajado na correnteza, tive sucesso em calçar os dois. Olhei para os dois, iluminando-os por debaixo da água, eles, que eram maiores, ajustaram-se aos meus pés. Os cadarços brilharam e meus pés se aqueceram.

Era mais fácil caminhar agora, eles fizeram meus pés mais leves e não deixavam que as pedras me machucassem.

Eles só não podiam me impedir de tropeçar, o que aconteceu pouco mais à frente. Bati em um obstáculo e fui parar dentro da água. Usei o cajado como âncora para não ser levada pela correnteza.

Apoiei-me na parede e sentei-me debaixo dentro do riacho para conseguir pegar o objeto que era bem maior. A parte de cima de uma armadura, ainda em Aya, com uma grande árvore cravada no peito. Não tive tanta vontade de colocá-la, como tive dos sapatos, era pesada e tornaria meu caminho mais lento.

Mas, eu tinha que me aquecer e a parte de dentro do metal era forrado com um pano grosso, que não absorvia água, e que sem dúvida me ajudaria a parar de bater os dentes de frio.

Quando consegui vesti-la, ela também se adequou ao meu tamanho, a árvore brilhou e minhas luvas de metal cresceram, sem meu comando, até meus ombros fechando à frente e às costas da armadura.

Para minha surpresa, a vestimenta não tornou meu caminho mais lento, nem mesmo parecia que tinha vestido todo aquele metal. E sem tremer de frio, quando impedia que a água gelada batesse no meu peito, ela me ajudava a respirar melhor.

Depois das duas peças, comecei a andar procurando mais algum instrumento que pudesse ajudar na minha missão de chegar do outro lado sem congelar. Em resposta ao meu esforço, o cajado apagou as bolas de fogo. Eu tentei uma série de feitiços, mas nada funcionava, como se alguém tivesse colocado minha magia em modo offline.

Suspirei. Eu poderia voltar um pouco do caminho e ver se algum dos meus poderes funcionava, mas isso significava ficar mais tempo no frio. Comecei a pisar

mais lento, com mais força, confiando que os novos sapatos não permitiriam que eu me machucasse.

Funcionou, até que eu pisei em uma placa abaulada e escorreguei vários metros à frente. Depois de tossir uma boa quantidade de água engolida, consegui mergulhar e pegar o novo pedaço de armadura. Era um escudo! Quando o empunhei, a energia que o contornava cresceu e ficou do meu tamanho. Novos símbolos semitransparentes apareceram, eles eram feitiços de proteção que eu conhecia.

Eu até tinha treinado com escudos, mas não era a melhor das minhas habilidades, nem por isso resolvi descartá-lo, fiz o feitiço que Evan usava para guardá-lo nas minhas marcas. O objeto obedeceu, e a faixa de metal que era o escudo brilhou sobre meu pulso, iluminando o caminho à frente. Enverguei o corpo e finquei o cajado no chão terroso.

— Quem deixou uma armadura aos pedaços pelo caminho? — pensei comigo mesma. — Só pode ser a armadura de alguém que morreu aqui.

Senti um arrepio. Sacudi os ombros tentando manter os pensamentos longe.

— Você não acha que o caminho está se estreitando? — perguntei-me. — Eu acho que ouvi algum barulho... — Olhei para trás.

Um pavor começou a tomar conta de mim, eu não parava de olhar para o breu do corredor às minhas costas. Embora pudesse caminhar e respirar com a mesma facilidade, fantasiei que o caminho estava me sufocando. Por isso, quando tropecei em mais um pedaço, acabei dando um gritinho histérico. Coloquei a mão no peito e arfei.

No chão, um capacete estranhíssimo. Gastei um tempo analisando-o antes de decidir colocar na minha cabeça, vai que era alguma máscara maligna que ia me transformar em um louco verde?

Mas do que eu estava falando? — pensei.

A peça era de metal Aya, cobria até os ombros na parte de trás e na da frente tinha a árvore desenhada na testa.

— Ok — falei em voz alta —, já coloquei as outras partes, porque não essa...— dei de ombros.

O capacete serviu sem dificuldade, meus cabelos secaram quase de imediato e os óculos de Lifran se ergueram, fundindo-se ao material. Todo o elmo piscou uma forte luz e ficou transparente, vi os símbolos se apagando.

Os meus pensamentos ficaram mais claros, a água começou a baixar, as paredes se alargaram e meu cajado voltou a produzir as bolas de luz, que agora eu não precisava graças ao escudo.

Foi aí que percebi, pouco à minha frente, uma faixa de metal. Era um cinto, parte da armadura que eu estava encontrando aos poucos, tinha os mesmos

símbolos e a mesma espada. A diferença é que ele tinha companhia, a própria pessoa do Construtor que vestia uma peça semelhante, mais imponente do que as que eu encontrei.

As águas pararam de correr enquanto ele vinha em minha direção.

— Enfim você chegou até aqui, Elemental.

— Senhor, peço desculpas, acho que encontrei alguma das suas armaduras e quis me aquecer.

Ele riu.

— Essa armadura não é minha, é sua. Só estava esperando que você viesse buscá-la.

Ele empunhou seu cajado, incrível. Eu me lembrei que certa vez pensei ter recebido o cajado do mago, embora o meu fosse muito poderoso, nada se comparava à arma do homem. Tinha pedras preciosas e metais sobre uma base verde, que criavam símbolos tão poderosos, que só de olhar para eles eu podia sentir parte de seu poder. E isso me assustava. O Construtor apontou o lado que tinha um sol na ponta e tocou minhas novas botas.

— A preparação desatará seus caminhos.

A peça brilhou e se fundiu à minha pele. Senti o metal gelado formando um novo símbolo nos meus pés. O homem tocou a couraça que eu vestia.

— A justiça irá proteger seu coração.

O mesmo que aconteceu aos sapatos, aconteceu à peça. Senti os Lifrans caminhando do meu peito, abrindo espaço para um novo símbolo que se formou. Agora ele apontou para a grossa pulseira que eu ostentava no pulso e o escudo se abriu.

— A confiança será uma barreira a todos que se opuserem a você.

A placa se fez fita de novo e se fundiu ao meu braço. Mais um símbolo da árvore apareceu. Ele tocou também no capacete.

— Seus pensamentos serão tão afiados quanto uma espada.

O elmo semitransparente fundiu-se, dando-me uma marca no rosto. O homem pegou o cinto e me entregou.

Nele vi dezenas de símbolos muito pequenos, um texto em alguma língua muito antiga que nem meu tradutor universal conseguia me explicar.

— Vista — ordenou.

Eu coloquei em volta da minha cintura, era um apetrecho antiquado, como todo o resto da armadura.

— Não consigo fechá-lo, senhor — expliquei enquanto tentava prender as duas pontas.

— Ele precisa de um código, é ele quem une todo o resto da sua armadura.

— E qual seria esse código? — perguntei.

— Quem você é.

Franzi a sobrancelha.

— Como assim?

— Ele só aceita o comando da verdadeira Elemental. Se você tem certeza que é você, pode mandar que ele se trave.

— Ok... ah... feche?! — ordenei.

A faixa uniu-se com um clique.

— A verdade será sua proteção — o homem disse, tocando o cinto com o cajado.

Toda a armadura voltou a se tornar visível, ganhou contornos com meus Lifrans, Syfars e Alphas. O ômega fazia os símbolos em forma de árvore.

— Agora falta somente uma coisa — ele continuou —, uma atualização no seu bordão.

O homem apontou para o cajado. Eu uni as sobrancelhas.

— Vou precisar trocar de arma? — perguntei.

— Não — ele riu —, como eu disse é só uma atualização.

O homem empunhou o próprio bastão que acendeu com chamas azuis.

— Empunhe sua arma.

Eu obedeci. Ele encostou a madeira fumegante na minha boca. Eu dei um pulo. Senti uma onda de energia tomando meu corpo. Depois uniu seu cajado ao meu até que eles se fizeram em um só.

Minha arma ficou maior, com símbolos em metal verde cravados ao longo da madeira e símbolos em Syfar ao longo do Lifran. Faíscas pularam da ponta.

— Tudo que você disse que é, assim será, pelo poder da sua espada, você o tornará real.

“Eu não tenho uma espada, tenho um cajado” — pensei.

— A sua espada não é o cajado, Alys. Sua espada são suas ações e palavras.

Eu arregalei os olhos.

— Você pode ler meus pensamentos? — perguntei.

— Não! Eu conheço as intenções, pequenina. Agora, é hora de você continuar seu caminho, o abismo e Evan te aguardam.

Eu suspirei.

— Senhor, desculpe perguntar, mas você poderia me responder uma coisa?

— Pergunte.

— Quem está por trás das ações do Zmora Helix?

Ele ficou sério.

— Alguém que deseja te desviar do seu objetivo porque entende que quanto mais poderosa você se torna, menos poder ele tem sobre os Poltos à sua

volta. Mas você não deveria se preocupar com o que ele faz, continue na sua missão.

Eu abri a boca para retrucar, ele voltou a sorrir, os olhos com pequenas rugas nas pontas.

— Tenho muito orgulho de você.

Uma abertura se abriu no fim do túnel e eu fui puxada para fora dele.

CAPÍTULO 18

A CHAVE DIAMANTE

Precisei piscar algumas vezes até que meus olhos se acostumassem com a luminosidade. Nós tínhamos voltado para o topo do grande buraco, as escadas tinham desaparecido. Na superfície grossas rachaduras se formaram e abriram ainda mais o abismo.

— Alys! — A voz de Evan ecoou.

Eu fiquei de pé e apertei os olhos. Ele era só um pontinho muito distante, balançando os braços, do outro lado da cratera. Liguei os óculos, dei um zoom. O guardião agitava as mãos, com olhos arregalados, apontando para uma grande rachadura que se estendia do chão ao teto. Ouvi um forte som de algo se quebrando e, na parede do lado esquerdo, água começou a brotar.

Consegui me afastar bem a tempo de me salvar da enxurrada que corria parede abaixo feita de líquido multicolorido. Eu abri as minhas asas, olhei a borda, engoli seco. A água caía dentro do buraco negro onde a cobra estava, mas parecia a única opção para chegar ao guardião.

Meu erro ficou claro nos primeiros metros acima do abismo, um jato me atingiu e me mandou de volta para a porção seca. Do outro lado, vi Evan batendo a mão na testa, liguei a minha mente à dele.

— QUE FOI? Pelo menos eu tentei — gritei.

— Você acha que se fosse tão fácil assim eu mesmo já não tinha feito, Lys? — o guardião respondeu com um sussurro distante.

Levantei os ombros e ergui os braços.

— Eu tinha que tentar, né? Você tem alguma ideia melhor? — falei em voz alta.

— Na verdade eu tenho — ele gesticulava me mostrando seu plano enquanto falava —, os vincos por trás da cascata. Se você observar, vai ver que no meio da parede tem algo como uma passagem.

Olhei de novo para a violência do líquido furta-cor.

— Ok... o que pode acontecer, não é mesmo?

Ele riu.

— Te encontro lá.



Cada passo para mais perto da água fazia com que as gotas golpeassem meu rosto. Reforcei os óculos de Lifran e não só eles ficaram visíveis, mas toda a armadura, com direito a escudo e luvas. Caminhei com mais facilidade depois disso.

Na borda da cachoeira, não só tinha uma passagem, como também degraus esculpidos onde símbolos se acendiam todas as vezes que eu tocava o cajado neles.

— Uau! — exclamei.

Do outro lado da cortina de água, uma caverna inteira se estendia com diamantes, rubis e outros materiais preciosos cobrindo cada canto. No centro, um altar feito de pedras comuns sobrepostas. Sobre ele um livro com uma chave de ouro cravado nele.

— A chave é um livro? — pensei em voz alta.

— Espero que sim — o guardião parou ao meu lado me dando um susto — já pensou se for um livro inteiro só para explicar como vamos chegar até a chave? — ele completou rindo.

Uma brisa soprou e abriu o livro, fazendo-o folhear. O vento foi ficando mais forte, tornando mais difícil a nossa aproximação da redoma. O guardião empunhou seu escudo, eu reforcei o meu.

— Enquanto eu quase fui cremado você foi às compras? — perguntou, com um sorriso enviesado.

Eu ri.

— Achei pelo meu caminho congelante.

Ele encostou o seu escudo no meu, de modo que os dois dividiam a energia mágica e se tornavam uma barreira muito poderosa contra o vento. Nós ainda fomos empurrados para trás vez ou outra, mas, com um pouco de trabalho em equipe conseguimos chegar ao pé do altar. Em resposta ao nosso sucesso contra a ventania, uma redoma de vidro cresceu e protegeu o livro. O vento cessou.

— Como nós vamos quebrar isso? — Dei a volta no quadrado. — Não parece vidro comum.

— E não é — Evan respondeu olhando mais de perto —, é diamante reforçado com Lifran.

— Bom, então não vai ser pela força.

— Não mesmo — ele concordou. — Transforme seu cajado em um Ukulele.

Coloquei a mão na cintura e ergui as sobrancelhas.

— Isso de novo, Evan Uriah?

— Elilmo — ele me corrigiu.

— Que seja — dei de ombros —, você me fez treinar com esse instrumento por puro capricho, ele não é nem uma arma e eu sou péssima tocando.

— Lys, só confia em mim — o guardião respondeu sem abandonar o sorriso divertido.

Balancei a cabeça e virei os olhos, mas transformei meu cajado em um miniviólão de metal colorido.

— Isso é uma piada, não é? Você quer dizer que minhas habilidades musicais são tão ruins que podem até quebrar diamante? — Juntei as sobrancelhas.

Ele riu.

— Não seria uma mentira, mas não é o caso. Primeiro, empreste-me um pouco do seu Lifran.

Ele estendeu a espada e eu encostei os dedos na ponta, o meu Lifran pulou na arma, fazendo um tipo de revestimento só na ponta.

— Precisa ser um golpe certo — ele explicou —, e acho que as ondas mágicas do seu cajado podem me ajudar a desestruturar a proteção em volta da redoma.

— Mas eu não sei tocar.

— Não precisa ser nenhuma sinfonia, só uma nota. Toca qualquer coisa, quanto mais sem sentido melhor.

Eu esperei uns segundos antes de acatar a ordem dele, para ter certeza que não era uma piada. Como ele continuava me olhando, esperando que eu usasse o instrumento mágico, comecei a tocar as cordas.

O som ecoou pela caverna. Entendi o que Evan pensou quando os metais vibraram em resposta aos sons do meu cajado-Ukulele. O guardião empunhou a espada no lado do corpo, com a ponta direcionada para o diamante, fez um feitiço e grossas luvas de energia mágica apareceram nas suas mãos.

— Uma chance! — Ele olhou para mim. — Não sei que tipo de segurança a redoma ainda tem, então vamos contar com uma única chance! Pronta?

— Claro que não, vai logo! — respondi tocando mais uma nota desafinada.

Ele cerrou os olhos em direção ao ponto que escolheu e eu intensifiquei as batidas da arma.

— Um, dois...

O menino não esperou o três, saiu desembestado em direção à redoma. A espada bateu a ponta na parede transparente, ressoou e jogou Evan muito metros longe.

— EVAN!

— Não... pare de tocar — disse ele enquanto cuspiu um pouco de sangue.

Eu continuei dedilhando notas sem sentido enquanto ele se levantava com a mão no lado do corpo.

Um clique. Eu escancarei a boca. Rachaduras apareceram ao longo do diamante e foram aumentando.

— LYS — o guardião gritou. — O ESCUDO!

Evoquei meu brasão, enquanto Evan se escondia atrás do seu. A redoma se espatifou em dezenas de pedaços de cristal, muitos fincaram na parede oposta, dois no meu próprio escudo que de imediato repeliu o diamante.

— Ufa, ainda bem que você viu — falei enquanto ajudava Ev a se levantar.

— Vamos pegar o livro e dar o fora daqui — ele bateu a poeira das vestes — antes que apareça mais alguma surpresa.

Torci o nariz. Ele levantou os ombros.

— Que foi?

— Nunca diga coisas assim.

Ele riu. Apoiou-se no Altar. O livro começou a se encolher em volta do símbolo até que só restou a chave. Estendi a mão tentando pegá-la, mas meus dedos passaram direto. Tentei agarrá-la mais algumas vezes sem sucesso.

— Como algo maciço pode fazer isso? — Aproximei meu rosto.

— Não tenho ideia. — Ele balançou a cabeça.

— Tente você.

Quando o guardião fechou os dedos em volta da chave, ela se materializou. Por reflexo, ele a soltou, mas ela continuou suspensa. Voou e entrou no seu peito. Evan puxou o ar e não soltou. Os olhos esbulharam. Tornaram-se brancos.

— Evan, pelo Construtor, Evan!!! — chamei.

Ele caiu de joelhos. Eu me dobrei ao seu lado, tentando ajudá-lo. Deitei ele no chão, transformei minha arma em cajado novamente e a apontei no peito do guardião.

— Isso vai doer! — Torci o nariz. — Aéra.

O peito dele tomou um choque. Ele franziu as sobrancelhas e eu parei no meio do caminho de dar um novo pulso. Os olhos foram voltando à cor normal, ele expirou. Depois virou para o lado e começou a tossir.

— O que — tosse —, você — outra tosse —, quer me matar?

— Eu salvei você — reclamei — mais uma vez, inclusive.

— Que feitiço é esse? — perguntou com a voz fraca.

— Um de primeiros socorros que Thela me ensinou.

— Isso explica muita coisa! — ele disse com a voz rouca.

Virei os olhos.

— A chave entrou no seu peito, você está bem?

— Estou. — Ele se sentou no chão. — Vi um monte de imagens. Vou precisar estudar alguns papiros de Nyêha e tentar rever as imagens, mas se entendi, virei o guardião da chave do abismo.

— E isso significa? — Levantei os ombros.

— Que Fylgiar vai querer me manter em Alexandria se souber que eu possuo conhecimento muito antigo agora. Ainda não sei como usar isso Lys, mas eu sei que essa chave tem alguma coisa sobre a profecia. Por isso o Zmora queria pegá-la.

— Então — ergui a sobrancelha direita — você se tornou mesmo um grande sábio como sua mãe esperava.

Ele riu e em seguida colocou a mão sobre o lado do corpo.

— Vamos. — Coloquei o braço dele sobre meu ombro. — Você precisa de tempo para assimilar o que aconteceu e todo esse uso mágico deve ter feito uma sirene nas linhas Ley. Quanto menos a gente ficar aqui melhor.

Um sorrisinho enviesado surgiu no rosto dele.

— Olha só quem está tendo foco?! Devíamos ter te arranjado essa armadura antes.

— Idiota — retruquei enquanto ele se colocava de pé. — Cala a boca. — Eu ri.

Nós passamos pela cortina fina de água e quase de imediato a cachoeira começou a correr para cima até que nem uma gota de água podia ser vista.

— Uma missão limpa, feita com perfeição.

— Fale por você — eu disse —, eu estou um nojo depois de caminhar na água congelante e ser atacada por lascas de diamante assassino.

Ele riu. De repente fechou o semblante. Evocou o escudo e um feitiço ecoou na superfície da arma. Eu empunhei o cajado e evoquei o meu brasão, o guardião caiu de joelhos. Tirei de dentro da bolsinha uma das minhas poções e derramei o conteúdo na boca do garoto enquanto equilibrava o escudo que continuava sendo golpeado.

Apoiei minha mão sobre seu ombro e fiz uma transfusão de energia draconiana, uma pequena linha. Os olhos do guardião se iluminaram, ele inspirou com força. Eu sabia que aquilo poderia ter graves consequências depois que o efeito passasse, mas o mal de amanhã ficaria para amanhã.

Hoje já tinha seu próprio mal e ele atacava sem piedade.

CAPÍTULO 19

UM ABISMO ATRAI O OUTRO

O chão debaixo dos nossos pés tremeu. Grossas veias vermelhas surgiram das bordas do abismo, pulsando um líquido negro assustador, arrastando-se até tomar todo o chão a vista. Tornei meu escudo transparente.

Helix estava na parede oposta, naquela que abrigou o elevado por onde viemos, dos seus cabelos surgiam as veias que envenenavam o abismo, alimentadas pelo homem.

— Muito obrigado, escolhidos, por pegarem a chave para mim. Agora, entreguem-me ela ou colocarei Nafh'ta abaixo.

— Nós até faríamos isso se pudéssemos — disse Evan já de pé ao meu lado. — Ah não, não faríamos não.

O guardião evocou uma águia de cinco metros para mais, o animal abriu suas asas e soltou um pio assustador. Fiquei boquiaberta quando vi uma cópia do guardião ficar imóvel diante do escudo e outra sair pelas costas dele. Dois Evans seria difícil de aguentar.

— Eu preciso descobrir que líquido está correndo nessas veias. — O guardião se ligou à minha mente. — Vou evocar tauitys de Syfar por debaixo da terra, mas preciso me concentrar, senão Helix vai perceber.

— Deixa comigo — respondi ainda no pensamento.

Ele se ajoelhou e colocou as mãos no solo. Um grupo de pequenos animais com focinhos alongados e pesinhos atarracados, que eram os tauitys, rompeu a terra e se alinhou de frente ao guardião. Depois de mais um ataque do Zmora, enverguei-me com o escudo protetor e empinei meu nariz.

— Que tal você se render e te garantimos um julgamento justo e uma pena a ser cumprida em um ambiente seguro e arejado? Você anda precisando pegar um solzinho, não é?

Helix apoiou-se em sua bengala com crânio na ponta.

— Que fique claro que eu fui misericordioso e dei a vocês o direito a se renderem.

Eu ergui as sobrancelhas.

— Poxa, era isso que você estava fazendo? Ahh sim, então assim, sim.

O Zmora fechou a cara.

— A primeira coisa que tirarei de você é essa sua língua grande, criança.

— Acho que ele não gosta de sarcasmo — falei na mente de Evan —, você já conseguiu analisar as veias?

— Ainda não. Continue a enrolar.

— Se você é tão misericordioso — ergui a voz para o Zmora —, por que não me conta o que as crianças órfãs fizeram a você?

A voz saiu um pouco tremida, o sarcasmo estava dando lugar à raiva.

— Você não entenderia garota, você foi cegada pela ideia de que as pessoas em que acredita são boas.

Fiz um feitiço, o escudo plainou à minha frente, sem que eu precisasse o segurar. Como precisei desfazer o encantamento que o deixava transparente, a fim de proteger o plano do guardião, dei um passo para o lado, para me tornar visível ao Zmora.

— Eu posso tentar — dei de ombros —, comece me explicando por que sugar as almas pode ser o indicativo de que você é melhor do que as pessoas que mataram sua família.

Ele cerrou os dentes. Os vincos pulsaram. Evan ligou-se à minha mente.

— Vai com calma, ainda não cheguei no lugar certo.

O Zmora respirou fundo.

— Quando eu colocar as mãos na chave, toda magia das luas será perdida e eu vou te transformar em pó. — Ergui as sobrancelhas, ele abriu um sorrisinho amarelo. — Mas enquanto meus vincos terminam de envenenar as bases de Nafh'ta, temos tempo para uma conversa informal.

Cerrei os olhos.

— Evan! — chamei o guardião pela nossa ligação.

— Tô sabendo — ele se apressou a responder. — Ele sabe que eu estou fazendo algo, não posso me ligar aos animais ou ele pode me prender, então continue com o plano.

— Imaginei. Não seria melhor pedir reforços em Nafh'ta?

— Já fiz isso.

O Zmora evocou seus sacos de ossos, agora melhorados com metais do alpha e ômega.

— Diga-me, Elemental, o que foi que o Construtor te disse sobre o roubo do cajado pelos Poltos?

O meu elmo estava invisível, assim como toda minha armadura, não tinha retirado o comando deles quando o fiz com o escudo. Talvez por isso, ou porque ele ignorava minhas habilidades de Elilmo, o Zmora não tivesse percebido que eu podia ver magicamente seus passos.

As palavras que saíam da sua boca voavam através das asas da águia, evocada pelo guardião, pousavam em sua cabeça e um símbolo apareceu diante do escudo de Evan.

— Ev, pare o que você está fazendo! — gritei.

— O que houve? — ele perguntou.

— Você tem algum feitiço que protege a mente? Consegue fazer um capacete de metal, algo do tipo? — Não me lembrava de nenhum que pudesse fazer o papel que meu capacete fazia.

— Por quê? — o garoto questionou, com as mãos erguidas, a meio caminho de voltar a fazer os feitiços.

— Ligue seus óculos de Lifran.

Foi ligar e o guardião me entendeu, mexeu-se o mais silenciosamente possível atrás do escudo. Logo vi linhas mágicas expulsando o símbolo na cabeça da águia e protegendo a frente do meu amigo. No escudo o símbolo do Zmora continuava aparecendo, mas entre ele a superfície do brasão uma fina camada mágica cresceu, que o impedia de cumprir seu intento. Se eu tivesse me distraído alguns segundos nós tínhamos perdido a batalha.

Ele pareceu interpretar meu silêncio como um bom resultado do seu feitiço, e eu aproveitei para deixar que ele pensasse assim.

— Ou o Construtor nunca lhe disse nada sobre o que aconteceu naquele dia? — continuou.

— Sei a história que Celen me contou, quando cheguei em Nafh'ta. — Desconversei.

Não era uma mentira. Ele abriu um sorriso.

— Então, já que seu mestre não se deu ao trabalho de te contar a verdade, eu deixarei que o meu te conte.

Certo, isso não estava nem nos mais remotos dos meus planos. Tinha um vislumbre de quem ele chamava de mestre, não era uma visita agradável.

— Você também não tem certeza da história?

Às vezes minha petulância era um dom.

— O quê? — Ele cerrou os olhos.

— Você acabou de dizer que outra pessoa irá me contar — ergui as mãos sem soltar o cajado —, o que faz parecer que não tem conhecimento, assim como pressupõe que eu não tenha.

No alvo! O sorriso dele diminuiu e a pálpebra tremeu.

— Achei que você gostaria de ouvir de alguém que esteve presente aos acontecimentos — o Zmora disse.

Evoquei minha poltrona, mania herdada de Celen, vendo a reação do Zmora, eu podia entender o porquê meu avô fazia isso.

— Quantos anos seu mestre tem? — perguntei. — Você tem certeza que ele estava lá? Porque olha, deve fazer um tempo bom, não é?

Evan riu na minha mente.

— Consegui pegar uma amostra e mandei formigas para analisar até onde as veias estão — o guardião explicou — sei que está se divertindo, mas só um pouco de enrolação e acabamos.

Contive o impulso de alargar o sorriso e foquei no Zmora.

— Ele sempre existiu, garota. — Helix continuou.

— Você vai ou não me contar sobre o dia do roubo? — provoquei.

— Sua sorte é que meu mestre tem planos maiores, enquanto estamos aqui nesse encontro agradável.

Um frio subiu na minha espinha. Religuei a mente.

— Ev, você avisou a Kyer que estão tentando envenenar a cidade?

— Avisei, os protocolos de segurança já começaram.

— E nossos reforços? — perguntei.

— Estão tentando nos encontrar, ao que parece estamos em algum vértice temporal, por hora seremos só eu e você mesmo.

Que ótimo — pensei. — Todo exército de Nafh'ta não encontrar uma porta de elevador, mas é claro que o Zmora encontrou.

O homem de olhos amarelados evocou uma poltrona, como a minha, e sentou-se.

— Não é poético que enquanto a cidade cai, nós estejamos aqui tomando um chá?

Evan soou na minha mente.

— Ele está te enrolando.

— Percebi! — Cerrei os olhos. — Deve ter alguma coisa preparada.

— Ou quer nos impedir de ajudar a cidade. — O guardião sugeriu.

— Continuo com o plano? — perguntei.

— Não temos opção.

Evan continuava agachado por trás da sua versão fictícia. O holograma mantinha um olhar resignado, a espada empunhada e os olhos cerrados. Mexia os ombros, a espada, fungava, só não falava nada. Eu não tinha esperanças que o Zmora não tivesse percebido, mas não dava para pensar em tudo.

— Bom — ele continuou —, que pena que você não está aproveitando tanto quanto eu, Elemental.

Dei de ombros. Ele continuou.

— O grupo de Poltos que tentou retomar o cajado era de uma linhagem muito especial, os Vamale. Quando o seu mestre criou aqueles Poltos, eles foram

os primeiros a serem criados, são os pais de todas as outras linhagens, mágicas ou não. Eu faço parte desta linha de homens admiráveis.

A casa do conselheiro cara de sapo. Isso explicava o tipo de preocupação que o homem demonstrava, tinha conhecimento de causa.

— Acontece — Helix cruzou as mãos — que nossa nobre linhagem sabia bem que as palavras do Construtor não eram verdadeiras. Ele não queria que a humanidade tomasse o cajado para não se tornar tão poderosa que o subjugasse aos seus desejos.

Levantei a sobrancelha.

— Então, quer dizer que o cajado não protegia fenda nenhuma?

— Exatamente, a fenda nunca existiu.

— E claro, subjugar o grande mago seria um desejo justo — pontuei.

— Quando aqueles Vamales recuperaram o artefato — ele ignorou minha insinuação —, um grupo de seguidores do Construtor denunciou meus antepassados que foram duramente castigados. Não só eles, como o homem precisava manter nosso conhecimento adormecido, espalhou a maldição em todos os nossos iguais, assim, todos nós seríamos odiados.

Pensei um minuto.

— Se é assim, por que ele devolveria nossa condição mágica?

Evan levantou-se e se uniu à sua versão holográfica.

— Vejo que o assunto agradou ao guardião que enfim resolveu unir-se a nós — o Zmora mudou de assunto —, em vez de tentar parar meu veneno, o que suponho que já tenha percebido ser impossível.

A expressão do guardião não me deixou mais tranquila.

— E porque você acredita que sua linhagem foi amaldiçoada — Evan endureceu a voz — resolveu assassinar todas as crianças que viu pela frente?

O Zmora deu uma gargalhada.

— Vocês acham mesmo que faço isso só por capricho?

Nós balançamos a cabeça, concordando. Ele fechou a cara.

— Eu não tenho prazer em sugar a alma de filhotes, guardião — endireitou-se na poltrona —, eu faço isso por eles. Quando meus pais foram assassinados pela escória que a humanidade se tornou, meu mestre me acolheu. Ele me contou a verdade sobre quem eu era e a minha missão de devolver o poder que nos foi roubado.

— Nossa missão é parecida, você não acha? — Franzi a sobrancelha. — A diferença está no saco de ossos e no rastro de sangue que você deixa no caminho.

Ele voltou a rir.

— Quando eu tiver o poder dos metais, eu vou mudar a história e meu mestre será reconhecido como o herói que se propôs a ser no dia em que foi

impedido de tomar o cajado. Nesse dia, todos os que ofereceram suas vidas em sacrifício, serão recompensados.

As chamas em volta da espada de Evan se alargaram.

— Sua definição de oferecer é um pouco estranha — o garoto disse.

Desfiz a poltrona e me liguei à mente dele.

— Qual a situação?

— Sei como impedir o veneno, mas para isso preciso de tempo que não temos.

— Ótimo, e Nafh'ta? — Acessei o poder draconiano, meu cajado brilhou.

— Está em Protocolo Apocalipse.

— Adoro esse, já disse? — Suspirei. — Algo mais que deveríamos saber antes de tentar prender o Zmora?

O homem cansou-se de conversar conosco. Desfiz a cadeira de ossos, evocou seus lacaios, que foram se erguendo do chão, tomando forma. Alguns como répteis de asas passaram a plainar sobre sua cabeça.

Evan reforçou sua águia.

— Na verdade — ele continuou —, tenho um palpite do porquê ele suga as almas das crianças, baseado em algumas imagens que vi quando a chave se fundiu ao meu peito.

— Tem motivo mesmo? — Arregalei os olhos.

— Tem! Ele acredita que como cada um de nós tem da essência do Construtor, e que as crianças têm isso mais forte do que os adultos, cada uma que ele suga deixa seu corpo mais parecido com o do grande mago, assim ele poderá controlar o poder dos metais.

Não consegui disfarçar e franzi a testa.

— Mas que idiota, o raio é capaz de colocar uma lua em órbita, ele vai ser frito vivo!

— Também acho — deu de ombros —, mas é o que ele acredita.

Os lacaios ergueram suas armas e começaram a nos atacar.

Os Elilmos tinham se mostrado muito proeminentes no Cytisum, o metal que ligava nosso novo coração e que bombeava a energia mágica. Por isso, eu desconfiava, tantos de nós tínhamos facilidade com as linhas Ley e a grande maioria dos que tinham visões de futuro ou passado eram da minha casa.

Eu pensava até aquele ponto que, talvez pelo poder Elemental, não ia manifestar tais dons. Mais tarde descobri que estava equivocada, os sonhos e vislumbres de Helix, a capacidade de ser levada pelo guardião do tempo até o passado, tudo isso era facilitado pelo Cytisum.

Quando Evan terminou de falar, eu foquei no Zmora, que se mantinha tranquilo, apoiado em sua bengala-espada, e meu óculos de Lifran se encolheram.

Meus olhos arderam. No reflexo do escudo do guardião, vi eles se tornarem chamas brancas. E eu tive uma visão que aos meus companheiros não deve ter durado mais que segundos, para mim, porém, foi tão intensa, que eu achei ter sido transportada a outro lugar e devolvida logo em seguida.

Nela, era um dia ensolarado. O cheiro de verniz recém aplicado e o brilho das tábuas de madeira da casa onde Helix cresceu denunciavam que o tempo entre essa lembrança e a outra que tive acesso, eram diferentes.

Um menino passou correndo entre minhas pernas e esbarrou em mim. Ele parou e sorriu, depois voltou a correr atrás de um cachorro que pulava e latia alegre.

Minha visão voltou à caverna, ao homem à minha frente, com pele esverdeada e olhos tão assustadoramente amarelos. Fui sugada para a cena do garoto, as duas cenas lutando entre si para dominar minha visão.

O cachorro pulou no menino, os dois caíram no chão, as gargalhadas gostosas da criança ecoaram. Um homem apoiado na parede da casa me chamou a atenção.

— É confuso para você? — ele me perguntou.

Meu rosto estava retorcido, as sobrancelhas quase se unindo e a boca ainda escancarada. Eu olhava para a criança e para o Construtor, de novo para a criança e depois para o grande mago.

— O que você esperava ver, Alys? — O homem franziu a testa. — Um pequeno gênio do mal que destruía cada inseto que visse pela frente?

— Para ser bem sincera? — Pausei. — Sim.

Ele riu, não com seu habitual prazer, não se estendia aos olhos.

— É fácil se esquecer da essência de alguém quando ele está tão distante de quem deveria ser.

— Não faz sentido — falei olhando para a criança que agora coçava a barriga do animal. — Eles não podem ser a mesma pessoa.

— O que você tem que a faz diferente dele, Elemental? — o mago me perguntou.

Torci o nariz. Ele estava me comparando a alguém que matava friamente. Que quase tinha matado o guardião, Celen e que tinha tirado minha tia Anna de nós.

— Tsc... tsc... não deixe que o ódio encontre um ninho no seu coração, pequena. — Balançou a cabeça. — Pense de novo naquilo que estou te perguntando.

Olhei para a criança.

— Ele acredita que o que está fazendo é mesmo o certo? — arrisquei.

— Essa não é a diferença, é a semelhança! Vocês dois acreditam no caminho que tomaram.

— Então o problema é no que ele acredita!

O Homem olhou a criança que abraçava o cachorro.

— Ele é responsável por quem se tornou, Alys, cada um é dono do próprio destino. Mas a diferença entre as escolhas dele e as suas reside na verdade e na ignorância.

Eu engoli seco, olhar para o pequeno Helix fez com que lágrimas brotassem no rosto do homem.

— Porque você está me mostrando isso — as rugas ficaram maiores na minha testa. — Especialmente agora?

— Cada resposta ao seu tempo. Lembre-se de quem você é e lute.

Inspirei. Pisquei duas vezes. Estava de volta à caverna. Não deu tempo de contar a Evan. Ele lutava para afastar de mim um grupo de monstros voadores. Eu empunhei o cajado, fortaleci minha armadura e contra-ataquei.

Vendo que eu tinha voltado ao normal, o guardião evocou mais dois animais gigantescos, um lagarto e um elefante, o primeiro se juntou à águia para protegê-lo, o outro se colocou à minha frente.

— Lys — Evan me chamou mentalmente. — O que aconteceu?

— Depois te explico. — Lancei um feitiço contra outro atacante.

O garoto balançou a cabeça enquanto alternava entre dois sacos de ossos.

— Eu preciso destruir o cajado do Zmora — avisou —, vou avançar para ele. Você precisa cortar as veias, não vai resolver, já percebi que elas se restituem, mas vai atrasar o processo.

Entoei um feitiço e o escudo lançou um pulso mágico, afastando parte dos meus inimigos.

— Você tem ideia do que ele está fazendo? — perguntei.

— Ele está canalizando uma série de feitiços para a base da cidade, vai derreter as estruturas que mantêm Nafh'ta de pé e, se não conseguirmos impedir, toda a cidade vai desmoronar.

Evoquei mais do poder dos dragões, minha armadura em poder máximo se tornou visível. Logo depois, aproveitando o espaço criado por outro pulso do escudo, apelei para o feitiço que tinha feito com o Zmora Wen dois anos antes, evocando os morcegos de metal. Mas tive o bom senso de não mandar que eles sugassem o veneno. Existia a possibilidade de, como eles estavam ligados à minha energia, eu também fosse envenenada.

Criei cordas de energia e ordenei que eles envolvessem o maior número possível de veias e as forçassem até arrebentar os canos.

À minha direita, Evan tinha avançado muitos metros, sua espada não deixava nenhum inimigo de pé. As duas feras gigantes abriam caminho jogando um grande número deles para longe.

O lagarto atacava à esquerda com a cabeça triangular e logo depois afastava dezenas de sacos de ossos à direita, com o longo rabo. A águia batia as asas e quando os inimigos eram despregados do chão, ela os abocanhava. O elefante na minha frente fazia um pouco de tudo isso enquanto dava urros ensurdecedores.

Meu feitiço começou a surtir efeito, um ou outro visgo se soltou e lançou o veneno sem direção, atingindo alguns lacaios de Helix que se derreteram em contato com a substância e não voltaram. Os vasos, ao contrário, em pouco tempo estavam intactos, bombeando mais veneno.

— Evan — chamei o guardião. — Isso não vai funcionar, essa coisa é muito rápida!

— Continua — o garoto ofegou —, eu estou quase chegando nele.

Foi só nesse momento que minha mente completou o raciocínio.

— Ev, como diabos você vai destruir a bengala que está na mão do Zmora?

— Uma coisa de cada vez Alys — ofegou — uma coisa de cada vez!

Balancei a cabeça e avancei com mais ferocidade. Eu precisava estar mais perto caso o guardião precisasse de ajuda. Helix continuava parado, com um sorriso largo no rosto. As veias verdes e saltadas subiam por sua pele enquanto ele lançava encantamentos e mais inimigos surgiam do chão.

Com a aproximação de Evan, ele resolveu que precisava fazer alguma coisa. Parou de ordenar aos lacaios, fincou a bengala na terra e evocou uma outra espada, branca como seus olhos. Eu só consegui ver pedaços do que estava acontecendo, entre as patas do elefante que fazia uma dança à minha frente, afastando dezenas de sacos de ossos enquanto eu atacava os que sobravam.

Um zumbido passou pela minha cabeça, Celen plainou e pousou ao meu lado, das suas costas desceu Thela já com a espada pronta para ceifar qualquer inimigo, ou idiota, que cruzasse seu caminho. Ao longe, também pelo ar, vinha um grupo de guerreiros.

— Alys, você está bem? — ele perguntou, em seguida escancarou a boca. — Onde você encontrou isso? — perguntou apontando a armadura.

— Em um túnel muitos metros abaixo daqui — expliquei.

— E você vestiu uma armadura desconhecida sem uma devida análise mágica? — questionou.

— Não, vovô — derrubei mais um saco de ossos —, digamos que o dono me deu ela.

Os olhos dele brilharam, eu cogitei se ele não estava tentando se conectar à minha mente, como Evan, para entender o que estava acontecendo.

— Depois te conto — limite-me a dizer — agora, temos problemas mais sérios.

Ele ergueu as mãos unidas na frente do rosto e soprou uma rajada de fogo, que ao passar entre suas gigantescas patas, potencializava e queimava ainda mais inimigos.

Thela se aproximou de mim pelo outro lado.

— Pior do que as dezenas de sacos de ossos debaixo de Nafh'ta? — perguntou.

— Você está vendo essas raízes no chão? — Ela só assentiu enquanto derrubava mais uma dezena de lacaios furiosos. Eu derrubei mais um e continuei. — Eles estão bombeando feitiços para a base da cidade, se não impedirmos que isso aconteça a cidade vai desmoronar e implodir.

A elfa olhou em volta.

— Podemos cortar as raízes? — questionou.

— Podemos, mas não adianta, elas se refazem em segundos.

Era quase possível ver a mente da guerreira funcionando, procurando uma saída para o nosso dilema. A cada saco de ossos que ela derrotava, virava a cabeça em todas as direções, lançava feitiços de reconhecimento nas plantas e nas paredes.

— Não temos muitos guerreiros vindo, a maioria precisou voltar para a cidade — disse Celen depois de uma nova rajada de fogo. — E precisamos ajudar o guardião.

Evan, eu tinha me esquecido dele com a chegada dos reforços.

— A bengala — exclamei apontando a arma do Zmora que ainda estava fincada no chão —, a resposta é a bengala! Ela precisa ser destruída.

Os olhos de Thela faiscavam quando, depois de ceifar mais dois sacos de ossos, virou-se para mim.

— Deixe isso comigo, ajudem Evan.

Balancei a cabeça. Celen mudou de direção, avançando para o lugar onde o guardião lutava com o Zmora. O elefante percebeu nosso intento e também mudou de direção, abrindo caminho. Eu virei de costas e fui afastando nossos inimigos da retaguarda, enquanto meu avô os destroçava pela frente.

Thela continuava avançando, não em direção à bengala, mas cortando as veias do caminho.

— Vô, a Thela...

Ele deu uma breve olhada para trás e voltou a lutar.

— Não se preocupe, ela sabe o que está fazendo.

Os guerreiros também começaram a chegar. Raszen pulou de uma das aves de Laiza, já cortando sacos de ossos com sua espada que mais parecia um espeto de churrasco, ele lutava com movimentos precisos, seus pés dançavam com destreza e a mão livre lançava feitiços.

Eu não conhecia nenhum mais do grupo, porém ninguém hesitou em avançar, seguindo os passos da comandante. O chão tremeu, Helix gargalhou.

— Começou! Não sobrá vida em Nafh'ta! Darei suas carcaças aos abutres.

Nós estávamos a um ou dois metros dele, quando um papel apareceu na frente de Celen e pegou fogo em segundos. Meu avô abriu as asas e levantou voo, sugou profundamente e soltou uma rajada perto do Zmora. Evan pulou para longe segundos antes e Helix se desequilibrou.

Eu abri minhas asas e subi vários metros, pousando nas costas do elefante. Ergui o escudo e o ampliei, criando uma redoma, para impedir que os monstros alados do Zmora me atacassem.

Os olhos do Zmora, que continuava prostrado, ficaram esbugalhados.

Thela tinha aproveitado a distração e chegado à bengala. Ela abriu um sorriso macabro, levantou sua foice e destroçou a arma. Uma, duas, três, quatro vezes até que os pedaços brilharam fracamente e fumaça subiu deles.

Os vincos foram murchando e assumindo uma cor acinzentada. O Zmora soltou um urro, as veias em volta do seu corpo começaram a secar. Os olhos se encheram de um vermelho amarronzado.

— VOCÊ VAI MORRER POR ISSO!!! — berrou.

Ele esticou os braços e gritou novamente, uma onda de poder emanou, atingindo tudo que estava a meio metro de distância.

Eu fiquei protegida pelo meu escudo recém adquirido, mas o elefante se desintegrou em pedacinhos de energia, bem como a águia e o lagarto. Poeira subiu com o ataque, não dava para enxergar, mesmo com os óculos de Lifran.

— Eu te disse — disse a voz sibilante do Zmora —, que ia tirar tudo que você ama. Eu cumpro minhas promessas.

Os olhos apareceram brevemente na fumaça, estavam com uma cor amarelo pus, e logo em seguida desapareceram.

— EVAN! CELEN!! THELA!! — gritei. — Pelo Construtor... EVAN!

Ativei o capacete, minha pálpebra tremia. Não consegui discernir as linhas Ley.

— *Opyá!*

Os grãos de poeira ficaram imóveis e em seguida caíram todos ao chão. Evan estava dois metros à minha frente, com o escudo erguido e protegendo o

rosto. Ele se levantou, bateu a poeira da roupa segundos antes que eu lhe atacasse em um abraço.

— Você está bem? — o garoto perguntou.

— Sim... — respondi com lágrimas nos olhos —, pensei...

Soltei ele lentamente, meu coração congelou, metros mais à frente estava Celen. O corpo draconiano estendido de forma estranha.

— Não, não... por favor...

Corri para ele, seguida de Evan. Thela chegou no dragão junto conosco, a elfa tinha muitos cortes pelo corpo e sangue marcava o caminho por onde ela tinha vindo.

— Vovô — chamei. — Vovozinho. — As lágrimas brotando.

A carcaça do dragão estava cheia de bolhas verdes. No peito, uma lasca grossa de metal fincada. Eu estava no meio do caminho para arrancá-la quando Thela me impediu.

— Não, Alys, isso só vai piorar as coisas!

Minha amiga estendeu as mãos e começou uma série de feitiços, mal tinha começado sua expressão mudou, a testa franzida relaxou, os cantos dos olhos se encheram de lágrimas, mas ela continuou os feitiços, com mais delicadeza do que eu já a tinha visto usar em todos esses anos.

— Thela, pelo Construtor, diz o que está acontecendo — implorei.

A elfa não me respondeu. Eu me deitei sobre o peito do dragão, onde o metal não estava cravado.

— Por favor, vovô, não me deixe sozinha.

Evan colocou a mão delicadamente sobre a minha cabeça. Os guerreiros foram se achegando e, entendendo a situação, abaixaram suas cabeças.

— Vovozinho... por favor. — Eu me derramei em lágrimas sobre seu peito quente.

— Minha pequenina — sua voz saiu bem fraquinha —, você nunca estará — fez uma pausa —, sozinha.

Ele abriu os olhos com dificuldade, lágrimas também escorriam dos seus olhos draconianos. Eu levantei o rosto, respirando rápido. Meu ânimo não durou muito, a expressão de Thela era ainda pior que a anterior, grossas lágrimas descendo pelo rosto da guerreira. O dragão segurou a mão da elfa com os longos dedos.

— Você é a mulher mais incrível que conheci depois de Anna, poucas pessoas suportariam tanta dor sem sucumbir, eu mesmo tive dias muito difíceis e perdi menos que você. Seja feliz, minha criança, continue sendo esse furacão capaz de defender o mundo e cuide que a menina nunca se esqueça de treinar.

Ela riu entre as lágrimas, soluçou e balançou a cabeça.

— Eu sou o que você fez de mim, mestre! — a elfa respondeu.

— Não diga bobagens, você se fez, eu no máximo aponte o caminho uma ou duas vezes.

O dragão levantou a mão e estralou os dedos. Dois pequenos pergaminhos apareceram e em seguida pegaram fogo. Ele virou o rosto para mim e o guardião, eu balançava a cabeça freneticamente.

— Vovô, pare com isso, pare de se despedir! Você é um dragão... vou fazer aquele feitiço de novo e...

Ele segurou minha mão.

— Pequenina... — tossiu —, não vai adiantar dessa vez.

— Como você pode saber?

— Um dragão sempre sabe...

Ele olhou para Evan.

— Não sei se te disseram isso, mas em todo o universo não vislumbro qualquer característica que faria alguém melhor guardião para ela que você.

O garoto colocou a mão sobre o peito e engoliu seco.

— Obrigado, meu mestre! — Evan disse.

— Depois que isso passar... — Ele respirou fundo. — Você tem a benção que me pediu.

Olhei para Evan sem entender, os olhos dele se encheram de lágrimas, ele franziu a sobrancelha e pigarreou.

— Não se arrependerá disso, prometo que sempre estarei aqui para ela.

— Eu sei que vai.

O dragão estralou e voltou a estralar os dedos, seu monóculo apareceu preso a uma das escamas. A cor do dragão foi ficando mais opaca.

— Você pode me ajudar, Alys?

Eu fiquei de pé, peguei o grosso círculo de vidro e ajudei Celen a encaixá-lo enquanto Thela evocava uma almofada do tamanho de uma cama, muito parecida com a poltrona que o dragão gostava, colocando-a debaixo da cabeça do homem-dragão.

— Sua avó gostava de me ver de monóculo, quero estar apresentável.

— Vovô...

Ele pegou minhas mãos delicadamente.

— Pequenina luz, me ouça.

Eu soluzei, a água jorrando bochechas abaixo. Ele passou o dedo limpando um lado do meu rosto.

— Quando você nasceu, existia a possibilidade de que você fosse a responsável em trazer a magia para o mundo, mas para nós, ah, para mim, você já tinha trazido toda a luz de um sol. — Ele fechou os olhos e respirou forte. — Sem

seu pai saber, te acompanhei muitas vezes. Às vezes me transfigurava em criança por algumas horas para brincar com você, enquanto sua avó te levava ao parquinho.

Eu escancarei a boca.

— Eu gostaria que tivesse minha presença mais vezes.

O dragão balançou as mãos e evocou um desenho, aquele desenho que eu tinha feito sem tê-lo conhecido, quando do incidente do Voltrin. Era engraçado ver meus traços esforçados em fazer um dragão de monóculo, alegre e cheio de dentes.

Eu não pude deixar de sorrir olhando para a imagem.

— Vô... não...

— Alys, todos nós temos nossas jornadas, essa é a minha, minha princesinha guerreira.

— Esse não era para ser o fim da sua, vô. — Solucei. — O Zmora disse que tiraria todos que eu amo...

O dragão balançou a cabeça.

— Ele não pode fazer isso, querida. Ninguém pode nos tirar de você! Olhe para si mesma, o coração de sua mãe, a teimosia da sua avó, a determinação do seu pai para defender os seus e meu gosto por desafios. Você tem muito de cada um de nós gravado na sua alma e todos que te olharem sempre irão nos ver.

Eu solucei ainda mais.

— Eu sempre estarei com você, no seu coração. Não é uma despedida, é um até logo! Brilhe tão forte como o sol que você nasceu para ser e seja feliz.

Eu deitei o rosto em seu peito. Ele recostou a cabeça e fechou os olhos.

— Vô, eu amo você!

Os feitiços de Thela foram se apagando.

— Eu também te amo, para sempre, querida.

Os dedos dele se escorregaram dos meus e ele suspirou.

Eu não sei quanto tempo passou até que Ev me tirou de cima da carcaça do dragão, eu escondi o rosto em seu ombro.

— Lys, olhe só. — O guardião chamou minha atenção.

O corpo draconiano sem vida começou a brilhar, tão forte que me obrigou a cerrar os olhos. Um pequeno som de algo se rompendo, e ele explodiu em poeira brilhante, areia fosforescente que foi se espalhando pelo ar e ganhando o céu.

Lembrei da crença da raça do meu avô, que parecia correta agora: “Toda estrela vira poeira no fim de sua existência, e nós éramos feitos desse pó”.

CAPÍTULO 20

ARMADILHA

Toc... Toc... Toc.

— Lys? — O guardião me chamou.

Passei a mão pelo rosto.

— DX12 deixe Evan entrar.

— Sim senhora — a voz mecânica me respondeu.

O garoto entrou no quarto, os ombros baixos, os olhos inchados e as marcas roxas debaixo das pálpebras de quem também não tinha dormido bem. Atrás dele, Laiza e Kyer com o semblante parecido. Minha amiga elfa ligeiramente pior, com os olhos bem vermelhos.

Quando voltamos a Nafh'ta fomos recebidos pelos dois, Celen havia enviado uma carta de despedida para cada um. Dois dias depois, seu testamento foi aberto, ele deixou a maioria do que possuía para mim, Laiza e Thela, além de um objeto para Evan e outro para Kyer. Hoje mais cedo, uma cerimônia simbólica de sepultamento aconteceu.

Tinha sido muito o que suportar e meu corpo acabou cedendo a exaustão. Eu me sentia doente embora soubesse que não era o caso. Laiza me abraçou antes de evocar a poltrona da varanda para perto de si e se sentar.

Eu me endireitei na cama.

— Alys, eu queria que você pudesse ter mais alguns dias tranquilos — começou Kyer —, mas infelizmente...

— Eu não quero dias tranquilos, falei com Evan que queria treinar — cerrei os olhos para o garoto —, mas ele se recusou e proibiu que qualquer um me ajudasse.

— Fiz isso — intrometeu-se o guardião — porque você não estava dando o tempo que seu corpo precisa, olhe só o seu estado! E você poderia treinar sozinha, eu não te proibi, nem poderia fazer isso, mas não íamos te ajudar a se esgotar.

Eu torci o nariz. Ele deu de ombros.

— Ele tem razão, Lys — foi a vez de Laiza — imagina se você tivesse treinado com os guerreiros, depois de tudo que viveram no abismo e da perda... — Ela engoliu seco. — Da partida de Celen.

Eu me calei. Kyer girou duas vezes o anel do dedo e o círculo de metal se abriu transformando-se no seu DIM.

— Então, temos uma reunião do conselho marcada para amanhã ao entardecer. Embora o lado leste tenha ficado destruído com o feitiço do Zmora, todo o resto da cidade está intacto, assim como a segurança. Ir para a assembleia do conselho diante dos últimos acontecimentos não me pareceu prudente.

— Fora que aquele lugar parece não nos dar muita sorte — completei.

— Então, além disso, Thela e Raszen devem chegar daqui a pouco, para que nós possamos decidir que estratégias iremos adotar para requisitar o lugar das bruxas no conselho, acho que fazer isso aqui dentro da cidade é melhor.

— E o papo do espião? — perguntei ao Evan pela nossa ligação mental.

Evan deu de ombros. Laiza cerrou os olhos.

— Parem de conversar mentalmente!

Arregalei os olhos.

— Me dá aflição ficar esperando vocês decidirem o que vão ou não nos contar — a elfa explicou.

— Não é isso! — Cruzei os braços.

— Claro que é! — ela retrucou.

— Laiza — entreviu Kyer — nós já falamos sobre isso...

— Que nada! A gente vai fingir que eles não desceram nas profundezas do Edom sozinhos, sem nenhuma equipe de pré-aviso, se colocaram de frente com o Zmora, e que pelo Construtor temos que agradecer que estão vivos ainda?

Ela cuspiu as palavras tão rapidamente que fui atingida por elas como quem toma um tiro, escancarei a boca e fiquei meio imóvel.

— Laiza, eu... nós não decidimos ir até lá porque era divertido. — Cerrei os olhos para Evan. — Você não disse que tinha contado a eles?

Foi a vez do guardião cruzar os braços.

— Conte! Mas ao que parece eles não entenderam, mesmo assim.

Kyer fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Pelo Construtor, não é possível que vocês não conseguem enxergar que o que o Zmora quer é justamente isso? Nos colocar uns contra os outros?

— Não coloque isso na conta daquele maldito — interferiu a elfa —, são eles que continuam se arriscando.

— Laiza — tentei controlar a voz — eu sou a Elemental e o Evan o guardião — ergui as mãos —, viver é se colocar em risco! Nós tínhamos que proteger a chave!

Ela fungou. Kyer se colocou entre nós duas.

— Veja bem, isso não vai levar a lugar algum! — Ele se virou para mim. — Eu gostaria Alys, e aqui preciso concordar com Laiza, que vocês confiassem

mais em nós. Entendo que só vocês poderiam proteger a chave, mas nós poderíamos cercar o perímetro, ter medidas de segurança e não ficar desesperados quando às três da manhã recebo uma carta alarme do guardião de que a cidade irá implodir enquanto imaginava que vocês dois, assim como o resto de nós, estavam seguros em seus quartos.

O grande sábio me deu aquela lição de moral, em um tom de voz tão calmo que eu ergui a sobrancelha e olhei para Evan.

— Tá certo. — O guardião se endireitou na cadeira e ergue os ombros. Eu suspirei. — A questão pela qual não estamos contando as coisas é que temos certeza que há um espião.

— Ora veja, temos um detetive aqui?! — disse Laiza em um tom mais alto que o normal enquanto erguia as mãos para o alto. — Isso é óbvio há muito tempo, Celen dizia que estávamos sendo vigiados desde a primeira lua.

— Vocês acham que um de nós é parceiro do Zmora? — perguntou Kyer com o rosto retorcido.

— É claro que não! — Eu me apressei a responder. — Mas temos alguém que consegue informações que só nosso círculo mais próximo tem. Alguém tem que estar sendo grampeado.

Kyer relaxou o rosto.

— Isso não está acontecendo. Desde que assumi, todos os aparelhos de comunicação desse prédio têm proteção e monitoramento de envio de dados. Se alguém estivesse acessando nossas conversas, ou fazendo escutas através de algum deles, eu saberia.

— Me desculpe Ky, não se ofenda, — ergui a palma da mão — mas ano passado, quando Evan estava na redoma eu criei e instalei um aparelho de holocomunicação e fiz visitas periódicas ao quarto do guardião sem que ninguém...

Parei a frase, meu amigo estava ficando vermelho. Olhou de esguelha para Laiza que ergueu os ombros e as mãos com as palmas para cima.

— Nós sabíamos! — a elfa exclamou, agora em um quase sussurro.

— Vocês O QUÊ? — Fiquei boquiaberta.

— Eu soube no dia que você instalou — ela contorceu o lábio —, embora deva te elogiar, e que alívio eu poder fazer isso finalmente, pelo sistema de detecção que acoplou no aparelho. Em outras circunstâncias ninguém teria percebido, inclusive, a inteligência de Nafh'ta fez duas vistorias mágicas completas e não o encontrou.

— E como você conseguiu? — Cruzei os braços.

— Eu fiz vistorias físicas... — Ela explicou. — Duas vezes por dia eu passava as mãos sobre toda a extensão do cômodo: paredes, chão, redoma e

aparelhagem. Quando passei a primeira vez perto do objeto, pensei ter sentido um pulso mágico. Quando você fez o feitiço, se assegurou contra tentativas mágicas, mas sabendo que ninguém limparia manualmente um cômodo feito de Aya, se descuidou das tentativas físicas.

Bati minha mão na testa.

— Que erro bobo!

A elfa abriu um pequeno sorriso.

— Não se cobre, você fez algo que a maioria, mesmo com mais treinamento que você, não faria, encontrou uma brecha no lugar mais protegido do planeta. Agora, o ponto é, ninguém pode ter feito algo assim nos nossos aparelhos, nós saberíamos.

— Eu até torci para que fizessem — disse Ky — poderíamos tentar rastrear o Zmora, mas não aconteceu.

— Então como alguém ainda tem informações nossas? — perguntou o guardião.

Kyer contornou a minha cama, puxou um banco e se sentou.

— Isso eu não sei, mas tenho um plano para descobrir. Daqui a uma semana é a festa das flores...

— Vai ter festa esse ano? — Interrompi com os olhos arregalados. — Mesmo depois daquele ataque horrível?

— Vai! — Meu amigo clicou no seu DIM. — Um pouco por causa do ataque, não podemos deixar de levar as pessoas à grande floresta, as cicatrizes são uma prova muito forte das intenções do Zmora e isso pode contar ao nosso favor. Além disso, é uma tradição importante, precisamos preservá-la.

— Também acho. — O guardião se sentou ao meu lado.

Por alguns segundos eu admirei o que estava acontecendo ali, pela primeira vez eu me dava conta que não éramos mais só o fruto de uma profecia do passado, nós éramos o futuro que ela prometia. Evan até já conseguia concordar com alguém em outras hipóteses além daquelas que incluíam elogios a si próprio.

— Pois então — Kyer me mostrou um organograma na tela —, pensei que poderíamos lançar uma informação falsa sobre seu pergaminho Alys. Já sabemos que o Zmora se interessa pelo papiro. Penso que podemos colocar nos protocolos particulares de segurança que o documento ficará sob vigilância em alguma área da floresta e só dar acesso às pessoas que nós liberamos as informações mais importantes.

Evan coçou o queixo.

— Pode dar certo, se a informação está escoando por alguém...

— É possível que peguemos a pessoa com a mão na massa — completei.

— Ou vamos atrair o Zmora de volta para a floresta — Laiza acrescentou.
— Mas isso é o risco que vamos ter que correr.

Meus amigos concordaram em unísono.

— Vim mais cedo conversar sobre o plano — continuou Ky — porque embora Raszen não tenha nos dado motivos de desconfiança, não temos também algo que exclua a hipótese de que ele possa estar sendo usado.

— Faz sentido. — Balancei a cabeça.

Toc... Toc...

— Senhorita elemental — disse o DX12 — senhora Thela e o Príncipe Raszen aguardam para entrar.

— Bem na hora! Pode permitir a entrada.

Nós quatro nos entreolhamos, e eu tive um sentimento bom em meio à escuridão que os últimos dias parecia abrigar. Respirei fundo e me preparei para as novas batalhas.

CAPÍTULO 21

O REI QUE NUNCA EXISTIU

A sala de Kyer estava apinhada de gente, ele havia feito um feitiço de alargamento temporário, o que não impedia a sensação de sufocamento que duzentas pessoas aglomeradas podiam causar.

As doze cadeiras estavam dispostas na frente da sala, com seus devidos ocupantes, à exceção da cadeira dos Elilmos. Enquanto observava a movimentação do público se acomodando, meu olhar se cruzou com o conselheiro Uriah que vinha caminhando na minha direção. Sempre bem trajado, a grande múmia de olhos oblíquos hoje tinha no rosto desenhos feitos em tinta preta e olhos bem delineados, fazendo uma clara referência ao povo de quem descendia do tempo pré-metal.

Com frequência eu me esquecia que grande parte das pessoas que me cercavam tinham vivido antes dos metais, mais do que isso, muitos tinham visto o mundo sem toda a tecnologia que conseguimos produzir. Todo esse conhecimento dava a eles um ar diferente, que sempre vi na Vó Anna, algo que me fazia acreditar que conheciam o mundo até do avesso.

Não que no caso do conselheiro o conhecimento estivesse dando bons frutos. O homem parou à minha frente, com seu nariz fino empinado, e cerrou os olhos.

— Gostaria de manifestar meu pesar pela perda do seu avô. — Ergui as sobrancelhas, ele continuou. — Embora nós tivéssemos uma centena de pontos em discordância, Celen foi um grande homem. Liderou com uma fé inabalável na humanidade, pena que foi essa fé que o levou no final.

— Olha aqui conselheiro — empinei meu nariz —, quem matou meu avô foi o Zmora Helix, assim como todas as outras pessoas que perdemos nessa maldita guerra. A fé dele é que garantiu que não perdêssemos mais.

O homem torceu o nariz.

— Vejo que mesmo a morte de Moira não te fez aceitar que vamos perder a guerra enquanto você insiste em proteger sua amiga, me faz inclusive pensar se ela não tem algum partido com o Zmora, para precisar ser tão protegida.

Eu cerrei os dentes.

— Não é só por ela, são pelas mulheres que defenderam seu povo na segunda lua! São pelas crianças que serão maltratas e excluídas só porque, em vez de se unir contra o verdadeiro inimigo, o senhor e seus aliados estão mais preocupados em quanto poder podem adquirir com a guerra.

O homem ficou com a cara vermelha, deu um passo em minha direção e levantou o dedo em riste. Evan brotou do meu lado, tão inesperado que se eu não soubesse que era impossível naquela sala, acharia que ele foi evocado magicamente.

— Tudo bem aqui, querido conselheiro Uriah? — o guardião perguntou com uma voz aveludada.

— Por que não estaria, guardião? — O homem bateu as mãos nas vestes.

— Não sei, seu rosto parece prestes a explodir — debochou o guardião.

O conselheiro virou de costas e saiu pisando duro sem dizer uma palavra mais, Evan me olhou com as sobrancelhas franzidas.

— O que deu em você? Vai estragar todo o plano...

— Eu estou de saco cheio dele — coloquei as mãos na cintura —, chegou ao limite de acusar Laiza, sem falar do sequestro que não podemos responsabilizá-lo.

— Sei o que ele disse — Evan baixou o tom de voz —, mas não se esqueça que é exatamente o que ele precisa, uma brecha pra nos desestabilizar. Foque no plano. Ele ainda vai responder pelo que fez.

Funguei. Kyer tomou a frente e ergueu as mãos.

— Bem-vindos membros do conselho — apontou para as pessoas sentadas nas cadeiras à frente —, senhores e senhoras aqui presentes. — Voltou a sua atenção ao público. — Estamos aqui reunidos, conforme a pauta, para discutir o lugar dos Elilmos e a proteção das linhas Ley.

Um burburinho de concordância correu pelos presentes.

— Antes de adentrar aos temas, alguém gostaria de fazer uma moção?

Várias pessoas levantaram as mãos, a primeiras a quem Kyer deu voz foi ao príncipe Mahu, que sabendo da urgência dos temas a serem votados, deixou seus guerreiros cuidando do clã das bruxas e compareceu. Ele se pôs de pé e fez uma reverência.

— Perdoe-me, grande sábio, mas antes de qualquer moção acredito que todos nós deveríamos prestar uma breve homenagem ao querido Celen Radul, grande chefe que por muitos anos manteve a paz, que levou ao fim as leis de segregação e de quem tanto foi sacrificado para que pudéssemos estar aqui hoje.

A maioria das pessoas da plateia voltou a acenar de forma positiva.

— É claro Mahu, moção aceita. Você faria as honras?

O rei leonino ergueu as mãos que se acenderam com chamas de fogo.

— Ao grande dragão, homem de fé e de sabedoria.

O povo repetiu a frase em uníssono.

— Que seus feitos sejam contados por gerações e gerações. Que seu sacrifício seja lembrado como coroa de honra a todos que te amam. Não nos esqueceremos do seu legado de paz e bondade, descansa entre os seus e seja honrado por toda a terra.

Ele bateu os punhos e símbolos dourados brilharam no ar enquanto os presentes voltavam a repetir a primeira frase.

Eu limpei uma lágrima com a manga da blusa. Engoli seco. Não era só a falta que ele me fazia, mas aquele sentimento que vi na lembrança do acidente de Voltrin. Tudo que Celen queria era ser um pai, um avô e um marido. Ele não queria viver em guerra, mas seu desejo de justiça o impedia de fechar os olhos e passar a responsabilidade a outras pessoas.

Era um dom, importar-se tanto com os outros. E eu me sentia sufocada, por tudo que nós não vivemos simplesmente porque não dava tempo, entre os treinamentos e as batalhas. Respirei fundo. Kyer voltou a se levantar, havia olheiras tão profundas debaixo dos seus olhos que duvido alguém lhe dar somente os vinte e poucos anos que tinha.

— Que o legado dele seja lembrado! Obrigado Mahu pelas palavras.

Voltou a olhar para as pessoas.

— Feito isso, passaremos para a questão dos Elilmo. A votação foi feita na última semana e computados os votos, convido Helena Elilmo a se juntar a nós.

Uma senhorinha de vestido rodado se levantou, a barra florida roçando nos calcanhares. A sandália gasta abrigava pezinhos pequenos e lentos pelo tempo. Ela abriu um sorriso fraternal enquanto os Elilmos à volta batiam palmas e assoviavam animadamente.

Eu observei aquelas pessoas por um tempo, assim como a nova conselheira, eram minha família não eram? Vi um olhar tão resignado quanto o meu em um garotinho de cabelos espetados e a alegria da vovó em um senhor sentado mais à frente. Fiz uma nota mental, eu precisava conhecer meu povo.

A senhora caminhou, não até sua cadeira, mas até onde eu estava. Segurou meu rosto com as mãos e beijou minhas bochechas. Ela me deu um sorriso que criava rugas em voltas dos olhos, deu uma piscadela para Evan e só assim se dirigiu à sua cadeira.

Aquela atitude fez “aquela” parte dos conselheiros avermelharem o rosto. Evan ligou a minha mente.

— Não conheço ela, mas já considero muito!

Eu ri.

— Tenho a impressão que essa aparência frágil não reflete em nada o interior — constatei.

— Óbvio — respondeu o guardião rindo — o que ela acabou de fazer é deixar claro sua lealdade.

Desliguei a mente e voltei a me concentrar na reunião. Kyer esperou que ela se sentasse, ainda sendo aplaudida fervorosamente, e voltou a falar.

— Agora, as linhas mágicas.

O conselheiro Athenon ergueu a mão.

— Tenho uma moção que precisa ser apresentada antes mesmo do julgamento do novo guardião das linhas, tendo em vista que, conforme o resultado do meu peticionamento, parte dos candidatos podem não estar aptos para assumir as funções.

Eu me preparei para ouvir a mesma ladainha de sempre quando um rapaz se levantou e começou a entregar pequenas placas de metal aos conselheiros, depois a mim e a Evan enquanto outros dois espalhavam o mesmo material aos presentes.

O título brilhava em verde: Plano de proteção avançado.

— Esse é um documento que foi elaborado a partir das melhores mentes estratégicas do nosso tempo — continuou Ori —, baseado em estudos de grandes guerreiros, inclusive das medidas adotadas pela nossa chefe da segurança, Thela Vaarne, a fim de demonstrar aos senhores a necessidade e a viabilidade do plano de cadastramento de seres.

Thela estava no outro extremo da sala. Ela tinha sido treinada a não dar demonstrações emocionais públicas que pudessem comprometer seu cargo, e com uma determinação hercúlea, estava mantendo-se fixa em sua posição.

Porém, com a nossa convivência, eu me acostumei a ver uma pequena veia pulsante em seu pescoço quando ela estava irritada. A elfa não devia saber que seria usada nos planos do conselheiro ou teria nos contado.

Era golpe baixo, se ela dissesse que o projeto não funcionaria colocaria em xeque não só a si própria como todas as proteções de Nafh'ta. Se dissesse que o plano era bom, colocava na mira não só as bruxas como a própria irmã. Kyer lia atento ao que estava escrito em seu parêntese.

O conselheiro Uriah, esperou que todos pudessem ler. Eu tentei focar no meu aparelho, mas a minha mente vagueava entre a necessidade de me concentrar no texto e a vontade de esgoelar o homem.

Tinham tópicos como: A Árvore Genealógica dos Zmoras, porque as bruxas esconderam seus clãs e por fim um que apontava, erroneamente, que Helix desejava o poder das luas para que seu povo — Zmoras, bruxas e mestiços de raças

— governasse sobre todo o resto. Nada disso com o mínimo embasamento de fatos ou investigações.

Levantei minha mão. Kyer me lançou um olhar felino.

— Senhor, permita-me fazer uma correção no plano?

O Athenon cruzou os braços.

— Desde que seja algo com alguma prova real.

Eu quis jogar a placa de metal na cabeça dele, nada do que ele tinha escrito, tirando talvez a genealogia dos Zmoras, podia ser comprovado. Ainda assim, contei até três mentalmente e continuei como se nada tivesse acontecido.

— O último tópico — virei minha placa mostrando o texto — afirma que a intenção dos Zmoras é governar o mundo, sinto informar, mas essa não é a motivação dele.

— E como a senhorita sabe? — o homem me questionou.

— Herdei a capacidade dos Elilmos de vislumbrar fragmentos temporais, no meu caso, pedaços do passado.

Não era uma mentira, eu realmente via os acontecimentos em sonhos, só a parte do guardião do tempo é que não poderia ser contada. Ouve um Oh coletivo. O conselheiro não se convenceu.

— E por que nunca ouvimos falar desta sua habilidade? — Uniu as sobrancelhas.

— Ora, meu senhor — aveludei a voz —, mesmo tenho me habituado à nova realidade dos metais, não é simples aprender a coordenar visões. Esperei ter certeza que meus dons eram confiáveis.

Muitas pessoas acenaram positivamente, todo mundo, em sua escala, entendia a dificuldade de aprender a lidar com os novos poderes.

— Então — o Athenon se sentou — diga-nos o que ele quer.

Eu abri minha boca, mas a voz que ecoou não foi a minha.

— JUSTIÇA!!!

Eu preendi a respiração. A voz varreu do rosto de Thela toda a cor. O Zmora passou pela porta, como se tivesse sido convidado a entrar. Todo vestido de preto, terno formal, os cabelos bem penteados. O mais humano que eu já o tinha visto, mesmo com a pele mais opaca e as veias venenosas subindo pelo pescoço.

Eu acho que o choque nos deixou paralisados por alguns segundos, foi Thela a primeira a acordar do torpor, levantar sua espada-machado e a empunhar perto da garganta do homem.

Ele apenas abriu um sorriso.

— Não seja ingênua, elfa!

A imagem tremeluziu como televisão velha. Era um holograma guiado por um pequenino robô de metal que deslizava debaixo dos pés dele.

— Achei que você era homem o suficiente para vir, se assim desejasse. —
Minha amiga torceu o nariz.

Ele riu.

— Não vim falar com você, me deixe passar.

Ela não se moveu.

— Deixe que ele passe, Thela. — ordenou Kyer. — Um holograma não pode ferir ninguém nesta sala.

— Não acabamos aqui — ela sussurrou antes de sair do caminho, ainda com a espada levantada.

— Conselheiros. — O homem se dobrou em uma reverência. — Senhores e Senhoras. — Fez o mesmo em relação aos demais presentes.

Passou o olhar por mim, que continuava com a boca escancarada, e por Evan que tinha dado um passo à frente e estava apoiado na própria arma.

Kyer endureceu a voz.

— Ao que devemos sua presença, Helix?

— Velho amigo!

O grande sábio se moveu.

— Não tente esse caminho, Zmora! Meu amigo foi Helix, dono da Toca, ainda que aquele seja um personagem que você criou para atrair a Elemental. Não tenho parte com você.

O homem colocou a mão sobre o peito e ergueu as sobrancelhas.

— Não esperaria menos do chefe deste conselho, estou acostumado a ser rejeitado por ele.

Kyer cerrou os olhos.

— Diga a que veio.

— Que seja! — O homem uniu as mãos. — Vim para requisitar o que me é direito, pelas leis impostas por vocês.

— Que seria? — Kyer inquiriu.

— Justiça, é claro!

O conselheiro O'di ergueu a voz.

— Como falas de justiça, ó cria do mal, se vens alimentando-se da alma das nossas crianças.

O Zmora se virou para o homem, ainda mantendo o sorriso.

— Eu venho? Alguém de vocês me viu sugar alguma alma? — Ele fez uma pausa, ninguém respondeu. — Não viram, não é? E quem disse a vocês que sou eu que mato os filhotes? A Elemental e seu guardião que escondem, assim como seus antepassados, coisas essenciais, como o relacionamento que têm entre si ou coisas maiores, como a localização do clã das bruxas?

Evan segurou meu pulso e só nesse momento percebi que já estava muitos passos à frente, avançando para cima do holograma.

— Se acalme!! É isso que ele quer. — Evan insistiu na minha mente.

O Zmora continuou.

— Esse chefe do conselho que tem como esposa uma parente, ainda que distante, minha? Ou ainda, Celen Radul que morreu nas profundezas de Nafh'ta tentando envenenar essa cidade?

Eu escancarei a boca, mas foi Kyer que respondeu.

— Não ouse tocar na memória dos nossos mortos, suas mentiras e meias verdades não vão funcionar Zmora.

— Não? — ele debochou. — E quem pode provar que a autoria dos ataques não é da facção que invadiu Alexandria?

O conselheiro Athenon cerrou os olhos, O Uriah fungou e até a Cassandra não conseguiu manter o sorriso falso na cara. Helix não deu a mínima para a reação deles.

— Estão me responsabilizando para me desacreditar já que sou o verdadeiro herdeiro do trono do Construtor, herança essa que foi renegada por esse mesmo conselho.

Evan soltou meu pulso, eu relaxei os ombros. Assim como eu, as pessoas pareciam ter sido atingidas por um feitiço petrificante.

— Herdeiro do Trono? — a conselheira Elilmo questionou.

— Exatamente! — O Zmora respondeu, como se fosse simples.

— Você acha que é filho do Construtor? — foi a vez de Ori Athenon inquirir, com profundos vincos na testa.

— Deixe-me contar a história verdadeira, senhor conselheiro. — Ele ergueu as mãos — Os Poltos nunca roubaram aquele cajado. Os conselheiros, dos quais vocês descendem, fizeram uma reunião em secreto e escolheram para si um rei, um Vamale de quem sou o único descendente sanguíneo. Quando o Construtor soube, castigou meu povo. Meu mestre, destruiu o grande mago, para impedi-lo de nos tirar a magia. Muitas centenas de anos depois, meu pai, Yru Vamale, um homem honrado, foi morto por pessoas como vocês.

Apontou para o conselho.

— Pela descrença no bem que desejávamos fazer à humanidade.

O silêncio era tanto que não se ouvia nem a respiração das pessoas.

— Meu mestre me encontrou, mas eu não acreditei nele de início — o homem colocou a mão sobre o peito —, não queria crer que minha família tinha sido vítima de um ataque planejado. Eu procurei esse conselho, eu pedi abrigo, contei o que havia acontecido e fui desacreditado. Foi só então que entendi o que o meu senhor me ensinou desde o dia que me tirou dos escombros da nossa cabana

em chamadas: os homens são maus e não há nada que mudará isso se não forem governados por Ele.

A imagem diante de nós piscou, mostrando a todos o menino da minha visão. Parte dos conselheiros inspirou, outra parte arregalou os olhos. Somente Kyer e a nova Elilmo não reagiram com reconhecimento. A imagem voltou ao holograma do homem adulto. Ele se virou para as pessoas.

— Conclamo que reflitam! Quantos de vocês têm dúvidas sobre essa profecia? Eu não vim aqui pessoalmente porque sei que seria morto antes mesmo de abrir minha boca. Não quero vingança pelo que me foi tirado, e a lei me garantiria esse ressarcimento, mas o que quero é somente meu lugar neste conselho, meu papel de direito.

Ninguém foi capaz de responder. Kyer se levantou.

— Helix, mostre-nos alguma prova de que o que diz é verdade — ele exigiu.

— Você tem alguma prova de que, não é? — O homem rebateu. — Voltarei na próxima reunião, para assumir meu lugar.

— E se nós não concordarmos com isso? — Cassandra perguntou com a voz esganiçada.

— Eu tomarei o que é meu pelo bem de todos.

O holograma se dissolveu em poeira branca enquanto a base de metal se auto destruía com uma pequena explosão.

A sala rompeu em vozes alteradas. Evan segurou minha mão.

— Nós precisamos trabalhar na profecia e no seu pergaminho — disse na minha mente.

— Você acha que o conselho vai acreditar nele e o tornar rei? — questionei.

— Não, e também não acho que o Zmora acredite que as coisas aconteceriam dessa forma.

— Então por quê? — Franzi a sobrancelha, a barulheira era tanta que até na minha mente estava difícil de ouvir.

— Olhe à sua volta — O garoto fez um sinal com a cabeça apontando para a multidão. — Ele queria desarticular nosso apoio.

As pessoas estavam discutindo umas com as outras. Thela dava ordens aos guerreiros da segurança. Laiza estava semiescondida pelas sombras de uma prateleira. Kyer, tentava sem sucesso acalmar os ânimos. Raszen analisava os restos do aparelho no chão. Mas o que me chamou atenção foi um conjunto de vestes vermelhas que passaram farfalhando pela porta da sala.



Foi preciso muito tempo para fazer com que todos se sentassem. A maioria estava confusa e assustada, e o que pessoas fazem quando estão assim? Elas se atacam. Kyer reafirmou sua fé nos acontecimentos da lenda e foi apoiado pela senhora Helena que pontuava com fontes e documentos antigos de acesso público.

Depois, Evan pediu a palavra e discorreu sobre o que o Zmora disse sobre nós dois. Ficou vulnerável como nunca o tinha visto ao falar, justificando o que não trazíamos ao conselho e nossa convicção na missão do Construtor.

Para minha surpresa, o efeito da sinceridade do guardião foi que muitos acreditaram em nós e pareciam mais preocupados em como deter o Zmora do que com um namoro adolescente. E, se alguém acreditou que Celen havia morrido tentando envenenar Nafh'ta, teve a decência de guardar para si.

A trindade do satanás aproveitou a situação para aprovar seu protocolo, que, mesmo com nossos protestos, foi aceito sob a exigência de que nenhuma pessoa fosse condenada sem julgamento, nem submetida a tortura. Eu não confiava, o desespero é um veneno perigoso, ele dilui a moralidade das pessoas.

Raszen surpreendeu parte do conselho ao se prontificar a chefiar a equipe de cadastro. Era parte do plano colocar alguém de nossa confiança à frente do projeto se ele fosse aprovado. Agora até a estratégia que repassamos com exaustão na noite anterior parecia sem sentido com a bomba que o Zmora tinha jogado em nós.

Ao final da reunião, depois de cumprimentos singelos, constatei que ele tinha ganhado a batalha, ninguém estava confiante.

Eu me deitei na minha cama, sem nem me trocar, o máximo que fiz foi tirar os sapatos. Cruzei as mãos sobre a barriga e fiquei observando o teto, repassando todos os acontecimentos do dia. Peguei meu pergaminho, pela primeira vez não havia símbolos desenhados.

Fiquei olhando para o papiro vazio. Voltei a pensar no Zmora. A loucura de Helix estava cada vez maior, agora ele acreditava que era herdeiro de um trono que nem existia.

“O trono existe, Alys.”

Levei um susto quando as palavras se formaram no centro do papel.

— Então Helix pode ocupá-lo?

“Um herdeiro só toma posse quando o dono deixa de existir ou abre mão do reinado. Nenhuma dessas coisas aconteceu, eu continuo no trono. “

— A votação realmente existiu? Quer dizer, para ocupar seu lugar? — A esse ponto eu já imaginava que era o próprio Construtor e me respondia, através do papel. Eu pensava nas perguntas e as respostas apareciam escritas em seguida.

“O que você acha?” — ele me perguntou.

Pensei por um momento em tudo que vi na minha visita ao guardião do tempo.

— Nenhum daqueles conselheiros parecia ser leal a outra causa, mesmo que você não precisasse, eles se colocaram à sua frente para protegê-lo.

“Então porque a dúvida?” — ele me perguntou.

— Helix fala como se o que ele acredita fosse verdade.

“Certa vez, muito antes dos metais aparecerem, um homem em uma posição muito parecida com a do Zmora, disse: ‘Uma mentira repetida mil vezes se torna uma verdade’.”

Pensei algum tempo.

— Como vamos conseguir vencer o Zmora se as pessoas não acreditarem em nós? — perguntei.

“Você não é poderosa por causa do que os outros acreditam. Faça o seu trabalho, observe com atenção as pessoas à sua volta e não se preocupe com a falta de fé de alguns, tudo é proveitoso em algum ponto.

Eu me concentrei nas palavras, absorvendo o conselho.

— A sala da profecia está lacrada, achei que teríamos alguma dica no abismo. — Mudei de assunto.

A resposta demorou um pouco mais.

“A porta em Nyêha está selada até que o mal seja exposto, mas ela não é a única entrada.”

Eu escancarei a boca.

— Onde? — perguntei.

“Onde toda celebração é um ato de gratidão perene.”

A frase brilhou por mais tempo que as anteriores. Fiz outras perguntas, mas o pergaminho não me respondeu.

Fiquei algum tempo pensando no que tinha acontecido, até adormecer em meio a visões com árvores dançantes.

CAPÍTULO 22

UM NÓ NAS LINHAS MÁGICAS

É certo que eu não estava no clima para uma festa das flores. A dor da falta da minha avó tinha sido alargada em muito com a perda de Celen. Como se isso não fosse suficiente, eu ainda me sentia distante dos meus amigos e de Evan. Não tinha vontade de coisas triviais que talvez aliviassem o peso dos últimos dias e que eles tentavam fazer para me animar.

Evan tentou me dar uma folga, achando que isso me ajudaria a digerir os últimos acontecimentos. Preparou os protocolos de viagem sozinho, estudou o material da profecia e até fez anotações e me mandava por mensagem com o título: Leia depois.

Cinco dias depois da reunião ele entrou no meu quarto, com uma caixa colorida nas mãos.

— Oi, Lys. — Cutucou minhas costelas por cima das cobertas. — Eu te trouxe um presente.

Abri parcialmente os olhos, o sol começava a despontar tímido no horizonte.

— Evan, que horas são?

— Cinco e meia. Te trouxe um presente para antes do treinamento.

Balancei a cabeça e me sentei na cama abrindo caixa. Eram bombons. Franzi a sobrancelha e ele abriu um sorriso, depois se sentou na beira da minha cama.

— Eu sei que você ainda está triste.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Mas queria que soubesse que pode contar comigo, não só como guardião, eu estou aqui para você.

— Eu sei, eu sei — falei de boca cheia — eu — engoli — eu só não sei como falar algumas vezes, não quero ser um peso a mais para vocês.

— Você precisa recusar esse sentimento Lys. — O guardião levantou a sobrancelha. — Ele ainda é fruto de toda a situação com o seu pai e olha que nem para ele você era um peso.

Balancei a cabeça enquanto enfiava mais um bombom na boca. O garoto se levantou.

— Vou terminar de organizar alguns documentos e te espero lá fora para subirmos ok?

— Tudo bem — respondi.



Uma semana depois, às duas da manhã, éramos um grupo compacto formado por mim, o guardião, Laiza, Kyer, Raszen, Thela, vinte e poucos guerreiros e um Tzeba que descia mais afastado, lendo atento anotações em seu DIM.

Os últimos dias tinham sido um redemoinho de protocolos e planos, aos quais fui me habituando, e treinamentos para tentar nos preparar para as diversas possibilidades de ataques. Cada novo cenário criado por Thela me presenteava com um pesadelo noturno.

Era parte do trabalho, toda ferramenta que pudesse nos deixar mais preparados a enfrentar o Zmora era válida. Naquele dia, no entanto, dei graças por não precisar testar nenhuma delas.

Na gruta do portal, eu e Evan passamos logo depois da elfa chefe. Ela insistiu em garantir as proteções sozinhas, atravessou e algum tempo depois enviou a liberação para que nós a seguissemos.

Do outro lado, nos esperava um pequeno grupo de guerreiros chefiados por Larin, a herdeira do trono dos Sereianos. Os mais de vinte homens e mulheres mantinham uma postura ereta, suas barbatanas em tons de verde se mesclavam à mata local. Tinham nos ombros grossas argolas de metal e nas mãos longos tridentes de pontas afiadas. O fato de conseguirem se locomover tão bem mesmo tendo pernas de peixe era impressionante.

Junto deles vinha Gram, a felina descendente da dona da Taverna em que estive no ano anterior. Estava mais sóbria sem as peles no pescoço, mas os olhos gatunos continuavam afiados.

Quando me viram as duas se precipitaram em um abraço apertado.

— Que bom te ver inteira — disse a sereia.

— Que animador, você esperava que me faltasse algum pedaço? — Coloquei as mãos na cintura.

— Diante dos últimos acontecimentos? — Gram relaxou o aperto e me olhou. — É uma sorte mesmo que não falte.

Eu ri. Nós tínhamos trocando mensagens desde a minha visita ao primeiro dragão, mas com todos os acontecimentos não nos encontramos. Falando nisso, que Laiza e Thela nunca saibam, mas eu havia confidenciado minha antiga

situação com o guardião para elas. Não que tivesse ajudado, as duas engrossavam o coro do garoto de que não devíamos nos esconder.

— Capitã Larin, tudo pronto para nossa incursão à floresta — disse Thela, voltando de uma análise de perímetro.

A sereia colocou a mão sobre a testa e enrijeceu o corpo.

— Estamos acampados neste lado da mata desde ontem, senhora, análises mágicas são feitas ininterruptamente e há um dos nossos guerreiros que monitora as linhas conforme requisitamos.

— Alguém está vigiando as linhas Ley além de mim? — Tzeba perguntou.

Foi a primeira vez que o vi dizer algo desde que saímos da cidade, para ser sincera, não tinha tido muito contato com ele no último ano, assumi que as responsabilidades e posteriormente a morte de Celen tinham comprometido o emocional do filósofo. As olheiras grossas debaixo dos olhos pareciam reforçar minha teoria, além disso, aquele brilho meio maluco que fazia dele uma criatura curiosa parecia ter desaparecido por completo.

— Fizemos uma requisição ao chefe do conselho, — Larin franziu o cenho. — quando recebemos as ordens sobre a segurança.

Boa parte dos presentes se virou para o grande sábio.

— Eu devo estar muito atarefado. — Kyer ergueu as sobrancelhas. — Pensei ter incluído nos protocolos que te enviei Tzeba, peço desculpas. Thela, faça uma varredura nos documentos para que possamos garantir que não esqueci nenhuma informação importante.

A guerreira concordou e de imediato evocou o próprio DIM. Mas o que me deixou intrigada foi o breve olhar que capturei entre meu amigo e o guardião. Fiz uma nota mental de perguntar a Evan sobre isso.

Conforme nós avançávamos floresta adentro, eu relaxei um pouco. Tinha alimentado um certo receio de como iria encontrar a floresta, depois de toda destruição da última visita.

Para a minha surpresa, a mata estava se recompondo. No chão, à beira do caminho, dezenas de florezinhas de um roxo escuro cresciam e em seus botões novas pedrinhas de universo estavam se formando. Um dos guerreiros me contou que logo o chão estaria cheio delas novamente. As árvores também já tinham começado a se recuperar, não só novos galhos estavam crescendo, como novas plantas estavam brotando.

O portal, que havia sido maculado, tinha sido substituído. Estava agora mais ao leste e poderia passar despercebido a alguém menos atento. Era uma cortina de ervas, que com um feitiço e uma ordem de comando, o guerreiro que nos guiava transformou em um redemoinho de cores e nos transportou para o local onde as ocas dos visitantes ficavam.

Como não costumavam ser habitadas, se não na época da festa das flores, o Zmora não tinha dado importância a elas. Por isso, o conjunto de casinhas se transformou na sede dos seres sobreviventes. Na base das que nós tínhamos ficado da última vez, novas habitações tinham sido construídas.

Grossas árvores, que tinham aparência antiga e gasta, surgiam, abrigando o povo que agora se reconstruía e as bruxas que passaram a morar na floresta enquanto não podiam voltar para suas casas.

Nossa chegada foi uma explosão de palmas, ao menos da maioria das pessoas, enquanto crianças corriam em nossa direção e abraçavam as pernas do guardião. Foi preciso um bom tempo até que conseguíssemos chegar ao chalé base, que receberia os guerreiros e onde nós fazíamos as reuniões.

— Seja bem-vinda, Elemental.

Que me recebeu foi a filha da chefe Tâima, Mâytoa, ela tinha crescido muitos centímetros, ganhado músculos e rugas na testa. Tinha a mesma pele avermelhada do seu povo e ostentava o cocar de pajé na cabeça. Empunhava o cajado da mãe com força e dava ordens diretas às pessoas, com clareza. A chefe tinha razão quando disse que a filha estava pronta, embora ainda me trouxesse alguma tristeza pensar que ela era uma criança, que embora não tivesse perdido sua vida, estava perdendo a infância.

— Muito Obrigada, Mâytoa, como vão as coisas por aqui?

— Melhores do que na última visita que nos fez.

— Que bom, e sua mãe? — perguntei.

As bordas da sua boca se curvaram.

— Ela está melhor a cada dia, ainda não está consciente de tudo que acontece à sua volta, mas o corpo já responde aos estímulos dos curandeiros.

— Fico feliz — respondi.

Evan se sentou ao nosso lado.

— E a adaptação do povo, como está sendo? Vimos que a floresta está se reintegrando, mas sabemos que vocês perderam muitas pessoas no ataque.

Ela suspirou.

— Claro que tivemos alguns problemas, em especial porque alguns guerreiros não queriam que as bruxas ficassem.

Ergui as sobrancelhas.

— Pois é — ela continuou. — Mas fui firme quanto a isso, devemos nossas vidas a essas mulheres, que por sinal têm nos ensinado um misto de conhecimentos que pareciam perdidos há centenas de anos, e eu jamais concordaria em as expulsar daqui.

— E como reagiram quando você disse isso? — perguntou o guardião.

— A maioria dos que se opunham à permanência das bruxas se conformou e hoje, por mérito delas mesmas, as respeita. Temos até um possível casamento misto vindo por aí, diga-se de passagem. No entanto, um grupo foi embora da floresta.

— Sinto muito que você precise enfrentar tudo isso — lamentei com sinceridade.

— Não sinta, é minha tarefa Alys, cuidar do meu povo é minha missão. — Ela sorriu — Agora, preciso repassar algumas coisas com vocês.

A garota dispensou todos os guerreiros aos seus aposentos, enviou Tzeba ao centro de histórias da floresta, um escritório que tinham criado em um dos chalés, que tinha se tornado um encontro de estudiosos e anciãos da tribo, e onde o conhecimento era compartilhado. Thela também nos deixou para coordenar as medidas previstas para essa noite e Laiza e Kyer tinham algumas reuniões com líderes que começavam a chegar para a festa das flores.

No final das contas, sobramos eu, o guardião, Larim e Gram na sala. A menina pajé tirou de dentro das vestes um graveto torto, e ordenou alguns feitiços, as portas e as janelas brilharam.

— Certo, isolei o som da área, podemos falar com mais tranquilidade.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Primeiro quero explicar que não falei com vocês antes por questão de segurança, exigiria uma movimentação nas linhas Ley e não queríamos denunciar nossa posição.

Evan cruzou os braços.

— Seria uma movimentação normal, como qualquer mensagem mágica, ninguém pode ler o conteúdo através das linhas.

— É verdade, mas precisava manter uma ideia de que não temos contato nenhum ou me arriscaria a levantar suspeitas.

Ela olhou para Larim que continuou.

— Logo depois do ataque da floresta fui enviada para cá, a fim de auxiliar a reconstrução e os preparativos da festa das flores. Antes disso, fui à Laiza para ativar o metal Alpha e apresentei afinidade com o Cytisum.

— Então você, assim como Bririam e eu, tem visões? — perguntei.

— Mais ou menos, em cada um de nós os dons aparecem de forma única. Só fui compreender os meus depois que cheguei aqui. Em todos os povos existe alguém que foi treinado a ler as linhas mágicas, entre os sereios minha mãe foi a última e por ser muito talentosa, faz isso até hoje. Ela me ensinou sobre o funcionamento da magia.

Ela abriu o próprio DIM.

— Assim como qualquer um que não tem acesso ao centro de proteção que fica em Nafh'ta, só conseguimos ver as linhas à nossa volta, não o quadro geral do planeta.

Ela sacudiu as mãos e fez um quadrado no ar à sua frente e as linhas ficaram visíveis, como raios laser, a qualquer olho. Estávamos envoltos em um emaranhado de magia que pulsava. Evan descruzou os braços e se aproximou de uma das linhas.

— Como isso é possível? Nunca, nem mesmo ouvi alguém que pudesse abrir a visão das pessoas para as linhas!

— Exatamente. — Gram entrou na conversa enquanto observava a linhas que aproximavam dela soltando pequenos pulsos elétricos. — Não acredito que mais alguém no mundo possa fazer algo assim.

— Você deveria ser a protetora das linhas, digo, a nova protetora — concluí.

— Não! — disse ela em um tom mais alto, pigarreou e continuou. — Me desculpe, eu ainda fico muito nervosa com isso. — Ela balançou as mãos e as linhas desapareceram dos nossos olhos. — É que acho que meu dom pode ser mais útil de outra forma.

Ela trocou um olhar nervoso com a gatuna.

— Conte a eles — disse Gram — eles não vão duvidar de você Larin.

— Gente, o que está acontecendo? — perguntei.

A Sereia engoliu seco.

— Desde que cheguei aqui eu fui incumbida de monitorar um pequeno acesso as linhas mágicas, é como uma janela do centro de Nafh'ta que permite a monitoração da floresta, porém, graças ao meu dom e porque percebi que algo não estava certo, consegui expandir minha visão e ver o planeta como um todo.

— Você raqueou magicamente o acesso às linhas Ley? — Evan perguntou, com as sobrancelhas levantadas e um meio sorriso — outra coisa que nunca soube que era possível.

— Não era — esclareceu Gram — até que ela fez.

— Entendo por que se preocupe, mas não vamos dizer a ninguém — falou o guardião — não precisava ficar tão preocupada, sabemos que você só está trabalhando para proteger a cidade.

Os ombros tensos da sereia não relaxaram.

— Não é isso, nós... eu... — Ela esfregou as mãos no uniforme que cobria seu peito. — Eu acabei descobrindo algo quando monitorei as linhas.

A sereia voltou a coçar a garganta.

— Tem alguém manipulando as linhas — falou embolando as palavras —, de forma tão intensa que quando mostrei a Mâytoa ela enviou um de seus melhores

guerreiros para avisar a Mahu. Pelo que sei, por causa disso, eles estão há semanas evitando usar qualquer tipo de magia para não causar picos atípicos de poder.

— O que não resolveria o problema de qualquer forma — Gram explicou — o Zmora teve muito tempo para ver as linhas, desconfio que ele não atacou o clã porque lhe é útil a fama de que as bruxas são suas aliadas. Com isso, elas não tiveram outra opção senão a de se mudar.

Eu escancarei a boca.

— A colônia inteira? Para onde?

— O lado oeste da floresta, mais ao extremo, onde nós ainda dominamos mas não costumávamos habitar — explicou Mâytoa — é uma mudança lenta, primeiro vieram algumas mulheres mais velhas e fizeram feitiços de proteção, aproveitando que a equipe que preparou a sua chegada também precisava fazê-los na borda da mata, assim ficou parecendo que eram só nossas medidas de segurança.

— Eu monitorei as linhas enquanto isso acontecia — explicou Larin —, ninguém forçou as linhas e passamos despercebidos.

Ela evocou um conjunto de linhas e apontou os acontecimentos para que pudéssemos entender a complexidade do plano.

— Agora — Graham evocou um conjunto de imagens, que pareciam de uma câmara de segurança —, enquanto líderes estão chegando pelo lago, pela entrada que você veio e pela passagem aérea para a festa, estamos trazendo as bruxas, com o mínimo possível de intervenção mágica, assim misturamos as impressões.

Evan pegou o próprio DIM, clicou algumas vezes e um feixe de luz azul saiu pelas costas do aparelho.

— Larin, se você pode ver essas movimentações nas linhas, você pode reproduzi-las?

Ela pensou alguns segundos.

— Acredito que possa, mas se você pretende analisar alguma delas, precisa colocar nas suas variáveis que minha própria impressão mágica vai impregnar o monitoramento.

Nesse ponto eu já estava olhando para um e para outro como se eles estivessem jogando pingue-pongue, sem conseguir acompanhar o raciocínio. Evan escaneou o emaranhado de linhas pulsantes que a Sereia evocou. Depois um novo emaranhado, agora do que estava acontecendo à nossa volta.

— Como tenho certeza da proteção do meu DIM, coloquei a impressão mágica que Larin capturou para ser avaliada, coloquei também a da própria sereia para que na análise se retire qualquer traço da magia dela. — Ele me mostrou seu DIM. — Como você sabe, toda pessoa tem uma impressão mágica sobre as linhas,

e Nafh'ta tem um banco extenso de impressões cadastradas, então o primeiro passo é procurar entre elas e assim tentar descobrir quem as tentou manipular.

— O que eu não entendo — respondi — é como Tzeba não reportou isso. Quer dizer, ele veria algo dessa magnitude, não veria?

Evan franziu o cenho.

— Quando o filósofo foi escalado para a missão de proteger as linhas eu manifestei minha discordância, ele não é um guerreiro, você percebeu como ele anda desgastado? — Ele me perguntou. — Mesmo no casamento de Kyer e Laiza ele parecia doente. Acho que ele não tem monitorado as linhas, como deveria.

— É — respondi —, pode ser isso. Então não deveríamos falar com Ky para colocar outra pessoa.

— Não faça isso! — Larin ergueu as mãos. — Prometo que cuidaremos das linhas, mas se houver qualquer mudança na base não vamos encontrar quem está por trás das manipulações.

— Tudo bem, confio em vocês — respondi.

Ela me deu um sorriso, depois olhos para Graham e levantou a sobrancelha. A gatuna suspirou.

— Tem mais uma coisa Lys, duas na verdade que você deve saber. — A guerreira ficou de pé.

Eu coloquei a mão no rosto e esfreguei os olhos.

— Pelo Construtor, o que mais?

— A sua impressão mágica e a do guardião, há um rastreador nelas.

O semblante do guardião mudou, ele ergueu as sobrancelhas. Larin levantou os ombros.

— Eu sinto muito Evan, sei que você estava planejando visitar a montanha Tupi e as Thermas. — O guardião abriu a boca, ela ergueu a mão. — Peço imensas desculpas por saber sobre seu pedido a Mâytoa — ela apontou a pajé —, mas quando você mandou o ofício ela me pediu para garantir que o lugar estaria seguro para recebê-los. Ele está, mas vocês não.

Torci o nariz para Evan.

— Monte Tupi? — perguntei.

— Eu... — o garoto pigarreou —, pensei em te levar para um passeio, é um lugar sagrado para as pessoas dessa floresta e tem uma visão muito bonita. Mas precisava de autorização para isso.

— Então deve me compreender por que não vou autorizar a incursão, guardião — disse Mâytoa —, vou mais além, peço que tenham cuidado onde forem, com quem e por quê.

— Esperem aí, vocês estão dizendo que alguém colocou um nó mágico nas nossas linhas, daqueles que interferem em como lutamos? E vocês não tiraram os

rastreadores? — perguntei.

— Se fizermos isso, vão saber e aí... — Graham começou a explicar.

— Vamos perder a oportunidade de pegá-los. — Larin completou.

Evan estava com o olhar perdido, focado no outro extremo da sala.

— O que mais? — ele perguntou ainda sem olhar para qualquer um de nós.

— Você quer mais? — retruquei.

— Ela disse que eram duas coisas — ele explicou.

— Ah sim — Gram abriu a imagem de um mapa — nas últimas horas Larin observou três grandes impressões mágicas se deslocando pelas linhas. — Três pontos se moviam — São tão poderosas que forçam todo o resto por onde passam.

— Elas estão indo para onde? — Evan perguntou.

Larin esbugalhou os olhos.

— Pelos últimos relatórios, existe uma boa chance de que estejam vindo para cá.

CAPÍTULO 23

DO PASSADO AO FUTURO

Depois de um bom jantar que comi como se tivesse ficado em jejum a semana toda, fui para meu quarto, no chalé destinado a mim e ao guardião.

O meu sistema de segurança de Nafh'ta, DX12, estava aqui também, além de toda aparência original que tinha sido conservada. Eu me joguei na cama, fechei os olhos e apaguei.

Sonhei com uma portinha de pedra, escondida entre arbustos no pé de uma árvore de tronco grosso. Na porta o mesmo símbolo do pergaminho, rodeado por símbolos do Alpha, do Ômega, da árvore da vida e da profecia.

Acordei com um estalo, com Evan batendo na porta.

— Pode liberar a entrada, DX12.

— Entrada Permitida ao guardião. — A voz mecânica ecoou.

Evan passou pela porta com uma bandeja flutuando à sua frente. Evocou uma rede e uma pequena mesa de lado na varanda e alguns insetos brilhantes pousaram no parapeito iluminando a noite. Tudo isso sem dizer uma palavra.

— Que horas são? — Eu me levantei da cama esfregando os olhos.

— Umas duas da manhã — ele respondeu.

— QUANTO? — Apertei os olhos. — Eu só cochilei cinco minutos.

Ele riu.

— Você dormiu o dia todo e achei melhor deixar que dormisse mesmo, precisava dessa tranquilidade para recuperar suas energias. É o tipo de coisa que só a grande floresta pode dar.

— Mas e as reuniões? Os conselheiros? Os chefes? Pelo Construtor e as grandes massas que estavam vindo para cá?

— Ainda estão se locomovendo, a previsão é que cheguem amanhã cedo. Thela já preparou uma série de feitiços de segurança e mandou mensagem a quem quer que seja.

— Você não está preocupado com elas?

Ele deu de ombros.

— Na verdade não, se fosse coisa do Zmora nós já saberíamos. — explicou. — Já os líderes foram recepcionados por Kyer e Laiza, e esses foram

informados de que você está se preparando para amanhã.

— Nem vou dizer que fico triste. — Eu me sentei ao lado dele. — Menos um dia de reuniões chatas para mim.

— Que foram remarcadas para amanhã — ele corrigiu —, mas por hoje sim, uma folga merecida.

Ele pousou a bandeja na mesa.

— O que...? — Espichei os olhos para o pote de cipó com uma espécie de sorvete roxo dentro. Do lado pequenos outros potes com frutas, leite condensado e creme de avelã.

— Açaí — ele respondeu.

— O que é isso?

— Isso é parte das coisas que a revolução dos metais não pode nos dar. — Ele riu. — É uma sobremesa gelada feita de uma frutinha muito comum aqui na floresta.

Eu me sentei na rede, com um pote bem generoso do tal açaí. Entendi o que o guardião disse já na primeira colherada, era diferente, mas de um gosto tropical bastante agradável.

— Você veio me acordar às duas da manhã só por causa de um doce? — perguntei com o pote já na metade.

— Você adora doces! — Evan retrucou.

— E você adora dormir — rebati —, principalmente depois de um dia cheio de reuniões.

O garoto riu.

— É verdade, mas não é sempre que temos algum tempo em paz.

Comi mais uma colherada. Ele olhou para o horizonte.

— Lys, o que você pensa em fazer da vida depois da última lua?

— Sobre o que exatamente? — Franz a sobancelha.

— Sobre tudo, você já pensou no que vai fazer depois que não precisar viver se preparando para a guerra?

Pensei.

— Não muito — respondi com sinceridade —, antes de descobrir tudo isso eu só queria ir para a faculdade, quem sabe conhecer alguns lugares do mundo.

— Que curso você gostaria de fazer? — perguntou com os olhos arregalados.

— Não tenho ideia. — Eu gargalhei. — Sério — insisti vendo o guardião cerrar os olhos —, eu nem sei mais o que eu queria, minha vida antes de me transformar em elemental parece um borrão.

Ele ficou em silêncio comendo por um tempo.

— Eu acho que você deveria viajar, fazer um mochilão, sabe?

— Mochi o quê?

— Mochilão, tirar um tempo para ver o mundo, posso te dar algumas sugestões de comunidades mágicas e não mágicas muito legais que você adoraria conhecer.

Voltei a olhar para o meu pote por um tempo.

— E você, sabe o que vai fazer quando acabar a guerra?

— Algumas guerras nunca acabam de verdade — ele respondeu.

— Você me entendeu — ergui as sobrancelhas. — No que você está pensando?

— Acho que vou fazer alguns treinamentos especiais que Thela me sugeriu esses dias, aprender novas modalidades de luta.

Eu ri e balancei a cabeça, ele torceu o nariz.

— O que foi?

— Só você mesmo para ter o plano pós-guerra de se preparar para outra guerra.

Ele deu de ombros.

— Preciso me ocupar enquanto você viaja e estar pronto caso arranje algum arqui-inimigo no caminho.

— Ha há! Engraçadinho. — Fingi estar brava e empurrei ele com os ombros. — Já tive inimigos demais por uma vida toda. E eu não disse que vou viajar.

— Ah você vai. — Os olhos brilharam. — Quando vir os lugares que tenho para te indicar vai querer sair amanhã mesmo.

Eu olhei o horizonte.

— Porque nós estamos falando assim, como se o “nós” não fosse existir no pós-guerra? — perguntei.

Olhei para ele que desviou o olhar para o próprio pote.

— Você sabe que essa é uma possibilidade, não sabe? Quer dizer, pode ser que eu não esteja aqui depois da última lua.

— Que papo é esse, guardião? — Fechei o sorriso.

— É a verdade. Gosto de pensar que você tem sonhos e que vai realizar eles depois que isso acabar.

— Não seja idiota, é mais fácil acontecer comigo do que com você.

O garoto ficou em silêncio.

— Sabe... — Eu contive um sorriso. — Se isso acontecer, espero que você e Lilian possam se reconciliar, seguir a vida... ter filhos quem sabe.

Na minha cabeça parecia uma piada legal, juro. Ele fechou a cara e parou de comer.

— Às vezes você tem uma forma estranha de dizer que gosta de mim.

Eu relaxei os ombros. Arregalei os olhos e fiz minha melhor cara de arrependimento.

— Não é piada, são votos sinceros.

Um segundo e nós dois caímos na gargalhada. Ele colocou o pote no chão e passou o braço pelos meus ombros, eu encostei a cabeça no ombro dele. Duas luas estavam cheias e uma minguante, era um espetáculo bonito de observar.

— Sabe o que eu acho que deveria acontecer depois da última lua? — perguntei.

— O quê? — perguntou curioso.

— Acho que eu deveria mesmo viajar, quero conhecer não só os lugares, mas as pessoas e como os metais são importantes na vida delas. Tirar um ano para ver o mundo.

— Um ano, é um tempo bom. — Ele balançou a cabeça. — Achei que precisaria de mais do que isso.

— E eu não acho que você deveria ficar todo esse tempo me esperando voltar.

— O que você acha que eu deveria fazer então? — Ele ergueu a sobrancelha. — Ligar para Lilian agora mesmo e marcar o casamento?

Eu ri, confesso que embora o tom dele fosse de sarcasmo deu uma pontadinha no peito.

— Na verdade, — enrolei os dedos na borda da rede — pensei que você poderia vir comigo, quer dizer, poderíamos viajar e você me mostraria os lugares.

O sorriso do garoto vacilou. Ele me deu um beijo e tirou o braço das minhas costas.

— Eu seria imensamente feliz em ir com você, mas isso depende de uma série de fatores que só podemos contabilizar depois das luas. — Depois de outro beijo se levantou. — Agora vá dormir, amanhã as reuniões começam muito cedo.

Eu fiquei de pé, balancei as mãos e tanto a rede quanto os potes desapareceram. Franzi as sobrancelhas.

— Evan, eu disse algo errado? — perguntei.

Ele relaxou um pouco os ombros.

— NÃO! — A voz saiu um pouco mais alta que o normal. — Claro que não.

O guardião me trouxe para mais perto dele, puxou o colar das luas para que a joia aparecesse sobre meu uniforme de treinamento. A água balançava dentro do pingente completamente descongelado.

— Eu só tenho evitado sonhar com algo que nos envolva pós luas.

— Por quê? — perguntei.

Ele olhou para o colar e riu com um pouco de amargura.

— Me permitir planejar uma vida com você pode me deixar vulnerável e comprometer minha missão. Pode comprometer minhas decisões.

Eu segurei a mão dele sobre o colar e olhei dentro daqueles olhos azuis.

— Quando a guerra acabar, eu espero que isso — aponte para mim e para ele — não acabe. Você disse que eu precisava lembrar que tenho direito de sonhar além da minha missão, então por favor, seja um bom exemplo.

— Tudo bem, vou me esforçar. — O garoto sorriu.

— Vamos começar pelas viagens, para onde vamos primeiro?

O guardião balançou a cabeça.

— Lys, quando as luas entrarem em órbita você será oficialmente incorporada aos Elilmos, você precisa ao menos respeitar os costumes da sua família.

— Que costumes? — Franzi as sobrancelhas.

— Tradições antigas, que você vai aprender...

— Você também é um Elilmo por causa do juramento. — Insisti. — Pode me ensinar sobre isso enquanto viajamos.

— O fato de eu ser um Elilmo só torna ainda pior — retrucou.

— Pior como? — Eu me afastei dele e cruzei os braços.

O guardião virou os olhos.

— Não se preocupe, eu pensei em uma forma de remediar a situação. Cada coisa ao seu tempo.

— Então você vai comigo? — perguntei animada.

— Vou, se as coisas correrem como eu espero, eu vou.

Ele me deu um último beijo e se foi. Eu ainda tomei um banho rápido antes de dormir, no pequeno banheiro do meu quarto que tinha o teto enfeitado para ficar transparente ao ocupante. Um banho à luz das luas era algo reconfortante mesmo, talvez por isso eu tenha dormido muito rápido, mesmo depois de ficar pensando nos lugares que gostaria de conhecer.

CAPÍTULO 24

VISITAS

Acordei com um berro. Se fosse possível ficar surda com um grito eu teria ficado.

— ALYS, ACORDA!! — Evan gritou.

Pulei da cama, evoquei o cajado e ofeguei. Virei o rosto para os lados algumas vezes antes de perceber que o guardião tinha me chamado pela nossa ligação mental.

— Evan, você ENLOUQUECEU? — gritei na mente dele.

— Você está atrasada e precisa estar aqui AGORA! — ele respondeu.

— Aqui onde, criatura? — retruquei.

— Ponha seu uniforme e apareça na varanda.

Evoquei o feitiço e meu pijama foi substituído pelo uniforme, não tão próprio para treinamento, mas que passava uma boa mensagem aos governantes e, por mais incrível que pareça, tinha sido desenhado por Thela no dia anterior.

Quando eu cheguei na varanda, agradei por não ter dado ouvidos à minha curiosidade e aparecido de pijama. Um burburinho de conversas acaloradas já podia ser ouvido enquanto quase todo povo da floresta estava se espichando para ver o que acontecia. Não era sem motivo, no centro da clareira, no pé das árvores onde se estendia a comunidade de casinhas, três criaturas monstruosas estavam enfileiradas à frente do guardião e de Kyer. Abri as asas e desci até o lado do meu amigo, ainda boquiaberta, bem a tempo de ouvir quando um deles, de voz ressoante dizia: Só iremos falar na presença da Elemental Radul.

Precisei de uns segundos para me lembrar que esse era o sobrenome do meu avô, embora eu não o adotasse com frequência, tinha utilizado na minha visita aos três grandes. Alguns seres se apavoraram e voltavam para dentro de suas ocas.

Havia muitas armas apontadas para os três dragões, não que eles parecessem se importar com isso.

— Eu sou Alys — fiz uma reverência —, em que posso ser útil?

O menor entre os companheiros, que tinha uns quatro metros de altura, pele azulada, olhos muito negros e grossos dentes brancos foi quem me respondeu primeiro.

— Como saberemos que és tu mesmo, pequena criatura, a quem procuramos?

Ergui as sobrancelhas. Empinei o nariz. Abri bem as asas para que pudessem ver as escamas ao mesmo tempo que afastei a gola da blusa para que ficasse visível o símbolo do poder draconiano.

O outro dragão, que tinha escamas furta-cor, a barriga verde e olhos gatunos chegou mais perto. Dos três, era o que tinha o focinho mais alongado, com bigodes que iam até o chão e um corpão magrelo. O lagarto fungou na minha cara. Eu me obriguei a não dar nem um passo para traz mesmo diante daqueles dentes afiados.

— Ela tem o cheiro do Celen, deve ser ela mesma a neta dele.

O terceiro lagarto era todo amarelo ouro e, embora estivesse flutuando metros acima do solo, não tinha asas. Era longo como uma cobra e tinha pelos e espinhos pelo corpo. Os olhos eram brancos, sem pupilas. Ele se aproximou e inspirou. Depois voltou ao seu lugar.

Os três se olharam, acenaram. Seus corpos gigantescos foram envolvidos por uma névoa acinzentada e diminuíram até que o que víamos não eram mais lagartos e sim humanoides.

O dragão azul se tornou em uma mulher de cabelo curto espetado, olhos grandes e negros e pele acinzentada. O segundo em uma criança, a aparência era de no máximo uns oito anos, olhos puxados e gatunos e pele esverdeada. O terceiro era um homem alto, musculoso, de pele dourada e olhos brancos como na sua versão lagarto.

Os três vestiam um tipo de bata cerimonial que ia até os pés e tinha longas mangas, presa pela cintura com uma fita metálica cheia de símbolos dançantes.

A criança abriu um sorriso, com dentinhos afiados.

— Viemos por sua causa, Elemental.

Até os pássaros, tão barulhentos nessa parte da floresta, tinham se calado, ou fugido. As pessoas estavam congeladas com olhos arregalados e bocas escancaradas. E eles tinham motivo para isso. Dragões selvagens, jamais revelavam sua forma humanoide, era ela que lhes dava a facilidade de andar entre os seres mágicos com discrição. Tal atitude era uma prova de confiança sem precedentes.

Eu me curvei da mesma forma que Celen havia me ensinado a falar com os grandes no ano anterior, um pequeno sorriso surgiu no canto da boca da mulher de cabelos azuis. O homem ergueu as sobrancelhas e a criança deu pulinhos, animada.

— A que devo a honra da presença de integrantes do meu povo por ascendência? — perguntei.

Evan se ligou à minha mente.

— Olha só se não é você dominando a arte política? — Caçoou.

— Não me desconcentra! — Despluguei a ligação.

O homem foi quem me respondeu.

— Viemos fazer o juramento.

Um misto de exclamações percorreu as casinhas.

— Vocês farão o juramento à profecia? — Kyer perguntou.

— Foi isso o que ele acabou de dizer, criança — respondeu a mulher torcendo o nariz.

Kyer só ergueu as sobrancelhas, não ofendido, mas impressionado.

— Somos representantes dos mais importantes povos dragões — explicou a criança. — Os Quetza. — Apontou para o homem que antes era um lagarto amarelo. — Os Bakuna. — Mostrou a mulher à sua direita. — E os Imoogis. — Colocou a mão sobre o próprio peito. — E reconhecemos a lenda do Construtor, assim como a necessidade de nos juntar as forças que lutam nesta guerra.

Alguns segundos de silêncio, um pio distante.

— Até onde sabemos, dragões não vivem em comunidades — interferiu Evan —, é verdade?

— Sim — respondeu o homem — porém respeitamos os mais fortes como líderes da nossa raça. Celen passou os últimos meses apresentando seus argumentos sobre a natureza da magia do mundo, bem como, sobre as intenções de vocês.

— Quando ele morreu — continuou a criança com olhos baixos — foi um golpe duro no coração de todo dragão vivo. Embora a maioria de nós não concordasse com a decisão dele de caminhar como um Polto, respeitávamos sua determinação de fazer o que julgava correto, mesmo contra a própria família.

— E ele tinha estilo — completou a mulher.

O homem lhe cerrou os olhos antes de continuar.

— Por isso, decidimos nos unir a vocês — finalizou.

— Me desculpe se soarei ingrato — o guardião fixou o olhar no homem —, veja bem, três dragões são um excelente reforço, mas diante da nossa situação, cabe perguntar, são só vocês três? — Evan questionou.

— Nós falamos pela nossa raça, mas não podemos afirmar quantos de nós se juntarão à batalha no dia da última lua. Todo dragão é livre — a criança explicou.

Depois do susto de ter três lagartos gigantes pousando na floresta, somado ao inédito anúncio de juramento, algumas medidas precisaram ser tomadas. Enquanto eles trocavam cumprimentos com líderes de toda parte do mundo, Larin cochichou algo no ouvido de Kyer, os olhos dele se iluminaram e ele balançou a

cabeça positivamente, esperou que se acalmassem os ânimos, e se dirigiu aos visitantes.

— Pois bem, ordenei um lugar especial para os senhores, ao oeste da floresta onde não há seres habitando e onde terão conforto e espaço. A menos que prefiram ficar na forma humana em uma das nossas habitações.

— Não mesmo! — a pequena se apressou — sem ofensa, mas essa forma pinica.

Eu ri baixinho.

— Ótima ideia essa da Larin — falou Evan na minha mente.

— Que ideia? — Lancei um olhar curioso.

— De colocar os dragões na área para onde as bruxas vão ser transportadas, primeiro porque os dois povos têm um histórico de amizade, segundo e mais importante, porque a presença dessas criaturas vai ajudar em muito a disfarçar a chegada de tanta gente na floresta.

— Ah — olhei pra ele de esguelha enquanto falávamos — boa! E quanto ao plano do pergaminho?

— Eu já coloquei ontem de noite o papiro em uma redoma na parte leste da floresta. Larin está monitorando a área e vai nos avisar qualquer movimentação estranha.

— Ficar sem ele me incomoda — observei a menininha cumprimentando a pajé —, mas se não tem outra forma.

— Não se preocupe, se eu estou certo logo vamos precisar buscá-lo. E você sabe, eu acerto bastante.

Eu ri e virei os olhos.



Nem mesmo a chegada de um grupo de dragões me livrou das reuniões do dia. Recebi líderes de povos distantes que para a minha tristeza, em grande parte, tinham perdido crianças para o Zmora. Pelo menos o testemunho deles servia como prova de que as alegações do homem na reunião não passavam de uma tentativa de comprometer nossa imagem.

Lá pela hora do almoço, o príncipe Mahu veio nos encontrar. Junto dele estava uma mulher de aparência leonina, longos cabelos loiros encaracolados e amarrados em uma trança que ia até perto de seus pés. Os olhos eram rajados e vestia uniforme parecido com o do marido.

— Finalmente posso conhecê-la — ela estendeu a mão e me cumprimentou com força —, a famosa Elemental.

Eu fiquei rubra.

— É um prazer, senhora!

Eles se sentaram para almoçar conosco, em uma sala privada, onde o príncipe passou a nos contar sobre os últimos acontecimentos tanto em sua comunidade quanto na chegada das bruxas. Os dragões estavam honrados de participar da proteção das feiticeiras e boa parte do clã já havia sido transportado, junto com seus pertences.

Nós estávamos falando sobre os planos para a criação de uma força-tarefa comum, incluindo assim todo tipo de seres, no exército da cidade de Nafh'ta quando um dos seus guerreiros, Rah, aquele que vivia nos fazendo rir, entrou correndo.

Nem de longe parecia o mesmo homem, costas retas e arma em punho. Entendi porque a confiança de seu príncipe permanecia inabalável mesmo quando ele falava algumas bobagens, diante de uma batalha ele era irrepreensível.

— Senhor, permissão urgente para reportar. — Ele parou abrupto, batendo a mão no peito.

— Permissão concedida,. — Mahu se colocou de pé, a calda flamejando. — O que houve?

— Temos um ataque às bruxas — ele explicou.

Eu evoquei o cajado e fiquei de pé.

— Pelo Construtor, como Helix pode ter encontrado o clã e entrado sem que nós percebêssemos?

O homem se virou para mim, os olhos inexpressivos.

— Não são os Zmoras.



Eu abri as asas e alcei voo assim que saí pela porta. Evan evocou sua moto e plainou ao meu lado. Com os preparativos para a festa, a maioria do povo da floresta estava na área do templo e com isso, quase ninguém viu nossa movimentação.

Perto da clareira, os três dragões estavam em sua forma plena com as bocarras escancaradas e eu podia ver a luz no fundo de suas gargantas anunciando que um passo em falso e todos viraríamos churrasquinho. Entre suas patas um grupo de vinte pessoas, mulheres e homens do clã das bruxas, que empunhavam suas armas.

Do lado contrário, um grupo de mais ou menos cinquenta pessoas encapuzadas e vestidas com batas brancas que iam até a ponta dos pés também estavam prontas para atacar.

Posamos no centro, entre os dois grupos.

— O que diabos vocês estão fazendo? — perguntei ao grupo encapuzado.

— Estamos defendendo nossas famílias. — A voz grossa do indivíduo que estava alguns passos à frente ecoou por entre as vestes.

— Atacando as nossas famílias que nada fizeram a vocês? — A bruxa que liderava o clã, uma mulher alta de cabelos negros, soltou faíscas da varinha que segurava.

— Vocês não têm famílias — o encapuzado respondeu, e um frio subiu pela minha espinha, aquela voz não me era estranha.

As bruxas praguejaram, ele levantou a voz.

— Vocês são um agrupamento de pessoas que deveriam ser exterminadas, são feiticeiras que sugam as almas das nossas crianças.

Kyer chegou bem nessa hora, antes que eu metesse o cajado na cabeça do homem encapuzado, como eu estava intentando fazer.

Ele pousou ao nosso lado e cruzou os braços.

— O que está acontecendo aqui?

— Nós estávamos acomodando nosso povo — a bruxa relaxou um pouco os ombros — quando fomos atacados por esse grupo de malucos. Duas de nossas crianças que estavam brincando na área quando o ataque começou, foram atingidas.

Laiza que havia pousado há pouco, arregalou os olhos.

— Me levem até elas, — as pessoas do clã se entreolharam, minha amiga implorou — me deixe ajudar!

A mulher por fim concordou e abriu caminho enquanto a elfa desaparecia por de trás do grupo.

Kyer, por sua vez, se dirigiu aos humanos.

— O que vocês têm a dizer sobre isso? — inquiriu.

— Não queríamos atingir nenhuma criança, se eles tivessem se rendido nada disso estaria acontecendo. E não mude de assunto, eles que são o risco para nós.

Os dragões rosnaram. O grande sábio uniu as mãos.

— Eu vejo o rosto de cada pessoa do clã bruxo. — Apontou em direção a eles. — Assim como dos dragões que as estão defendendo. Agora, não sei quem vocês são por trás dessas máscaras. Como espera que eu julgue seus intentos como dignos se nem você mesmo quer ser vinculado à sua causa?

Foi a vez de algumas pessoas dos encapuzados se mexerem, incomodadas. Outros endureceram suas posturas. Quem os chefiava ficou em silêncio por um segundo, suspirou, guardou sua espada na bainha das vestes longas e brancas e tirou o capuz.

Debaixo dele estava o conselheiro Athenon, o que surpreendeu o número incrível de zero pessoas.

— Eu sabia — falou Evan pela nossa ligação — a estrutura corporal e a forma de se movimentar, só podia ser ele.

— Você quer dizer como uma múmia? — completei.

— Não, como um zumbi.

Desliguei a minha mente de Evan antes que ele me fizesse rir em um momento impróprio como aquele. Mesmo as bruxas não se assustaram ao ver o homem, não era segredo para ninguém que ele não estava contente com a nossa resistência aos seus planos.

Eu senti mais vontade ainda de dar uma cajadada na cabeça do conselheiro, Kyer, graças aos céus, era o grande sábio.

— Conselheiro Athenon, agora sim podemos falar como pessoas civilizadas que somos. Mais alguém irá se apresentar? — perguntou olhando ao resto do grupo. — Não?! É uma pena, porque vocês serão todos presos da mesma maneira.

As pessoas começaram a se virar para fugir, mas era tarde, um grupo de guerreiros já tinha cercado o perímetro.

— Você não pode fazer isso, garoto insolente! — Levantou o dedo em riste. — Não pode provar que não foram as bruxas — cuspiu a palavra ao citar as guerreiras — que nos atacaram primeiro.

— É verdade Senhor, — Kyer endureceu a voz — embora as circunstâncias sejam muito estranhas, o senhor não acha? Um grupo encapuzado passeando aleatório pelo lado inabitado da floresta é atacado por um grupo de bruxas que estão se instalando com crianças e idosos em grande número. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Porém, não estou prendendo vocês por isso e sim pelo ataque a Alexandria no ano passado, especialmente à Elemental, e que destruiu parte do acervo milenar. Como você sabe, todo ataque ao conhecimento guardado ali é considerado crime contra a humanidade, nem mesmo o Zmora intentou fazê-lo.

— Você também não pode provar que nós estávamos lá! — gritou o homem enquanto Thela prendia suas mãos com argolas de energia. — Poderiam ser outras pessoas.

— Eu não preciso, isso é papel dos juízes de Nyêha. Mas é sempre bom lembrar que temos as filmagens do ataque e cabe ao senhor demonstrar que não estava na cena do crime. Enquanto isso, as bruxas irão se estabelecer, fazer o juramento da profecia, nos ajudar a vencer essa guerra e ocupar o lugar que é delas por direito.

Os olhos do homem se esbugalharam, nas bochechas surgiram manchas vermelhas e ele fungava com força.

— Você está colocando nossas famílias em risco! ELAS SÃO AMALDIÇOADAS, SÃO UM VENENO QUE DESCERÁ ATÉ A SEPULTURA

COM NOSSOS MORTOS.

O homem era sempre tão sóbrio, com seu terno impecável, os cabelos bem penteados e olhar altivo, era assustador o ver daquela forma. Nem mesmo quando Kyer se tornou um Radul, o conselheiro teve um acesso como aquele.

— O seu ódio que é o veneno aqui, conselheiro. Seu medo irracional te impede de ver outros indivíduos diferentes de você, que inclusive, salvaram sua família na última batalha — respondeu Kyer. — Leve-os daqui, já requisitei o Voltrin, ele chegará à borda da floresta em uma hora. Entregue-os à custódia em Nafh'ta.

O soldado que chefiava aquele grupo acenou concordando, enquanto as pessoas iam sendo levadas para fora da clareira. Laiza voltou por entre as patas de um dos dragões, o coque estava um pouco desfeito e os olhos tristes.

Eu prendi a respiração.

— Consegui salvá-las — a elfa me acalmou — mas foi por muito pouco. — Virou-se para meu amigo. — Não importa o que aquele conselheiro diga Kyer, eles atacaram para matar.

Na volta para nossas habitações, depois que Mahu garantiu mais segurança às bruxas, eu me liguei à mente de Evan.

— O que está acontecendo, você não disse nada nem quando o conselheiro tirou o capuz.

Silêncio.

— Evan!

— O quê? Ahh, oi, desculpa.

— Em que planeta você está? O que está acontecendo?

Ele me olhou de esguelha quando pousamos na minha varanda, desfez a moto e entrou no quarto.

— Quando o grupo paramilitar foi preso — pausou — pensei ter reconhecido algumas pessoas.

— Como? Eles não tiraram o capuz de ninguém. — Apertei os olhos.

— Não. Mas parte dos pés de alguns deles ficaram à mostra, enquanto eram empurrados.

Abri a boca e arregalei os olhos.

— Quem?

— Além da Cassandra e do Ori...

Claro — pensei. O guardião me olhou nos olhos.

— Pensei ter visto meu pai.

CAPÍTULO 25

UM SERVO EM LUGAR DE UM REI

Com toda a movimentação do ataque às bruxas, e a desconfiança de Evan sobre a própria família, só consegui cochilar no final da tarde. O guardião ainda não tinha conseguido falar com Thela para confirmar quem fazia parte do grupo que foi preso. Então, depois de um banho demorado para tentar aliviar meus pés que doíam e minhas costas que latejavam, encostei na cama e suspirei. Não durou nem três segundos e Evan estava falando na minha mente.

— Lys!

— Oi? — Sacudi a cabeça. — Alguma novidade?

— Larin me mandou uma mensagem, temos movimentação no lugar do pergaminho.

— Ela sabe quem é? — perguntei.

— Não, a pessoa está usando um rastreador de ocultamento, vamos ter que ir logo, me encontra no telhado.

Lavei o rosto, esfreguei os olhos e troquei minhas vestes para o uniforme comum. Em cima da casa, Evan estava de braços cruzados, olhando para os lados e batendo o pé.

— Pelo Construtor, você entendeu o que eu disse? — ralhou comigo. — Que demora foi essa?

— Tenha paciência. — Dei de ombros. — Não tive tempo nem de me recuperar, tô cansada e indo para uma possível batalha.

Ele balançou a cabeça, evocou a moto e saiu em disparada. Só dei um desconto para o mal humor do guardião porque se eu imaginasse que meu pai fazia parte de uma seita cujo objetivo era caçar pessoas inocentes só por causa do seu DNA eu também estaria insuportável. Abri as asas e o segui até a base da montanha oeste.

— Não desça ainda — disse ele na minha mente, segundos antes de alcançá-lo.

O garoto sacudiu as mãos e eu senti como se meu corpo se tornasse papel.

— Evan, o que você tá fazendo? — perguntei olhando para minha barriga chapada, de um jeito péssimo.

— Tentando maquiagem nossa presença. — Ele apontou para um trecho mais afastado. — Vamos nos esconder naquele rochedo.

O grupo de pedras que estava a metros da redoma de vidro que protegia o pergaminho. Quando pousamos, em total silêncio, entendi a necessidade do feitiço do guardião. Já havia alguém lá, debaixo de uma capa verde e nunca que eu conseguiria ser tão discreta em condições normais.

Nós nos abaixamos por trás do pedregulho, enquanto o nosso ladrão desfazia mais dois ou três feitiços.

— Você não acha que está muito na cara? — Eu me liguei à mente de Evan. — Quer dizer, o pergaminho está à mostra para qualquer um. — Levantei as mãos ainda sem emitir sons. — Como é que não desconfiaram que era uma armadilha?

A pessoa que tentava alcançar o pergaminho, lançando feitiços, livrou-se de um conjunto de raízes grossas que subiam pelas suas pernas. O guardião virou os olhos e balançou a cabeça.

— Ligue os óculos — ele ordenou.

Foi o Lifran projetar minha visão que percebi a bobagem que tinha dito. Evan tinha colocado todo tipo de proteções em volta da redoma, onde quer que o ser encostasse surgiam armadilhas e no ritmo que ele ia, com sorte, gastaria uns dois dias até conseguir vencê-las.

Foi quando o ser encapuzado colocou a mão para fora, as longas unhas de metal vermelho reluziram, o tempo começou a correr lento. Virei minha cabeça para Evan, com muito esforço e arregalei os olhos, meu corpo também tinha sido aprisionado no feitiço.

O guardião balançou a cabeça, na mesma lentidão, recitou um feitiço e senti meu corpo ser libertado do encantamento. O problema é que o homem percebeu de imediato que alguma vertente de poder tinha sido interrompida. Evan pulou de trás dos pedregulhos e começou a atacá-lo.

Eu fui mais lenta, mas evoquei o cajado e lancei algumas teias de energia a tempo de impedir que ele fugisse.

— Se mostre! — ordenou o guardião.

O ladrão congelou no lugar por alguns milésimos de segundo. Depois tentou fugir, lançando feitiços a esmo nas pedras e em direção à saída. Eu evoquei o meu escudo e me liguei à mente do guardião.

— Ou quem está debaixo dessa roupa tem uma mira horrível, ou não está tentando nos atingir.

Evitei que mais um feitiço atingisse a montanha.

— Distraia ele — Evan me pediu.

Guardei o escudo, estendi as mãos e comecei a criar pequenos pássaros de energia que avançaram furiosos em direção ao ladrão. Ele tentava afastar os atacantes sem sucesso, mais compenetrado no estrago que os animais poderiam fazer. O guardião por sua vez juntou as mãos, recitou um feitiço e soprou com força.

Um vendaval surgiu do outro lado de suas palmas unidas e varreu meus animais, assim como o capuz que cobria nosso inimigo. Eu relaxei os ombros, senti meu corpo congelar como se o feitiço de lentidão tivesse sido refeito.

— Tzeba! O que diabos você está fazendo aqui? — perguntei boquiaberta.

O homem perdeu a cor, abriu a boca e a fechou algumas vezes.

— Ele é o nosso traidor — Evan explicou.

O garoto ainda tinha a espada apontada, mas os ombros tinham se baixado, as sobrancelhas estavam curvadas e os olhos murchos.

Olhei para ele e franzi a testa.

— Do que é que você está falando? Ficou maluco?

O guardião balançou a cabeça.

— Só ele tinha acesso às linhas Ley — Evan explicou ainda sem tirar o olhar do filósofo. — Depois que descobrimos sobre o rastreador eu comecei a perceber que o elfo era o único que estava em todas as situações nas quais o Zmora teve acesso.

Eu prendi o ar. Olhei para Tzeba, que mais parecia uma estátua. Evan balançou a cabeça.

— Pense Lys, ele foi o único que percebeu o erro de cálculo na primeira parte da profecia e por isso o Zmora nos achou tão rápido. E depois disso, uma dezena de acontecimentos, em todos eles há o dedo de Tzeba.

Foram necessários alguns segundos para que eu conseguisse raciocinar o que o guardião estava dizendo.

— Tzeba — falei quase sussurrando — você não vai se defender?

O homem que tinha baixado a cabeça, levantou os olhos e eu voltei a prender a respiração. Os olhos estavam parcialmente brancos e longas veias verde subiam pelo pescoço. As lágrimas desciam pelo rosto dele.

— O que foi que você fez, Tzeba? — Evan perguntou.

— Você vai se tornar um Zmora? — eu intervi.

O filósofo riu, com amargura.

— Só humanos podem se tornar Zmoras. Eu só recebi uma parcela de feitiços que provavelmente vão me levar à morte e que me deram um pouco mais de poder para cumprir os intentos do mestre.

A palavra mestre desceu pela minha garganta, amarga. Então ele também servia ao ser milenar que nos perseguia.

— Celen confiava em você — acusei ainda sussurrando.

— Ele era mesmo um tolo, via coisas boas e inexistentes em cada pessoa com quem conviveu.

Eu não tive resposta para aquilo, sentia as forças se esvaindo.

— Porque, Tzeba? — O guardião perguntou, com a voz mais firme.

Ele segurou um soluço, as lágrimas pingando do queixo.

— Nós já perdemos essa guerra, vocês não podem impedi-lo não importa o que façam.

Eu bati o cajado no chão, faíscas saltaram.

— E por isso você resolveu se juntar ao time que acha que será vencedor?

O filósofo balançou a cabeça.

— Vocês não entendem, eles vão destruir tudo, todo o conhecimento de Nyêha, todas nossas pesquisas, todo o registro sobre a história desse planeta. Minha missão sempre foi proteger aquele conhecimento, mesmo que custasse minha vida.

Aquela conversa era cada vez mais indigesta.

— A custo da vida dos seus amigos e da sua família? — Dei mais uns passos em direção ao homem.

— Não seja hipócrita, você deixaria de cumprir sua missão se a vida de quem você ama estivesse em risco?

Eu me calei. Tzeba sustentou o meu olhar, quase sem piscar.

— O que ele sabe de nós, Tzeba? — Evan inquireu. — O que ele sabe que pode nos comprometer?

O filósofo balançou a cabeça.

— Não posso dizer, nem que eu quisesse poderia.

Evan fungou e lançou um feitiço tão rápido que mal consegui ver o caminho que ele fez, logo grossas cordas de metal e algemas tecnológicas prendiam o homem.

— Tzeba, se você falar, se você contar o que sabe, — implorei — posso pedir ao conselho uma pena mais branda, tentar fazer com que compreendam que você foi enganado.

Evan me olhou como se estivesse prestes a me sacudir, o filósofo riu.

— Você tem muito mais do seu avô do que imagina — disse o homem — acreditando que fui enganado. Mesmo que fosse o caso, o conselho nunca terá misericórdia de alguém como eu, Alys. — Ele limpou parte das lágrimas com a manga da veste. — Eu não sou humano, isso é o suficiente para que alguns deles acreditem que nem alma eu tenho.

Eu voltei a ficar sem resposta. Vez ou outra, eu me sentia daquela forma com relação ao conselho, eu me sentia impotente para mudar o que achava estar

errado. Uma voz soou na minha mente.

“Lembre-se de quem é o inimigo, não uma pessoa, um sentimento...”

Meus óculos se ligaram sem meu comando. Vi que as palavras ditas pelo homem estavam envoltas por linhas mágicas amareladas, que pulsavam e que estavam ligadas às veias verdes que subiam pelo seu pescoço. Cada vez que ele dizia algo, elas bombeavam em direção a mim, tentando se plugar às linhas Ley que me rodeavam. Eu me perguntei se o filósofo sabia que isso acontecia. Inspirei e agradei por poder ver.

— Me diga pelo menos por que quer o pergaminho — pedi.

O homem franziu a sobrancelha.

— Já te disse que não posso dizer nada — rosnou.

Nós ficamos em silêncio, ele bateu o pé, olhou para os lados e suspirou.

— Você não consegue mesmo pensar em nenhum motivo?

Ergui os ombros e cerrei os olhos.

— Ehhhh?! Não... quem dizer, é um documento deixado pelo Construtor, mas é só, nem sempre é possível lê-lo, duvido que o Zmora ou o seu mestre possam fazê-lo.

— Mas ainda assim você consegue, não é?! — Os olhos de Tzeba brilharam. — Você tem um conhecimento que ninguém mais tem, você não sabe o quanto isso é perigoso?

Fiquei em silêncio. O filósofo esfregou as mãos.

— Se você é livre, mas acredita que é um escravo de quem serve a sua liberdade? Agora se tentarem te fazer um servo, tendo você o conhecimento de sua realeza, acaso você serviria a outro trono que não o seu próprio?

A expressão de Evan relaxou, eu me liguei à mente dele.

— Por favor me diga que você entendeu! Ainda estou no nível básico do curso de decifrador de explicações estranhas feitas por seres centenários.

Ele não riu.

— Você tem uma prova real da existência do Construtor — explicou — mesmo que alguns continuem a negar a profecia, o pergaminho afetaria a lealdade da maioria das pessoas. Por isso eles precisam tirá-lo de você, para que seja só a nossa palavra.

— Você está de brincadeira? — Minha voz saiu um pouco esganiçada. — Eu pareço um avestruz tatuado, você um robocop motoqueiro e eles só vão acreditar vendo um pedaço de papel?

Vi Evan virar os olhos e balançar a cabeça.

— Para nós pode existir uma dezena de explicações, para um papiro semieletrônico com um símbolo datado de antes dos humanos, as justificativas se tornam mais escacas.

Ergui as sobrancelhas, o filósofo abriu um sorriso.

— Fico feliz que você tenha compreendido. Posso te pedir um favor?

— Um favor? — questionei.

— Diga a Laiza que nunca entreguei sua localização, que fazia parte do acordo que fiz que ela não fosse tocada. — As lágrimas se tornaram mais numerosas. — Diga para que ela guarde meus bons ensinamentos. — Ele fungou. — Todos os dias eu rezo para que tenha feito a coisa errada e vocês tenham sucesso.

— Tzeba, você mesmo pode dizer isso a ela, quando voltarmos.

Ele riu, um riso agudo seguido de um espasmo de dor.

— Eu te disse que não poderia dizer qualquer coisa do Zmora, mesmo que eu quisesse, se lembra? — As veias do pescoço começaram a pulsar, perigosamente. — Ao que parece o mestre não confiava na minha lealdade. É claro que um ser milenar — ele se engasgou, eu corri em sua direção — claro, que ele saberia que eu não poderia deixar de acreditar em vocês, não de verdade.

Cheguei a tempo de acudir o homem, enquanto o corpo cedia. Evan desfez as cordas e me ajudou a deitá-lo no chão. Eu ergui as mãos e comecei uma série de feitiços de cura. O filósofo segurou minha mão direita.

— Isso não vai funcionar, Alys.

Brotaram gotas nos meus olhos, não importava que ele tivesse nos espionado, não queria que morresse.

— Me escute. — Apertou meu pulso. — Não leve meu corpo para a cidade. — Torceu o nariz quando teve outro espasmo de dor. — Tem muitos feitiços nele que podem comprometer a segurança de vocês.

— Não podemos te deixar aqui — disse o guardião.

O homem tirou das vestes uma pequena cápsula.

— Coloque sobre meu peito, ele revestirá meu corpo e vocês poderão me levar para Nafh'ta sem oferecer risco a ninguém. Mas ainda assim, não me leve para o templo.

Os olhos foram se tornando mais opacos, ele fixou o olhar em algum ponto atrás de nós, tão firme que cheguei a virar a cabeça para ter certeza que não havia nada lá.

— Espero que a visão que tive se concretize o mais rápido possível.

— Que visão? — perguntei.

Ele tossiu com mais força, o corpo todo tremia.

— Um novo guardião das chaves de Nafh'ta se levantará e no domínio dele grandes coisas irão acontecer.

— Você não fala como alguém que desistiu de acreditar na profecia. — Segurei a mão do homem.

A voz dele voltou a ficar aguda, o nariz torcido.

— A habilidade de um bom filósofo é questionar o tempo todo, até a si mesmo. Acho que no fim, eu vou morrer por isso.

Evan intensificou os feitiços, mas a cor do homem só piorava. Eu me liguei à mente do guardião.

— Você já chamou ajuda?

— Não tem como, não daqui. Os feitiços impedem qualquer comunicação externa.

— Então vamos deixá-lo morrer assim?

Evan me olhou, as pupilas dilatadas, olhos vermelhos. Fiz silêncio. O homem respirava lentamente.

— Tem mais uma coisa. — Virou o rosto e cuspiu uma grande quantidade de sangue. — Tirem os rastreadores o mais rápido que puderem, eles estão interferindo nos seus poderes.

— Não percebi nenhuma mudança. — Constatei.

— Porque eles estão instalados desde a última lua — ele explicou. — Vocês não acessaram o poder do ômega, como nunca fizeram, não teriam como saber.

Evan concordou com a cabeça. O filósofo voltou a olhar para o céu, agora de um tom arroxado, o que eu supunha ele não conseguia ver com os olhos turvos. Lágrimas descendo pelos cantos do rosto.

— Assim vou, como vim. Já fui pó, já fui carne, volto a ser espírito.

Ele suspirou, o corpo parou de tremer. Evan parou de recitar feitiços. Eu soluzei. Fechei os olhos do homem, enquanto a água lavava meu rosto, não só a das lágrimas, mas da chuva fina que começava a cair do céu.

Pensei sobre o que ele tinha me dito sobre o conhecimento. Embora ele tivesse acesso a toda palavra já escrita, o medo tinha feito ele um servo enquanto ele deveria ser um rei.

CAPÍTULO 26

VÁRIAS FESTAS EM UMA

Eu queria voltar para o centro caminhando, mas o guardião me convenceu a abrir as asas. Tínhamos ficado mais de uma hora fora da cidade e a festa das flores começaria em breve.

O sentimento de perda embargava a minha visão, nós continuávamos perdendo pessoas, não só para a batalha externa, mas também para as mentiras que minavam as lutas internas. Deixar o caixão de metal para trás não tinha me deixado mais feliz, não importa se ele tinha nos traído, eu não precisava me tornar como o Zmora.

Na borda da clareira onde ficavam as habitações, estavam enfileirados Laiza, Thela e Kyer. As duas primeiras tinham os olhos vermelhos e marcas de lágrimas na face. Com eles Mahu e sua esposa, com sobrancelhas curvadas. Enquanto voávamos de volta, Evan transportou uma lembrança, era um feitiço novo que ele tinha desenvolvido a partir de suas habilidades ligadas aos Elilmos, então os cinco já sabiam o que tinha acontecido com riqueza de detalhes.

Agradei por não precisar relatar. Kyer me abraçou assim que pousei, deitei a cabeça em seu ombro e fiquei ali por alguns minutos enquanto Evan esclarecia uma e outra coisa. Ainda estava abraçada ao meu amigo quando meu corpo começou a pinicar com pequenos choques.

Kyer se afastou de mim em um pulo.

— Que é isso, Lys? Você está bem? Me deu um choque!

Olhei para minhas mãos, correntes de poder estralando nas pontas dos dedos.

— Não tenho ideia. Evan?

O garoto passava pelo mesmo processo que eu.

Ele arregalou os olhos quando uma redoma de poder envolveu nossos corpos. Ouvi um sussurro na minha mente antes de perder a consciência.

— Ômega.



Inspirei com força e me sentei. A cabeça rodou. Estava na minha cama, uma hora depois. Meia dúzia de médicos faziam feitiços. Evan estava deitado em uma cama improvisada no outro extremo do quarto.

— Vocês responderam melhor aos feitiços quando os mantivemos juntos — explicou Laiza com as mãos no meu peito e costas. — Está tudo bem.

Respirei ruidosamente. Minha visão um pouco embaçada.

— O que houve?

— Quando recebi a lembrança enviada pelo guardião, mandei que Larin tirasse o rastreador. Não sabíamos que ele era tão poderoso, bloqueava muita magia e quando o fluxo foi restaurado, somando à exaustão do dia de hoje, derrubou vocês.

O guardião se levantou em um pulo, evocou Kydêmonas e ofegou.

— Alys, onde está Alys?

Parte dos curandeiros deu risada, outra parte tentava contê-lo.

— Eu tô aqui, tá tudo bem Ev.

Ele me olhou e a respiração foi se acalmando. O garoto precisou se apoiar na espada, e foi acudido por uma médica que estava ao seu lado. Eles o ajudaram a se sentar enquanto minha visão foi voltando ao normal.

Arregalei os olhos e direcionei o olhar do guardião para Layza e de volta para ele algumas vezes antes de conseguir falar.

— O que houve com ele?

Olhei para a minha própria mão, antes que minha amiga pudesse explicar, evoquei o espelho que ficava sobre o armário. Ele passou ziguezagueando por entre as pessoas, até quase raspar na cabeça de Laiza e parar na minha mão.

— Pelo Construtor, agora meus olhos vão ser assim? — As chamas roxas estavam mais intensas, e tomavam quase todo o globo ocular. As fênix do lado deles, antes quase invisíveis, estavam em cor viva e o Lifran que marcava meu corpo estava mais grosso.

— Não sabemos Lys — a elfa respondeu —, pode ser um só um resultado passageiro por vocês terem recebido tanto poder. Esperamos que os metais vão se adequar com o tempo.

Evan cerrou os olhos, ainda sentado em seu leito.

— Que horas são? — ele perguntou. — Estou ouvindo as pessoas rindo e conversando.

Laiza franziu a testa, foi até a varanda onde um dos barcos voadores estava atracado e voltou coçando a cabeça.

— Todos já estão no templo para a festa das flores, não tem ninguém aqui.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O cheiro da comida está ótimo.

Laiza olhou para a médica que o tinha acudido.

— Faça uma varredura de poderes, mas não o toque, não sabemos como o poder nele vai se manifestar.

— Você me tocou — eu disse para ela.

— Porque a natureza dos seus poderes é diferente da dele.

Dei de ombros.

— Bom, gostaria de manter vocês aqui essa noite, não queria ter feito todos esses feitiços para acordá-los, mas não tem como. Vocês precisam ir à cerimônia.

Balancei a cabeça em concordância.

— Vou reproduzir o desenho das suas vestes feito por Thela — torci o nariz, ela suspirou — eu sei que é incômodo quando outra pessoa te veste mas é melhor que eu faça o feitiço e você não use seus poderes por enquanto, deixe sua energia se equilibrar.

— Tá bem — suspirei — que seja.

Ela olhou o DIM que estava sobre a cama, uma ou duas vezes antes de balançar as mãos e eu sentir a sensação gelada de que estava ficando nua na frente das pessoas. Não era verdade, mas vai explicar isso para a minha cabeça.

Meu uniforme foi trocado por uma bonita bata cerimonial de um ombro só. Na cintura uma faixa de Lifran que se unia a um broche com o símbolo da profecia. O cabelo com tranças laterais presas a um coque bagunçado. Era bem diferente do que eu já tinha usado, mas gostei. Fiquei de pé e conferi o resultado no espelho. Os meus olhos estavam bem marcados, o que deixava as chamas ainda mais intensas, e a boca tinha ganhado uma cor. O meu colar de pedra lunar reluziu no pescoço.

As luvas de metal tinham se dividido em dezenas de pulseiras, muito parecidas com as que vovó Ana usava, e subiam pelo antebraço dançando com meus símbolos.

Pelo reflexo, vi Evan, com as sobrancelhas levantadas e um sorriso no canto da boca.

— O que foi? — perguntei.

— Só estou agradecendo.

— Pelo quê?

— Por conseguir enxergar.

Minhas bochechas coraram.

— idiota. — Eu ri.

A maga ao seu lado conferiu algo em seu DIM.

— Guardião, posso fazer o feitiço?

— Claro.

— Um balançar de mãos e as vestes do garoto também mudaram, vestia uma calça e camisas pretas, sobreposta com um paletó azul, um broche como o meu preso no peito. Na cintura uma faixa de Syfar com pedras de outros metais. O garoto agradeceu a moça, mas foi só ela se virar que ele torceu o nariz.

Eu me liguei à sua mente.

— Que foi? Está muito bem...

— Pareço aqueles príncipes de filme adolescente pré-metal.

Eu dei uma gargalhada alta, fora da nossa conversa metal.

— Que foi Lys — perguntou Laiza — você tá bem?

— Tô — respondi balançando a cabeça e rindo — só lembrei de uma piada que ouvi, desculpa.

Troquei um olhar com o guardião, pelo reflexo. Ele me olhava com as sobrancelhas muito juntas. Laiza correu o olhar entre mim e ele.

— Sei — disse a elfa — vão, vocês estão atrasados. Nós vamos logo depois.



O caminho no barco flutuante foi rápido, não sei se pela quantidade de coisas que eu tinha para pensar ou se estava correndo por causa do nosso atraso.

Eu tirei o pergaminho, que eu mantinha preso à minha coxa, e o prendi no cinto das vestes, se ele era um sinal eu iria iluminá-lo.

A embarcação desceu na borda da clareira, agora lotada de seres acomodados em mesinhas flutuantes. O que me surpreendeu, no entanto, é que o templo continuava em ruínas, do centro delas, a árvore do juramento crescia.

— Evan, você sabia disso? — perguntei.

Desde que chegamos na cidade, entre reuniões e ataques, eu não tinha visitado o templo.

— Não, também não consegui vir aqui — ele balançou a cabeça — como será que eles conseguiram transportar uma árvore milenar para cá?

— Não transportamos.

Tive um espasmo de susto, ao nosso lado estava a menina pajé, Mâytoa.

— Depois que cuidamos dos nossos habitantes tentamos reconstruir o templo, mas tudo que fazíamos durante o dia desmoronava durante a noite. Ao mesmo tempo, a árvore do juramento que você conheceu passou a murchar, tanto que duas semanas depois era só uma muda no chão.

A garota era uma pessoa admirável, pensei. A mãe estava impossibilitada e ela teve que assumir o governo de seu povo, tão importante para todos nós, em meio a uma guerra. Se não parecia um cenário caótico o suficiente, o símbolo que

era o templo se quebra e a árvore que deveria ser protegida por eles seca. Eu ficaria no mínimo desesperada.

No entanto, lá estava ela com as costas envergadas e tinha crescido tanto que estava quase me alcançando. Hoje vestia uma variação dos trajes que a maioria do povo da floresta vestia, com plumas, folhas e palha além de contas e muitos metais em formato angular. O rosto e os braços pintados foram pintados e na mão um bordão de metal. A pele cada vez mais avermelhada, como era comum aos habitantes daquele lugar quando cresciam.

— Não ficamos sabendo sobre isso — Evan explicou.

— Pedi ao grande sábio que não contasse a vocês — ela me olhou — vocês já tinham muito com o que se preocupar e não havia nada que pudessem fazer.

— E como foi que a árvore foi parar ali? — perguntei sorrindo.

— Ela cresceu sozinha. — Eu arregalei os olhos e ela deu de ombros. — Faz mais ou menos um mês, um dos meus encantadores estava estudando o templo, procurando uma forma de reconstruí-lo, porque achávamos que era fruto do feitiço do Zmora a destruição constante dele...

— E não foi? — interrompi.

— Aí que está, nunca encontramos nenhum vestígio dos feitiços dele nos escombros. Enquanto Raoni procurava uma explicação, encontrou a muda crescendo. Em pouco menos de quinze dias ela já estava assim como você vê, maior do que a anterior.

Ergui os olhos.

— Desistiram de reconstruir o templo depois disso, então.

— Ele já foi reerguido, veja só quantas pessoas!

Franzi o cenho, não consegui ligar uma coisa com a outra. Ela trocou o bordão de mão uma ou duas vezes, mais algumas mesinhas de tronco de madeira surgiram ao longe, nos outros extremos da floresta.

— Estamos lotados — constatei.

— Mais do que estivemos em centenas de anos. A notícia sobre o juramento dos dragões correu ao mundo, além do que, temos alguns grandes líderes humanos presentes.

— Foi dito publicamente sobre o juramento? — Evan perguntou

— Não foi vinculado em meios de comunicação, se é o que está perguntando, mas você se assustaria de ver quantas pessoas sabiam sobre a profecia, então a divulgação aconteceu pelo meio mais antigo que existe, o boca a boca.



Com a união do templo e da árvore centenária, a celebração também passou a ser feita em uma só noite. Nós cumprimentamos uma dezena de pessoas antes de chegar até o pé da escadaria, que por sinal era a única coisa que estava intacta.

Em resposta à nossa aparição, os presentes foram se acomodando nas mesinhas. O som das vozes diminuiu até que eu só conseguia ouvir minha respiração e um ou outro pio de pássaro.

A pajé levantou as mãos.

— Sejam todos bem-vindos à sexta festa das flores pós luas. É uma honra receber cada um de vocês na grande floresta, para a celebração dos Nenúfar e para a cerimônia dos juramentos. Após a abertura dos botões, o jantar será servido e ao pico dos astros nos juntaremos para as manifestações de lealdade. Chamo Alys Elilmo que dirá algumas palavras.

Respirei fundo.

— Estamos nós aqui de novo — pausei — na primeira festa que participei éramos um número muito menor. Assim como os participantes aumentaram, as preocupações e perigos também.

Eu imaginei que seria uma cerimônia simbólica, já que todos os botões de Nenúfar tinham sido destruídos no ataque, mas enquanto eu falava, caules foram erguendo-se no chão. Mais altos do que a cabeça do maior igrot presente. Só pareciam proporcionais aos dragões.

— No entanto, há coisas muito importantes que também se multiplicaram. Hoje temos mais conhecimento sobre a magia da qual somos feitos. Dialogamos com seres que nunca imaginávamos encontrar algo em comum.

Uma parte dos Poltos, ligados aos conselheiros presos, mexeu-se incomodado na cadeira. Ignorei o fato.

— Estamos mais fortes, nossos dois corações bombeiam magia e nossas habilidades foram aperfeiçoadas. Mas, se isso for o nosso único fim, sinto dizer, mesmo que hoje seja um dia de celebração, estamos fadados a fracassar.

Um burburinho correu o lugar.

— Digo estamos, porque não se trata das luas entrarem em órbita ou não. Trata-se de quanto dos nossos sentimentos vão orbitar em volta dos princípios que a lenda do Construtor nos ensina. Quanto nós conseguiremos valorizar nossas diferenças, não como ponto de separação, mas como a benção que é, que nos faz únicos.

Fiz uma pausa, a maioria das pessoas parecia petrificada pelas minhas palavras. Ao fundo, vi a dragão que era a pequena menina. Ela abriu um sorriso cheio de dentes. As bruxas, sentadas perto dela, estavam com os ombros retos, e a mão sobre o peito, um claro sinal de respeito pela minha liderança, o que fiz uma anotação mental de agradecer.

— Que nessa noite — continuei — possivelmente a última festa das flores antes da chegada da terceira lua, nós possamos nos lembrar que a vida é breve mas que não é isso que importa, e sim o quanto ela pode ser boa se nós encontramos a paz de vivermos juntos.

Quando eu disse a última palavra os botões, agora gigantes, abriram. Espalharam o pó multicolorido e o ar foi tomado por um perfume doce. A luz da lua refletia nas pétalas era tão intensa, que a pajé apagou todas as outras formas de iluminação e elas não fizeram falta.

A comida começou a ser servida, por carrinhos teleguiados e o som de risadas e talheres foi ficando mais alto. Eu me juntei aos meus amigos em uma das mesas mais próximas do templo, bem a tempo de ver Laiza limpando as lágrimas do rosto.

— Eu não posso acreditar, sabe? Que ele realmente fez tudo isso, que nos traiu.

Entendia bem o sentimento dela, ainda parecia um pesadelo para mim e ele nem era da minha família.

— O pior — entrevi Kyer — se tem como algo ser pior, é que se nós falarmos o que aconteceu com ele, os conselheiros presos poderão usar a situação para conseguir a liberdade condicional.

Puxei uma cadeira e me sentei.

— Por quê? — questionei — O ataque a Alexandria não tem nada a ver com o Zmora. Além disso, Tzeba não era um deles nem tinha parentes bruxos.

— Mas tinha Laiza, — Kyer baixou o tom de voz — que embora seja um parentesco distante é só o que eles precisam para causar incômodo.

Evan tamborilou os dedos sobre a mesa.

— Não podemos fingir que Tzeba simplesmente desapareceu — o guardião constatou — a própria ausência dele na festa vai ser notada, já que era a primeira vez que ele participava em quase 100 anos.

Thela, girando um anel entre os dedos, entrou na conversa.

— Isso sem falar que alguém precisa assumir a função de protetor das chaves de Nafh'ta, todo conhecimento da cidade era protegido pelos feitiços dele, se ninguém o substituir as proteções se extinguem em dois dias.

Eu arregalei os olhos.

— Isso sim é um problema. — Olhei para Kyer. — O que você vai fazer?

— Não sei ainda — ele deu de ombros —, mas não se preocupem, tenho dois dias, vou pensar em algo.



Quando a música começou a tocar, Raszen apareceu e tirou Thela para dançar. Deixou para traz uma mesa cheia de pessoas boquiabertas.

— Alguém sabe o que está acontecendo ali? — perguntei olhando de esguelha para Laiza.

— Até onde me consta, eles são amigos. Ele a ajudou depois do que houve com as filhas e o marido, foi o primeiro a chegar no local e o único a quem ela confiou o cuidado dos corpos enquanto partia para a batalha.

O sorriso que eu tinha no rosto se enfraqueceu.

— É uma circunstância difícil — suspirei — mesmo que eles não se tornassem amigos, é o tipo de coisa que une as pessoas para sempre.

Ela concordou com a cabeça. Momentos depois, a elfa e Kyer se juntaram a ele. Eu torci o nariz para Evan.

— Pelo Construtor, me diga que não somos obrigados a dançar hoje.

— Não somos! — ele respondeu.

Cerrei os olhos.

— Não mesmo?

— Não. — Ele riu. — Sim, nós temos que dançar pelo menos no cerimonial daqui a pouco.

Bufei.

— Achei que gostasse de dançar comigo. — Ele inquiriu fingindo-se de ofendido.

— Eu gosto — levantei os ombros —, mas hoje é que não estou no clima para ficar vigiando meus pés antes que destrua um dos seus.

O rosto foi de um sorriso a uma expressão meio torta.

— Eu sei, também preferia não ter uma festa depois de Tzeba, mas se lembre que quem nos vê, vê também a esperança que carregamos. Essa fé precisa ir além das circunstâncias.

Levantei as sobrancelhas. Ele aceitou um copo de bebida fumegante que uma ninfa oferecia.

— Que foi?

— Você está começando a falar igualzinho a Ele! — expliquei.

O garoto engasgou e eu fiquei pensando se existia um dicionário filosófico para me ajudar.



Algun tempo depois nós nos juntávamos na dança cerimonial, a maior já feita segundo o guardião. Até os dragões, mais afastados do centro, dançaram. Eu nunca iria entender como seres daquele tamanho tinham tanta destreza.

Quando faltavam dois minutos para o pico das luas — e o começo de um novo dia —, a música parou. As pessoas ficaram de pé, como ordenado pela chefe, e as mesas desapareceram dando lugar a dezenas de bancos de tronco de árvore.

— É a hora dos juramentos — anunciou Mâytoa — a hora mais esperada deste dia!

As luas se alinharam. A árvore se encandeceu. Continuava sendo toda de Lifran o que dava a impressão de cristal e com o fogo que queimava dentro do tronco, assumiu uma cor alaranjada. Mesmo Mâytoa se surpreendeu, as pessoas que por algum motivo ainda sussurravam, fizeram silêncio.

— Pois bem, comecemos — ela disse. Faíscas saltaram dos troncos.

Um número significativo de seres se levantou para declarar lealdade. Era o grupo mais diverso dos que eu tinha presenciado: tritões, sereias, gatunos, todas as anciãs do clã das bruxas e algumas de suas guerreiras mais novas, a esposa de Mahu e para minha surpresa alguns elfos e duas cucas. Por fim, foi a vez dos três dragões.

O homem de olhos brancos jurou pelas garras poderosas de seu clã e a mulher de olhos afiados pelos ventos que plainavam suas asas, mas o juramento mais interessante foi o da pequena draconiana, que descobri mais tarde ter mais de quatrocentos anos, ela não jurou pela lenda, jurou por mim.

— Ela pode fazer isso? — perguntei na mente do guardião. Ele tinha a testa cheia de vincos.

— Pode — pausou — quer dizer, cada pessoa jura como quiser. Mas é estranho, — cerrou os olhos — em alguns pontos o juramento dela parece muito...

— Com o seu — completei — eu percebi. As palavras são diferentes, mas o teor tem semelhanças. O que você acha que isso significa?

Ele me olhou de canto de olho e balançou a cabeça bem pouco, quase de forma imperceptível.

— Só sei de uma coisa. — Imoogis colocou a mão draconiana sobre o tronco. — Ela tem algum parentesco com Celen.

Quase me engasguei.

— Como assim?

— Dragões têm marcas de família, você recebeu um símbolo sob o coração e é visível porque é humana, sua pele facilita isso. Com a proximidade da árvore, os metais sob a carapaça dela ficaram mais visíveis, olhe para o peito dela.

Onde Evan apontou, havia um símbolo bem parecido com o que eu tinha ganhado depois de enfrentar os dragões.

— Eu tenho parentes dragões? — Arregalei os olhos.

— Não sei se ela é sua parente direta, entenda, a familiaridade draconiana é sobre ser da mesma espécie, mas, tendo em vista que não temos muitos dragões

vivos, é uma opção.

Olhei para o guardião pelo canto do olho, ainda com os olhos arregalados. Depois voltei minha atenção à cerimônia bem a tempo de ver a minha possível familiar draconiana acenando alegre em minha direção. Retribuí o gesto de forma lenta, ainda meio chocada.

Se eu tinha parentes, porque Celen não me disse, nem vovó Anna? Antes que eu dividisse meu questionamento com o guardião a árvore se apagou para, logo em seguida, acender-se amarela. O metal ômega surgiu em sua base e passou a subir, tronco acima, até que toda a planta estivesse tomada do metal.

Eu estava tão impressionada com o espetáculo que demorei a perceber que aquilo não era esperado. O guardião colocou a mão sobre o meu ombro.

— Lys, tem alguma coisa... só fique preparada. Não evoque o cajado ainda, pode gerar pânico, mas fique atenta.

— Eu não sinto a presença do Zmora nem de nada, com o que você está preocupado?

O guardião juntou as sobrancelhas.

— Ele não é a única ameaça do planeta.

Voltei a observar a árvore. Um segundo, nada aconteceu. Dois segundos, as pessoas mal respiravam, três segundo e um estralo. O metal que cobria a planta, se tornou líquido e escorreu, deixando um tronco de madeira no lugar além de folhas de todos os metais presas aos galhos de ômega.

Um dos galhos, se esticou até alcançar a nossa mesa, contorceu-se até que a ponta se assemelhou a uma mão. Ela apontou o dedo indicador e passou por cada um dos integrantes na mesa, não sem que o guardião ligasse seus óculos e endireitasse a postura. Depois parou em Laiza, deu um tipo de estralo e um símbolo surgiu sobre a cabeça da elfa.

Era um pergaminho selado com uma fechadura enferrujada. Kyer inspirou ruidosamente. Thela colocou a mão sobre a boca e eu, para variar, fiquei parecendo uma idiota olhando de um para o outro, esperando que alguém me desse alguma pista do que era aquilo.

Todo mundo estava congelado no lugar, foi Mâytoa que acordou do transe primeiro.

— Ranran — pigarreou algumas vezes até que as pessoas olhassem para ela. — Acredito que a maioria sabe o que isso significa. — Muitas cabeças concordaram — Laiza você precisa responder ao chamado, seja qual for sua escolha precisa ser feita agora.

Os olhos semigatunos da elfa estavam ainda mais esbulhados do que dos demais. Ela abriu e fechou a boca, parecendo incapaz de dizer qualquer coisa. Kyer colocou a mão sobre a dela e sussurrou.

— Seja qual for sua escolha, iremos te apoiar. Adequaremos as regras aos novos tempos.

Ela olhou para Ky ainda muda.

— Só quero que saiba que não imagino alguém mais capaz que você para assumir o lugar de Tzeba.

Eu me liguei à mente de Evan.

— Me explica!

— O símbolo é de Nyêha. Toda vez que um novo escriba toma a função de guardião do conhecimento da cidade e protetor dos feitiços que a mantém, acontece uma cerimônia parecida com a de juramento. Mas nunca, em nenhum tempo alguém foi escolhido dessa forma. — Ele me olhou com os olhos arregalados. — Ela nunca ganhou vida.

Levantei as sobrancelhas, agora Kyer ia precisar pensar mais rápido em como justificar a perda de Tzeba.

— Eu também confio em você — sussurrei para Laiza — e acho que ele já sabia que o posto seria seu, lembra do que ele me mandou te dizer?

Os ombros da elfa relaxaram.

— Em toda história, ninguém com menos de trezentos anos assumiu essa função e a escolha é feita por votação. Além do mais, a minha linhagem...

A mão-árvore balançou o dedo indicador, de forma negativa, depois apontou para a minha amiga mais uma vez. Eu pensei em uma piadinha, mas me abstive.

A elfa esteve calada por mais um ou dois segundos, depois se colocou de pé e com um feitiço trocou o vestido por uma bonita bata, semelhante à que Tzeba usava. A diferença, reparei, ficou por conta dos novos símbolos bordados nas extremidades do pano, que faziam referência às luas e à sua família bruxa.

O holograma sobre a cabeça dela se transformou em um pergaminho de verdade que Laiza estendeu as mãos e recebeu. Ela acompanhou o galho de volta ao tronco, abriu o papiro e jurou proteger o conhecimento com a sua própria vida. As palavras do voto eram tão fortes que me traziam um certo pesar, não havia em parte alguma, uma menção que separasse Laiza de sua função, se não a morte.

Thela nem respirava. Kyer apertava os punhos com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Ninguém disse uma só palavra e quando a elfa terminou e recebeu o símbolo dos escribas nas palmas das mãos, a salva de palmas demorou a ganhar forma. Se não fossem os dragões e o entusiasmo das bruxas é provável que ela nem acontecesse.

Quando Laiza se sentou ao lado de Ky, Mâytoa voltou a erguer as mãos.

— Então, essa foi... — Parou.

O galho voltou a se movimentar. Ele caminhou vagaroso entre os convidados, sempre que se aproximava de alguém, as pessoas arregalavam os olhos. Foi quando chegou até o grupo de bruxas mais afastado que a mão parou.

Se achei que não tinha como as pessoas ficarem mais chocadas, eu me enganei. Eram tantas mãos tapando bocas escancaradas, olhos pulando para fora e sussurros, que juntos já tinham se tornado um burburinho.

— Alguém tem ideia do que vai acontecer? — perguntei baixinho.

Foi uma coleção de cabeças balançando em negativa, ninguém despregava os olhos da mão. Ela corria de um lado para o outro do grupo até que as mulheres foram abrindo espaço e o galho encontrou a quem procurava.

Era uma bruxa, pelas características físicas, humana.

— Mila! — Laiza ofegou.

— Ela não fez o juramento, fez? — Kyer sussurrou.

— Não, ela não é guerreira, nem faz parte das anciãs, é obvio. Ela não queria nem vir, vi sua mãe dizendo que era um bom lugar para expandir o conhecimento dos povos mágicos a fim de convencê-la.

— Ela é filha de quem?

— Agan.

— A sacerdotisa... — Kyer parou no meio da frase, olhou para a garota e voltou a olhar para nós. Depois ergueu os olhos para a árvore. — Construtor — sussurrou — nunca questionei suas escolhas, só peço que me dê mais sabedoria se você for fazer o que penso que vai fazer, eles pousarão sobre mim como aves de rapina.

Os olhos do meu amigo brilharam e ele voltou a olhar para as bruxas, Evan coçava o queixo com a boca aberta.

— Gente, alguém me atualiza aqui? — pedi.

— Olhe lá — mandou Thela.

A moça tinha grandes olhos negros, assim como seus cabelos curtos e espetados. Vestia um uniforme, um pouco mais elaborado, não era um traje de batalha como de sua família. Estava claro que não esperava ser vista por tantas pessoas, em especial por uma mão de galho gigante.

Os dedos nodosos se desfizeram em uma dezena de cipós e envolveram a menina. Ela arregalou os olhos, a bruxa de meia idade à sua direita se colocou de pé.

— O QUE ESTÁ ACONTECENDO? POR QUE A ÁRVORE ESTÁ ATACANDO MINHA FILHA? — gritou.

Kyer se levantou e ergueu a mão.

— Se acalme Agan, veja que os cipós não estão prendendo a garota. — Ele apontou os nós da planta. — Não é um ataque.

— É o que então? — a bruxa questionou.

Foi Mâytoa que respondeu.

— Uma benção, um chamado, uma coroação?! Pode ter vários nomes dependendo do seu ponto de vista.

— Chamado? — Mila perguntou, sussurrando. Os olhos fixos na árvore. — Chamado para quê?

A menina inspirou profundamente, suas pupilas se dilataram até que não havia mais parte branca.

— O que é isso? — ela questionou. — Como... — Não completou a pergunta.

— Essas são as linhas Ley. — Evan explicou, aproximando-se. — Você está vendo como o mundo funciona.

Nesse ponto, quem tinha mais idade já havia compreendido o intento da árvore sagrada. Um homem que não parecia ter mais que trinta e cinco anos, com a pele queimada de sol, nariz fino e olhos bem marcados, ficou de pé, apontou para Kyer e começou a esbravejar.

— NÃO MESMO! VOCÊ NÃO IRÁ ORDENAR UMA BRUXA COMO PROTETORA DAS LINHAS.

Eu me lembrei do conselheiro múmia na mesma hora, a forma como ele gesticulava era muito semelhante, podia apostar que eram parentes. Kyer cruzou as mãos.

— Kanope, acaso são as minhas mãos que você vê segurando a garota? Não sou eu que a estou escolhendo, não cabe a mim questionar as escolhas da Árvore Sagrada.

— Ela foi adulterada! Vocês a envenenaram — o homem acusou.

— Haaam! — a multidão exclamou.

Outro galho se alongou da base até se aproximar de Kanope. Eu admirei a capacidade dele de se manter inabalável diante de um tronco monstro. A mão de madeira se encostou no ombro de Kanope e o pressionou fazendo com que ele caísse sentado, depois deu duas batidinhas nas suas costas do homem e voltou ao seu lugar junto ao tronco.

Eu precisei abafar o riso.

— Evan — chamei o garoto mentalmente — quando a lenda dizia que o você herdaria o maior dom do Construtor eu jamais imaginaria que seria esse.

Ele riu.

— Besta! — Riu de novo. — Isso ainda vai dar pano para a manga.

— Tô sabendo. — Dei de ombros. — Mas que foi uma cena impagável, ah isso foi.

A bruxa mãe, que tinha se calado, ajoelhou sob uma das pernas e se abaixou até que seu rosto e o da menina estivessem paralelos.

— Querida, você se sente bem? — perguntou.

— Sim, está tudo bem.

Mâytoa, no pé da árvore, expandiu sua voz mais uma vez.

— Mila, você tem diante de si uma escolha — disse a pequena — como você não foi criada em Nafh'ta preciso te avisar que se aceitar a missão de proteger as linhas Ley terá que deixar sua casa e sua família. Além disso, será treinada em Nyêha até que seus poderes sejam aperfeiçoados e você consiga ver as linhas a olho nu, assim como você está vendo nesse momento, e só voltará a vê-los quando completar a preparação.

A pajé fez uma pausa.

— Cumpre também dizer que sua função inclui se reportar ao conselho, seu título será de sacerdotisa até que sua filha ou sua discípula tome seu lugar, na ocasião da sua morte. É um caminho sem volta, embora me pareça que você já sabe disso, mas preciso reforçar que se escolher ser uma sacerdotisa as linhas passarão a fazer parte de você como de nenhum outro ser sobre o planeta, não é o tipo de ligação que pode ser cortada.

A garota balançou a cabeça, manifestando compreensão. Agan colocou a mão sobre o joelho da bruxinha.

— Diga não!

Um sorriso surgiu no rosto da menina, não um de alegria, um daqueles que não se estendiam aos olhos.

— Não posso fazer isso, mamãe.

— Claro que pode, diga não Mila! — A voz da mulher ficou mais aguda. — Eles nem nos reconhecem como seres humanos, alguns querem nos caçar.

A menina passou a mão, por entre os galhos e secou uma lágrima no rosto de Agan.

— Isso não seria mais um motivo para dizer sim? Como eles verão quem somos se não nos verem?

A mãe balançou a cabeça.

— Não seja idealista! — Soluçou. — Não seja como eu, uma vez pelo menos!

Mila sorriu.

— Eu te amo, mãe.

A bruxa soluçou.

— Eu te amo filha, tenho orgulho de você.

A menina se colocou de pé com alguma dificuldade por casa das raízes.

— Eu aceito — declarou.

As raízes se apertaram um pouco mais e levantaram a moça, levando-a para perto do tronco. Uma fenda se abriu e ela foi levada para dentro da grande árvore, que se fechou em seguida.

— Para onde ela foi? — perguntou entre lágrimas, Agan.

— É normal que aconteça isso — Kyer explicou se aproximando. — Sua filha vai passar uma semana dentro da árvore, se tornando parte das linhas. Quando sair, um grupo de curandeiros da floresta vão a ajudar a se adaptar e a enviarão a ser treinada na cidade luz.

A mulher olhou para a planta imóvel.

— E se ela quiser sair? — O rosto retorceu. — Ela não pode?

— Mila não é uma prisioneira — esclareceu Laiza. — A árvore sagrada irá respeitar sua decisão, mas Agan — a voz da elfa sussurrou —, isso não vai acontecer. Ela decidiu ser a sacerdotisa, você mais do que ninguém sabe que quando ela coloca algo na cabeça...

A bruxa fungou. Um burburinho tomou conta. Kyer ergueu a voz.

— Um grupo de Elite será colocado no perímetro para garantir a segurança do processo de transição da nova sacerdotisa.

O homem dragão empinou o nariz.

— Hanhan — pigarreou — nós nos colocamos à disposição para ser parte da guarda.

As outras duas draconianas acenaram em concordância.

— Ótimo. — Kyer bateu as mãos. — Thela preparará todo o destacamento. — Voltou a olhar para a bruxa. — Entendo sua preocupação e farei o que estiver ao meu alcance para que ninguém toque na garota.

A mulher agradeceu e se juntou ao seu clã. Mâytoa levantou as mãos, abriu a boca para falar e antes de começar deu uma espiada na árvore. Vendo que o símbolo sagrado tinha encerrado suas interferências, disse as últimas palavras e todos foram dispensados.

CAPÍTULO 27

ABRAM-SE, Ó PORTAS

Muita gente ainda estava na clareira quando eu entrei no meu barco de transporte. Mal a reunião tinha acabado, Evan me deu a mão e saiu cumprimentando líder após líder, sem dar espaço para alongar as conversas.

Eu o agradei umas três vezes no caminho, precisava da minha cama e não tinha o mínimo talento para afugentar os conselheiros.

— Graças aos céus, que abençoem sua petulância. — Suspirei. — Preciso dormir.

— Eu percebi, seus níveis de energia estão baixos, por isso fiz de tudo para nos desvencilhar.

Encostei no banco. A brisa batia gelada no meu rosto. O perfume das flores de Nenúfar impregnava tudo à nossa volta.

— Ev — chamei de olhos fechados —, o que você achou dos juramentos e das escolhas da árvore?

— Lys, a planta é só um símbolo, quem fez aquilo foi o Construtor.

Dei de ombros.

— E o que você achou?

— Além do fato de que Ele tem senso de humor e nenhuma misericórdia do Kyer?

Eu ri. Pensei em como as coisas podiam se desdobrar dali para frente e meu sorriso murchou.

— Ky não tem culpa do que aconteceu hoje — constatei.

— Não tem — o guardião concordou — mas terá que explicar aos candidatos que estão há meses sendo avaliados que não haverá seleção para o lugar da sua avó. Além do que, uma bruxa como protetora das linhas vai ser assunto para muito tempo ainda.

— Gostei da menina. — Suspirei.

— Ela vai se dar bem. — Ele concluiu.

O barco deu um pequeno solavanco, eu abri os olhos. Estávamos quase chegando em casa.

— Ev, o que faremos agora? — perguntei. O guardião olhava o céu.

— Acho que o negócio é voltar a Nyêha — fez uma pausa — ver se com a Laiza assumindo o lugar o santuário se abre para nós.

— Você não está preocupado? — Franzi o cenho.

— Com o quê? — Ele ergueu as sobrancelhas.

Respirei fundo.

— De todas as luas, essa é a que temos menos informações sobre a profecia, logo a mais importante.

Ele pensou por uns segundos, a embarcação atracou na entrada do nosso chalé.

— Na primeira lua tivemos só duas semanas, não deu tempo de estudar. Na segunda meses sem sair do lugar e quando descobrimos sobre o templo, tínhamos pouco tempo. Já é quase que esperado que a gente não tenha acesso muito antes às coordenadas.

— Você não acha isso um problema? — perguntei.

— Não, não é como se estivéssemos parados. — o guardião explicou. — Estamos treinando. — Eu descii do barco, ele se acomodou. — Além do mais, quanto menos tempo as informações do templo ficarem rodando, menos tem o Zmora para se preparar.

— Se você diz. — Dei de ombros. — Agora vou dormir e pedir aos céus que nada mais aconteça hoje.

Ele riu e seguiu em direção à sacada do seu quarto.



Eu nem tirei os sapatos. Da forma que cheguei, me larguei na cama e apaguei quase que no mesmo instante.

Sonhei que um castelo estava entre as nuvens e ele se contorcia, como os galhos da árvore sagrada, prendendo-me e me arrastando para ele enquanto eu gritava dizendo que não queria. Quando estava prestes a passar pelas portas de ouro, direto para a escuridão do outro lado, Evan sussurrou.

— Acorda!

Eu me coloquei de pé em segundos, ofegando. Olhei em volta, ainda era noite. Não havia luzes nem sons nas outras casas do vilarejo. Evoquei uma bola de luz e cocei os olhos para me acostumar com a luminosidade.

— Evan, que horas são?

— Três e meia — ele respondeu.

Apertei os olhos.

— Credo, parece que eu só pisquei os olhos.

Ele deu de ombros. Eu sentei-me na cama.

— O que acontece? Não me diga que nós vamos treinar a essa hora. —
Fechei a cara. — Pelo Construtor, tem dois dias que eu não consigo dormir direito!

Ele uniu as sobrancelhas.

— Você não está ouvindo o ruído? — perguntou.

Franzi a testa.

— Que ruído? — Balancei a cabeça.

O garoto apontou para o pergaminho que estava preso na minha veste cerimonial. O papiro piscava uma luz fraca.

— Ele está fazendo um barulho estranho tem uns quinze minutos.

— Eu não estou ouvindo nada — respondi.

Dentro do papiro um novo conjunto de símbolos dançaram até se unirem em uma inscrição:

“Aquele que busca, encontra. Para aquele que bater, a porta será aberta. É chegada a hora, procurem o lugar que a estrela aponta.”

— Estrela? — questionei. — Mas nós não conseguimos ver as estrelas depois da chegada da primeira lua.

Evan caminhou até a sacada, ligou seus óculos de Syfar e cerrou os olhos.

— Talvez por isso não dê para confundir aquele ponto brilhante no céu.

Fiz o mesmo que ele, ligando meus próprios óculos. Havia um holofote sobre o céu arroxeadado apontando para algum lugar no meio da floresta, não muito longe de onde tínhamos colocado o pergaminho.

— Será que qualquer um pode ver a estrela? — questionei.

— Eu acho que sem os óculos não, já que é uma marcação mágica. Mas nas linhas Ley, é provável que sim. — Voltou para dentro. — Nós não deveríamos demorar.

— Ah, mas eu vou tomar um banho antes. — Ele cerrou os olhos para mim, eu levantei as mãos. — Nem adianta fazer essa cara, se eu vou lidar com uma profecia ou aparecer em algum templo milenar, eu preciso de um banho.

Ele ainda ria quando eu entrei no banheiro e bati a porta.



Algum tempo depois, já estava plainando sobre a floresta. O guardião ia um pouco à frente, sobre um dos imensos pássaros de Laiza. Izs não parecia tão feliz quanto o garoto, por ter sido tirada do seu ninho àquela hora.

Eu entendia o animal, mesmo com a possibilidade de finalmente acessar a profecia, eu queria estar dormindo. Cochilei algumas vezes no ar até que resolvi pegar uma carona com o guardião, antes que eu dormisse e caísse no meio das árvores.

Depois de cerca de meia hora mata adentro, a estrela parou de se afastar e nós ficamos abaixo do ponto onde ela estagnou.

— Não tem onde pousar. — Evan constatou.

Eu abri as asas e flutuei enquanto ele criava uma espécie de balão de metal, dispensou Izs e desceu. Essa parte da floresta me lembrava a visita no ano anterior ao último dos dragões. Na realidade, não estávamos muito longe da divisa entre as duas partes da mata o que serviu para afastar o meu sono. Se eu encontrasse aquele garoto da bússola, ah, ele ia ver só.

Pousamos em uma clareira com símbolos marcados pelo chão. Mais à frente, havia uma caverna com uma grande pedra fechando a passagem.

Evan colocou a palma das mãos na superfície e os dedos dele brilharam. Meia dúzia dos seus tauíys surgiram do chão, os membros ligados por grossos fios de energia e os olhinhos alaranjados brilhando.

— Façam uma varredura completa do terreno — ordenou. — Quero saber se tem outros seres, animais e se possível até o tipo de plantas do perímetro.

Os pequenos partiram, cada um para um lado. Alguns voltaram para dentro da terra, enquanto outros subiram na árvore mais próxima.

Eu me aproximei da pedra e passei o dedo indicador sobre ela. Uma luz correu da ponta da minha unha e começou a dançar sobre a superfície pedregosa. Dei alguns passos para trás. Dois símbolos brilharam.

$\alpha \Omega$

As letras cravadas se movimentaram, aproximando-se, o ômega se virou e juntos formavam um novo símbolo: o do infinito.

— Evan? — chamei.

O guardião estava absorto nas informações que recebia, mas ergueu as sobrancelhas quando, levantando a cabeça, viu porque eu o chamava. Antes que ele intentasse analisar os símbolos, seus tauíys voltaram se enfileirando entre nós. Eles faziam ruídos engraçados e o guardião respondia balançando a cabeça em aprovação.

— Não tem ninguém no perímetro — ficou de pé —, nem animal nem humano, há somente plantas e, segundo meus animais, elas estão impregnadas de um antigo feitiço de ocultação, tão poderoso que confundiu as bússolas deles.

— Isso é bom, não é? — perguntei, ainda com os olhos fixados no símbolo sobre a caverna.

— Imagino que sim — o guardião respondeu ao se colocar ao meu lado.

Ele passou a mão sobre a superfície pedregosa, sobre os vincos que ela fazia em volta dos metais e depois sobre o lugar onde a porta de pedra se encontrava com a terra da caverna. Tentou abrir com um feitiço e até empurrá-la.

Eu ergui a sobrancelha.

— Que foi? — O guardião ofegou. — Não custa tentar...!?

O pergaminho brilhou. Desenrolei o papel tecnológico e dentro dele havia uma chave desenhada.

— Para um pergaminho que até pouco tempo atrás não tinha nada...

— Não fale assim — ele ralhou comigo —, você não tem noção mesmo da importância desse papiro, não é?

Dei de ombros.

— Não como você pelo jeito — levantei o quadrado —, vamos tentar então? — Fiz um sinal com a cabeça apontando a pedra.

— Se não temos outra opção. — O guardião suspirou.

Coloquei sobre a pedra o papiro. O símbolo se desfez e as partes que antes eram da chave, tornaram-se como tachinhas, prendendo o quadrado de metal. Um estrondo. A pedra se soltou da boca da caverna, fumaça branca saindo pelas laterais. Eu virei o pescoço tentando ver o que tinha atrás. Ela deslizou para o lado e deixou à mostra um grande redemoinho multicolor.

— Um portal! — Lancei um olhar para Evan. — Lá vamos nós de novo.

O guardião riu e segurou minha mão.

— Você já devia ter se acostumado.

— Quem é que se acostuma a ter o estômago sacudido até vomitar? — Franzi o cenho. Ele riu.

Coloquei o pé dentro do redemoinho, um frio subiu pela minha espinha.

— Espera. — Olhei para fora. — E o papiro?

— Acho que se o retirarmos a pedra se fecha, vamos precisar confirmar que estamos em segurança primeiro.

— Mas — arregalei os olhos para o guardião —, e se alguém mais encontrar a fenda?

Ele deu de ombros.

— É um risco que vamos precisar correr.

Suspirei, apertei sua mão com mais força e passei pelo portal.



Do outro lado esperei encontrar um novo conjunto de estátuas, um buraco no meio do gelo ou um templo imerso em metal. Mas para a nossa surpresa, era só a sala das profecias que ficava em Nyêha.

— Isso não é possível. — Juntei as sobrancelhas. — Não se podem fazer portais na cidade do conhecimento. — Arregalei os olhos. — Será que as proteções da cidade já caíram com a morte de Tzeba?

O guardião coçou o queixo, fez um pequeno feitiço de chama e balançou a cabeça.

— Não acredito que seja esse o caso. Essa sala é um vértice temporal, acho que as leis comuns da magia se aplicam ao cômodo.

Suspirei.

As coisas estavam nos mesmos lugares da minha última visita, até os pergaminhos que já tínhamos acessado continuavam sobre a mesa. Sobre a tampa dela estava o mapa em realidade aumentada, do primeiro e do segundo templos, agora completos com as informações que presenciamos na segunda lua.

— Hora de descobrir o que nos espera — peguei o cajado de meia lua encostado na parede —, preparado? — perguntei ao guardião.

O garoto encostou sua espada na parede e esfregou as mãos.

— Sempre.

Eu refiz o feitiço do ano anterior. Como esperado, muitos pergaminhos da parede brilharam com o símbolo do infinito. Evan bateu palmas.

— Temos muito trabalho — analisou uma das prateleiras —, separe os pergaminhos para mim.

Fiz como ele tinha pedido e empilhei-os na cadeira ao seu lado.

— Você deveria dar uma olhada nos outros papéis — ele me disse enquanto abria o primeiro.

— Que outros? — perguntei.

— Nos que não mostraram símbolos — apontou para a prateleira atrás de mim —, não acredito que eles estejam aqui sem motivo.

Enquanto ele conferia uma série de papiros dourados, eu caminhei pelas estantes. Aquilo me deu uma sensação estanha de nostalgia, lembrava minha primeira incursão na toca e como tudo tinha começado.

Fiz uma breve conta mental, já tinha passado quase cinco anos. Deslizei a mão entre os papiros. Olhei para Evan que agora espalhava os seus rolos abertos pelo chão da sala. Na ânsia de cumprir a missão, às vezes eu não conseguia perceber o quanto nós já tínhamos feito.

Meus dedos se demoraram em um documento que era preto e nodoso, senti choquinhos de energia e já estava em outro pergaminho quando sucumbi à vontade de voltar para ele. Dentro, o papiro mostrava a minha nova armadura e alguns feitiços que a transfiguravam ou potencializavam suas funções. Era um algo como um manual, cheio de comentários nas bordas, apontados por setas coloridas, que contavam fatos históricos e esclareciam reações da influência dos metais e das luas no corpo humano.

Laiza vai ficar maluca quando vir o que tem aqui, pensei.

Resolvi testar um deles. Ergui as mãos e recitei as palavras mágicas. Espinhos de metal nasceram nos braços, costas e peito da armadura, entre as pontas corria uma corrente de energia que estralava.

— Uouu! — Evan ergueu as mãos na frente do rosto. — Lys, pelo Construtor, que é isso?

— Tem como customizar, olha que bacana — virei o pergaminho para ele —, esse deve ser o modo ouriço metaformo. — Eu ri, ele juntou as sobrancelhas.

— Será que tem algo sobre a minha espada aí também? — perguntou. — Tem dias que estou tentando fazer umas alterações na forma da arma e não consigo, pelo menos com os feitiços que eu conheço não é possível.

— Vou procurar. — Dei de ombros.

Prendi o pergaminho na minha cintura, no lugar do milenar, e continuei a analisar os documentos.

Havia todo tipo de informações. Um grupo falava separadamente das linhagens dos primeiros sete magos, aqueles conselheiros que lutaram ao lado do Construtor e que deram origem às casas mágicas. Na capa dos Elilmos a foto viva de uma mulher, que eu conheci na nossa incursão ao passado, com a mesma resignação nos olhos que via na vó Anna. A pele dourada e os longos cabelos em trança também me lembravam dela. Coloquei todos que tratavam desse assunto em um só escaninho, para lê-los depois.

— Lys? — Evan me chamou.

Eu estava absorta em um trecho sobre o porquê aquela linhagem havia sido escolhida para proteger as linhas.

— LYS! — O guardião insistiu.

— Em outros tempos você estaria morto por interromper minha leitura. — Fechei o rolo e o guardei sobre os outros.

O garoto tinha aberto todos seus pergaminhos no chão e eles começaram a piscar em um ritmo frenético. Acordei do torpor da leitura.

— Será que isso é a ordem? — perguntei.

— Não sei, a maioria deles está em branco. Só há diferença nas texturas do lado de fora.

O ritmo se tornou mais lento e na mesa o mapa reagiu se desdobrando. O guardião, percebendo o que ia acontecer, efetuou um encantamento rápido que dobrou a mesa de tamanho.

O pedaço do mapa que mostrava os dois primeiros templos, projetou um quadrado sobre o trecho que deveria mostrar o terceiro desafio. Eu me aproximei, apertei os olhos, analisei o único conjunto de símbolos que se formavam na terceira parte do holograma.

— Evan, tem algum pergaminho com esse tamanho aí? — Apontei para o retângulo.

O guardião procurou pelos documentos espalhados no chão.

— Não tem! Será que é algum dos que estão na prateleira?

— Não acho. — Balancei a cabeça. — Se fosse... — Pausei um segundo e o entendimento fluiu na minha mente. — Já sei o que é. — Torci o nariz. — Preciso passar pelo portal.

O guardião franziu a testa.

— Por quê?

— O pergaminho sagrado. — Medí o espaço com as mãos. — Acho que é do tamanho dele. Se ele abriu a porta, pode ser a chave da profecia também.

Ele deu de ombros e começou a se levantar.

— Vamos então.

— Não precisa — falei já com o pé dentro do redemoinho —, vou só pegar o papiro.

Não esperei a resposta, mas a última cena que vi antes de atravessar foi os olhos do guardião tão cerrados que pareciam como os de Kyer.



Do outro lado pisquei uma ou duas vezes para acostumar a visão com a claridade. Já era dia! Não havia ninguém por perto. Eu já estava com as mãos sobre o pergaminho quando meu DIM começou a vibrar no pulso.

— ALYS, PELO CONSTRUTOR, ONDE VOCÊS SE METERAM? — Kyer gritou quando atendi. Não era muito comum vê-lo tão alterado e eu precisei abaixar o som do aparelho para continuar a ouvir o que ele dizia.

— Calma — respondi. — Que horas são? — perguntei.

Na tela do aparelho um botão de vídeo piscou. Meu amigo apareceu, a imagem tremeluzindo por causa das proteções mágicas do perímetro.

— SÃO DUAS DA TARDE! — Cruzou os braços. — Todo o destacamento da floresta está fazendo varreduras atrás de vocês!

Escancarei a boca.

— Desculpe Ky, não tínhamos ideia.

Ele colocou a mão sobre a testa.

— Quando é que vocês têm? Era só deixar um bilhete, uma simples frase, um e-mail, qualquer coisa Lys. Pelo Construtor.

— Me desculpe. — Eu corei. Não tinha por que rebater a reclamação dele, Ky tinha razão.

— Onde vocês estão? — Meu amigo relaxou um pouco os ombros. — Cadê o Evan?

— Está em Nyêha! — Ele juntou as sobrancelhas e eu mostrei o redemoinho. — De madrugada o meu pergaminho começou a brilhar e emitir um alarme. Ele nos direcionou para uma parte mais a leste da floresta onde

atravessamos um portal e nos vimos dentro da sala das profecias na cidade do conhecimento. Mas Ky — sussurrei — juro que não estamos lá nem há meia hora!

— Você sabia que existia uma entrada para Nyêha na grande floresta? — perguntou.

Eu balancei a cabeça em negativa.

— Então vocês entraram no vértice sem saber para onde ele levava?

Ergui os ombros e sacudi a cabeça positivamente. Meu amigo coçou a cabeça.

— E como fica nosso pedido para que vocês não saiam se enfiando em qualquer canto sem avisar?

— Era três da manhã, Kyer! — Tentei justificar.

— Eu não tenho turno de trabalho Alys! — Ky ergueu as sobrancelhas. — E infelizmente o Zmora também não porque fez um novo ataque durante a noite.

Escancarei a boca. Ele não me deixou falar.

— Pelo Construtor, você imagina o desespero que nós vivemos nas últimas horas sem conseguir encontrar as marcas mágicas de vocês?

Murchei os ombros.

— Desculpe Ky, às vezes eu me esqueço...

— Tudo bem — ele me interrompeu — não adianta discutir agora, você voltou sozinha para a floresta por quê?

— Voltei para pegar o pergaminho, vou passar pelo portal e ele vai se fechar — expliquei.

Kyer balançou a cabeça.

— A convivência de vocês está estragando o guardião — respirou fundo —, que seja, volte para Nyêha, nos vemos lá mais tarde, vou mandar que levem algo para vocês comerem, não é porque se trata de um vértice que não esgota as energias de vocês.

— Obrigada, Ky.

Ele fungou.

— Não brinque com o perigo, entre logo nesse portal tudo bem?!

E desligou, na minha cara. Claro que eu não tirava a razão dele, mas não tinha o que fazer. Olhei para o pergaminho preso à pedra, se fosse na mesma velocidade de quando a passagem se abriu eu tinha segundos antes que ela se fechasse.

Aconteceu exatamente como eu imaginava, ao tirar o pergaminho a pedra começou a se movimentar, mas ainda me deu alguns segundos para passar pelo portal.

Quando saí do outro lado, Evan estava na mesma posição de quando passei para a floresta.

— Que rápido! — O guardião arregalou os olhos.

— Quanto tempo? — perguntei.

— Mal acabei de ver seus calcanhares passarem pelo portal e você já estava voltando, por isso não fui atrás de você.

O vértice atrás de mim se extinguiu.

— Então, mas lá na floresta já eram duas da tarde. — O guardião bateu a mão sobre o pulso e abriu o próprio aparelho, a hora corria nele sem parar. Eu me aproximei explicando. — Meu DIM tinha umas cinquenta ligações de Kyer, ele está possesso de raiva, disse que todo destacamento estava varrendo a floresta atrás de nós, que nossas impressões mágicas sumiram do mapa de linhas Ley e que Helix atacou de novo enquanto estávamos desaparecidos.

Abri o pergaminho sagrado e o medi sobre o mapa. O guardião parou de analisar seu aparelho.

— Puxa vida, com razão! Ele deve ter ativado uma série de protocolos graves.

Toc... Toc... Toc...

Nós dois viramos a cabeça para a porta.

— Não mesmo! — exclamei balançando a cabeça.

— Lys? — Kyer chamou do outro lado. — Somos nós!

Evan evocou Kydêmonas e abriu uma fresta da porta. Kyer cruzou os braços.

— Pelo menos três estagiários vieram e disseram que vocês não atenderam.

— Ninguém bateu na porta antes de vocês — Evan explicou abrindo caminho para meus amigos.

— Esperem — ordenei.

Fui até uma das estantes, procurei um papiro pelo qual tinha passado de relance, nele o símbolo do guardião do tempo.

— A hora que vocês passarem pela porta — comecei a explicação — vão entrar no vértice temporal, precisamos de algum tipo de sinalizador que nos mostre como está correndo o tempo fora daqui.

— Um relógio normal não resolve? — Laiza perguntou, esticando seu pescoço por trás de Ky.

— Talvez — respondi.

Evoquei um grande círculo de ponteiros na parede ao lado da porta, estalei os dedos e ele começou a funcionar. Os ponteiros correram um pouco para trás antes de começar a caminhar para frente, em uma velocidade muito superior ao que seria normal.

Meus amigos entraram na sala, Laiza quando viu o marcador de tempo retirou o próprio DIM e passou a clicar com pressa.

— Se vamos ficar aqui por horas, ou quem sabe dias, preciso avisar o máximo de pessoas sobre nossa possível ausência. E preciso cumprir a cerimônia de posse de guardião para manter as proteções da cidade — explicou a elfa. — Volto daqui a pouco.

Laiza partiu pelo corredor enquanto Kyer passava pela porta.

— Ainda bem eu trouxe mais comida do que me pediram — Falou Raszen que vinha empurrando um carrinho apinhado de lanches logo depois do meu amigo.

Sorri para ele.

— Você subiu no meu conceito, príncipe!

Ele riu. Eu peguei um pedaço de pão recheado e o comi em duas mordidas. Limpei as mãos nas vestes e voltei a abrir o pergaminho sob o holograma da mesa. Raszen fez um símbolo sobre o peito. Thela bateu três vezes as mãos nas coxas e Kyer baixou a cabeça. Eu esperei que eles terminassem suas expressões de respeito.

— Parece que serve mesmo! — Exclamei comparando os tamanhos. — Todos prontos?

Thela, que permanecia calada, retirou o machado das costas e endireitou as costas.

— Nunca se sabe — ela disse vendo minha cara.

Dei de ombros.

— Então vamos lá!

Coloquei o pedaço de papel tecnológico sobre o quadrado demarcado. Um segundo e nada aconteceu. Mais um segundo e veias de energia começaram a sair pelas bordas, criando símbolos e marcas por toda a mesa. Quando as veias pararam de expandir, eram como cabos energizados, com a árvore da vida no centro e uma dezena de pequenos inscritos que precisavam ser decifrados.

— Vocês já sabem o que fazer, não é? — perguntei olhando para as caras impressionadas deles.

Thela guardou a espada, Raszen bateu as mãos para limpar as migalhas do que comia. Evan corria os olhos dos símbolos para os papiros abertos no chão, que em resposta à maquete base, agora estavam apinhados de símbolos sobre suas superfícies semitecnológicas.

Laiza voltou, símbolos marcavam seu rosto. Pinturas que evocavam a sabedoria desde os primórdios da humanidade.

— Pelo Construtor — olhei o relógio —, quanto tempo passou?

— Quatro horas, da floresta eu já tinha ordenado os preparativos da cerimônia e como ela é particular, ninguém sabe o que está acontecendo aqui nem sentiu falta de algum de vocês.

Levantei as sobrancelhas.

— Aqui nem meia hora, não é? — A elfa analisou o relógio.

Balancei a cabeça concordando.

— Não é bom que vocês fiquem aqui tanto tempo, acho que de hora em hora devem sair, nem que seja para o organismo se acostumar.

— Está bem. — Marquei no meu DIM um alarme. — Laiza, acho que você vai preferir ver os pergaminhos que ficaram nas prateleiras — aponte para a pilha que eu tinha olhado —, pode ser que algo nos seja útil também e com seus novos poderes, ninguém melhor que você para descobrir.

Ela concordou, estralou os dedos de uma forma estranha a bata cerimonial foi substituída pela vestimenta pergaminho de filósofa.

Também evocou um cajado parecido com o de Tzeba e passou a analisar os documentos. Nas horas seguintes vi a elfa exclamar muitas vezes, animada, com as informações que encontrava. Nós, ao contrário, não tivemos tanta sorte.

Kyer precisou sair duas ou três vezes para voltar a Nafh'ta e encobrir nossa ausência, o que claramente o estava deixando exausto. Toda vez que um de nós precisava sair da sala, era um martírio. Vômitos, tontura e dor no corpo que sofria pela longa exposição a uma contagem diferente.

Lá peça hora quarenta do tempo fora do vértice, eu evoquei um saco de dormir e me deitei no canto da sala, só para acordar quinze minutos depois, tão descansada como alguém que dorme a noite toda.

Meus amigos, cada um na sua vez, repetia meu feito e logo depois, enfrentando uns cinco minutos fora da sala e se alimentando, voltava ao trabalho. Era um conjunto bem maior de pergaminhos e vez ou outra era preciso recorrer a alguma informação dos que ficaram na estante para compreender qual era o encaixe correto.

Lá pela metade do processo, peguei um papiro que ainda continuava em branco.

— Eu já vi isso em algum lugar. — Evan apontou.

Virei o círculo e, no verso, havia um desenho.

— Essa não é a esfera que você recebeu na ida ao guardião do tempo?

Ergui a sobrancelha. Laiza e Ky pararam de conversar sobre uma informação que tinham encontrado, ela cruzou os braços enquanto o grande sábio cerrava os olhos.

— Longa história — disse para eles.

Evan franziu o nariz.

— Sabe que você tem razão — eu disse a ele e abri minha bolsinha presa à coxa. — Dentro a pequena esfera dourada que recebi do Construtor. Em resposta à

presença do objeto, o pergaminho se fechou e um cadeado surgiu na borda, com o espaço exato para colocar a esfera.

Ao encaixá-la o pergaminho se alargou, ficando quadrado e abriu como um livro. Dentro, uma série de instruções escritas com a letra caprichosa que vi no documento milenar que agora fazia parte da maquete dos templos.

Era o feitiço da última lua, mais do que isso, eram instruções de como reconhecer os símbolos. Evan continuou trabalhando com Thela e Raszen no mapa, enquanto Laiza corria de um lado para o outro, compilando informações e apontando correções para as ações dos meus amigos.

Eu me sentei em um canto e comecei a repetir os passos escritos no livro. No meio dele, percebi que a primeira parte não se tratava sobre o feitiço final e sim sobre um tipo de sinalizador.

Coloquei o livro no chão, aberto na página com as instruções. Ergui as mãos.

— O que você vai fazer? — Evan perguntou a meio caminho de tentar encaixar o último dos papiros.

— Existe um sinalizador sobre o tempo das luas — aponte para o quadrado —, está descrito antes dos feitiços no livro. Acho que posso evocá-lo.

Kyer torceu a cabeça, tentando ler o que estava escrito nas folhas aos meus pés.

— Se entendi direito — ele olhou para nossos amigos — isso pode nos dizer quanto tempo temos até a chegada da lua.

Balancei a cabeça. Evan exclamou.

— Me deixe só terminar o mapa.

O guardião colocou o último papiro sobre a mesa e o quadrado se derreteu, fundindo-se aos demais. No centro, o símbolo da profecia apareceu com o clássico espaço para nossas mãos.

— Parece que está tudo certo. — Ele baixou os olhos até a altura da mesa, analisando a fina camada holográfica.

— Só tem um jeito de descobrir... — suspirei — no três?

— Um — o garoto alinhou sua mão ao lado da minha — dois... — ninguém respirava na sala — três!

No final da contagem encaixamos nossas palmas e o símbolo brilhou se expandindo em um metal esverdeado. O colorido que antes só contemplava as primeiras luas, invadiu a última parte, completando-se e mostrando uma ilha no meio do mar negro.

Sobre o segundo templo, aquela pirâmide de areia, surgiu uma bússola que apontava o novo templo em algum lugar a sudeste.

— Só tem água nesse perímetro — explicou Laiza ao se aproximar. — Todas as ilhas que existiam nessa parte do mar afundaram depois do aparecimento dos metais.

— Será que vamos submergir de novo? — perguntou o guardião.

— Espero que vocês não precisem. — Interrompeu Raszen fazendo com que todos olhassem para ele. — Existem histórias muito antigas sobre esse ponto do mar.

— Sempre tem uma história antiga — murmurei — o que tem lá, príncipe? — perguntei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Ninguém sabe — ele disse fazendo com que eu cerrasse os olhos, Laiza colocasse as mãos na cintura e o guardião cruzasse os braços. — Ninguém do meu povo que tenha ido para aqueles mares voltou para contar a história. As lendas dizem que é a habitação de um grande animal, mas é só.

— Então vamos ter que voltar para atualizar suas lendas. — Dei de ombros.

Voltei ao lugar onde estava sentada e peguei o papiro, ergui as mãos.

— Vamos ver quanto tempo ainda temos.

Repeti as palavras mágicas. O papiro tremeu e eu o larguei no chão. De dentro do retângulo uma enorme ampulheta saiu e levitou até pousar em uma plataforma ao lado da porta, logo abaixo do nosso relógio.

Enquanto nós observávamos alguns grãos de areia escorreram para o outro lado.

— Alguém aqui sabe ler areia? — perguntei recolhendo o livro e procurando um tutorial.

— Na verdade... — Thela levantou a própria lâmina e a expandiu até que ficasse da largura do papiro e a tela do seu DIM aparecesse na superfície. — Me dê cinco minutos.

A elfa guerreira escaneou a ampulheta e o nosso relógio, depois clicou diversas vezes na lâmina ainda erguida para os ponteiros.

— Se meus cálculos estão corretos... Espera... — Ela apontou para o príncipe elfo. — Raszen dê uma olhada nisso aqui, seu povo que tem familiaridade com as contagens de tempo através da terra, não é?

O elfo concordou, olhou para a lâmina uns segundos e de novo para a ampulheta.

— Que trabalho incrível você fez, Thela! Não acho que ninguém do meu povo o faria melhor.

Troquei um olhar com Evan que tentava conter um riso.

— Bom — continuou a elfa sem perceber nossa movimentação. — Vocês têm pouco mais de dois dias.

— Dias lunares ou na contagem antiga? — perguntei.

— Lunares.

Respirei fundo. Ainda era pouco tempo, mas das alternativas era a melhor. Eu tinha um certo tempo de estudar o feitiço.

Todos voltamos a observar o holograma sobre a mesa. Era isso, o fim estava próximo e já tinha hora marcada.

CAPÍTULO 28

A ILHA PEDREGULHO

Um dia e meio tinha se passado, longas horas foram as que eu repeti os feitiços até a exaustão da mente. Dormi mal entre pedaços do mesmo sonho onde as raízes da árvore me puxavam para o templo, que agora tinham como um atrativo extra, uma voz que ressoava: ‘Você não é digna’.

Não contei a ninguém sobre o sonho. Eu sei, eu deveria. Mas não contei. Já tínhamos todos muito com o que nos preocupar. E para ser bem sincera eu não estava dando a mínima para o sonho, foquei toda minha energia em acertar os feitiços.

Era a última lua, a martelada final na nossa natureza mágica.

Olhei pela janela. Já estávamos viajando por algumas horas em uma pequena nave. O teto aberto balançava meus cabelos e deixava as bochechas frias, mas não reclamei, gostava da sensação.

— Lys, o que você tem? — Evan perguntou enquanto girava o anel no dedo, que era a forma com que guardava a espada depois do Edom.

— Nada, só repassando o feitiço. — Eu suspirei.

Ele ergueu as sobrancelhas. Eu revirei os olhos. Mesmo com tudo que aconteceu desde que descobri ser a Elemental, mesmo depois dos dragões, mesmo depois do abismo, era como subir pela primeira vez em um palco.

— É a última Lua Evan — expliquei —, é claro que eu estou um pouco nervosa. — Baixei o tom de voz. — Você sabe que estamos em desvantagem, — Levantei os ombros. — Temos menos guerreiros que nas outras duas. Não posso me dar ao luxo de esquecer nenhum detalhe.

— Todas as coisas acontecem na hora certa, Lys. — O guardião balançou a cabeça. Eu voltei a olhar para o horizonte.

Alguns guerreiros estavam sentados atrás de nós. Rincon, um homem de longos chifres, metal que tomava todo o rosto e pés de cabra, acompanhado de seu tigre de dentes de metal. Uma pequena elfa de pele amarela, com orelhas longas e pontudas. Seu nome era Mirah. Ela tinha olhos sempre cerrados, como se desafiasse qualquer um para uma briga, e o martelo gigante pendia perigosamente pelas costas dos colegas. A terceira era a mais humana dos três e atendia pelo nome

de Lux^y. Uma garota de pele queimada, cabelos curtos azuis e ombros largos que carregava um bastão com machados nos extremos.

Eles estavam compenetrados em efetivar os feitiços que nos mantinham parcialmente escondidos dos olhos alheios. Era tudo parte do plano, que eu achava que não ia funcionar, para evitar que fôssemos rastreados pelo Zmora. Se ele quisesse nos achar, seria toda aquela energia mágica que facilitaria o processo.

Também não achava necessária tanta segurança, era meio óbvio que ele não iria me atacar. Depois que Tzeba morreu, ele não tinha mais uma fonte sobre o nosso círculo, não tinha ideia de onde ficava o último templo e precisava de nós para descobrir. É bem verdade que nós também não sabíamos, mas nas duas últimas vezes nossa sorte foi maior que a dele.

Que a sorte deles, no plural. Eu me esquecia.

O motor deu um solanco. Os guerreiros pararam os encantamentos e empunharam suas armas. Eu levantei o cajado e evoquei os óculos de Lifran, toda a armadura ficou visível.

— Evan? — chamei ainda com o olhar fixo à nossa frente.

O guardião segurava os controles tentando manter nossa nave firme enquanto ela vibrava de forma perigosa. Continuei mapeando à nossa volta, sem ver nenhum atacante. Estávamos parados a muitos metros do mar e a única diferença na extensão negra era uma massa verde indistinguível.

— Eu não vou conseguir manter o controle por muito tempo — o garoto avisou. — A nave está sendo forçada para o lado oposto ao que estávamos indo.

— Vamos descer — eu disse.

Ricon colocou a mão no ombro do garoto.

— Não acho que é uma boa ideia — o vozeirão vibrou —, não deveríamos parar até chegarmos no templo.

O guardião se ligou à minha mente.

— Você também está sentindo? — perguntou.

— A sensação de poder que vem da barreira invisível à nossa frente? — sugeri.

— Isso! — Ele me olhou pelo canto do olho, enquanto as outras guerreiras conversavam com Rincon no banco de trás. — Será que é aqui? — perguntou.

— Não sei, mas se não podemos continuar em frente precisamos descer.

O garoto começou a contornar a nave, ignorando os protestos dos demais e dando meia volta para descer.

— Vamos ter que seguir andando — explicou — não temos tempo de voltar.

— E a barreira de energia se estende até onde consigo ver — completei.

A pequena moça interrompeu.

— Andando sobre o mar? Não há nada abaixo de nós.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Tem a ilha — aponte para a massa verde — vamos descer nela.

Os três guerreiros esticaram o pescoço olhando pelas bordas da nave, entreolharam-se e balançaram as cabeças. Até o tigre de metal do Rincon virou a cabeça para os lados, procurando o que apontávamos.

Eu troquei um olhar com Evan.

— Confiem em mim, tem algo logo abaixo de nós, vamos descer.

Pousar foi uma tarefa árdua, com direito a balanço estranho, tremedeira e corrente de vento que nos fazia subir muitos metros mesmo que o que queríamos era descer.

— Vocês três — chamei depois de duas novas tentativas que só resultaram na nave sendo soprada para longe —, preciso que façam feitiços de gravidade em volta de nós — pedi.

Os guerreiros ergueram as mãos.

— Eles precisam ser de dentro para fora — expliquei — como se vocês estivessem nos empurrando, ok? — Os três concordaram, o tigre empertigou-se. — Mirah pela direita, Ricon pela esquerda, Lux^y de cima. Eu vou nos puxar para baixo.

Vi os olhos de Evan se arregalarem, um pequeno sorriso surgiu no canto da boca. Desciam gotas de suor pelo rosto do garoto como resultado do esforço que ele fazia para nos manter planando.

— Boa ideia! — Ofegou. — Pode ser que consiga confundir o feitiço que nos repele.

Todos acenaram. Eu segurei o cajado com força, respirei fundo, coloquei parte do corpo para fora da nave e, olhando para a imensidão de água negra abaixo de nós e focando no único ponto verde que parecia ser nosso alvo, ordenei.

— AGORA!

Soltamos os feitiços juntos, a nave conseguiu baixar vários metros.

— ÓTIMO! — gritei animada. — Vamos de novo?

Acessei a força draconiana, senti todo poder invadindo minhas veias.

— AGORA!

Com um solavanco a nave começou a descer, meio de lado, mas sem que isso nos colocasse em perigo. Foi necessário mais duas ou três vezes até que nós conseguíssemos avistar o que era a massa esverdeada. Tratava-se de uma pequena ilha, quase toda tomada por uma montanha-vulcão. Pela folhagem em volta e o aspecto de pouco tocado, não estava ativo.

Falando em folhas, a ilha era coberta delas em tons verdes e azuis além de flores com cores intensas. Nas árvores que estavam em volta da montanha, havia

flores brancas tão grandes que eram maiores que a nossa nave. No momento que pisei na areia, ainda admirando a beleza daquelas plantas, pensei ter visto olhos piscando em uma das suas pétalas, fiz a nota mental de me manter longe.

Ao contrário do que acontecia na maior parte do mundo, aqui a faixa de água límpida não devia ser maior que um metro, e por vezes as ondas escuras passavam por cima dela e quebravam na praia. Até por isso, parte da areia também era negra. Eu virei a cabeça em várias direções e liguei o zoom dos óculos, até onde eu consegui alcançar não existia nada além de mar.

Os guerreiros ainda ficaram um tempo confusos, tentando normalizar a visão que se dividia entre a ilha à sua frente e o feitiço de ocultamento que os fazia ver só o mar.

Foi quando o último de nós tocou o solo e que o terreno começou a tremer. Do chão, raízes se juntaram até que diante de nós havia dezenas de homens de cipó. À frente deles, uma grande Rocha emergiu. Abriu olhos assustadores e dentes cravejados na pedra.

— Quem adentra aos portões do templo Chári?

Dei um passo à frente.

— Alys Elilmo e Evan Uriah.

A pedra franziu os lábios, você tem ideia do quanto é perturbador ver uma pedra que tem lábios? Eu percebi meu erro quase que de imediato.

— Evan Elilmo — corriji —, o guardião.

A expressão da pedrona não se aliviou.

— E quem são os três não anunciados?

— Ehhh... — olhei para os três — eles são nossa equipe.

— Uma Elemental e seu guardião já são uma equipe.

Ele tinha um ponto, que se diga, eu avisei! Mas não iria desvalorizar toda ajuda que já tinham nos dados até ali.

— Claro — contornei —, mas toda ajuda é bem-vinda, não é?

— Não. — Ele se calou.

Evan se ligou à minha mente.

— E você achando que eu era mal-educado.

Segurei o riso respirando fundo.

— Nós podemos passar? — perguntei.

— Vocês sim. — A pedra respondeu.

— Eles podem ir conosco? — voltei a questionar.

— Não.

Olhei para Evan, ele deu de ombros.

— Podem ficar aqui? — Tentei.

— Podem — suspirei, ele abriu a bocona —, mas não deveriam.

— Por quê? — Franzi as sobrancelhas.

— Porque você está aqui.

Ok, nesse ponto eu até achei que fosse pessoal, Evan riu na minha mente.

— Sua fama já atravessou os mares, Alys. Estão mandando as pessoas fugirem.

— Cala a boca — respondi com um risinho.

— Certo — eu me dirigi ao homem pedra —, vou deixar que eles decidam se ficam ou se nos esperam no ar, mas senhor... como é seu nome? Me desculpe.

— Pedro — ele pigarreou — meu nome é Pedro.

Estava cada vez mais difícil não rir na cara do guardião da ilha.

— Certo — tossi —, senhor Pedro. O que acontece é que nós estamos em risco de um ataque. Vocês estão em perigo.

— Sempre estivemos.

— Mas agora é certeza. As luas...

— Sempre foi certeza — ele retrucou levantando as sobrancelhas —, faça o que veio fazer, nós vamos fazer o que fomos criados para fazer.

Dei de ombros e me virei para meus companheiros.

— Certo, vocês três, façam como o combinado. — Apontei para Mirah. — Qualquer mudança informe Nafh'ta. Não sei se vamos conseguir enviar nossas coordenadas, mas podemos tentar.

Eles assentiram.

O guardião evocou Kydêmonas, a lâmina se acendeu esverdeada como estava desde o abismo. Vi quando as marcas dele começaram a se acender, subindo pelo pulso, passando pelo pescoço à mostra até chegar aos pássaros do lado dos olhos.

As pupilas dele brilharam e assumiram as chamas características de quando os metais estavam no seu poder máximo.

— Por onde vamos?

Parte do exército, a fileira do meio, fundiu-se até se tornar uma escada. Os degraus se estendiam até a metade do vulcão, quando se tornavam um caminho que circulava o grande monte.

— Mas é claro — exclamei. — Claro que ia ser dentro do vulcão.

Abri as asas e os guerreiros que não tinham se tornado escada apontaram suas lanças para nós.

— São só minhas asas. — Por reflexo, ergui as mãos.

O senhor pedregulho pigarreou, com um barulho muito parecido com pedrinhas rolando.

— Elemental e Guardiã devem ir andando. Armas são permitidas, atalhos não.

Dei de ombros. Encolhi as asas mas não as guardei, elas precisavam pegar um ar. Os nossos guerreiros voltaram para o barco enquanto eu e Evan começamos a subir a montanha.



O sol continuava no mesmo lugar, mas a sensação era de que eu já tinha andado um dia ou mais. O cansaço era só mais um daqueles reflexos dos vórtex mágicos e eu já estava passando tanto tempo dentro deles que esperava que meu corpo já estivesse habituado. O problema era que alguém tinha esquecido de avisar isso para as minhas pernas, elas estavam no limite.

Boa parte do caminho nós fomos calados. Eu observei a vegetação e como os metais interagiam nelas. Ainda bem que mantive em mente minha anotação sobre as flores gigantes porque em certo ponto vimos de longe quando uma delas abria uma boca repleta de dentinhos verdes afiados, era só um bocejo, mas já dava o recado, viraríamos lanche em um piscar de olhos.

Mais ou menos na metade, quando a estrada começou a se inclinar, Evan relaxou um pouco os ombros.

— Alys, você já parou para pensar no porquê fomos escolhidos? Quer dizer, por que nós?

Eu ri.

— Todos os dias! — Pausei. — Mas é fácil ver o porquê o Construtor te escolheu.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você acha?

Balancei a cabeça.

— Você nunca duvidou da sua missão — expliquei — desde o primeiro momento que se viu cheio de Syfar. Eu chorei mais de uma hora em posição fetal.

— Isso não conta — ele sacudiu as mãos — eu tinha conhecimento da profecia e você não.

— Ainda que fosse — dei de ombros —, você nunca disse: Não vou, não quero. E você sabia que poderia não querer, mais do que isso, você entendia completamente o que significava dizer sim.

Ele pensou por um segundo.

— Certo, o que mais? — Cruzou os braços.

— A profecia diz que o guardião teria a maior característica do Construtor — abri um sorriso enviesado —, infelizmente não é a humildade que você puxou — ele riu — mas vejo todos os dias a sua capacidade de se sacrificar por essa missão, pelas pessoas e por mim. Nunca vi você hesitar em se colocar à frente de alguém para protegê-lo, mesmo que isso pudesse te custar a vida.

Ele se calou depois fixou o olhar em algum ponto à nossa frente.

— Lys, eu tenho medo — explicou. — Tenho medo de não comprimir minha missão! — Fitou-me pelo canto do olho. — Tenho medo de não ser capaz de te manter em segurança.

— Ainda bem que tem — arregalei os olhos —, se não tivesse não seria sacrifício. E tem mais, eu ficaria preocupada.

— Com o quê? — Ele franziu o cenho.

— Só gente doida se colocaria diante da morte sem medo nenhum.

— E nós somos normais? — Ele ergueu a sobrancelha.

— Não também, a gente é doido, mas do jeito bom, do jeito que tem medo — completei fazendo com que ele caísse na gargalhada. — Olha Ev — continuei —, se tem algo que aprendi com isso tudo é que só posso colaborar com o processo: posso aprender os feitiços e me esforçar em manter os metais em segurança. Isso nós podemos fazer, agora controlar as circunstâncias externas, isso não. Sofrer pelo que não posso mudar só me atrapalha a fazer o que eu posso. Me ajudou a deixar de dar ouvidos aos meus medos.

Ele abriu um sorriso, os olhos brilharam. Andamos mais um tempo até que o guardião voltasse a falar.

— Você conseguiu ver por que ele te escolheu? — perguntou.

— Um pouco — pensei —, talvez. Todos os dias, quando nós treinamos ou quando enfrentamos um obstáculo eu consigo ouvir uma vozinha na minha mente me apontando melhorias e qualidades.

— Eu consigo ver — o guardião me interrompeu. — Essa sua capacidade de continuar lutando mesmo depois de perdas tão expressivas, para mim esse é o motivo pelo qual ele te escolheu.

Eu parei de andar.

— Esse é um motivo novo, eu acho que vou colocar na minha lista.

— Que evolução. — O garoto riu. — Você já tem uma lista de elogios sobre si mesma, quem diria o que inimigos mortais e quase destruição do planeta podem fazer pela autoestima de um ser humano.

Foi minha vez de dar gargalhadas.

— Não seja besta, nem todos são elogios. — Olhei para ele. — Eu também...

Franzi a sobrancelha, na superfície do vulcão, atrás da cabeça de Evan, vi um pequeno brilho.

— Evan, olha isso! — Apontei.

Ele aproximou o rosto da parede, encostou as mãos nas ervas e, depois de observar um segundo, fez um feitiço que retirou uma parte do mato. Havia muitos riscos, não consegui compreender o que eram.

O guardião juntou as mãos, como se uma esfera estivesse entre elas, e começou a moldar a energia enquanto recitava um encantamento. Em minutos tínhamos uma águia voando acima de nossas cabeças que foi para bem longe e parou virada para a grande montanha. Ouvi Evan na minha mente.

— Vou te mostrar o que ela me fizer ver.

Um raio multicolorido saiu dos olhos do pássaro, ela escaneou a superfície pedregosa e encontrou um padrão. Ao comando de Evan mapeou os metais até que uma imagem ficou clara na nossa mente: a árvore já conhecida, que na primeira lua tinha um globo terrestre e que na última eu havia encontrado pegando fogo, agora estava cravada no vulcão.

— Estamos no lugar certo — exclamei.

Nós já tínhamos voltado a caminhar quando o animal deu um pio alto. Eu ergui a cabeça à procura dele e Evan voltou as ligas suas mentes.

— Ela achou mais uma coisa — explicou.

— O quê? — Arregalei os olhos.

Ele fez uma pausa e franziu a testa.

— O símbolo da profecia.

— Onde? — Virei a cabeça em todas as direções.

O garoto me deu uma olhada de canto.

— Na boca do vulcão.

Eu torci o nariz.

— Não sei por que eu ainda pergunto.



Quando meus pés já começavam a adormecer chegamos ao topo do monte. Os metais vibravam. Coloquei a mão no lado do corpo e respirei fundo enquanto Evan recebia sua ave empoleirada no braço. Aos poucos o animal derreteu e voltou a ser uma porção de Syfar brilhante sobre a pele do guardião.

Estávamos diante de uma cratera na forma exata do símbolo da profecia e eu só pude perceber a grandeza do lugar quando Ev me mostrou a visão aérea que a águia tinha feito. A superfície era de um metal verde, ora mais claro, ora mais escuro, que me parecia ter pelos. Era muito confuso ver metal e tocar veludo.

— Evan, será que é o terceiro metal?

O guardião, que analisava uma pedrinha, balançou a cabeça.

— Acredito que sim, não parece em nada com as fusões que já vi de outros metais.

O garoto tentou manipulá-lo e o metal vibrou.

— Também é mais selvagem que os outros dois.

Eu concordei.

— Já que a única abertura que vimos é essa gigante, será que agora posso abrir minhas asas? — questionei.

— Espero que sim — o garoto respondeu.

Tentei abri-las, mas as penas se retraíram ao ponto de voltarem a se tornar um símbolo sobre minhas costas.

— Nada feito? — Evan perguntou.

— Não. — Olhei por cima do ombro. — Não me lembro quando foi que elas se tornaram em marca sem meu comando. — Franzi o cenho.

— Vamos procurar uma outra forma de começar a descer. — Ele deu de ombros.

Cada um de nós seguiu para um lado, andando em torno da abertura. Conferi símbolos, apertei pedrinhas e até joguei um pedregulho dentro da boca do vulcão, só para assustada vê-lo ser lançado de volta.

Depois disso, reforcei minhas luvas colocando alguns pedaços do metal verde nela, mesmo que ainda não pudesse usá-lo, minha energia já podia ir se acostumando.

Já tinha cogitado pular dentro do buraco quando Evan gritou.

— Alys, achei alguma coisa.

No outro extremo, parcialmente escondido pelo metal, havia uma pedra com o símbolo da árvore cravado nela. Passei a mão sobre a superfície fazendo com os pedaços de metal dançassem e se transformassem em uma inscrição circulando a planta.

“Para entrar no templo sagrado
Onde a vida flui pelo que é mágico
O externo precisa ser lavado
E o começo e o fim, entrelaçado.”

— Por que são sempre charadas? — perguntei.

— Não tenho ideia! — O guardião deu de ombros. — Vamos ver se achamos mais alguma coisa que nos ajude a decifrar.

— Evan. — Fixei o olhar na pedra. — Esse negócio tá dizendo que a gente precisa tomar banho? — O guardião quase engasgou. Eu ergui os ombros. — Que foi? Não ri, foi só o que eu consegui entender.

— Lys — o garoto balançou a cabeça —, continua procurando, vai!

Concordei e voltei à busca. Não muito tempo depois, encontrei uma pedra parecida com a dele, do outro lado do Vulcão. Havia sobre ela o mesmo símbolo, mas os versos eram diferentes.

“Quando as portas do templo se abrirem
E o último Elemento se libertar
A escuridão espreitará aos que ouvirem

O símbolo eterno ressoar”

— Escuridão espreitando não me parece animador — falei alto. — Evan! Achei outro aqui — gritei.

— Igual? — ele perguntou.

— Os versos são diferentes.

Ele pensou por um minuto.

— Decore eles — disse.

Como também não me fizeram sentido, voltei a procurar por outras pistas.

— Evan! — gritei. — Tem mais uma!

— Aqui também — ele respondeu. — Leia para mim!

“Se você quer achá-lo, cuidado!

Tenha certeza de ser quem deve ser

Ou terá pela frente um estrago,

Que só um guardião do templo pode fazer.”

O chão tremeu. A pedra à minha frente começou a se erguer.

— ALYS! — Evan gritou.

Virei a tempo de ver que mais três pilares tinham se erguido, cada um com sua inscrição.

— EVAN, O QUE DIZIA A SUA PEDRA? — perguntei me segurando no cajado.

O garoto arregalou os olhos e gritou o texto para mim:

*“O FOGO ENGOLIRÁ O MEDO
NOS ALTARES A PROCURA TERMINARÁ
A TERRA CUSPIRÁ O SEGREDO
E O TEMPLO SOBRE O AR DESCANSARÁ”*

Nesse ponto eu já tinha me abaixado, procurei uma raiz ou algo que pudesse me segurar, mas não encontrei nada. Pedacos do chão, sob a boca do vulcão, começaram a cair enquanto Evan tentava em vão me alcançar.

Ordenei as asas que abrissem, elas não o fizeram. Vi Evan evocar uma série de feitiços sem ver qualquer resultado aparente. O chão sob nossos pés, ou o que restava dele, começou a mudar de cor assumindo um vermelho muito vivo. Com um estralo se soltou, transformando-se em um emaranhado de pequenas porções de terra, que embora não tremessem, não nos davam segurança alguma.

As únicas partes que pareciam intactas eram aquelas sob as quais estavam as pedras. Um raio, verde como o metal infinito, surgiu do primeiro altar de pedra e foi ligando cada um deles até que no centro, acima de nossas cabeças, uma bola de energia formou-se.

— EVAN! EU NÃO FIZ FEITIÇO NENHUM E AINDA É DIA! COMO EU VOU FAZER O FEITIÇO?

O guardião se colocou de pé, equilibrando-se com dificuldade. Cerrou os olhos fixando o olhar no mais próximo dos pedaços de terra.

— NÃO SEJA IDIOTA! — gritei sem sucesso, ele era! Saiu pulando por cima do abismo escuro que era a boca do vulcão. Eu congelei quando ele chegou no mais próximo de mim, por um segundo se desequilibrou, mas conseguiu se segurar.

— O que diabos você pensa que está fazendo, guardião idiota? — Ralhei com ele. — Você acha que o vermelho lá embaixo é molho de tomate?

— Me deixe fazer o meu trabalho! — Ele ergueu as sobrancelhas.

Bufei. Olhei para baixo, tentando encontrar uma forma de sairmos, já que perto das bordas não havia mais nenhuma das ilhas.

— E agora?

Ele olhou em volta, tentou mais um ou dois feitiços. Bateu a mão sobre o DIM preso no pulso e a ampulheta apareceu holográfica, pouquíssima areia ainda restava.

— Eu não vejo outra solução. — Suspirou.

— Pular? — Arregalei os olhos.

— Você tem outra ideia? O máximo que vai acontecer é que seremos lançados para fora como a pedrinha que você mandou, foi.

— E isso é animador? — Minha voz saiu mais fina que o normal.

— É isso ou ficar aqui olhando para o nada.

Eu cogitei a segunda opção. Depois suspirei.

— Tá certo, tá certo!

Segurei firme o cajado, o guardião iluminou sua espada.

— No três? — perguntou.

Concordei.

— Um... dois... três.

Eu fechei os olhos e me lancei para fora da minha pequena redoma segura, um passo de fé em meio a escuridão.



Devo ter gritado uns trinta segundos até perceber que estava flutuando. Sorte minha que dentro do vulcão era total breu assim evitei o olhar de chacota que com toda certeza Evan me dirigia no momento.

Aguardei a piadinha infame, ela não veio. Ofeguei.

— Evan? — Silêncio. — Ah que beleza, agora sabemos que estamos no lugar certo, já me perdi do guardião.

O ar à minha volta tremeu. Um barulho ensurdecedor me fez levar as mãos às orelhas. Tentei me ligar à mente dele, mas a sensação era de que estava muito longe, me exigia muito esforço procurá-lo.

— Evaaan!!! — voltei a chamar.

— Alyss — sussurrou.

Um ploc, outro ploc e mais um. O vento ao meu redor foi sugado e eu caí sobre terra firme, ainda sem enxergar. Os barulhos pararam. Eu fiquei de pé. O chão voltou a tremer e em um solavanco começou a se mover, subindo como um elevador indo rápido demais.

Procurei algo em que pudesse me agarrar, sem guardar o cajado. Encontrei o que torci para serem raízes e não algum tipo de monstro venenoso.

A velocidade aumentou. No alto um fio de luz, um pontinho que foi se alargando e crescendo até que a luminosidade agredisse meus olhos e eu precisasse apertá-los com força.

Meu corpo foi lançado sem delicadeza, enquanto eu continuava tentando me segurar. A pressão em volta me impediu de abrir as asas e eu abracei as toras sem conseguir enxergar.



Um chacoalhão e meu corpo parou, batendo com força no solo.

— Ai!! — Coloquei a mão sobre a costela. — O que foi isso?

Ergui a cabeça, pisquei várias vezes.

Os metais acenderam, como se houvesse uma chama dentro daqueles pequenos circuitos e minha roupa ficou iluminada. A armadura se tornou mais sólida e o Lifran sobre a minha pele tremeu.

— Uau! — Minha visão entrou em foco.

Eu estava em uma ilha, deitada perto da borda, olhei para baixo só para me retrair quando a vista tremeu. Não tinha medo de altura, mas a sensação depois de ser jogada para o alto era horrível.

Porque sim, pelo que eu entendi, a ilha inteira foi cuspidada de dentro do vulcão e da boca dele subia uma fumaça acinzentada. Eu me levantei batendo a poeira do meu uniforme.

— Ok — disse para mim mesma — ser cuspidada por um vulcão é novidade.

Ao me virar, escancarei a boca. Havia uma árvore, tão grande que ao tentar ver o que tinha na ponta dos galhos, os olhos ardiam com a claridade do sol. Ela estava no centro da ilha, imponente, cercada por raízes que cobriam todo o pedaço de terra e que para meu alívio, era onde eu tinha me agarrado.

— Alllyyyyyyyyysssss! — Evan gritou de longe.

O garoto vinha correndo, com o escudo e a espada empunhados e os olhos esbugalhados.

Percebi o porquê bem a tempo. Evoquei meu escudo e me escondi na hora em que uma esfera de pedra que pegava fogo, do tamanho de um elefante, surgiu de fora da ilha. Ela quicou na barreira do meu escudo e voltou a cair para fora.

O guardião me alcançou, ofegante. Tirou da veste um cantil, bebeu um pouco de água e me ofereceu.

— Obrigada. — Tomei um gole. — O que está acontecendo? Onde você foi parar?

— Do outro lado do templo. — Ele apontou para a árvore. — Lá tem mais bolas de fogo que aqui.

Nós nos abaixamos sob os escudos, enquanto outra esfera pingava e caía para fora da ilha.

— Nenhuma delas atingiu o templo?

Ele balançou a cabeça.

— Então, não sei o que você acha, mas não era o caso de a gente ir logo para dentro dela?

— Dentro? — ele questionou para só então ver a porta majestosa na base da planta.

Tínhamos andado metade do caminho em direção ao templo quando outras raízes, bem diferentes da primeira, começaram a surgir no chão. Elas eram esbranquiçadas, com bolsões amarelos que pulsavam, como se estivessem prestes a explodir.

Evan, que tinha reflexos mais treinados que os meus, levantou o escudo segundos antes que uma delas estourasse e lançasse um líquido vermelho na nossa direção. As raízes à nossa volta, que tinham recebido os respingos, começaram a apodrecer.

Um cheio horrível subiu e alguns insetinhos começaram a nascer no meio daquelas feridas, passando a voar em volta do pus. Era um ciclo rápido entre o pedaço da raiz morrer, os insetos aparecerem, pousarem em outro lugar que não tinha sido atingido e ele ser destruído também.

— Evan, tem alguma coisa errada. As bolas pareciam fazer parte da proteção do templo, mas esse... o que quer que seja... está destruindo as raízes.

Olhei para o guardião, ele mal parecia ter me ouvido. Mantinha os olhos fixos à nossa direita, onde, a certa distância, Helix estava de pé. Por um momento eu revi minha chegada à toca, aquele que parecia o amigo de longa data de Kyer analisando um novo produto. Depois, vi o garoto, aquele que corria aos prantos e se deitava sobre os corpos dos pais mortos.

Eu tive pena, não que eu achasse que ele não tinha culpa, ele tinha escolhido um caminho que incluía sacrificar dezenas de vidas inocentes. Mas mesmo ali, mesmo que ele tivesse tentado me tirar tanto, por algum motivo, agora eu conseguia ver aquela criança perdida.

Balancei a cabeça com força, voltei a ver o Zmora na minha frente. Um homem alto, que tinha se tornado tão magro que poderia ser confundido com um dos seus sacos de ossos, não fossem os olhos esbranquiçados com longas veias vermelhas ou as ramificações esverdeadas e pulsantes que subiam pelo seu pescoço.

Pela gola do terno alinhado, que parecia ser a única roupa que ele tinha, podia ver a ponta da cicatriz onde o fiapo de metal ficou alojado durante o ano anterior. Minha visão voltou a piscar, da pessoa que eu via para o passado do homem.

— Pelo Construtor — sussurrei — como eu vou lutar assim?

Evan se ligou à minha mente.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

— Não sei, minha vista continua me confundindo, a imagem do Zmora é como um holograma que pisca entre presente e passado.

Vi Evan franzir a sobrancelha enquanto firmava o escudo e nos protegia de outra explosão. Ele deu uma pequena ordem ao relógio que mostrou a ampulheta.

— Você tem que entrar no templo! — avisou. — O tempo começou a escorrer mais rápido.

— Evan. — Coloquei a mão sobre a testa. — Nos últimos dois anos, liberar o símbolo dependia de você também.

— Eu vou estar logo atrás — afirmou —, mas você precisa entrar lá!

Eu balancei o cajado e o joguei para o alto, efetuando um feitiço e o transformando em dois pedaços no ar.

— Vamos lá então. — Acenei.

A boca do Zmora se curvou em um pequeno sorriso, ele ergueu as mãos, os olhos faiscaram e os sacos de ossos começaram a nascer do chão. Tantos quanto a ilha era possível abrigar.

— Quem se atreve a macular esse solo sagrado? — Uma voz ecoou.

Eu virei a cabeça, procurando de quem era. Na porta do templo um humanoide falava. Ele era alto, vestido com uma armadura que pegava fogo, os cabelos cor de fogo desciam por sua cintura e só não eram mais impressionantes que os três pares de asas, com dezenas de olhos espalhados por entre as penas.

Troquei um olhar com Evan.

— Amigo ou inimigo? — questionei na mente do guardião.

— Nenhum dos dois, deve ser o guardião.

— Isso não faz dele um amigo? — Franzi a testa.

— Nem sempre — respondeu ainda focado.

O Zmora não pareceu surpreso, pelo contrário, jogou a cabeça para trás e deu uma forte gargalhada. Ele ergue sua mão direita e metade dos sacos avançou contra o homem que tirou uma espada da cintura, gritou um nome que eu desconhecia e ela acendeu, pegando fogo como seus cabelos.

Antes de avançar contra seus inimigos, ele me olhou e ouvi uma voz como trovão na minha mente.

— Faça o que tem que fazer.

Dei um pulo.

— Evan?!

— Eu também ouvi. — O guardião apertou a espada. — Vá para o templo.

Meu guardião começou uma série de movimentos complexos, dançando com as mãos e pés até que, de uma porção ínfima de Syfar que ele trazia consigo, uma gigantesca águia se formou. Ela olhou para os inimigos e piou intimidadora.

Eu tirei minhas esferas de metal da bolsa e entreguei na mão dele.

— Faça quantos animais conseguir — pedi.

— Você pode precisar desses metais. — O garoto empurrou o metal de volta para mim.

— Eu não vou precisar. — Coloquei na mão livre dele. — Não faço animais como você.

Ele pensou um segundo e acabou pegando as esferas, lançou uma no ar e em pouco tempo havia também uma Rã de Cytisum, um Leão de Pilmax, Um panda de Quitep e um macaco de Lifran. A semelhança entre eles eram os olhos feitos de Aya.

Eu me entretive observando a beleza daquele feitiço, que consumia uma energia considerável e nos dava a vantagem de destruir um número massivo de inimigos por vez.

— Alyssss — o guardião gritou, enquanto avançava em conjunto aos seus animais. — O que é que você está esperando? Pelo Construtor, VAI LOGO!!

— Eita, eu tô indo!

É claro que não seria simples, eu mal tinha dado dois passos e as longas veias de ácido enrolaram meus tornozelos. Lancei um feitiço contra elas, mas não as conseguia afastar por muito tempo. Na terceira vez que eu era impedida de continuar, das botas da armadura surgiram espinhos de metal que perfuravam as ervas e as obrigaram a me soltar.

Entoei o feitiço que tinha aprendido no manual da armadura e os espinhos surgiram em toda extensão do metal. Olhei em volta, os animais de Evan tinham

feridas pelas carcaças de metal, de onde, com os óculos de Lifran pude perceber, a energia escoava.

— Evan?

— Oi? — Ele ofegou. — Por que você ainda está tão longe?

— As ervas me atrapalharam, mas já resolvi. — Franzí o cenho. — O que está acontecendo aos seus animais? Eles estão perdendo energia.

— Não se preocupe! — Ofegou. — Chegue ao templo, estamos em cima da hora!

Voltei a caminhar, agora com mais confiança graças à ajuda das botas de espinhos metálicos. Na metade do caminho precisei empunhar o escudo, os bolsões de veneno tinham voltado a espirrar para todos os lados, criando crateras de insetos.

Abri minha bolsinha que ficava acoplada ao uniforme. A última coisa que tinha dentro dela era uma caixa pequenina que recebi do Construtor na visita ao passado. Nunca tinha visto o seu conteúdo, não por falta de curiosidade, mas porque ela não quis se abrir mesmo que eu tivesse tentando inúmeras vezes. Naquele momento, no entanto, o laço se desfez e eu pude vislumbrar o que tinha dentro.

Uma porção de metal verde, mais polido do que o espalhado pela ilha, mas ainda assim o metal do infinito. Peguei a esfera que prontamente vibrou ao meu toque.

— E se...?!

Coloquei a porção de metal entre as palmas das mãos.

— Que animal pode resolver os dois problemas? — perguntei a mim mesma para chegar a uma conclusão logo depois. Efetuei o feitiço enquanto esfregava a porção de metal.

Ele esfarelou ao meu comando até que do chão centenas de pequenos gafanhotos metálicos ganharam vida.

— Vocês sabem o que fazer — falei.

Os olhinhos verdes brilharam e eles partiram aos montes enquanto um novo grupo surgiu à minha volta. Eu não tinha a destreza de Evan para criar grandes animais, mas nos pequenos eu fazia um bom trabalho. O primeiro grupo de gafanhotos se concentrou nos lugares onde havia buracos sobre as raízes, abocanhando as moscas e cuspidando um líquido branco sobre a madeira ferida, que fervia e congelava, não permitindo que o veneno se espalhasse.

O segundo grupo de insetos avançou contra as raízes esbranquiçadas, cravando suas presas e sugando o pus mágico. Quando o veneno era demais, o inseto explodia e era prontamente substituído por outro deles.

Assenti satisfeita com o resultado e voltei a caminhar em direção à porta do templo.

— Evan? — chamei.

Senti que ele estava me ouvindo, olhei em sua direção e, para meu espanto, ele lutava corpo a corpo com o Zmora.

— Estou indo! — avisei.

— NÃO! — silêncio — VÁ CUMPRIR — pausa — SUA — ele ofegou — MISSÃO! — Cada palavra pontuada por um ataque.

Dei uma última ordem aos gafanhotos e parte deles avançou contra o Zmora.

Quando, finalmente, deparei-me a poucos metros das portas do tempo, um fenômeno tirou a atenção de todos, fazendo com que as espadas parassem.

Dos galhos da árvore começou a pingar um líquido. A velocidade deles foi aumentando e aumentando até que não eram mais gotas e sim uma cachoeira vermelho-vivo.

Aproximei o rosto.

— Parece sangue. — Torci o nariz. — Como eu vou passar por isso?

Evan acordou da dormência bem a tempo de desviar de um ataque do Zmora.

— Vocês não podem me impedir! — Ele urrou. — Não vim sozinho.

Embora parecesse uma afirmação sem sentido, um frio correu minha espinha.

— Helix — sussurrei — ainda dá tempo...

O homem parecia ter tomado um tiro. E que ouvido ele tinha!

— Você não pode estar falando sério. — Ele me olhou incrédulo após desviar de um ataque do guardião. — Hoje, antes que o dia nasça, vocês estarão prostrados diante do meu mestre.

Ergui as sobrancelhas, enquanto Evan continuava a golpear o Zmora.

Minha vista voltou a embaralhar. Vi a mesma cena da casinha de madeira pegando fogo, o pequeno Helix deitado sobre o que eram as covas dos pais. Da moita uma sombra surgia, arrastando-se sobre a erva. Essas visões eram tão realistas que, embora tentasse, era difícil convencer meu cérebro do fato de que eu não estava realmente lá. Tentei em vão avisar ao garoto sobre a aproximação estranha.

A fumaça pairou ao lado do menino e colocou sobre seus olhos uma venda. O garoto parou de chorar. A venda desapareceu, mas os olhos da criança não voltaram ao que eram antes.

Quando minha vista voltou ao normal, eu estava de joelhos, com a mão apoiada em uma raiz. Evan estava na minha frente, bolhas verdes no alto de seus

ombros e nos nós dos dedos. Um elefante de Syfar afastava de nós um grupo de sacos de ossos.

— Você está bem? — O guardião me ajudou a levantar-me.

— O que aconteceu? — Coloquei a mão na cabeça.

— Você caiu de joelhos — explicou —, ficou com os olhos desfocados, parecia com Bririan quando tem uma visão. Os sacos de ossos avançaram e eu tive que correr para impedir que eles te alcançassem.

Balancei a cabeça enquanto me colocava de pé.

— Helix? — Eu ainda estava um pouco tonta.

— O guardião do templo chegou assim que você caiu, assumiu a luta com o Zmora e me mandou te ajudar.

Corri os olhos pela ilha, o homem de asas lutava ferozmente contra o Zmora, lançando sua espada contra as armas que Helix empunhava e, através de palavras de poder, lançando bolas de fogo e gelo.

Eu ainda contemplava a luta quando o chão tremeu. Subiu da terra uma fumaça negra que os sacos de ossos inspiraram. Imediatamente seus olhos se iluminaram e as bocas abriram com dezenas de presas afiadas.

Evan olhou para a cascata escarlata nas nossas costas.

— Nós precisamos atravessar.

Escancarei a boca.

— Evan..., mas parece...

— Sangue... — completou. — Eu sei! Mas não temos opção. — O guardião apontou para os lacaios que avançavam contra o elefante. No chão onde eles pisavam, ficava uma marca feia de queimado. — Outra coisa. — Apontou para a pouca areia que ainda sobrava na ampulheta. — Estamos ficando sem tempo.

Segurei a mão dele, respirei fundo.

— Vamos então.

Fechei os olhos e passei pela cortina fria, na esperança de que eu pudesse atravessar.



Abri os olhos do outro lado, sobre meu uniforme havia uma bata branca amarrada por uma tira de metal com símbolos que acendiam conforme se tocavam. Meus cabelos estavam soltos sobre as costas e as luvas tinham se retraído de forma que era possível ver as marcas sobre a minha pele.

Evan também olhava admirado para suas novas vestes. O mais impressionante, no entanto, era que a cascata tinha se tornado transparente. Desconfiei que somente para nós já que os atacantes do lado de fora pareciam

confusos à nossa procura, além disso, Helix e o guardião do lugar lutavam em câmera lenta.

— Vórtice temporal? — perguntei.

— Possivelmente. — Evan balançou a cabeça.

As portas do templo abriram-se com um rangido alto, chamando a minha atenção. Os símbolos sobre elas eram feitos de um metal dourado e uma luz azul corria por entre eles, dando a impressão de que eram circuitos.

Dentro do tronco, depois de passar pelos portões, havia um extenso jardim muito maior por dentro do que aparentava por fora, com flores, arbustos e árvores carregadas de frutas. O teto era vazado e podíamos ver o céu que já ganhava tons arroxeados.

No centro do jardim havia um trono feito de ouro adornado com metais e pedras preciosas cravejando as bordas. À sua volta, pouco abaixo, doze outros tronos, cada um de um material diferente.

— Lys?! — Evan me chamou.

— Oi?! — respondi com os olhos fixos nas cadeiras.

— ALYS!!! — O garoto subiu a voz.

Balancei a cabeça, os tronos desapareceram. Pisquei uma, duas, três vezes, mas a impressão da presença deles era muito intensa.

— O que está acontecendo? — Evan segurou meu rosto entre as mãos.

— Eu... eu... — Voltei a olhar para o local onde deveriam estar os tronos.
— Acho que estou tendo visões...

— De que tipo? — Ele uniu as sobrancelhas. — Passado ou futuro?

— Não sei dizer. — Procurei as palavras para explicar. — As com o Helix eram do passado, mas aqui, já não tenho certeza.

Evan me observou por alguns segundos, depois relaxou, soltou meu rosto e segurou as minhas mãos.

— Olhe para mim — disse.

Fiz como ele ordenou. A imagem do guardião tremeluziu e vi um senhor de idade, com olhos de fogo e um sorriso zombeteiro. Tive que piscar algumas vezes para voltar a focar na realidade.

— Alys, foca em mim!

Balancei a cabeça em concordância.

— Você está perdendo muita energia com essas visões — Evan explicou.
— Eu acho que elas são por causa da sua herança Elilmo, você precisa controlá-las ou não vai conseguir fazer os feitiços.

Eu não consegui responder, o guardião esfregou as minhas mãos.

— Vamos Lys, nós precisamos achar o símbolo, falta menos de um minuto.

— Eu estou tentando. — Respirei fundo. — Mas para todo lado que olho, fico vendo coisas que não existem.

O guardião endireitou os ombros.

— O que você viu aqui? — perguntou.

— Um grupo de tronos. — Apontei para o centro. — Bem ali.

— Então é por lá que vamos começar. — Ele me puxou pela mão.

Quando os pés do guardião tocaram o local exato no acento de ouro, o chão passou a se iluminar. A energia que nasceu naquele ponto se libertou e correu pelos quatro cantos do jardim, criando símbolos sagrados que dançavam sob nossos pés. O garoto deu vários passos para trás, analisando-os e parou do meu lado.

Do lugar de onde ele saiu, um pequeno broto surgiu, rompendo a terra. Cresceu diante dos nossos olhos até estar algumas cabeças acima de nós. Os galhos se alongaram e as folhas verdes cresceram nas pontas. No tronco um símbolo conhecido, as duas asas com o cajado e a espada cruzados.

O chão sacudiu. Olhei para os lados procurando a fonte, mas dentro do templo nada tinha mudado. Evan ligou os óculos e olhou para fora, logo em seguida para o próprio relógio.

— Lys — o guardião me chamou — sessenta segundos! Você precisa fazer o feitiço.

Eu concordei com ele. Respirei fundo. Levantei minhas mãos e comecei a recitar o encantamento. Era tão intenso, quase uma canção. Cada nota que eu entoava intensificava a sensação mágica sobre o meu corpo.

Evoquei o poder dos dragões para me dar firmeza. Evan, temendo que algum dos nossos inimigos atacasse, empunhou sua espada e escudo e encostou suas costas nas minhas, virado para a entrada do templo.

Para cada passo que eu dava, cada movimento que fazia do encantamento, ele lançava seu corpo em sincronia, escondendo minhas costas de qualquer feitiço.

No começo, quando ele me pediu para aprender o feitiço comigo, achei que era um exagero. Agora não parecia, não só porque não me preocupar com ataques me deixava mais tranquila para fazer o feitiço, mas como, de alguma forma, mesmo que o livro da profecia não dissesse nada, aquilo parecia ter sido feito para ser assim.

Lancei as mãos para o alto, as palmas unidas e invertidas, um último passo e endireitei os ombros.

— *Eínai teleioméno* — concluí.

A árvore rachou ao meio, de cima a baixo ela se abriu. De dentro, metal esverdeado deslizou até tomar o externo da planta. As metades passaram a se contorcer até que do lado esquerdo havia um grande α e do direito um Ω deitado com as pontas viradas para o primeiro símbolo.

Eles se uniram e se deslizaram até que se tornaram um ∞ . Quanto mais o metal corria, mais energia ele emanava.

— Lys, acho que devíamos sair. — Os olhos do guardião correram para a porta e de volta para mim.

— Você tem razão — concordei.

Nós corremos de costas, e agradei pelos treinamentos malucos de Thela, até que, diante das portas do templo, eu me virei para fora e passei com ele pela cortina transparente.

Já era noite e as três primeiras luas pairavam no céu, aguardando a última de suas companheiras.

Minhas vestes tinham voltado ao normal assim como as do guardião, e que bom, já que a batalha tinha se tornado mais severa. Bririam e Salyn lutavam contra o Zmora, em uma dança assustadora e linda.

Enquanto o igrot misturava sua força a feitiços igualmente de impacto, a ninfa lutava na ponta dos pés, com uma fina espada.

Larin e Gram também estavam ali, além de duas bruxas e a pequena dragão, destruindo sacos de ossos possuídos. Nenhum dos animais de Evan tinha resistido.

Minha visão se misturou outra vez, e eu não tive certeza se o chão estava tremendo ou se era o efeito da minha tontura.

Vi o Zmora lutando, o guardião do templo lançando feitiços enquanto voava muitos metros acima. O rei igrot e Bririan em sua luta sincronizada. O curioso é que enquanto eles lutavam livremente, do corpo do Zmora dezenas de fios se prendiam, fazendo com que ele se parecesse um tipo de boneco.

Escancarei minha boca, minha visão voltou à luta presente.

— Lys, outra visão?

O guardião estava ajoelhado ao meu lado, Larim e Gram afastavam os inimigos.

— Sim — balancei a cabeça —, mas agora acho que sei o porquê. — Apoiei-me na no ombro do guardião e fiquei de pé.

O garoto se levantou, olhando para o céu. Bateu a mão sobre o DIM do pulso e a ampulheta apareceu, piscando em vermelho. Não havia mais areia descendo.

— Alguma coisa está errada. — Me olhou. — Não tem nem sinal da lua.

Olhei para trás. A porta do templo tinha se fechado.

— Será que ela se atrasou? — Ele riu. Eu dei de ombros. — Eu fiz o feitiço certo, disso tenho certeza.

Além dos sons da batalha, ouvi mais uma série de explosões distantes. Abri as asas, que finalmente aceitaram meus comandos.

— Vou ver o que está acontecendo — falei.

O guardião abriu a boca e a fechou em seguida, relaxou os ombros e apertou a espada nas mãos.

— Está certo, me conte o que vir lá em cima. — Fui ajudar Bririan e Salyn.

Alcei voo. De fora da ilha consegui enxergar a batalha como um todo. No mar, redemoinhos surgiam e, do seu centro, ilhas eclodiam deles. Já havia dezenas delas à nossa volta.

Mas para cada novo terreno, sacos de ossos nasciam do chão. Havia também cucas, elfos e, pela primeira vez, vi outros humanos Zmoras, todos parecendo semizumbis com grossas raízes. Eles avançavam perigosamente contra a ilha do vulcão. Os seres de cipó e pedra erguiam espadas do mesmo material e lutavam para defender sua casa.

Ao lado deles nossos três companheiros com armas em riste, prontos para entregar suas vidas. Pela quantidade de inimigos, não tinha a mínima chance de eles sobreviverem nem de eu chegar a tempo de dar suporte.

Virei a cabeça em todas as direções, avisei a Evan e comecei a procurar uma forma de ajudá-los. Foi quando, ao longe, vi um grupo de bruxas, montadas em seus cavalos voadores, chegando para socorrer os nativos. Um ploc e um pergaminho apareceu flutuante a meio metro de mim, ele apitou, girou e se alargou até se tornar uma porta de papel.

Empunhei a espada e ergui a outra mão criando uma bola elétrica, mas ainda bem que esperei um segundo antes de atacar porque dela saíram Kyer, Laiza e Thela. Logo em seguida, dezenas de outros pergaminhos começaram a surgir no ar, transformando-se em portas de madeira e os guerreiros começaram a passar por elas.

— Como? — perguntei, aproximando-me de Laiza.

— Nos pergaminhos havia um feitiço muito antigo que criava portas para dentro da redoma do templo. Não dava para vir direto de Nafh'ta, tivemos que ir para o segundo templo e partir de lá, mas nos poupou metade do caminho.

Thela passou por nós, em um rasante, sobre asas do magnífico Izs. O machado empunhado e os olhos faiscantes, com um pouco de satisfação de enfim chegar para batalhar. Lá embaixo, já havia um grupo de Igrots se espalhando na proteção das pequenas ilhas. Kyer evocou suas espadas alongadas e Laiza uma varinha alongada.

Emparelhou a eles a bruxa que foi escolhida para protetora das linhas Ley, ela tinha marcas azuladas pelo corpo, como um emaranhado de fios. Vinha sobre um leão laranja com asas brancas. A garota evocou uma espingarda feita de metal.

— Isso é comum para quem se torna protetor das linhas? — perguntei boquiaberta.

Ela riu.

— Não, isso é herança das anotações da sua vó. — Ela apontou para um monstro voador cheio de dentes que vinha em nossa direção. O animal caiu no mar ao ser atingido. — Sinto por não a ter conhecido, ela tinha estilo.

Abri um sorriso quando a vi partir contra outros inimigos, com o mesmo olhar resignado que eu costumava ver na antiga sacerdotisa.

— Se cuide. — Kyer me deu um último olhar antes de seguir na direção oposta, para a ilha central.

— E não faça nada idiota — Laiza me disse, completando.

— Por que eu faria algo idiota? — Ergui as sobrancelhas.

Ela me deu um abraço e partiu para uma das ilhas onde um grupo de soldados de Mahu lutava com elfos.

— Lys — Evan me chamou mentalmente.

Procurei o guardião, antes de respondê-lo. Ele estava rodeado de inimigos e os destruía ferozmente.

— Oi — respondi —, já estou indo.

— Não venha! — ele ordenou. — Tem alguma coisa errada com a ilha, eu posso sentir, descubra o que é!

Liguei os óculos.

Pequenas pedrinhas de metal infinito pontuavam o contorno dos olhos. Entender o que acontecia naquela redoma exigiria muito mais treinamento do que jamais fui exposta, desconfio que até vovó teria dificuldade de separar todos os acessos mágicos, todas as impressões que pesavam a fina camada de equilíbrio do mundo.

— Mas o que diabos está acontecendo aqui? — Olhei para o céu. — Cadê a lua?

Voltei a olhar para a ilha.

— Vamos Alys — sussurrei. — Você precisa encontrar o problema.

Estralei os dedos.

— Construtor, é uma boa hora para me dar uma dica — disse para o nada — só acho.

Na minha mente a palavra apareceu: Domine.

— Mas a serpente está no abismo... — Franzi o cenho.

Silêncio.

— Vamos por partes então. — Cliquei no lado dos óculos e comecei a fazer encantamentos.

Aproximei minha visão da base da ilha, pequenas minhocas esbranquiçadas passavam por entre a terra, soltando pus e alterando a cor de marrom para um amarelado estranho.

Criei um papiro e o enviei até Laiza, minha amiga saberia como resolver.

— Ev, acho que achei o problema, avisei Laiza. — Silêncio. — Evan?

Virei o rosto procurando-o, dei um zoom ao ver a luz da sua espada. O garoto estava em um canto da Ilha, lutava freneticamente contra um grupo de guerreiros que tentavam avançar sobre um corpo... um grande e nodoso corpo. O rei dos igrots.

Coloquei a mão sobre a boca. Bririan chegou ao lugar onde eles estavam, olhou breve para o corpo do marido e se virou contra os inimigos. Os olhos negros. A espada não tremeu em sua mão, nem uma lágrima caiu dos olhos, eu sabia que ela não se cansaria antes de destruir até o último deles.

— Evan — sussurrei.

— Encontrou o problema? — o garoto me perguntou.

— Salyn...

— O problema, Lys! Depois daremos nossas lágrimas aos mortos, agora nós lhes daremos justiça.

Engoli seco.

— Tem umas minhocas estranhas na base da ilha — expliquei.

O guardião se afastou quando um grupo de ninfas pousou ao lado da sua rainha e empunhou cada uma sua espada. Ele colocou as mãos sobre o solo e evocou seus tayuis que, com os focinhos alongados, perfuraram a terra. Pelas linhas vi quando os animaizinhos passaram a atacar as minhocas e destruí-las.

— Venha para cá — o garoto disse, colocando-se de pé. — Precisamos voltar para dentro da árvore e ver se esquecemos de algo.

Um grito horrível me fez dar um espasmo. Era de uma bruxas que estava em uma das ilhas ao norte, ela chamava suas companheiras. Eu escancarei a boca quando acompanhei a direção na qual ela apontava. As luas, incluindo as duas que tivemos tanto trabalho para colocar em órbita, estavam se apagando.

— Um eclipse — sussurrei. — Por que diabos um eclipse? — Olhei para o templo, ele continuava intocado.

Dizem que você não deve evocar o nome de coisas das quais não quer ver. Quando voltei meu olhar para o céu, o Zmora estava lá, muitos metros acima, sendo iluminado pelo que restava do brilho da segunda lua. Sob seu braço esquerdo flutuava em uma posição estranha o corpo do guardião do templo.

Ele deu uma gargalhada, jogou a cabeça para trás e quando a voltou para o lugar abriu um sorriso cheio de dentes.

— Eu te disse que vocês não podiam vencer.

A última lua se apagou. As pessoas começaram a acender metais tentando enxergar. Era um breu horrível. Acessei o poder draconiano. Evoquei dezenas de

grandes bolas de fogo que planaram acima das ilhas nos dando o mínimo de visibilidade.

O Zmora deu um sorriso enviesado e soltou o corpo do guardião, eu pendi em direção de alcançá-lo.

— SAIA DAÍ!! — Evan gritou na minha mente. — SAI DAÍ AGORA!

O grito dele me fez voar para trás. Segundos depois, de dentro da água abaixo de nós, uma criatura hedionda surgiu. Era mais larga que a árvore do templo. Ela empurrou parte das porções de terra mais próximas, causando um tsunami. Vinha ziguezagueando no ar o que fazia com que os espinhos do seu corpo dançassem perigosamente. Os olhos estavam vazios, como quando nos encontramos pela primeira vez no Edom. O problema é que ela deveria estar presa dentro de uma redoma, servindo de escada.

Recorri aos óculos de Lifran. A cabeça do animal continuava presa pelas linhas Ley, mas o corpo não. Aquelas mãozinhas de três dedos se mexiam sem parar. O lagarto forçou a mandíbula e o guardião do templo caiu pelo pequeno vão entre os dentes da bocarra.

Eu me esqueci de respirar.

Quando o animal começou a descer, alguns dos espinhos se alongaram, uma membrana cresceu entre eles e asas nasceram diante dos nossos olhos. Ele deu um impulso e ganhou o céu, circuncidando o Zmora.

Só havia silêncio agora e eu esperava que fosse porque todos estavam tão chocados quanto eu e não porque não havia sobrado ninguém para ficar abismado.

— Gostaria de te apresentar alguém, Alys — disse o Zmora erguendo as mãos em direção ao animal. — Conheça Ktânti, seu novo senhor. — Os olhos do Zmora brilharam.

Um raio passou pela minha cabeça, em direção à cabeça do Zmora. Ktânti colocou a cauda de escorpião na frente e rebateu o ataque, tão rápido que seu atacante não teve tempo de desviar por completo. Thela foi lançada perto do templo, desacordada.

Helix bateu as palmas das mãos.

— Alguém mais? — Silêncio. — Não? Que ótimo! — disse o Zmora alargando o sorriso. — Então vamos ao que interessa, se prostrem ao seu rei. — Ordenou.

— Você não é nosso rei! — As palavras saíram da minha boca antes que eu pensasse.

— Ah, você está aí ainda? — O Zmora levantou a sobrancelha.

Eu me lembrei do meu pai pingando sangue. Da Vó Anna e de Celen. De Salyn, Moira e todas as crianças que foram mortas.

— VOCÊ NÃO É MEU REI! — gritei olhando dentro dos buracos vazios onde os olhos da cobra deveriam estar.

Ela forçou as linhas que prendiam sua cabeça, mas não conseguiu arreventá-las. O símbolo da árvore sagrada brilhou no nó e o animal urrou. Minha vista embaçou, revivi uma das lembranças que acessei na visita a Alexandria, quando ainda procurávamos entender o porquê das ações do Zmora.

A imagem tremeluziu e eu vi, no lugar do ser enorme à minha frente, aquela pequena cobra de bracinhos encolhidos e olhos vazios. Minha visão voltou ao presente, escancarei a boca, aquele era o verdadeiro inimigo da nossa magia, não os Poltos que tentaram roubar o cajado nem o Zmora que estava à minha frente.

Evan planou ao meu lado, com asas de metal verde grudadas às costas.

— O que...? — Acordei do torpor. — Você ganhou asas?

— É um feitiço. — O garoto explicou com os olhos fixos nos nossos inimigos. — Presente da Laiza.

— Mas você disse que ainda não conseguia manipular o novo metal. — Lembrei.

— Agora eu consigo.

— E a lua não apareceu. — Constatei.

Ele deu de ombros. A visão da cobrinha voltou a embaralhar minha vista. Sacudi a cabeça e cerrei os olhos.

— Eu não sei quem é você — apontei o cajado para a cobra —, mas sei que é o responsável pela nossa perda de magia.

— Do que você está falando, Alys? — O guardião me perguntou franzindo o cenho.

— É ele Evan — olhei para o guardião —, olhe bem e você vai reconhecer.

O guardião correu o olhar de mim para a grande cobra, alguns segundos depois escancarou a boca.

— Isso não pode ser possível, é o mesmo ser que tentou impedir o Construtor de fechar a fenda.

Balancei a cabeça.

— Tenho visões de muito anos antes disso...

— EU TE DISSE QUE O MEU MESTRE ERA O VERDADEIRO HERÓI — Helix gritou. Seus olhos estavam saltados e as veias do pescoço palpitavam.

— Helix — sussurrei —, Helix, ele te enganou como enganou seu antepassado. Ele se aproveitou da sua dor.

Agora eu conseguia entender porque o Construtor me deixava ver retalhos da vida do Zmora, ele queria que eu compreendesse quem era o verdadeiro inimigo. E eu tive pena, naquele momento, mesmo com tudo que ele nos tinha

feito, eu tive pena de uma existência tão movida a dor ao ponto de ter feito dele um monstro.

— Você está louca — ele riu —, o desespero está te cegando se pensa que irei acreditar nisso.

Eu me liguei à mente do guardião.

— Encontre Bririam, preciso dela aqui urgente! — pedi.

O garoto escreveu um recado e ligou os óculos de Lifran procurando a Rainha enquanto eu continuava conversando.

— Helix! — sussurrei. — Eu quero te mostrar algo, é importante!

A grande cobra rosnou e eu, por puro impulso declarei: “*Υπακούει*”.

As cordas da sua cabeça se apertaram e linhas finas apareceram pelo corpo, como uma sobra das linhas Ley que existiam antes. Ela fungou. Eu sabia que meu feitiço não poderia contê-la por muito tempo.

— Pelo Construtor, Evan — implorei — cadê a Bririan?

Virei-me para o guardião, os olhos dele estavam murchos, o papel sobre a mão marcado com sangue. Abri a boca e a fechei. Pensei um segundo.

— Depois as lágrimas — disse a mim mesma — depois as lágrimas. Agora, a verdade!

— Por que você precisava dela? — Evan me perguntou.

— Preciso mostrar uma lembrança ao Zmora, pretendia pedir que Bririan usasse seu dom de projetar as cenas.

Ele concordou com a cabeça.

— Me deixe pensar em algo. — O símbolo da chave no pescoço do garoto brilhou. Os olhos se iluminaram. — Já sei!

Virou seu escudo e declamou um encantamento. Uma tela imensa se projetou a partir do círculo de metal.

— Coloque a mão sobre ele e pense na lembrança que todos poderemos vê-la — o guardião explicou.

A cobra se mexia perigosamente, mas, embora eu pudesse ver que as linhas estavam no limite, enquanto estivesse presa, não havia muito que Ktânti pudesse fazer contra nós.

Encostei a palma da mão no metal e foquei na visão sobre o dia do ataque à família do Zmora. Quando a cabana apareceu na projeção, Helix fungou.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou. — TIRE ISSO AGORA!

— Eu preciso te mostrar — olhei para ele — você precisa saber a verdade.

— NÃO ADIANTARÁ DE NADA. — Uma voz sibilou, fazendo com que meus ouvidos zunissem. — ELE É MEU.

— Ele pode até ser. — Apertei os olhos. — Mas a verdade não.

Revi cada parte daquela lembrança. Da felicidade em que eles viviam e de como ajudaram a comunidade. De longe eu ouvi um ou dois gritos do Zmora, mas não me importei.

Passamos por Helix sendo acordado às pressas pela mãe, a casa pegando fogo e as pessoas com suas tochas indo embora enquanto deixavam os dois corpos estendidos no chão. Foi nesse ponto que a imagem discorreu diferente até do que eu me lembrava, não porque acredito que ela tenha sido outra na primeira vez, mas, sim, porque não havia prestado atenção aos detalhes.

Entre os atacantes estava a cobrinha de mãos estranhas. O rabo mais parecido com o ferrão que tinha hoje. Quando todos foram embora, ela se escondeu entre os arbustos. O Construtor parou atrás do garoto que chorava, colocou a mão sobre o ombro dele e o consolou.

Depois com uma pá cavou um grande buraco e colocou os corpos mantendo as mãos entrelaçadas, cobriu de terra e com o balançar das mãos fez com que flores crescessem sobre eles.

Voltou-se ao garoto e lhe deu um bilhete.

— Venha comigo, posso te guiar até Celen, ele te manterá em segurança.

A cobra do arbusto sibilou. O garoto pegou o papel, olhou para a casa e para o lugar onde os pais estavam enterrados e saiu correndo. Antes que a imagem se apagasse o homem sussurrou: “Eu espero que você faça a escolha certa.”

Os raios iluminados voltaram para o escudo e eu precisei piscar para readequar minha visão à falta de luz. Helix estava congelado no lugar, olhando abismado para onde antes estava a imagem da cabana em chamas.

O guardião recitou um novo feitiço e o escudo voltou para sua mão. O ser maligno virou a cabeçona, os olhos de Helix se arregalaram.

— Meu senhor — sussurrou segundo antes de ter o ferrão fincado em suas costas.

Os olhos dele perderam a cor, e de forma gradual, foram se tornando tão vazios quanto os do animal.

— Hoje — a boca do Zmora se escancarou — você irá se prostrar, garota.

Eu empinei o nariz e acessei todo poder draconiano que podia. A energia correu pela armadura que se iluminou. Meus olhos se acenderam e eu pude ver com facilidade, como se fosse dia.

— MATEM — A voz sibilante ressoou. — Todos aqueles que não estiverem de joelhos.

O som das armas voltou a ressoar. Mais alto. A cena tinha servido para duas coisas: todos sabíamos do que Ktânti era capaz e já tínhamos escolhido de que lado estar.



Helix não passava de uma casca agora. Os braços estavam pendurados, a cabeça pendia e cor começava a fugir da pele.

— Era você que estava sugando a alma das crianças — acusei —, você que convenceu Helix de que ele tinha sido abandonado e amaldiçoado à própria sorte...

— Não me culpe pelo que este Polto fez. — As sobrancelhas do Zmora se ergueram. — Eu só aflorei quem ele realmente é.

A voz chegou grave e melodiosa, mas com um tom de ameaça.

— Não acredito nisso. — Relaxei os ombros.

O ser se aproximou alguns metros.

— Você não viu tudo que ele fez, garota? — perguntou.

O corpo do Zmora continuava ligado ao ferrão da calda, enquanto a cobra forçava a mandíbula procurando desfazer as linhas.

— Claro que vi — respondi —, essas foram as escolhas dele, mas não era quem ele é.

Ktânti deu uma longa gargalhada.

— Depois de todo esse tempo — a voz saiu fria — você ainda mantém tanta ingenuidade, Alys? Você acha que existia nele alguma bondade? No final vocês são cruéis, se parecem muito comigo.

— Não, não somos! — retruquei, um tipo de compreensão estranha tomou conta de mim. — E, não sei o porquê, mas você tem inveja de nós!

Está bem, vamos ser práticos, acusar um sei-lá-o-que de ter inveja de um projeto de avestruz tatuado completamente empoeirada era bastante pretensão. Mas quem disse que a gente não tem autoestima? Toma essa, Evan.

É claro que o ser não achou que minha evolução pessoal era louvável. Ele cerrou os olhos.

— Você acredita que eu, Ktânti, o dono de tudo que há...

— Você não — interrompi.

O rosnado dele me fez parar de falar.

— Dono de tudo que há sobre a terra — continuou —, vou ter inveja de vermezinhas como vocês? Incapazes de ver qualquer coisa mesmo que esteja a um palmo do seu nariz?

— Não vemos e continuamos vivendo. — Evan ergueu as sobrancelhas. — Nós nunca precisamos de cajado nenhum para florescer poderosos.

— CALEM-SE! — A voz ressoou. Mesmo a luta abaixo de nós deu uma breve silenciada.

Sempre podia contar com o guardião para tirar alguém do sério. Ktânti soltou o corpo de Helix. Os olhos do homem voltaram ao normal. Depois

começaram a se encher de sangue conforme o rosto do garoto retorcia. Ele fixou o olhar em mim e dois segundos depois se engasgou. O ferrão bateu mais uma vez nas costas do Zmora, sem que pudéssemos fazer nada para ajudá-lo, ele escancarou a boca e uma fumaça branca saiu dela, ganhando forma.

A cobra parou de atacá-lo e seu corpo despencou caindo na escuridão do mar.

— Nem pense nisso — Evan avisou na minha mente —, ele já estava morto antes do segundo ataque, Lys. Ktânti está fazendo um show de horrores para te afetar.

Fiquei em silêncio.

— Lys? — voltou a me chamar.

— Eu sei — respondi.

— Se lembre: — o garoto me disse — você não pode vencer quando continua atacando no lugar errado. — O guardião empunhou o escudo e eu olhei para ele pelo canto do olho.

— O que você quer dizer com isso? — questionei.

— O feitiço está feito, a chave protegida. Você tem certeza que cumpriu sua missão? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Sim, eu tenho.

— Então — ele acendeu a espada —, vamos acabar com isso.

A fumaça foi deixando de ser tão abstrata e tomou uma cara conhecida. Agora era o corpo do meu pai, mas os olhos ainda eram vazios.

O guardião voltou a falar na minha mente.

— Lys, ele não é...

— Meu pai — completei. — Eu sei Evan! — Lancei um breve olhar irritado para ele. — Eu estou bem, não se preocupe.

— Desculpe — o guardião respondeu.

O homem gargalhou.

— Sabe, não irei matá-la — o meu falso pai disse —, você será um lembrete para todos que a virem de que eu sou senhor sobre vocês. Quando estiver prostrada me adorando.

Eu ergui as sobrancelhas.

— Hoje eu só vou me prostrar se for para te levar comigo de volta ao abismo — respondi.

O lagarto-cobra levantou o ferrão e atacou. Evan, mais rápido que eu, colocou o escudo à minha frente. Os olhos dele estavam acesos como os meus. O garoto ergueu a espada e cantou um feitiço. Metal espalhado pela ilha se transformou em dezenas de águias que ganharam o céu e nos rodearam.

Evan deu um comando e os animais começaram a atacar.

Aproveitei para ligar os óculos e ver como andavam as coisas abaixo de nós. A projeção não era das melhores, vi muitos corpos espalhados e era difícil saber se de aliados ou inimigos. Não que isso importasse, no final das contas, era sempre uma derrota, eram pessoas que tinham morrido.

Ainda havia muitos embates. Sacos de ossos surgiam da borda do mar e avançavam, incansáveis contra nossos amigos. Vi em uma das ilhas os dragões soltando fogo em um grupo deles. Os dois adultos pareciam bem, enquanto a menina tinha sangue vertendo pelo peito, mas nem assim parava de avançar contra os inimigos.

Dois outros lagartos, que eu desconhecia, passaram voando e cuspidos rajadas de gelo. Em uma ilha, Raszen liderava um grupo de elfos, todos lutando nas pontas dos pés e, embora lutassem com maestria, nem um fio de cabelo estava fora do lugar. Magia dos elfos, vai entender. O grupo de cucas que avançava contra eles era mais numeroso em uma proporção que me fez questionar como ainda estavam vivos.

Aliás, estávamos desfalcados. Poucos humanos ainda lutavam, igrots avançavam separadamente o que denunciava que estavam tentando socorrer os piores pontos, sem sucesso.

Mahu e a esposa faziam uma ilha mais ao sul tremer, quando em uma dança ritmada, lideravam cinco ou seis guerreiros do seu povo. Meu único alívio foi ver Thela, voando sobre Asz e dando ordens aos seus subordinados, tentando reagrupar nossas tropas.

Abaixei a cabeça quando um pedaço de terra passou raspando. Evan voava metros acima de mim, coordenando o ataque das águias.

— Tenho boas e más notícias. — Avisei pela nossa ligação mental. — Consegui encontrar Thela, Mahu e os seus guerreiros e algumas bruxas também.

— As más? — perguntou.

— Além de não ver Laiza e Kyer em lugar nenhum — engoli seco — temos poucos guerreiros que ainda estão lutando.

Ele me deu uma breve olhada. Depois para a ilha principal.

— Vá para o templo, entre e descubra o que está errado — disse.

Olhei para a árvore, ela continuava intacta. Todo inimigo que tentava adentrá-la ou atacá-la era presenteado com uma bola de fogo na cabeça.

— Ev, eu não vou.

O garoto deu um mortal, afastando-se de um ataque da cobra.

— Como assim — ofegou — Lys...

— Eu não vou porque não tem nada de errado com a lua. — Ele me olhou com a sobrelanceira franzida. Eu empinei o nariz. — Você me perguntou se eu

achava que tinha cumprido minha missão, eu cumpri! Não vou voltar para dentro daquele templo se sei que fiz tudo que deveria fazer.

— Lys...

— Me ouça — interrompi — toda magia exige uma dose de fé.

O garoto se calou. Inspirei fundo. Eu me lembrei dos três dragões e o símbolo da minha família lagarto queimou.

— É isso.

Abri os olhos. No reflexo do meu escudo vi que eles eram chamas vermelhas tremeluzindo. A armadura mudou de cor, acompanhando-os.

Levantei o cajado e saí em disparada, soltando bolas de energia. Circulei o nosso inimigo enquanto Evan lutava corpo a corpo com a cobra. Ele era mesmo incrível, nunca tinha voado e mesmo assim fazia movimentos precisos afastando ora a cauda, ora a cabeça do animal.

Ktânti soltou um urro, quando uma das águias entrou por entre a fenda do olho esquerdo. Com o pulso de energia meu feitiço de linhas se desfez e as perninhas e braços se soltaram. A imagem enfumaçada se dissipou. Vendo que tinha mais sucesso, ele tentou libertar a cabeça.

Eu intensifiquei os feitiços.

—Lys, isso não vai funcionar por muito mais tempo. — O guardião se ligou à minha mente. — O símbolo da árvore na cabeça dele. —Ofegou. — Está enfraquecendo, você viu?

Foquei nas linhas Ley que ainda o mantinham preso, o guardião tinha razão.

— Precisamos pensar em uma estratégia — respondi — como se mata um ser milenar?

Vi Evan levantar as sobrancelhas e o símbolo se acender no pescoço, ao mesmo tempo em que ele se desviava de mais um ataque.

— Não acho que podemos matá-lo — respondeu.

— O que podemos fazer então?

Ele ficou em silêncio.

Vamos lá, — pensei — *vamos lá Alys, pense!* Acendi a visão dos óculos e voltei a olhar para a batalha, procurando a esmo algo que pudesse nos ajudar. Um pequeno papel tremeluziu diante dos meus olhos.

“Alys, tem algo de muito errado acontecendo aqui, eu não tenho treinamento para identificar o que é, mas do pouco que recebi tenho certeza que nossa magia está sendo sugada”. Mila.

— Evan — chamei.

— Estou procurando algo — ele respondeu —, mas é difícil acessar as informações enquanto ataco.

Puxei o ar, uni as mãos e repeti o feitiço de Celen, fazendo com que uma longa rajada, no meu caso de energia e não de fogo, saísse pelo outro lado das palmas. A cobra precisou se deslocar para desviar, as asas bateram com força afastando meu feitiço.

— Mila me mandou uma mensagem, disse que a energia mágica está sendo sugada de alguma forma. Você acha que isso é porque você está acessando o conhecimento da chave?

— Não é! — Fez uma pausa. — Acho que é por causa das luas.

A cobra balançou a cabeçona e por fim conseguiu soltar as linhas que a prendiam. Uma gargalhada ecoou.

— Então vocês finalmente perceberam?

Eu me liguei à mente do guardião.

— Eu não vou admitir em voz alta, mas eu não percebi é nada. Me ajuda aí.

— Ele está sugando a energia das pessoas Lys, é assim que ele conseguiu arrebentar as cordas. — O símbolo da chave continuava aceso. — Ele se alimenta de dor e desespero, que lugar melhor que uma guerra para isso?

— Por isso as crianças. — Bati a mão na testa. — Helix achava que era para si o poder, mas não, é assim que esse trambolho se libertou.

— Esse o quê? — A testa do guardião se franziu.

— Ignore! Você achou a resposta de como o enviamos de volta ao modo escada?

— Não! Ainda não. — A cobra voltou a atacar, Evan deu meia volta e desviou mergulhando vários metros. — Só duas coisas me chamaram atenção: Ele não atacou você nenhuma vez e nós dois não estamos sendo sugados como os demais.

— Certo — respondi.

Uma estratégia se formou na minha mente. Avancei sem dar aviso e me coloquei de frente com Ktânti, pouquíssimos metros dos dentes. Vi Evan do outro lado, os olhos arregalados, a boca escancarada, cogitei que alguém tinha lançado nele um feitiço de petrificação.

A cobra afastou a cabeça alguns metros. Eu levantei as sobrancelhas. Evan deu uma pirueta por baixo do inimigo e parou alinhado a minhas costas, com o escudo levantado, bem a tempo de afastar uma ferroadada.

Quando ele se encostou em mim, tomei um choque.

— Porque DIABOS ALYS...!? — falou entre os dentes.

— Você disse que ele não estava me atacando — respondi na mente do garoto — então precisava confirmar a teoria.

Se fosse possível ver seu rosto, acredito que os olhos tinham se virado tanto que dava para ver só a parte branca. Ele só não fez um longo discurso porque

tínhamos prioridades, como sobreviver a um ser milenar doido para comer um lanchinho com asas.

— Continue procurando uma forma de prendê-lo — disse ao guardião. — Acrescente a isso que precisamos impedir que ele consiga sugar energia.

Relaxe os ombros, planei em uma posição tranquila, diferente da de Evan todo preparado para a batalha.

— Ktânti. — Dei um passo para frente. — Me conte um pouco sobre você, quantos milênios você tem? O que fez nas horas vagas enquanto não estava tentando sugar toda magia do mundo?

Evan virou o pescoço para mim, vincos na testa e um sorriso zombeteiro no rosto.

— Cada um usa as armas que tem, faça sua pesquisa e me deixe conversar com nosso amigo — falei em sua mente.

O garoto deu de ombros e voltou a vigiar minhas costas.

— Você é mesmo irritante, vermezinha, pensa mesmo que pode me destruir?

Levantei as sobrancelhas.

— Ah não, eu sei que eu não posso. — Minha armadura brilhou uma centelha mais forte enquanto eu falava. A cobra se afastou mais uns centímetros. Eu me aproximei na mesma velocidade. — Ao que parece não existe um manual de como matar seres milenares sugadores de almas.

A figura de névoa do meu pai voltou a se formar. Os olhos pregados na minha armadura.

— Então por que não poupa a vida dos seus amigos e se rende?

Ele levantou a mão e um quadro apareceu, várias imagens divididas em pequenos monitores.

Laiza estava amarrada e de joelhos sobre a mira da varinha de um elfo. Kyer deitado no chão com os braços presos por argolas de metal e a cabeça sendo pisoteada pela Cassandra Nissoraem.

— Eu sabia que aquela endiabrada... só podia — falei entre os dentes.

Em outro visor estava Thella e meia dúzia de guerreiros sendo torturados enquanto seus atacantes ordenavam que eles se prostrassem. Mahu e a esposa estavam cada um em uma das mãos de um gigantes, que os segurava pelo pescoço com tanta força que fiquei com medo de vê-los sendo quebrados em dois.

Mila também tinha sido pega, junto com Raszen, por um grupo de Zmoras. As cenas começaram a mudar ao ponto que vi cada guerreiro amigo rendido.

— Se você se prostrar — a voz grave saiu da figura do meu pai —, pouparei seus amigos.

Pensei por um minuto.

— Por que o meu pai? — questionei.

— Como? — A voz do homem tremeu.

— Quero saber por que, de todas as formas, você escolheu esta?

Ele levantou as sobrancelhas.

— Você acreditou — continuei — que eu hesitaria por causa da imagem dele ou que comprometeria meu poder me lembrando de como eu me sentia quando não sabia o que era ser a elemental?

A cobra se afastou alguns centímetros, quando a luz da armadura se intensificou mais um pouco.

A tela com Mahu se apagou, eu engoli seco, mas mantive meu olhar firme. A fumaça se transformou em Celen na sua forma draconiana.

— Você poderia trazê-los de volta — me disse —, todos eles, se você aceitasse o poder que tenho para lhe oferecer.

Eu gargalhei. Mas havia dor na minha voz, eu sabia que não os poderia trazer de volta, não porque alguma magia não pudesse fazê-lo, mas porque não era certo. A imagem com Raszen e Mila se apagou. Logo em seguida o visor com Laiza.

— Você vai voltar para o abismo ao qual pertence — declarei.

A armadura agora brilhava com tanta intensidade, que clareava muitos metros à nossa volta e a cobra tomava o cuidado de se manter longe dela.

— Por que você ainda está lutando? — perguntou. Mais cinco ou seis visores apagaram. — Você falhou!

— Eu não falhei — respondi. — Fiz os feitiços, evoquei as luas e continuo aqui, lutando pelos meus amigos e pela humanidade.

Dei mais dois passos, a luz encostou na cobra e ela se afastou tentando esconder o queimado que provoquei.

— A lua não entrou em órbita. — A figura se transformou na vó Anna e cerrou os olhos. — E eu já matei todos os seus amigos, não há muita humanidade para proteger mais. Dobre-se a mim.

— Eu já te disse, você não é meu rei — contei até dois mentalmente — e eu não pretendo me prostrar.

Avancei repentinamente. A cobra não conseguiu se afastar, abriu a bocarra gigante e eu desviei dela. Evan surgiu pelo lado oposto, sua armadura brilhava ainda mais que a minha. Nós atacamos, lançando feitiços, mas mantendo o mínimo de distância para que a energia emanada das armaduras ferisse o animal.

— Você não pode me vencer — a voz urrou.

— Eu não preciso vencê-lo — respondi lançando mais bolas de fogo. — Eu só preciso expô-lo.

A imagem da minha vó mudou, agora vi a pequena criança que havia me mandado a carta e era protegida de Moira. Eu desviei o olhar e me foquei na cobra. Não havia mais um só som de armas, um grito de dor que fosse e que pudesse me dizer como a batalha estava, se ainda existia uma, se ainda tínhamos pessoas.

Balancei a cabeça e repeti a frase do guardião para mim mesmo: Depois as lágrimas...

— Se seu poder é limitado a dor e ao ódio que pode infligir — planei diante dos olhos dele —, e se as pessoas souberem disso, nunca mais você terá poder sobre ninguém.

A boca se abriu e urrou, eu levantei o cajado e gritei de volta. Uma energia nova circulou minha arma, algo que eu nunca tinha experimentado. Subiu pelo meu braço, tomou meus símbolos. Liguei os óculos. Era uma aura nova, uma energia cinquenta vezes mais intensa que a dos dragões em seu potencial máximo.

— Evan — chamei-o em sua mente.

— Eu estou vendo — respondeu — também está acontecendo comigo.

— Você sabe o que é isso? — perguntei.

— Não — o garoto respondeu enquanto tomava uma grande arfada de ar —, mas sei outra coisa.

— O quê? — Ataquei Ktânti enquanto ele levantava seu ferrão em direção ao guardião.

— Encontrei um inscrito muito antigo sobre Ktânti, algo deixado pelo próprio Construtor — explicou —, ele dizia que o ele fez na fenda aprisionou a cobra no abismo.

— Diz como repetimos? — perguntei.

— Não, mas diz que só ele pode prender a cobra no abismo novamente.

Franzi o cenho.

— E agora? — perguntei.

— Não tenho resposta Alys, continuo procurando, mas não encontro nada.

A luz da minha armadura vacilou, a escuridão à nossa volta se intensificou. Ktânti percebeu e tentou me atacar, mas desviei a tempo. Minha energia estava se esgotando, mesmo com os dragões. Minhas asas começavam a sentir o peso de me manter tanto tempo no ar.

— Eu já sei o que vou fazer — disse ao guardião. — Enquanto houver fôlego nos meus pulmões, eu vou lutar.

Ele planou ao meu lado com o escudo levantado.

— Então, enquanto houver ar nos meus, eu cumprirei a minha missão de te proteger.

Abri um sorriso. A luz da armadura diminuiu. Os óculos de Lifran se ligaram e eu vi que a camada de energia que inundava as linhas Ley do nosso

corpo não tinha desaparecido. Parecia ainda mais sólida.

— Pois então, guardião. É um prazer para mim cumprir minha missão ao seu lado.

Ele encostou o ombro no meu.

— É uma honra servir ao seu lado, Elemental.

Nós dois levantamos nossas armas e partimos em direção à cobra. Ela abriu a boca e lançou uma rajada amarelada. Empunhei o escudo, que encostado no de Evan resistiu ao poder destrutivo do líquido, mas nos lançou longe.

Meu corpo caiu na ilha principal, e foi arrastado na terra.

— Ai! — coloquei a mão no peito e me ergui segundos antes que uma nova rajada viesse na minha direção.

— POR QUE VOCÊ NÃO SE PROSTRA?! — Ktânté gritou.

Lancei um feitiço e corri na direção oposta. Os metais do cajado se iluminaram como a armadura.

— VOCÊ NÃO TEM FAMÍLIA — uma explosão me jogou metros mais longe —, NÃO TEM AMIGOS, NÃO É NINGUÉM! POR QUE VOCÊ NÃO SE PROSTRA? — o bicho urrou.

Eu me levantei tirando o pó das minhas vestes.

— Porque esse não é meu lugar. — Dei um sorriso. — Eu não fui feita para viver de joelhos.

A cobra voou com o corpo dançante até descer na ilha. De pé sobre as patas traseiras.

— Você vai morrer. — Os buracos que deveriam ser narinas soltaram um vapor. — De que adianta?

Lancei mais um feitiço. A cobra avançou. Evan pulou sobre ela com a espada pronta para cravar-lhe a fronte, mas foi visto no último segundo e jogado longe com um sacudir de cauda.

— Agora somos só eu e você — disse — daqui a pouco serei só eu.

O animal me atacou diretamente. Levantei o escudo. Da batida ressoava um som ensurdecedor. Dei um passo para trás. Mais duas batidas. Revidei um feitiço, mais cinco. Meu braço estava sofrendo o impacto de tanto poder mágico. As luvas puxavam metais do chão e se reforçavam cada vez que a cobra se preparava para um novo ataque. Mais três ataques seguidos. Ofeguei.

A pernas tremiam, as minhas marcas vibravam.

— SE PROSTRE — ela ordenou!

— ESQUEÇA! — respondi.

— POR QUE VOCÊ NÃO OBEDECE ÀS MINHAS ORDENS?

Eu abri um sorriso e olhei por cima do escudo.

— Porque eu me pareço com Ele, foi por isso que ele me escolheu para Elemental.

A cobra urrou e atacou uma última vez. O som foi mais alto do que das outras vezes. Eu caí sentada, sem forças para continuar. Pelo reflexo do escudo vi meus próprios olhos, eles eram como constelações.

Uma brisa suave balançou meus cabelos.

No horizonte um raio de luz surgiu. A cobra urrou. Os galhos se alongaram e lançaram raios verdes na direção da luz trazendo do horizonte um sol.

— NÃO — A cobra gritou. — NÃAAAAOOOOOOOOOOOO!

Conforme a luz invadia cada canto, a cobra começou a diminuir. Ela tentou voar, mas as asas diminuíram. O animal que antes tinha muitos metros de altura, agora não passava de um réptil de meio metro. O Sol parou logo acima do templo, acompanhado das três luas que voltaram gradualmente a aparecer. Minha vista embaralhou.

Soltei o escudo, ele ressoou quando caiu no chão. No alto da árvore vi ninguém menos que o Grande Mago, com um sorriso largo no rosto e os olhos de constelação reluzindo.

— Domine! — Sua voz era como trovão.

— Não sei se posso, mestre — respondi. Sangue pingava do meu braço.

Ele pulou perto de mim, caminhou até meu cajado caído a alguns metros, pegou-o e o colocou sobre minha mão esquerda. Depois prendeu os olhos aos meus.

— Eu te ajudo, vamos. — Abriu um sorriso.

A cobrinha se retorcia metros à nossa frente, tentando se livrar de um emaranhado de linhas Ley, tão poderosas quanto as que vi no Edom.

— *Ypakoúei* — entoei.

Ela olhou fixamente, não para mim, mas para o Construtor.

— Isso não acaba aqui. — A última palavra saiu como um rangido. Um portal se abriu atrás dela, a imagem do Edom aparecendo ao fundo, e sugou a cobra.

Eu gargalhei. Engasguei-me e cuspi sangue. O Construtor passou a mão sobre os meus cabelos.

— Tenho muito orgulho de você. — Grama cresceu em nossa volta. Ele me ajudou a me deitar. Ouvi um riacho correndo.

O guardião se ajoelhou ao meu lado.

— Lys — os olhos de constelações como o meu — Lys, ah não, você não pode ir.

Abri um sorriso.

— Está tudo bem Ev. — Olhei para o Construtor. — Está, não está? Nós conseguimos.

O homem balançou a cabeça.

— Sim.

Uma lágrima escorreu pelo canto do olho de Evan. Senti o metal gelado subindo pelo meu braço e perna direita. Ele levantou meu corpo e me abraçou.

— Eu amo você — disse.

— Que bom — eu ri — também amo você.

Fechei os olhos e suspirei.

EPÍLOGO I

JUSTIÇA

*Evan Uriah, Sala do chefe do Conselho.
Uma semana depois do Sol da Justiça.*

Kyer cruzou as mãos.

— Bem-vindos todos à primeira reunião do conselho pós-guerra.

As pessoas assentiram.

— Todos nós perdemos muito nessa guerra. — Ele fez uma pausa. — Mas a necessidade de auxiliar os que sobreviveram não nos permite dar lugar ao luto por muito tempo. Por isso, agradeço a cada um aqui que respondeu ao chamado.

Suspirou.

— Vamos receber os novos conselheiros. — Apontou um homem de meia idade com nariz pontudo.

Ele eu conhecia dos meus treinamentos desde a infância, Oty Uriah, nas minhas lembranças ele não era melhor que seu antecessor, mas tinha esperança que os últimos acontecimentos tivessem mudado a visão dele de mundo.

A segunda a se levantar foi uma garotinha de não mais que oito anos, mestiça de elfo, para a casa dos Nissoraem. Eles eram dos que tinham perdido mais pessoas, mas eu que não me enganava com aquela carinha doce, se a garota tinha convencido uma família como aquela a colocá-la como chefe, pouco esperta é que ela não era.

Depois foi a vez dos Athenon, representado por um jovem de olhos puxados, do filho de Salyn para o lugar do rei Igrot e de uma ninfa para o lugar de Bririan. Thela estava no canto oposto da sala acompanhando cada um deles e lhes entregando um pergaminho, protocolos que deveriam seguir dali para frente.

— Certo. — Kyer olhou para as cadeiras quase todas preenchidas. — Sejam bem-vindos. Temos agora um desafio, reconstruir nossas pessoas.

Houve uma exclamação geral.

— É essa nossa missão daqui para frente — ele continuou a falar com os conselheiros — as coisas que perdemos ficarão em segundo plano, o foco desse conselho será em rever as leis e auxiliar na recuperação das pessoas depois da guerra.

Ficou claro que nem todos eles concordavam com a pauta, exigiria empatia e dinheiro, duas coisas que nem todo mundo estava disposto a fornecer. A vantagem é que eles não tinham escolha, era decisão de Kyer.

— Pois então — virou-se para o público. — Thela discorrerá sobre as medidas que adotaremos para dar suporte àqueles que perderam pessoas. Depois disso, Evan apresentará um novo projeto. — Ele apontou para mim que abri um sorriso. — A escola de preparação mágica.

O burburinho ficou mais alto.

— Que em parceria com Nyêha e Alexandria, resgatará todo conhecimento antigo e passará às novas gerações, a fim de treiná-los a usar o melhor possível seus poderes.

Esse era um projeto que eu e Kyer vínhamos trabalhando há alguns meses, para quando as luas surgissem. Reviver o projeto do pai de Alys que, além de um memorial, era uma necessidade.

— Agora — Kyer continuou —, antes que eles falem, alguém tem alguma moção?

Pigarrei e ergui minha mão.

— Tenho uma moção a fazer, grande sábio, que acredito ser importante para o fundamento deste conselho.

Meu amigo manteve a pose de grande chefe, mesmo que qualquer pessoa já imaginasse que ele devia saber o que eu pediria.

— Prossiga, guardião — Kyer disse e se sentou.

— Bom, senhoras e senhores presentes. Como é de conhecimento geral nós vencemos a batalha contra aquele que nos queria tirar a magia, não sem perdas, é claro. — Fiz uma pausa. — Todos nós perdemos alguém. Mas nossa dor não pode nos impedir de ver o que poderíamos ter perdido se juntos não tivéssemos lutado. Não podemos deixar de reconhecer aqueles que, arriscando suas vidas, enfrentaram inimigos não só do lado do Zmora como do nosso.

Um ou outro conselheiro se mexeu incomodado.

— Com a morte da conselheira que representava as raças que têm pequenas tribos espalhadas, é preciso escolher alguém que possa representá-los. — Apontei a cadeira vazia. — Como vocês sabem esse é o único lugar do conselho que não é escolhido por votação pública. O único que existe para representar a humanidade, em sua totalidade de seres.

Olhei para todos os presentes, dando um tempo para que absorvessem minhas palavras.

— Acredito que tenha um nome para tomar lugar. Alguém que viveu seus mais de quinhentos anos escondida, mas que conhece cada uma das nossas leis mágicas, não pelos motivos certos, mas ainda assim conhece. Que tem a confiança

dos povos mais afastados do conselho e que pode nos ensinar a ser mais empáticos uns com os outros.

O novo conselheiro Uriah levantou a mão.

— Quem seria essa pessoa tão admirável a qual não conhecemos?

Levantei as sobrancelhas.

— Na verdade, conselheiro — estendi minha mão em direção à porta —, você a conhece, me admira que não tenha pensado nela.

Agan, a chefe das bruxas, apareceu na porta. Eu havia combinado com ela de esperar que fosse anunciada para aparecer e ela concordou, finalmente alguém que compreendia meu apreço por entradas de efeito.

Metade dos presentes prendeu a respiração, outra metade exclamou.

— Uma bruxa? — o conselheiro sussurrou.

— Sim — a mulher respondeu se aproximando —, espero servir a esse conselho e ao povo do planeta, aproximando aqueles que viveram escondidos e perseguidos.

O Uriah uniu as mãos.

— É preciso ter conhecimento para ocupar esse lugar — ele disse.

Nem tudo mudava como esperávamos.

— Ela foi avaliada — Kyer ergueu um certificado mágico, com a assinatura de oito povos mágicos diversos. — Não só nas nossas leis como nas culturas diversas. Por isso vou colocar em votação. — Correu o olhar por entre todos os presentes. — Quem está de acordo que Agan tome lugar no conselho?

Sim, as bruxas tinham lutado conosco e perdido muitas pessoas, não, ninguém como elas foi encontrado como aliado do Zmora. Ainda assim, só cinco mãos se levantaram: Os substitutos de Salyn e Bririam, Mahu, os Elilmo e os Vamale. Kyer que era representante dos O'di não podia votar por causa da sua posição no conselho.

Eu abri um sorriso mesmo assim. Levantei minhas duas mãos, dos votos que eu tinha direito. Somamos sete votos contra seis.

Alguns conselheiros bufaram, mas Thela abafou as reclamações com uma salva de palmas que se espalhou pela sala. Mais tarde, depois que ela tinha apresentado seu plano de assistência e eu o meu para a escola, aproximei-me de Agan e lhe dei um abraço.

— Parabéns — eu disse —, e boa sorte com os carnes de pescoço.

Ela riu.

— Eles vão descobrir que eu sou mais dura na queda que eles. — Mantive o sorriso.

— Disso não tenho dúvida — baixeí o tom de voz —, você e a conselheira Elilmo juntas... — Balancei a cabeça. — Sei que vou passar a me divertir nessas

reuniões.

— Me aguarde. — Ela concordou com a cabeça. — Agora, diga à Elemental — ela sussurrou — que sou grata por vocês terem cumprido a promessa. — Afastou-se alguns centímetros e me olhou nos olhos. — Ainda que não tivessem conseguido o lugar no conselho, ver que vocês requisitaram mostra que a mudança está batendo às portas.

Eu acenei.

— Pode deixar que direi assim que ela acordar.

— E como ela está? — perguntou.

— Melhor do que uma semana atrás e segundo Laiza progredindo do coma, logo deve estar aqui, rindo mentalmente comigo da raiva que você fará alguns conselheiros passarem.

Ela me deu mais um abraço.

— Fico feliz de ouvir isso.

Deu uns tapinhas no meu ombro e virou-se para cumprimentar o próximo da fila.

EPÍLOGO II

MUDANÇAS

Evan Uriah

Foi só estar habituada aos novos membros de metal que Alys fugiu do centro de tratamento. Digo fugiu porque foi exatamente o que ela fez, aproveitou um dia que eu tinha uma reunião e não iria vê-la, observou as trocas de enfermeiros, evocou uma roupa parecida com a deles que a deixasse completamente escondida e chegou até a atender um paciente no caminho para fora do prédio.

É claro que recebi mensagens desesperadas de Laiza logo que ela ficou sabendo, mais claro ainda que eu não precisava nem das linhas Ley para encontrar a garota, e para ser sincero, eu já imaginava que ela não ficaria mais um mês deitada naquela maca.

Agora que tinha cumprido sua missão, ela se permitia sentir a intensidade do crescimento assustador em quase cinco anos. Mesmo que Laiza esbravejasse que Alys não podia fazer uma coisa dessas, eu entendia que ela precisava daquilo, de se provar ainda, de tomar as rédeas da vida que ela nunca direcionou.

Em parte, eu também me sentia perdido quanto ao futuro. A única coisa que tinha como certa era que ainda que nossos caminhos não tivessem sido tão entrelaçados, ainda assim eu sempre a protegeria com a minha vida.

É, eu sei que ela não precisa ser protegida, mas minha missão não era sobre o que ela não podia fazer e sim do que eu podia fazer por ela, dos pesos que poderia ajudá-la a carregar. E mesmo depois de tudo, eu ainda a via carregando muitos deles.

Cheguei ao terraço do prédio principal. Ela estava de pé, perto do gazebo, olhando o horizonte. As vestes médicas tinham sido substituídas por uma camiseta com uma personagem desenhada, uma garota de longos cabelos cheios, dentes grandes, abraçada a uma porção de livros. Calça jeans e tênis. A última vez que tinha visto vestindo algo parecido, foi antes da primeira lua.

Parei ao seu lado, sem dizer nada.

— Preciso procurar um outro lugar secreto, não acha? — disse. — Aqui já está óbvio demais.

— Você acha? — Eu ri. — Imagina.

Ela sorriu. Eu esperei mais um pouco antes de dizer algo.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou melhor do que esperava. — A garota respirou fundo. — Não sinto dor no braço ou na perna, as asas estão quase recuperadas.

Ela estendeu os dedos de metal para que eu os visse. Depois que ela desmaiou, Lifran tomou seu braço e pernas esquerdos, substituindo os membros que foram dilacerados pelo poder mágico.

— Não perguntei do seu corpo — respondi —, você não deixou que o poder de um dragão o parasse, não vai ser um membro metálico que vai fazer isso. Quero saber como você se sente.

Ela pensou um pouco. Respirou fundo. Eu me aproximei, passei o braço por seu ombro.

— Eu sei que é muita coisa para processar Lys, mas com o tempo vai ficar mais fácil e nós estamos aqui para você.

Ela balançou a cabeça. Nós ficamos muito tempo assim, olhando para Nafh'ta, paras luas que dançavam no céu e a sombra do que seria o sol. De dia a imagem mudava, víamos dois sois e as luas como sombra.

— Existe algo mais te preocupando? — perguntei.

— A guerra — Alys respondeu depois de um tempo.

— Que guerra Lys? — Franzí a sobancelha.

— Nós só vencemos uma batalha Evan, você também sabe que não destruímos ele.

Pensei por um momento.

— Nossa missão nunca foi destruí-lo. A destruição que te preocupa faz parte de outra profecia, da qual consigo me lembrar, e que não nos cabe.

Ela permaneceu em silêncio algum tempo.

— E se ele voltar e nos atacar? — perguntou.

— Nós voltaremos a levantar nossas espadas e o venceremos de novo, recebemos poder para isso. Hoje, especialmente nesse tempo, nós deveríamos estar gratos porque uma batalha imensa ficou para trás.

Ela me beijou, doce. Colocou a mão sobre o meu rosto e abriu um sorriso.

— Que bom que você está aqui.

Eu ergui as sobancelhas e a beijei.

— Hunhun — uma voz pigarreou.

Eu me soltei de Alys e olhei para a mulher que nos interrompia. Tinha cabelos rosa curtos de onde surgiam duas orelhas gatunas, óculos redondos, e a pele toda tatuada. Vinha acompanhada de um garoto raposo. Uma ninfa de olhos

amendoados e uma elfa de nariz empinado e cabelo furta-cor. Todos eles carregavam maletas.

— O que...? — Franzi o cenho.

— Indicação de Larin — ela deu de ombros —, vá para a festa, te encontro mais tarde.



Era dia de celebração na cidade. Passado o tempo do luto, da reconstrução e da adaptação dos metais, Kyer tinha estipulado um dia de festa, para que os que perderam suas vidas tivessem suas histórias contadas, honra dada devidamente.

O barulho das crianças rindo, enquanto corriam para o centro da cidade, encheu o ar. Música começou a tocar e vimos seres saindo dos quatro cantos para se reunir. Nós não precisávamos ir, mas Alys queria se juntar às pessoas.

Ela chegou bem mais tarde. Os cabelos estavam curtos. As unhas tinham cor e os olhos foram iluminados por um glitter e traçados pretos. Ela não precisava de nada daquilo para que eu a achasse linda, mas sorri pelo que toda essa mudança representava. Ela estava renascendo.

— O que você está fazendo aqui? — Laiza inquiriu quando a garota se aproximou. Os olhos estavam muito apertados.

— Eu não posso perder uma festa dessa, Laiza — Lys respondeu com um sorriso tímido.

— Você sabe o problema que arranjou no hospital? — A elfa baixou o tom de voz. — O paciente que você “atendeu” quase foi levado para uma cirurgia desnecessária, Thela vai rever todos os meus protocolos de segurança e você ainda não está recuperada.

— Eu estou sim. — Alys empinou o nariz. — Além disso, você só está nervosa porque Thela vai te dar um trabalhão.

A elfa fungou, Kyer olhou para o outro lado, tentando esconder um sorriso, sem sucesso.

— Ah, nem vou falar nada mais com vocês não, são um bando de irresponsáveis.

Alys se precipitou e abraçou a amiga.

— Muito obrigada, Laiza, por tudo que você tem feito por mim em todos esses anos, por cuidar da minha família e por dar a Kyer tanta felicidade.

A guardiã de Nyêha relaxou os ombros e vi os olhos se encherem de lágrimas.

— Foi você que me deu isso Lys.

— Não foi. — Alys se afastou dela. — Você é digna de tudo que conquistou, e mais, é muito responsável pelo nosso sucesso.

Kyer colocou as mãos nos bolsos das vestes.

— Então isso é uma despedida? Está parecendo... — Ele trocou um olhar com o guardião. — Evan me disse que você tinha a intenção de viajar pelo mundo.

Ela me olhou com os olhos cerrados, eu ergui as mãos em defesa.

— Nunca falamos que isso era um segredo.

Alys balançou a cabeça.

— Não vou ainda.

Eu franzi a sobancelha. Ela deu de ombros.

— Pensei muito nos últimos dias, eu quero ajudar nesse ano de reestruturação, embora eu ainda vá viajar daqui um ano.

Evitei que ela percebesse, mas respirei aliviado. Eu poderia esperar que ela estivesse plenamente recuperada, para fazer aquilo que eu já estava programando mesmo antes da última lua. Kyer, que já sabia dos meus intentos me acenou com a cabeça quando Alys se voltou para um recém-chegado príncipe Mahu.

Meus pais estavam entre os presentes. Depois da batalha, eles vieram me procurar, minha mãe chorou muito quando me abraçou, meu pai tinha ganhado um tipo de liberdade vigiada. Depois do meu juramento nós tínhamos nos falado poucas vezes, muito por minha culpa, e vê-los bem depois da batalha foi tranquilizador. Nós estamos procurando nos entender, eles respeitando minha missão, eu tentando compreender os receios do coração maternal, o desejo que tinham de me ver bem.

Minha mãe até tinha me elogiado “pela escolha de Alys como companheira” — o que tirou muitas risadas de Kyer — e tinha me trazido uma joia, que era relíquia de família, dizendo que eu deveria presentear a Alys logo antes que alguém esperto tentasse fazê-lo. Era o jeito dela de dizer que estava feliz por mim.

Havia os novos conselheiros, a representante das ninfas, escolhida diretamente por Bririan que já tinha visto o próprio desfecho, o filho de Salyn agora Rei dos igrots e a nova fada chefe, todos juntos no centro da cidade, ligados pela gratidão de estar vivos.

Naquela noite, nós celebramos de verdade pela primeira vez, desde que as luas começaram, desde que eu acordei marcado de metal. Parecia tão distante, uma outra vida aquela sem a magia e sem Alys. Debaixo do céu arroxado e iluminado pelas luas e marcado pelo sol, eu repassei tudo que tínhamos vivido, enquanto via Lys dançando alegremente.

Foi quando, ao longe, pensei ter visto uma figura conhecida. Procurei e o encontrei, semiescondido entre os participantes. Ele nos observava com um sorriso orgulhoso no rosto, acenou para mim e ouvi sua voz na minha mente.

— Que seu rosto resplandeça como sol do meio dia, todos os seus dias sejam cheios de força e alegria e você encontre a paz.

Acenei agradecendo pela benção, e voltei a dançar com Alys.

EPÍLOGO

III

Ano I — Era da Magia
Alys Elilmo

Um longo ano tinha se passado, depois das luas. Muito tempo para quem tinha experimentado a era pré-metais, quase nada para quem nasceu depois dela. Eu, embora vivesse na segunda opção, dividia-me entre os dois sentimentos.

Olhei os astros no céu, dando seu espetáculo diário de magia, e me sentei em um dos balanços que rodeavam o Jardim, que não era mais meu lugar particular.

Não que fosse secreto com toda a intromissão de Evan, mas agora não era mais meu. Meses antes eu o tinha modificado e dado de presente para a pessoa mais incrível que conheci e que nesse exato momento dava gargalhadas enquanto o pai, Kyer, brincava de esconder o rosto entre os dedos.

É, acredite, Kyer era pai! Uma pequena elfa mestiça, de cor esverdeada, cabelos espetados e brancos e olhos determinados que já demonstrava uma personalidade forte. Quando soube que Harin estava a caminho decidi que aquele lugar seria muito mais bem utilizado por ela.

Agora havia brinquedos, árvores de frutinhas no meio de seu crescimento e uma série de balanços voltados para os melhores ângulos de Nafh'ta.

Laiza se juntou ao meu amigo, com uma flor que fez flutuar só para ver os olhos da garotinha se iluminarem.

— Quem diria que Kyer era mesmo o grande sábio — Evan se sentou ao meu lado.

Eu ri.

— Por que se casou com Laiza?

— Porque não se permitiu desistir sabendo que ela o amava.

Pensei por um momento depois balancei a cabeça em concordância.

— E os preparativos da escola? — perguntei.

— Quase tudo pronto para a inauguração. A construção do campus deu trabalho, aquele lugar onde era a taverna tinha muitos feitiços específicos, mas com

a ajuda das fadas parece que finalmente podemos começar as aulas — o guardião explicou.

— Já tem ideia de quantos alunos? — perguntei.

— Cinquenta de início. — Suspirou. — Muita gente vai esperar para ver os resultados antes de mandar os filhos, mas acredito que não vai demorar muito.

Olhei para os meus amigos. Kyer acenou para nós e desceu as escadas junto com a filha e Laiza.

— E você? — ele me perguntou. — Já está pronta para viajar?

Olhei para o guardião de canto de olho depois fixei meu olhar em algum ponto qualquer.

— Sobre isso que estava pensando... viajamos tanto no último ano, ajudando as comunidades a se reerguerem. Na verdade, foi bem diferente do que eu tinha programado, passamos tanto tempo fora que quase não vi Harin nascer, acho que, agora que estão todos caminhando bem, vou tirar um tempo quieta.

— A viagem não era para isso? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Sério que você acha que vão me deixar relaxar, seja onde for? — Eu ri. — As pessoas nos reconhecem, não que eu esteja reclamando, só quero descansar um pouco, os últimos anos foram agitados demais.

Ele balançou a cabeça.

— Então você não vai mesmo? — perguntou.

Cerrei os olhos.

— Evan, você está querendo se livrar de mim?

— Não! — Ele arregalou os olhos.

— Pois parece! — Cruzei os braços. — Eu só quero ficar tranquila um tempo, aproveitar meu novo apartamento que nunca foi usado, talvez assistir uns filmes, me disseram que vão sair uns remakes legais esse ano e ainda não conheci o cinema 8T de Nafh'ta.

Ele riu.

— Tá certo, eu só queria ter certeza que nada atrapalharia seus planos.

Virei os olhos. Ele colocou as mãos dentro dos bolsos.

— É que, terminando a adaptação da escola no próximo mês, pensei que talvez você gostaria de conhecer as águas cristalinas das praias de Gyon.

— Você vai deixar Laiza e Thela no comando da escola para viajar? — Ergui as sobrancelhas.

Ele balançou os ombros.

— Em pleno primeiro período. — Cerrei os olhos. — Trabalhei muito no último ano para que a escola funcione — ele explicou —, contribuí em tudo que estava nas minhas mãos. Agora, eu gostaria de investir em algo mais durável.

Franzi a sobrancelha.

— Até porque — ele continuou —, até mesmo Kyer e Laiza tiraram alguns dias depois que se casaram, nós não estamos mais em guerra, eu e você podemos tirar mais que alguns dias.

Eu fiquei uns segundos pensando no que ele tinha dito, abri a boca, fechei-a de novo e fiquei em silêncio.

A proposta da viagem de Evan era muito boa, mas era estranha.

— Quando te convidei, mais de um ano atrás, para viajar comigo você disse que isso afrontava os Elilmos. — Constatei. — O que mudou?

— Eu não disse que viajar com você afrontaria os Elilmos...

— Disse sim — retruquei.

— Não disse não! Eu disse que dependeria de uma série de fatores.

— Evan, que diabos...?

Ele tirou a mão do bolso, entre os dedos um círculo emaranhado de galhos. Depois da última batalha eu havia desenvolvido a habilidade de enxergar as linhas com clareza, a olho nu, de forma que nem minha avó havia conseguido. Só por isso, percebi que entrelaçado aos galhos de metal, existia uma fita de energia mágica.

— Evan...?

— Eu forjei esse anel pouco depois da segunda lua — ele começou —, o anel em si é uma relíquia da minha família. Mas eu queria que ele tivesse algo diferente então estudei manipulação mágica e descobri como incluí-la na joia.

— É lindo!

Os olhos dele brilharam.

— Tive uma boa inspiração.

Ele me olhou. Passou o braço pelas minhas costas.

— Precisei de tempo para criá-lo porque não é comum que o material e o imaterial se entrelacem. De certa forma é quase como se eu precisasse convencer cada um dos dois elementos que eles funcionariam bem juntos.

Ele fez uma pausa.

— Isso tem muito significado para mim. — Ele voltou a correr o olhar de mim para o anel. — É como somos eu e você.

Peguei o anel e corri o olhar dele para o guardião, muda.

— Então o que você me diz? — perguntou.

— Do quê? — respondi voltando a olhar o anel. Ele torceu o canto do lábio e eu sorri, não pela expressão debochada dele, mas pela resposta que eu sabia que já tinha sido dada muito tempo antes. — Eu não vou mesmo conseguir me livrar do meu mal humor matinal, não é?

O guardião gargalhou. Estralou os dedos e o anel se encaixou sobre meu anelar. Depois entrelaçou os dedos aos meus.

Eu olhei o horizonte, a cidade salpicada de luzinhas, seus prédios disformes e a sensação que ela me trazia de lar. Balancei a cabeça e ri.

— O que foi? — ele me perguntou. — No que você está pensando?

— Em quanto tempo Kyer vai precisar se dedicar para superar o presente que deu para ele.

O sorriso zombeteiro do guardião apareceu.

— Faz um ano que ele está quebrando a cabeça, desesperado.

Eu ri. Era bem a cara de Kyer.

Voltei a admirar a paisagem. Evan passou o braço pelos meus ombros.

— O que você espera do futuro, Lys? — perguntou.

— Não sei — respondi com sinceridade —, mas eu sei que estou pronta para ele.

AGRADECIMENTOS

Ser grata não seria o suficiente, ainda procuro alguma palavra que consiga expressar o que sinto e o quanto sou sortuda pelas pessoas que fizeram parte da minha jornada com Alys.

Por dezenas de motivos que não cabem nessas páginas, ao Construtor que me direcionou essa aventura. Descobri que ser amada por você é o mais precioso dos poderes.

Ao meu guardião, Ricardo, primeiro entusiasta de todos os meus sonhos. Que ama tanto Alys quanto eu e que jamais me permite deixar de sonhar, você é um presente para mim. Ao meu pequeno Rico pelos sorrisos e gargalhadas que me lembravam todos os dias de não desistir.

À minha família que suportou, amou, compreendeu e apoiou, eu sou agraciada por ter todo o apoio de vocês. Ao Juan e Keila Cortina por todo ânimo que injetaram ao se alegrarem com as minhas vitórias e enxergando um futuro incrível. Aquela primeira palavra, quando vocês descobriram que eu escrevia foi a fagulha que criou esse incêndio. À Valéria Fialho por todo processo e companheirismo e por ser diretamente responsável pelas fichas que finalmente caíram, mostrando-me que escrever era o que eu precisava fazer.

Aos meus amigos-autores da Pendragon, muitos que se tornaram leitores de Alys nos últimos meses e impulsionadores constantes com comentários. Especialmente aos que deram início a isso tudo: Fábio Vera Cruz e Cristy S. Angel e ao Felipe Saraíça que me divertia com memes diários sobre minha demora de terminar o livro.

Aos profissionais que fizeram parte da jornada, Mariana Teixeira, Nadja Moreno e Rafael Sales, sem vocês Alys não seria o que é. Vocês são um time estrelado, muito obrigada pela dedicação.

Aos meus parceiros-blogueiros que tomaram para si a missão de levar Alys ao maior número de pessoas, só chegamos onde estamos por causa da ferramenta incrível que vocês são.

E, com um lugar especial no meu coração, a todos os leitores que deram corpo físico, que desenharam os personagens, que me mandaram mensagens, fizeram stories, divulgaram e leram. A todos vocês que passaram pelos portões de Nafh'ta e se descobriram mágicos, minha gratidão e amor. Que o fim dessa história seja o começo de muitas aventuras que vamos viver juntos.

Espero cada um de vocês em breve para conhecer Helena, no Destinatário Fantasma.

NOTA AO LEITOR

Chegamos o fim, juntos. Enfrentamos as luas, o Zmora e os nossos próprios sentimentos. Nós nos tornamos elementais e guardiões, grandes sábios e filósofos. Jogamos luz nas trevas e por fim fechamos a última página em paz.

Quando escrevi as primeiras linhas dessa história eu estava completamente perdida. Enquanto eu revelava a Elemental para cada um de vocês, o Construtor revelava a mim mesma minha natureza, aquilo que considero ser o motivo pelo qual eu nasci: escrever.

Foi uma saga, dentro e fora das páginas, tão intensa e tão maravilhosa que mudou completamente a minha vida.

Mas é claro que nem todo dia foi bom. Durante esses três anos, assim como muitos de vocês, e como Alys, eu passei por crises de ansiedade e pânico, em muito motivadas pela minha crença de que estava sozinha e precisava suportar tudo. Foi escrevendo parte das coisas que eu sentia e me tornando vulnerável àqueles que me amavam, que eu encontro todos os dias o caminho de volta.

Se você também se sente desta forma, espero que, assim como eu, tenha aprendido aquilo que Alys precisou aprender, você não está só, não importa quem tente te convencer do contrário, você não é incapaz. Procure e permita-se ser amado e ajudado por quem realmente se importa com você.

Os dias nublados vão se tornar cada vez menores e o sol ainda vai voltar a brilhar.

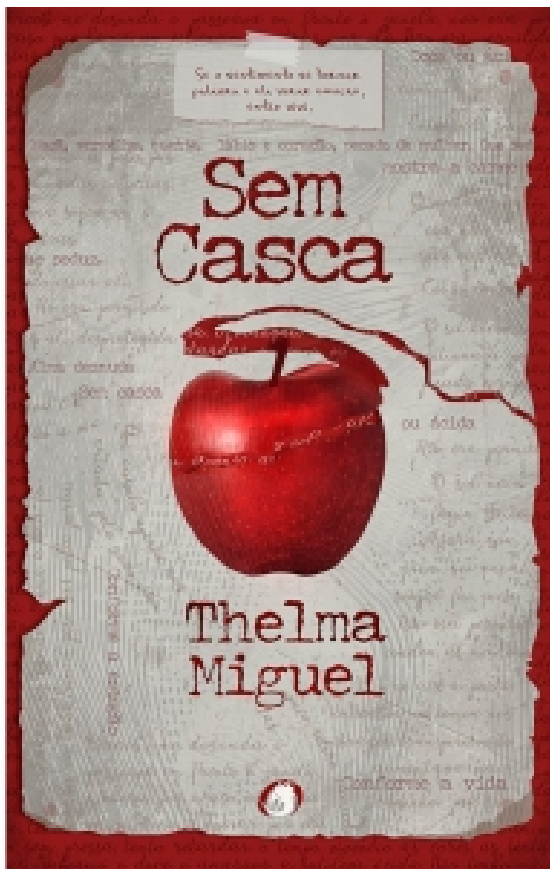
Que o Construtor revele quem você nasceu para ser.

*Com Carinho,
Priscila Gonçalves*



Editora PenDragon

Conheça nosso catálogo
Vendas: www.editorapendragon.com.br



Sem Casca

Miguel, Thelma

9788595940611

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maçã, vermelha, quente lábio e coração, pecado de mulher que seduz desde o início... de Eva até mim e você que me vê. Com faca afiada retira a pele e a essência antes dela se espalha. Sua casca como palavras sussurradas são deixadas para que o tempo as leve aos ouvidos ao peito de quem as quiser...

[Compre agora e leia](#)



A Phoenix - O Legado Maytreel

Figueiredo, Alexandra

9788569782377

306 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é o primeiro livro da trilogia O Legado Maytreel, narrando a história de Harriet, que está completando seus dezesseis anos de idade, tendo sua vida equilibrada como sempre desejou que fosse. Rodeada por pessoas que dizem amá-

la, e que estão sempre dispostos a apoiá-la, ela se acomoda ao conforto de sua vida. Mas subitamente, após seu aniversário, se dá conta de que há algo de errado e diferente consigo mesma. E não seria por menos. Seu mundo cai ao descobrir que é adotada e que possui poderes sobrenaturais, que são absurdamente incontrolláveis. Ela então é deixada pelos pais adotivos, com Caleb, um ex professor de matemática que mora sozinho em uma mansão fora da cidade. Seus pais acreditam que Harriet tem de descobrir suas raízes e para isso ela terá que enfrentar muitos conflitos buscando respostas com desconhecidos. Harriet é enviada por Caleb a um Instituto de jovens assim como ela, próximo a cidade de Nova Orleans (Pensilvânia), e é deixada novamente por mais uma pessoa em que ela se deixou confiar. No entanto, percebe que talvez não seja a única garota diferente e que talvez não seja tão ruim ser o que ela é. Em Claverd, ela fica envolvida por pessoas que a ajudam a procurar as respostas que ela tanto precisa. Mas a cada enigma que ela desvenda, outro surge em seu lugar. Sendo uma Phoenix do fogo, Harriet descobre que há mais quatro Phoenix além dela, e que todos eles têm um destino em comum. Todos têm de encarar diversos mistérios sobre si mesmos e sobre a origem do universo ao qual eles pertencem. Harriet está convicta em descobrir quem são seus verdadeiros pais e enfrentar todos os obstáculos ao lado de seus novos amigos. Será que ela irá aceitar as respostas que encontrar? sobre a origem de seu mundo, sua família e talvez um grande amor? Até onde vai a sua fé? Até que ponto você acredita no poder da vida e do mundo surreal?

[Compre agora e leia](#)



Lendárias - A Legião

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlan, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte.

Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



A Era do Abismo

Stamato, Bernardo

9788595940949

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Quando Diablo encontra The Witcher" — Taran Matharu, autor da trilogia bestseller internacional O Conjurador. "Uma história épica, com enredo muito

consistente e personagens ímpares. Em seu primeiro livro, o autor mostra seu talento magistral para a escrita." — Aline Goettems, do site Lost Words. "Uma aventura tão épica, quanto nerd. Impossível não adorar" — Peter Jordan, do portal Ei Nerd. "A Liga Prateada tem fama de ser a região mais próspera e segura do continente, mas isso não impede que um grupo de aventureiros desbrave suas estradas e proteja o povo de orcs, mortos-vivos e magos insanos. Enquanto Draco e Gladius investigam o assassinato do seu mestre, o guerreiro Marcus cobiça a glória do combate e suas fortunas, a cartomante Rosa busca por sua família perdida, o paladino anão Alberich propaga o ideal da Justiça, a sacerdotisa elfa Ravenlla promove as graças da Liberdade e a kunoichi Zhi Wu protege os mistérios do seu passado. Unidos pelo acaso, eles irão desafiar, não só monstros selvagens, mas também nobres corruptos e cultistas profanos. Conseguirão eles triunfar em meio aos incontáveis desafios da sua jornada? O fim de uma vida dará início a uma saga épica, onde Virtudes e Vícios colidem e aventureiros lutam contra todas as expectativas em um mundo condenado."

[Compre agora e leia](#)



Alys - Elemento Alpha

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as

responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

[Compre agora e leia](#)